

**Universidade Federal do Pará**  
**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Colegiado de História**  
**Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia**

**GERSON SANTOS E SILVA**

**ENCANTADOS DA “FORTALEZA” INSULAR:  
D. SEBASTIÃO, NATUREZA EM UMA HISTÓRIA CULTURAL NA  
AMAZÔNIA.**

**Belém-Pa**  
**2007**

GERSON SANTOS E SILVA

ENCANTADOS DA “FORTALEZA” INSULAR:  
D. SEBASTIÃO, NATUREZA EM UMA HISTÓRIA CULTURAL NA  
AMAZÔNIA.

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em História Social da Amazônia, ao Programa de Pós Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup>: Magda Ricci.

**Belém-Pa**

**2007**

SILVA, Gerson Santos e.

5586

Encantados da “Fortaleza” insular: D. Sebastião, Natureza em uma história cultural na Amazônia/Gerson Santos e Silva; Orientadora Magda Ricci.\_ Belém, 2007.

171 pág.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará. 2007.

1. São João de Pirabas (Pa). Civilização. 2. Cultos afro-brasileiros – São João de Pirabas (Pa). 3. Sebastianismo 4. São João de Pirabas (Pa) – Vida intelectual. I. Título.

CDD. 981.15

GERSON SANTOS E SILVA

ENCANTADOS DA “FORTALEZA” INSULAR:  
D. SEBASTIÃO, NATUREZA EM UMA HISTÓRIA CULTURAL NA  
AMAZÔNIA.

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em História Social da Amazônia, ao Programa de Pós Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup>: Magda Ricci.

Texto final da Dissertação defendida perante Banca Examinadora em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_.

Orientadora (DEHIS/UFPA) Professora Dr<sup>a</sup>. Magda Ricci.

\_\_\_\_\_.

(DEHIS/UFPA) Professor Dr. Aldrin Moura de Figueiredo.

\_\_\_\_\_.

(DEHIS/UFRJ) Professora Dr<sup>a</sup>. Jacqueline Hermann

\_\_\_\_\_.

Suplente (DEHIS/UFPA) Professora Dr<sup>a</sup> Benedita Celeste Pinto.

\_\_\_\_\_.

Membro convidado; (IHGP) Msc. Anaíza Vergolino.

*Para Aurora Santos e Silva e Gideão de Lima e  
Silva, meus pais os melhores amigos e os maiores  
amores da minha história.*

## AGRADECIMENTOS

Considero esta parte do trabalho uma das mais difíceis, não pelo ato de agradecer, mas de correr o risco de deixar de fora, pessoas que foram muito importantes para que ele chegasse às considerações finais. Esta parte é também uma outra história que vamos contar. Na verdade que tem haver com a história particular do autor.

Volto a São João de Pirabas pelos anos de 1987, 1988. A professora do ensino primário não deveria ser daquelas que teve uma preparação adequada para começar a formar os alunos que não haviam passado por um processo de alfabetização igualmente adequado. Ela dividia a turma da primeira série em dois grupos: o dos “inteligentes” e o dos “burros”. Na condição de semi-analfabeto, ia parar sempre no segundo grupo. Ao lembrar essa situação acho que merecia mesmo ficar naquele grupo, não por burrice, mas por preguiça. De qualquer forma a atitude errada da professora destruiu a minha auto-estima. Em 1990, chegava a terceira série do ensino primário sob algumas ameaças para passar de ano. Conheceria naquele ano a pessoa que criaria em mim a certeza da minha capacidade latente e que seria uma das pessoas mais importantes para a minha formação; Professora Noeme Andrade Ferreira, acho que era assim seu nome, obrigado ajudar a construir minha auto-estima. Fica essa como uma homenagem (*In Memoriam*), para colocar sua memória em minha história.

Primeiros anos do século XXI estava indeciso se continuaria o curso de graduação em história não por uma escolha errada, na verdade não tinha outra escolha, não gostava mais de outra coisa. E eu deveria estar ali mesmo depois de ter achado que havia me inscrito no curso de geografia e de ter me arrependido depois, acabei colocando o código do curso de história na folha de inscrição do processo seletivo em 2000. Mas as dificuldades se acumulavam financeira e de adaptação da metodologia acadêmica. Na escolha do tema tive uma importante ajuda e incentivo de um grande amigo, o professor Dr. Aldrin Moura de Figueiredo, que me deu as três primeiras referências para desenvolver o tema que o havia apresentado. Quando indeciso disse que faria a monografia para ver se servia para ser historiador, ele respondeu que eu seria um dos bons. Mesmo ainda não acreditando totalmente, aquelas palavras me devolviam pela segunda vez a auto-estima abalada, porque ele acreditou que eu poderia realizar o trabalho e chegar até este ainda coorientando. Agradeço também esse incentivo à professora Magda Ricci, minha orientadora, obrigado por “pegar” minha orientação, pelas sugestões tão importantes para o trabalho, pelas palavras de incentivo e principalmente pela paciência e compreensão, foram muito importantes para que o texto saísse sem pressão e descolado, apesar de que acho que ainda merece algumas costuras. À Leila Mourão pelas

sugestões de leituras, e sua extrema generosidade em emprestar livros que foram fundamentais ler. Sobre a questão da metodologia agradeço aos professores Celeste Pinto e Geraldo Mártires Coelho. À ela as sugestões indicadas e a ele as leituras apresentadas foram excelentes. E por falar em leitura agradeço imensamente à Anaíza Vergolino e Taíssa Tavernar, pelos textos produzidos e por aceitarem propostas de diálogos que nunca pude concretizar.

Agradeço também à professora Wilma Baía Coelho, pela oportunidade que me deu de desenvolver um trabalho de iniciação científica na academia, pela experiência inicial na coleta de fontes escritas, no trato com documentos quando contamos parte da história do Instituto de Educação do Pará. Essa experiência foi de extrema importância para os trabalhos que segui fazendo na graduação e que resultaram nesse último.

Aos meus colegas Eliane Souza e Carlos Eduardo Costa Barbosa que foram fundamentais para minha participação na seleção do Programa de pós-graduação em História da UFPA. A ela, no primeiro momento, por me fazer desistir de desistir da seleção, e a ele no momento final por conseguir a mesma façanha.

Em Castanhal tive a imprescindível ajuda do amigo Benedito Carlos Barbosa pela digitação dos trabalhos para concluir os créditos do mestrado, pelos bicos que arranjava pra mim que necessitava de fundos para seguir no curso, incentivos e horas de distração do pesado fardo de construir a dissertação.

Nessa mesma cidade contei com mesma ajuda imprescindível do amigo Kédson Nascimento Maciel, pelas digitações de textos e socorro na minha alfabetização tecnológica, valeu amigo!

Não posso esquecer de Lene Cerqueira pela divulgação do nosso personagem de estudo meu e dela, o rei Sabá. Também à Damiana Barros que compreendeu minhas faltas nas reuniões da Associação de Consciência Negra Quilombo por estar concluindo a produção do texto da dissertação.

No tempo dos créditos sabia da amizade e do apoio de duas pessoas, Anna Carolina de Abreu Coelho e Iza Vanesa Pedroso de Freitas pela amizade formada desde a graduação, admiro suas forças, sua coragens, sensibilidades e nem preciso falar de suas inteligências. Obrigado por tudo. Palavras de incentivo, momentos de descontração e apoio para seguir em frente. Além dessas duas pessoas extraordinárias, conheci duas amigas maravilhosas, Catarina Santos e Rosa Cláudia, que nunca deixaram de dar apoio e força em meu trabalho falando das dificuldades que se tem, mas sempre se consegue ultrapassar.

Ainda durante os créditos, não posso esquecer da ajuda do amigo Francisco Bezerra da Silva Neto que me permitia, mesmo proibido, utilizar o Laboratório de informática burlando as regras que de certa forma não estavam sendo burladas, pois o número de matrícula que utilizava estava totalmente permitido pelo sistema. Agradeço sua ajuda nas gravações de trabalhos, mas principalmente no contato com amigos e futuros geógrafos que seriam muito importantes: Tarcísio Oliveira, pelas referências da geomorfologia das ilhas e ao amigo espiritualista e espirituoso Nilton Patrick, pelas mesmas indicações e por desencavar na última hora com a mesma espirtuosidade uma ficha catalográfica, grato pelas horas de descontração em todos os lugares que estivemos juntos. Ao amigo Miguel Ribeiro de Menezes, pela força incentivo e ajuda bastante importante no levantamento de fontes de jornal no Centur, quando não podia estar em Belém para realizar este trabalho, nem para entregar a documentação de matrícula na última hora.

Ao apoio da amiga Mayara Mendes que mesmo de longe me incentivava a prosseguir no caminho que ela terminou com muito sucesso e pela oportunidade que me deu de conseguir uma vaga como contratado da Seduc em Terra Alta que rendeu, é claro, dividendos para a produção desse trabalho, valeu minha amiga!!!!

Em Mocajubinha, Terra Alta, não deixei de contar com o apoio de colegas de trabalho: à Carmita Barbosa Sampaio pela compreensão quando tive que faltar por causa da dissertação, à Dalvarina Ribeiro Gomes e Maria Prazeres (Zeres) por justificarem junto aos discentes minhas faltas necessárias. Também às outras colegas Mariléia Rocha e Maria de Jesus Barbosa da Costa. Obrigado pelas horas muito divertidas em Vista alegre e na escola Augusto Ramos Pinheiro.

Longe dali de Terra Alta, não poderia deixar de agradecer aos meus informantes em São João de Pirabas, que me ajudaram a produzir as fontes documentais tão necessárias a este trabalho, sempre dispostos a me contar mais histórias do rei Sabá contando também histórias de suas vidas que foram muito importantes para se contar esta história.

Ao teacher Jorge Oliveira, pelo valioso auxílio de última hora, vertendo o resumo em abstract, para atender as normas técnicas que circularão o mundo pelos arquivos da CAPES.

Por fim como não poderia deixar de faltar à minha Família. Em Belém no final de 2004 Os incentivos dos primos Francinaldo, Fátima Graça e Nazaré foram muito importantes. Lembrando ainda minha tia Cândida Evangelista dos Santos (*In memórian*), que me ajudou a chegar até aqui. Ao chegar para residir em Castanhal em 2005, o acolhimento na casa de minha irmã Ângela Maria e de meu cunhado Antonio Edirson Gomes, foi fundamental para que eu pudesse cursar o mestrado, mesmo tendo que fazer o percurso de três horas de viagem



três dias por semana. Agradeço a preocupação a liberdade que me deram em sua casa, e a disponibilidade de recursos para que eu pudesse digitar e imprimir o trabalho na tranquilidade do lar. Aos meus outros familiares, Ana Márcia, Beatriz (Reca), Gercione, Gisele, Júnior, Giuliane (Gigi), Giulian, Franz, Ana Beatriz (Babi), João Pedro, e nossa pequena Aurorinha. Aos Meus pais Aurora e Gideão a quem dedico este trabalho e vou dedicar tudo que fizer na minha vida, pois devo tudo a eles.

Às pessoas que com certeza tenho deixado de citar aqui, me perdoem, mas mesmo na ausência de suas memórias agradeço. Muito obrigado a todos!

**Gerson Santos e Silva.**

*“Não basta deslumbrarmo-nos com as festas, ou nos apropriarmos comodamente de cultos que teríamos preguiça e incapacidade de inventar; nem nos contentarmos em “devolver às comunidades” os livros que ela nos inspirou e que ela sempre astuciosamente re-digere, aliás, o que levaria dialeticamente a reexaminar esses novos conteúdos. Para alcançar ou consolidar as pinguelinhas que aproximam os dois lados do fosso, para aumentar o respeito e o conhecimento do que move essa gente, circulando tão naturalmente do cotidiano à festa e da festa ao sobrenatural, para fazer o trabalho político efetivo, haveria que romper o gueto dos saberes etiquetados e compartimentados e estudar a fundo alguns livros modelares”*

**Marlyse Meyer** ( Caminhos do imaginário no Brasil).

## SUMÁRIO

	Pág.
Agradecimentos;.....	05
<b>Considerações iniciais;</b> .....	12
Monumental místico rei Sabá: revivendo memórias e recontando sua história;.....	12
Entre a multiplicidade de tempos e os mitos fundadores.....	21
Crença nos encantados: uma cultura (in)civilizada?.....	26
D. Sebastião na Amazônia: a identidade do rei encantado;.....	30
Natureza utilitária: alimentando o corpo e o imaginário.....	32
<b>PRIMEIRA PARTE:</b>	
<b>A cidade e a ilha: gênese mítica e histórica de Pirabas e da Fortaleza insular.</b> .....	35
Na historiografia das cidades, a importância da explicação mítica;.....	35
Na origem mítica de Pirabas: a tribo dos Morcegos;.....	41
Na origem histórica, migrantes caboclos e Portugueses;.....	43
Índios, caboclos, portugueses e uma companhia de navegação esquecida;.....	47
Ferreira Penna aprendiz de antropólogo e o tempo mítico na ilha da Fortaleza;.....	52
Na origem mítica da ilha da Fortaleza, um rei petrificado;.....	57
A história da ilha e as ilhas na história;.....	62
<b>SEGUNDA PARTE:</b>	
<b>A ilha, o reino dos encantados: histórias, natureza, d. Sebastião e a construção da crença no rei Sabá.</b> .....	71
Um documento inaugural entre o popular e o erudito;.....	71
Encantados da Amazônia; os espíritos da natureza;.....	78
O seqüestro do encantado e a morte do rei Sabá, a diversidade da crença;.....	85
Entre natureza e cultura; os “encantes” da Amazônia.....	88
Um homem nu no coração da princesa: a história de um súdito do rei Sabá;.....	102
Rei Sabá e o 20 de janeiro, o início de uma tradição inventada;.....	111
“Litolatria”, José de Moraes Rego e a negação do sebastianismo na ilha da Fortaleza;.....	116
Antropólogos e folcloristas, o rei Sabá vai para a academia como D. Sebastião.....	121
<b>Considerações Finais.</b> .....	127
Uma história vista de dentro e não de baixo;.....	127
<b>Fontes;</b> .....	130
<b>Anexos;</b> .....	133
<b>Referências bibliográficas;</b> .....	165

## RESUMO

Quando se fala em cultura popular, vem ao pensamento do senso comum, música, folclore, dança. Raramente se pensa em literatura, mas lembra-se da religiosidade que permeia todos esses primeiros. Nessas concepções não se lembram de colocar a história, ou melhor, as histórias que foram produzidas pelos sujeitos que construíram todas essas manifestações e idéias. Aqui se procurou fazer um esforço de pensar historicamente a formação de uma religiosidade constituída no meio da região amazônica, na perspectiva de um olhar do povo, aquele a que se refere quando se fala em cultura popular. De um espaço do interior dessa região, a cidade de São João de Pirabas, procuramos ver como essa religiosidade, representada na natureza e a partir dela, se liga a uma história mais ampla com a figura de um rei Português, D. Sebastião, religiões como a pajelança cabocla e afro-brasileiras. Além do esforço de intelectuais de, também, mostrar essas religiões a partir do pensamento dos sujeitos que a fizeram, tornando-a muitas vezes, uma resposta, uma alternativa e ao mesmo tempo parte da religião cristã imposta aos nossos antepassados que a reelaboraram, juntamente com a construção de suas histórias.

**Palavras-chave:** Natureza, D. Sebastião, História Cultural, Amazônia.

## ABSTRACT

When we speak about popular culture, come to our thought of the common sense, music, folklore and dance. We rarely think in literature, but remember the religiosity that involve all of these firsts. On that conception we don't remember to put the history, or better, the history that was produced for the people that made all of these manifestation and ideas. Here we try to think historically the genesis of a religiousness made in the middle of the Amazon region, with perspective of a sight of the people, the one who refers to when we speak about popular culture. From a site of the countryside of this region, São João de Pirabas city, we tried to see how this religiousness, represents in the nature and from it, to link a wider history with a Portuguese king character, D. Sebastian, religions with shamanism caboclo and afro-brasilian. Beyond the efforts of intellectuals and, also, show these religions from the thoughts of the people who made it, become it the most of the time, and answer, an alternative and at the same time part of the christian religion stabilished to our ancestrals that relaborated, as one the build of their history.

**Key words:** Nature, D. sebastian, cultural history, Amazon.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

### **Monumental místico rei Sabá: revivendo memórias e recontando sua história.**

No dia 20 de janeiro de 2002 a Prefeitura Municipal de São João de Pirabas no Nordeste paraense, inaugurou na praia do Castelo, ilha da Fortaleza o *Monumental místico rei Sabá*, para fazer daquele espaço uma atração turística. Com imagens esculpidas de entidades espirituais de religiões afro-amazônicas como a mina-paraense e a umbanda<sup>1</sup>, o monumental possui estátuas que representam *Herondina, Jarina, Mariana e Zé Raimundo*. Foi erguido em homenagem ao encantado conhecido como rei Sabá, que se acredita, habitou o local durante muitos anos<sup>2</sup>.



Pedra do rei Sabá erguida sobre um cubo de concreto, ao lado da estátua da entidade afro-brasileira princesa Jarina, uma das filhas do encantado, que compõe parte do monumental. FOTO: Arquivo do autor.

A projeção que este evento alcançou foi bastante extensa, principalmente, entre os adeptos das religiões afro-brasileiras ou afro-amazônicas para usar um termo específico

<sup>1</sup> Segundo a autora anaíza Vergolino essas religiões no Pará têm suas respectivas raízes no Maranhão e no Rio de Janeiro, pelo menos no que se refere à mina e a umbanda. Cf. VERGOLINO, Anaíza. *Religiões africanas no Pará: uma tentativa de reconstrução histórica*. In. Amazônia IPAR - Ano 2 - Nº 2. Belém:2000. pp.34-38.

<sup>2</sup> Segundo entrevista realizada pelo pesquisador Franklin Auad Thijin com o Senhor João Paliano, o rei Sabá não habita mais na Praia do Castelo, se mudou para a Ilha do Lençol no Maranhão, “A birita do rei”. In: FELIZOLA, Ana Alice de Melo. *Rei Sebastião: o mito narrando nações*. Dissertação de mestrado em estudos literários, Centro de Letras e Artes (CLA) Universidade Federal do Pará (UFPA): - Belém-Pa. 2002. pp. 85-87. Essa é uma crença é bastante forte no censo comum em São João de Pirabas como nos relatam as outras fontes orais em entrevista realizada em Fevereiro de 2004.

cunhado por alguns autores para se referir a essas religiões em nossa região<sup>3</sup>. A festa realizada pela Prefeitura Municipal de São João de Pirabas reuniu por volta de cinco mil pessoas com presença da comissão paraense de folclore, rede de TV que registrou o evento em muita diversão, o que não poderia faltar num ritual popular em que o sagrado e o profano complementam as celebrações. E por mais que seja uma festa religiosa com elementos quase que exclusivamente da cultura popular, em que o sagrado e o profano quase se confundem, podemos notar a diferença entre essas duas características quando se observa o uso dos espaços na praia do Castelo. O local onde se encontra o Castelo do rei Sabá, um platô de pedras, é, quase exclusivamente, espaço de homenagem a ele e às outras entidades afro-brasileiras. Porém distante mais ou menos dois quilômetros do Castelo de pedra em direção a cidade, fica o espaço onde se erguem as barracas de festa e de venda de comidas ao longo da praia. Ao analisar como se deu *Um encontro na encantaria*, naquele evento em 2002 Anaíza Vergolino mostra o uso desse espaço em que os rituais de culto ao rei Sabá e sua família encantada do Castelo, podem ser classificados como *ir à pedra do rei Sabá*, com oferendas, doutrinas e cânticos aos encantados<sup>4</sup>, por isso o ato de ir até o Castelo enfatiza bem a separação do espaço sagrado ou dos rituais para o profano onde há a diversão.

A partir daquele momento em 2002 os cultos afros no Pará ganharam mais um incentivo para suas práticas, respaldado pelo poder público. Porém, a edificação das estátuas dessas entidades espirituais, não foi somente uma ação da prefeitura Municipal que desejava investir em um ponto turístico para promover sua administração, mas também, se constitui como símbolo material que fixará durante muito tempo a representação da religiosidade local e, ao mesmo tempo, servirá de documento para registrá-la<sup>5</sup>. Por isso, ela teve uma terceira

<sup>3</sup> Sobre este termo ver, FIGUEIREDO, Aldrin M. de. *A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia, a constituição de um campo de estudo, (1870-1950)*. Dissertação de mestrado em história. - Campinas: Unicamp, 1996. Um texto da revista IPAR, foi utilizado por Anaíza Vergolino para ministrar o mini-curso “História das religiões afro-amazônicas” no II Encontro Norte de História. *Amazônia 500 anos: história e perspectivas*. Realizado pela ANPUH/Núcleo Pará entre 19 e 22 de novembro de 2000. VERGOLINO, *Op. Cit.*, 2000. pp. 34-38. & VERGOLINO, Anaíza. “História comum, tempos diferentes”. In: D’INCAU, Maria Ângela & SILVEIRA, Isolda Maria da. *A Amazônia e a crise da modernização*. - Belém: Museu paraense Emílio Goeldi, 1994. pp. 199-206.

<sup>4</sup> O artigo produzido por essa autora é resultado de sua participação no evento de inauguração do Monumental Místico Rei Sabá, Ver, VERGOLINO, Anaíza. *Um encontro na encantaria*. Comunicação a presentada no Seminário, Pajelança e encantaria amazônica, realizado pelo Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Pará. Caderno de resumos. Belém: UFPA, abril de 2002. Esta comunicação foi apresentada também no 10º Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em São Luiz do Maranhão em junho de 2002. Disponível em <http://www.unicamp.br/folclore/congresso/congresso.html>

<sup>5</sup> A respeito da importância da imagem para perpetuar essa religiosidade tomamos a análise de Peter Eisenman que discute particularmente a força das imagens escultóricas, como é o caso das estátuas do *Monumental Místico rei Sabá*, e que sendo uma representação fiel ou não, do pensamento ou da história de uma sociedade em determinado tempo, mantém aquela imagem para servir de documento para a posteridade. Sobre essas questões conferir, EISENMAN, Peter. “A imagem como memória”. In: MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. - São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 273-286. Ver também LE GOFF,

consequência, esses símbolos materiais trouxeram para a memória dos moradores mais antigos, figuras bastante conhecidas do imaginário local, pois, *Jarina, Mariana, Herondina e Zé Raimundo*, as estatuías das entidades afro-brasileiras que compõem o *monumental*, são personagens que aparecem nas histórias de manifestação, ou encantarias do rei Sabá, como membros de sua família há muitas gerações.

Apesar do interesse turístico do poder público naquele local, a reforma e inauguração do monumental em homenagem ao rei Sabá, só veio respaldar uma crença que se constituiu a partir de épocas bem antigas, quando os primeiros habitantes da ilha da Fortaleza se instalaram no local, vale lembrar que não existem registros escritos dessa ocupação, a documentação disponível é outra, encontra-se em relatos das histórias de vidas dos moradores que habitaram a ilha e de suas memórias sobre a história de seus pais<sup>6</sup>. A formação dessa religiosidade em torno do rei Sabá e de outros encantados que compõem sua família, tem como principal elemento as manifestações do monarca encantado que se apresentou ora castigando, ora curando ou simplesmente aparecendo aos moradores da ilha, segundo seus próprios relatos. Sendo que os mais famosos são os relatos de castigo e cura, o que reforça uma característica mítica e misteriosa bastante forte na ilha da Fortaleza.

A crença nesse rei encantado foi reforçada, porque existe na praia do Castelo, um platô de pedras do qual se sobressaía outra pedra de característica antropomorfa, esculpida pela própria natureza desde tempos imemoriais, conhecida como a pedra do rei Sabá, sendo a própria materialização do encantado. Por isso, antes de apresentarmos exemplos das manifestações do rei Sabá presentes hoje em dia como algo folclorizado entre a população pirabense, vejamos um aspecto que contribuiu fundamentalmente para a constituição dessa religiosidade e que diz respeito à característica antropomorfa da pedra do rei Sabá.

Retornemos algumas décadas atrás, o visitante que chegava ao extremo da praia do Castelo, onde se encontra o platô de pedras, diferentemente do que vemos hoje em dia, como mostra a primeira iconografia, se deparava com a seguinte imagem:

---

Jacques. “Documento Monumento”. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª Ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003; pp. 525-541.

<sup>6</sup> Sobre os registros que existem dessa ocupação são as entrevistas e relatos recolhidos em São João de Pirabas entre junho de 2002 e fevereiro de 2004, (ver fontes e anexos no final do trabalho). É uma abordagem em que, é claro, não foi desconsiderado o método de história oral, estudos sobre memória e tradição oral, a exemplo de LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: *História e memória*. 5ª Ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003; pp. 419-476; PRINS, Gwyn. “História Oral”. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da História: Novas perspectivas*. - São Paulo: Editora da UNESP, 1992, pp. 163-198; AMADO, Janaína. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*. (1) Vol. 14. – São Paulo: UNESP, 1995; THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. – Rio de Janeiro Paz e Terra, 1992. & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.



Imagem do local chamado “o castelo do rei Sabá” na ilha da Fortaleza.  
FOTO: José de Moraes Rego.

Sobre esta imagem, José de Moraes Rego, descreve: “um platô de pedras, mais ou menos da mesma altura, no qual se destaca, bem no meio, uma pedra maior que, vista de certo ângulo, tem a forma de um homem sentado, em atitude de meditação”<sup>7</sup>. E era exatamente essa imagem que se tinha ao chegar à ponta do Castelo, percebia-se imediatamente essa característica antropomorfa do homem sentado meditando. Ver a forma de uma figura humana em um elemento esculpido pela natureza, estimulou a imaginação das pessoas à conferir-lhe representações simbólicas diversas que juntas, convergiram para formar essa crença e que em consequência fica diretamente relacionada ao que chamamos de aspecto mítico. Um elemento natural de uma figura humana que ganha contornos divinos ou sobrenaturais.

O aspecto antropomorfo contribuiu para reforçar a crença no encantado conhecido como rei Sabá, seja em uma fotografia ou diante da pedra com toda a dimensão de sua extensão, ajudou a formar e a consolidar essa religiosidade. José de Moraes Rego chega a dizer que cada pessoa vê a imagem da pedra a seu modo, mas sua primeira visão, também, foi essa, a do homem sentado meditando, o que a própria imagem acima nos revela, pelo ângulo em que a fotografia foi tirada pelo autor, que confirmou: “a nós nos pareceu uma figura humana meditativa”<sup>8</sup>. A afirmação de Moraes Rego veio também em forma iconográfica, ao tirar a fotografia da pedra mais próxima ela perdeu grande parte de seu aspecto antropomorfo:

<sup>7</sup> Cf. REGO, José de Moraes. *Litolatria: culto das pedras no Estado do Pará*. - Belém, 1983. p. 56.

<sup>8</sup> *Idem*.





FOTO: José de Moraes Rego

Conservando, é claro a mesma forma, a imagem da pedra perde seu aspecto antropomorfo exatamente por estar mais próximo, isso deve ter levado o autor dizer que cada pessoa vê a pedra como quer. Quando dissemos que sua visão, também, foi a do homem sentado meditando, é pelo fato de que ele fez uma representação em desenho “ressaltando o seu aspecto antropomorfo”<sup>9</sup>.



DESENHO: José de Moraes Rego.

O desenho de Moraes Rego, na verdade a interpretação do autor representada na iconografia acima, é como podemos observar em suas palavras, a visão individual de cada um. Apesar de não discordarmos de que a forma em que o desenho foi retratado é essa, pode-se tirar outras interpretações da imagem natural da pedra. Essas possíveis interpretações

---

<sup>9</sup> *Idem*, 1983, p. 61.

servem para mostrar que, mais do que simplesmente parecer com uma pedra, esse monumento natural de longe ou de perto lembra uma figura humana, e em consequência a construção de idéias sobre essa figura, como a de que ali naquele espaço natural habita um rei encantado, tornando o mesmo, um espaço sagrado, e em consequência um elemento constituinte de uma religiosidade.

Passemos agora para os elementos que moldaram essa história de religiosidade. A respeito das encantarias do rei Sabá, remontemos à década de 1940 na praia do Castelo, ilha da Fortaleza:

Diz que era um homem, assim, de uma estatura grande, assim, parece um soldado. Ele ia passando lá na praia com aquele cachorro, aí diz que eles (...), tiveram espiando aquele homem(..) foi embora, quando chegou na beira da maré, (...), se jogou dentro d'água com cachorro e tudo, aí desapareceu e eles disse que só podia ser ele, o velho Sabá<sup>10</sup>.

Presenciado por pescadores que trabalhavam na praia, o acontecimento que deu origem a este relato, poderia figurar como uma lenda do folclore amazônico devido seu caráter fantástico e sobrenatural, mas é, como se costuma chamar: um fenômeno de encantaria, muito comum entre os povos do interior da Amazônia e porque não dizer da capital.

Narrativas como essa, possuem elementos que são investigados com quase exclusividade por estudos antropológicos, temos como exemplo maior o trabalho de Heraldo Maués que a partir do início da década de 1970 realizou pesquisa no interior da Amazônia paraense, tratando de catolicismo popular, encantados e outros elementos da cultura nativa, continuado por outros pesquisadores<sup>11</sup>. Diante desta afirmação, como abordar este tema neste estudo que se pretende historiográfico, já que o mesmo tem por tradição, e já é uma idéia quase cristalizada de que é um tema de exclusividade da antropologia?<sup>12</sup> Não desmerecendo é claro a contribuição que esta disciplina dá aos estudos históricos, o que, aliás, também é recíproco se pensarmos o contrário. Essa primeira questão é na verdade a primeira pergunta

<sup>10</sup> Dalila Farias de Lima, 75 anos. Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2004. (transcrição de gravação).

<sup>11</sup> MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e Controle eclesialístico. Um estudo antropológico numa área no interior da Amazônia*. – Belém: CEJUP, 1995 e MAUÉS, Raymundo Heraldo & VILLACORTA, Gisela Macambira. “Pajelança e encantaria amazônica”. In: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. - Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

<sup>12</sup> A maioria dos estudos sobre os encantados na Amazônia é de Antropólogos, Cf. MAUÉS & VILLACORTA. *Op. Cit.*, 2002; VERGOLINO-HENRY, Anaíza. *São Sebastião: o santo, o orixá e o rei fidalgo encantado*. In: *Jornal A Província do Pará*; 20/ 01/ 1991, p.2 & VERGOLINO, *op. Cit.*, 2000, pp. 34-38. A única referência bastante forte considerada uma obra de fôlego sobre este tema na história é, FIGUEIREDO, *op. Cit.* 1996. que trata do tema da pajelança e das religiões afro-brasileiras na Amazônia.

que fiz ao começar este trabalho de pesquisa no início do ano de 2005, quando iniciaram as primeiras discussões para desenvolver o tema apresentado no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará. Mas para responder a questão de como se faria este estudo historiográfico, antes, devemos responder que estudo é esse? Para tanto vamos à gênese da abordagem desse tema, ou nas palavras de Geraldo Coelho, à “história de seu nascimento” pela qual ele acredita, e compartilhamos aqui de sua idéia, deve-se começar a contar esta e outras histórias<sup>13</sup>.

O tema para este estudo nasceu da preocupação em se preencher várias lacunas, o que é normal, de um trabalho de graduação em que investiguei as memórias sobre o personagem histórico e mitificado, D. Sebastião<sup>14</sup>, herói do mito que levaria seu nome e que ainda sobrevive mais de quatro séculos depois de seu desaparecimento na batalha de Alcácer Quibir em quatro de agosto de 1578. Ao tomar conhecimento da triste história do príncipe *desejado* que encarnou, por sua vez, a lenda do rei *encoberto*, procurei ver como sobrevivia sua memória no interior da Amazônia em que autores como Anaíza Vergolino<sup>15</sup>, Raimundo Heraldo Maués e Gisela Villa-Corta<sup>16</sup> já tinham apontado a existência de um sebastianismo a partir das histórias de manifestação do rei Sabá. Ou seja, o mesmo personagem sobre o qual se criou esta história, era segundo as referidas bibliografias uma identidade de D. Sebastião na Amazônia.

Os resultados da pesquisa foram surpreendentes, nem de acordo com o que pregavam as referências bibliográficas, fossem elas antropológicas, literárias, folclóricas, etc. Mas também, não foi radicalmente diferente do que falavam a respeito do rei Sabá. A pergunta a se fazer aos moradores mais antigos era, questionar diretamente sobre a identidade do rei encantado - quem era o rei Sabá? – respostas negativas e diferentes da que esperávamos, observamos que os moradores de São João de Pirabas, alguns deles que moraram durante muito ou pouco tempo na ilha da Fortaleza, não identificam o rei Sabá ao mesmo rei português morto em Alcácer Quibir, alguns deles nem conheciam ou conhecem o personagem histórico. Se, falar sobre a figura do rei D. Sebastião na ilha da Fortaleza ou em Pirabas se tornava bastante complicado a partir das respostas dadas pelos principais sujeitos que construíram a crença no rei Sabá, falar de sua memória seria praticamente impossível. Mas os autores já haviam apontado a existência da figura do rei encoberto na ilha, percebemos que

---

<sup>13</sup> COELHO, Geraldo Mártires. Introdução. In: \_\_\_\_ *O violino de Ingres: Leituras de história cultural*. – Belém: Paka-Tatu, 2005; p.17.

<sup>14</sup> SILVA, Gerson Santos e. *O castelo do rei Sabá: memórias encobertas nas encantarias do Pará*. Monografia de conclusão de curso, Departamento de História: UFPA, 2004.

<sup>15</sup> VERGOLINO, *Op. Cit.*, 2002.

<sup>16</sup> MAUÉS & VILLA-CORTA, *Op. Cit.*, 2001, pp.11-55.

essa afirmativa se baseava em outras fontes, era na releitura feita pelos praticantes da pajelança<sup>17</sup> e pelas religiões afro-amazônicas que, se dirigem de diversas partes para cultivar o rei Sabá. Eles identificaram, associaram o rei Sabá a D. Sebastião.

Procurando ver como resolver o problema das memórias do rei Sebastião no local, fomos aos adeptos dos cultos afro em Pirabas, para nos falarem do rei Sebastião. Pergunta feita, uma resposta diferente das outras, mas não a que gostaríamos de ouvir, segundo os adeptos que se denominam afro-umbandistas, o rei Sabá era São Sebastião, uma resposta não muito surpreendente se pensarmos nos processos de identificação feitos entre os santos e as divindades afro-brasileiras, os chamados sincretismos religiosos. Na verdade já esperávamos essa resposta, pois Gisela Villa-Corta e Heraldo Maués, nos mostraram que “é fácil perceber porque muitas pessoas confundem o rei Sebastião (na pedra do rei Sabá) com o santo católico são Sebastião e fazem promessas a ele”<sup>18</sup>. Mas, se foram as religiões afro-amazônicas que associaram o rei Sabá a D. Sebastião, por que os umbandistas de Pirabas teriam dado essa resposta? Anaíza Vergolino nos lembra que “O caso de são Sebastião é um dos poucos exemplos em que os membros dos terreiros têm dificuldades em colocar limites entre o santo, o rei e o orixá”<sup>19</sup>. E essa dificuldade gera uma confusão percebida na resposta do informante afro-umbandista de Pirabas ao definir a pedra do rei sabá como o santo e em seguida como o rei: “Ela é são Sebastião (...) é o rei Sebastião, ela é uma pedra, ela tem, é doze quilômetros de distância da cidade pra lá”<sup>20</sup>. As respostas diretas e confusas me deixavam mais distante do objetivo inicial.

Seguindo o conselho de ir aonde as fontes nos levam, voltei à sua leitura, ou melhor, releitura. Percebi nos relatos que ao descreverem o rei encantado da pedra quando de suas aparições sob forma humana, o faziam construindo à imagem de um rei guerreiro, a mesma imagem de D. Sebastião, presente na literatura e na historiografia. Trabalhos como, por exemplo, o da historiadora Jacqueline Hermann, nos mostram que ao assumir o trono lusitano, o rei Sebastião tinha na sua formação a educação de um rei cristão e ao mesmo tempo de um rei guerreiro<sup>21</sup>.

<sup>17</sup> Sobre a presença do rei Sebastião na pajelança, como encantado ou caruana, ver MAUÉS. *Op. Cit.*, 1995. e FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Pajés, Médicos e Alquimistas: uma discussão em torno de ciência e magia no Pará Oitocentista*. In: Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. – Belém, V. 12. nº 1-2; p. 41-54, 1993.

<sup>18</sup> MAUÉS & VILLACORTA, *Op. Cit.* 2001, pp. 11-55.

<sup>19</sup> Cf. VERGOLINO-HENRY, *op. cit.* 1991. p.2

<sup>20</sup> Pedro Pedrosa. Funcionário público e chefe da associação afro umbandista em São João de Pirabas. Entrevista realizada em 24 de junho de 2002. (Transcrição de gravação).

<sup>21</sup> HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII)*. - São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Segundo relatos, acredita-se que o rei Sabá não habita mais o local, se mudou para uma outra morada, a saber, a ilha do Lençol no Estado do Maranhão, em que uma comunidade de albinos diz ser descendente do agora rei Sebastião. E aí a identidade do rei Sabá se cruza com a do rei Sebastião, ou melhor, ela escapa “encoberta” da ilha da Fortaleza e encontra outra identidade nos Lençóis maranhenses, e o rei Sabá se torna Rei Sebastião, o personagem histórico, mas mitificado, ou lendário assim como é divinizado o próprio rei Sabá para os moradores da ilha da Fortaleza e de São João de Pirabas. Uma outra conclusão dessa pesquisa de graduação é que em São João de Pirabas há uma releitura própria das religiões afro-amazônicas, pois as divindades *Jarina, Mariana e Herondina*, o trio mais famoso da mina paraense e maranhense e também da umbanda, aparecem como membros da família do rei Sabá, sendo de fundamental importância para a tradição religiosa e cultural que se formou em torno de sua figura. A mesma importância essas religiões tiveram, na perpetuação do mito sebastianista na Amazônia, pois, como sabemos, foi a partir da releitura que elas fizeram do mito messiânico, que antropólogos, literatos e folcloristas, afirmaram existir o sebastianismo na ilha da Fortaleza, já que são elas que afirmam ser o rei Sabá o mesmo D. Sebastião. Eram as considerações satisfatórias, principalmente porque já apresentavam diferenças entre o que apontava a maior parte das referências bibliográficas produzidas, a partir dos estudos feitos no local, para iluminar mais essa história.

Porém, muitas lacunas ficaram por serem preenchidas, principalmente as que deveriam se deter na história dos habitantes que construíram essa religiosidade em sintonia com sua própria trajetória. Além de ter que mostrar como essa história pode ser contada do interior para fora, sua importância no contexto regional e como ela se liga, ou cruza com uma história mais ampla, mesmo não sendo a de um acontecimento que tenha projeções nacionais e muito menos internacionais. Mas é importante aqui saber como a experiência dos moradores de Pirabas pode elucidar e desmanchar alguns fios da teia que formou a amalgama cultural desta região, desde os primeiros contatos entre nativos e estrangeiros e até antes desses contatos.

Como se trata de uma religiosidade a idéia inicial era de investigar a formação da crença no rei Sabá, a mesma em que o rito de inauguração do monumental místico em homenagem a este rei encantado e sua família, teria despertado na memória dos moradores mais antigos. O desafio seria dar o tratamento historiográfico mais aprofundado a esse tema e discuti-lo na nova linha de pesquisa que se iniciava juntamente com o Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará, a saber, *história e natureza*. A partir daí veio uma infinidade de questões, perguntas ainda sem respostas e inquietações compartilhadas por todos para quem a linha de pesquisa era totalmente nova.

Mas as discussões feitas apontaram caminhos, e tínhamos uma idéia a seguir dentro da pluralidade de temas que deveriam produzir histórias igualmente plurais sem se preocupar, mas não desprezar, o tratamento metodológico que a nova linha de pesquisa trouxe. Dever-se-ia investigar como o homem amazônico, percebeu, utilizou, representou, mudou, moldou e foi moldado pelo seu meio ambiente. No mais era escrever uma história que, como essa, tenta perceber uma variante da cultura popular e legitimá-la, não para fazer justiça a quem quer que seja, mas para, no dizer de Mary Del Priori, iluminar “o conjunto do nosso passado”<sup>22</sup>. Como a natureza ia aparecer nesta ou nas outras histórias? Todos os temas são voltados para a história social da Amazônia, e falar desse espaço num momento em que ele se mostra tão em evidência, é, sem dúvida, falar de natureza e da história que os homens construíram no meio dela. Essa premissa caiu como uma luva em nosso tema de pesquisa, pois, as religiões como de resto as culturas populares do meio rural e urbano na Amazônia, especificamente a crença nos encantados, estão umbilicalmente ligadas às representações que os homens fizeram de seu meio natural.

### **Entre a multiplicidade de tempos e os mitos fundadores.**

Como ir da antropologia à história com o tema da religiosidade popular? Para responder essa pergunta em sua obra sobre a pajelança na Amazônia, o autor Aldrin Moura de Figueiredo perseguiu a genealogia de como esse tema da religiosidade popular aparecia no contexto das obras que trataram do mesmo, essa foi a forma encontrada pelo autor para historicizar seu tema que, da mesma forma que este, parecia pertencer ao campo antropológico<sup>23</sup>. De posse do conselho dado pelo autor, tínhamos agora como iniciar uma passagem da antropologia à história. Essa abordagem trataria de um fenômeno de religiosidade dentro de um espaço temporal linear, ou pelo menos seria inserida em um tempo histórico. Aqui o tempo é uma das questões mais importantes a se considerar, para não dizer imprescindível, pois a definição de tempo e também do espaço, caracterizam fundamentalmente um estudo histórico e historiográfico.

Sobre esta questão da temporalidade, temos que considerar o tempo do homem amazônico, pois é aqui que se passou essa história da qual pretendo contar uma versão. De acordo com Anaíza Vergolino "na Amazônia, tempo do mito e tempo da história se invadem,

---

<sup>22</sup> DEL PRIORE, Mary. Prefácio. In: DEL PRIORE, Mary & GOMES, Flávio. *Os senhores dos rios*. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p.VIII.

<sup>23</sup> FIGUEIREDO, *op. Cit.* 1996.

reciprocamente no contexto da religiosidade popular"<sup>24</sup> e no caso dos moradores da ilha da Fortaleza e de São João de Pirabas não foi diferente. Essa autora aponta uma multiplicidade de tempos em que o cronológico assim como não abarca a maioria dos estudos históricos, não dá conta ou não explica a religiosidade popular, o cotidiano dos sujeitos históricos da Amazônia está regido por temporalidades convergentes, o calendário gregoriano não é o único a ser seguido, festas de santo, são regidas e vividas dentro de um tempo que parece estar deslocado do calendário,<sup>25</sup> a própria festa em homenagem ao rei Sabá é um exemplo de como os homens organizam sua vida de acordo, em sintonia e adequação a um evento que todo ano se repete, num tempo cíclico, que não deixa de ser histórico, pois está inscrito na trajetória da religiosidade popular pirabense e amazônica. É o tempo em que se homenageia uma entidade conhecida como rei Sabá, mas em que a figura do santo mártir católico São Sebastião, também recebe homenagens no local, sem é claro, a participação oficial da Igreja católica na figura do sacerdote ou de outra autoridade eclesiástica, as homenagens ao santo partem, exclusivamente, dos adeptos afro-umbandistas. É o tempo do santo e do rei fidalgo encantado “encoberto”. Ainda segundo Vergolino, os tempos dos orixás e das outras entidades, que também estão presentes na Fortaleza do rei Sabá, são ainda mais diversos, pois ao “baixarem” na cabeça dos babalorixás, yalorixás, babalaôs e pajés, não reconhecem o tempo cronológico, e ficam até o momento em que acham que devem. Por isso, convergem no cotidiano do homem da Amazônia configurando essa multiplicidade<sup>26</sup>.

Mas para falarmos da formação dessa religiosidade no encantado rei Sabá, além de considerar a multiplicidade de tempos, de como os moradores da ilha da Fortaleza conceberam sua temporalidade e de como ela pode ser percebida por nós, teríamos que eleger um mito fundador para configurarmos uma genealogia dessa crença. Constatamos que se acreditava na existência deste encantado desde um período muito antigo, o próprio relato transcrito sobre o aparecimento do rei Sabá na praia do Castelo nos revela que, já na década de 40 do século XX, os pescadores que observaram o encantado desaparecer no mar como que por encanto, já o conheciam ou pelo menos já tinham ouvido falar naquele rei, quando disseram que só poderia “ser ele, o velho Sabá”.<sup>27</sup>

Portanto verificar, um mito fundador seria uma tarefa muito complicada, uma vez que a pergunta a se fazer seria: qual a primeira vez que os moradores da ilha da Fortaleza e de São

<sup>24</sup> VERGOLINO-HENRY, *Op. Cit.*, 1994, p. 206.

<sup>25</sup> VERGOLINO-HENRY, Anaíza. *Religiões na Amazônia: entrelaçamento de tempos*. In: Amazônia. IPAR - Ano 3- Nº 5. Belém, 2001. pp. 18-23.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

<sup>27</sup> Dalila Farias de Lima, 75 anos. Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2004. (transcrição de gravação).

João de Pirabas teriam ouvido falar no rei encantado? Mas nesse caso não seria o mito fundador e sim, os mitos fundadores, já que teríamos várias respostas em tempos e situações completamente diferentes. Com isso, essa genealogia estaria assentada na memória coletiva,<sup>28</sup> até porque, não é possível localizar nas fontes (orais) uma primeira manifestação do rei Sabá. Essa é uma conclusão evidente, assim como é evidente que a formação desta crença está baseada nas várias manifestações do encantado, como a do relato do que teria acontecido em 1940.

Esses fenômenos de encantaria teriam originado os rituais afro-umbandistas que ocorrem desde o início da década de 1970 na praia do Castelo em homenagem ao rei Sabá e ao santo católico São Sebastião.

Tais rituais que oficializaram a crença no rei Sabá poderiam se configurar como um mito fundador. Porém, prosseguindo na pesquisa, verificamos que rituais de adoração ao rei Sabá eram praticados desde tempos imemoriais, portanto não poderiam ser considerados, tal mito de origem em plena década de 1970, a não ser do ponto de vista da inauguração ou invenção de uma tradição, pois se realiza todo dia 20 de janeiro<sup>29</sup>, ou seja, num tempo cíclico em que há a repetição do ritual. Mesmo assim sabemos que esta crença já estava sendo formada há muito tempo, temos relatos de manifestação do encantado que se reportam a 1936. Portanto a invenção dessa tradição era apenas uma continuidade na trajetória da construção dessa religiosidade.

Disse acima que não poderia encontrar um relato (oral) que se reportasse à primeira manifestação do rei Sabá em seu Castelo, mas se não estou de posse desse documento, encontrei um relato mais antigo dessa manifestação que será analisado como o documento inaugural da crença, além de suas várias versões existentes entre a tradição oral e seus registros por outros pesquisadores. Portanto o período privilegiado neste estudo diz respeito, exatamente às fontes que dispomos, a saber, aos relatos mais antigos que temos dessas manifestações, por volta da década de 1940, no qual ocorreram os relatos transcritos acima, até a década de 1980, quando a crença estava amplamente divulgada, pois já havia trabalhos

---

<sup>28</sup> Cf. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. - São Paulo: Vértice, 1990 & POLLAK, Michel. “*Memória e identidade social*”. *Estudos históricos*, vol. 5, nº 10, 1992.

<sup>29</sup> Sobre esse conceito das tradições inventadas ver, HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. 3ª edição. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Mas mesmo após a década de 1970 os rituais na pedra do rei Sabá mais freqüentes, não obedeciam a uma ordem periódica, eram realizados de tempos em tempos, de acordo com a necessidade dos crentes no rei Sabá, que faziam promessas a ele, sobre esses rituais ver, REGO. *Op. Cit.*, 1983. Nesta obra o autor relata além dos fenômenos de encantaria do rei Sabá alguns cultos que como podemos perceber não eram realizados somente no dia 20 de janeiro de cada ano.



acadêmicos a respeito<sup>30</sup>. Período no qual, acreditam alguns crentes, o rei Sabá havia se mudado da ilha da Fortaleza. Ao que parece aqui, ao escolher o período entre a década de 30 do Século XX e os anos finais da década de 1980, estamos valorizando um tempo cronológico, mas é uma tentativa de se visualizar e estabelecer uma genealogia ou historicizar a experiência de vida de pessoas que construíram essa religiosidade, sem desconsiderar seu tempo histórico, regido por uma temporalidade múltipla que se converge em sua religiosidade.

Mesmo diante da enorme dificuldade de se estabelecer uma data genealógica para a formação da crença no rei Sabá, elegemos, também, os principais elementos que a constituíram. Além de suas, já citadas, histórias de manifestação ou fenômenos de encantaria, temos outros elementos que ligados ou não ajudaram a compor essa religiosidade.

Porém, antes de apresentamos os elementos que compuseram essa história, é necessário esclarecer, explicar e mais ainda, justificar o uso desses relatos sobre as manifestações do rei sabá como documentação privilegiada neste estudo. Se o problema da temporalidade era grande, ele provinha de um outro maior, o da restrição de fontes que são os relatos orais produzidos pelo chamado método de história oral, ou pela tentativa de seguir este método. As questões levantadas sobre a viabilidade de se executar este trabalho sempre recaíam sobre as fontes apresentadas, na verdade sobre a sua não variabilidade, elas deveriam ter a tradição da documentação, sobre as quais, os historiadores sempre reconstruíram o passado, os documentos escritos oficiais ou não. Problema este resolvido com o uso de documentos escritos não oficiais como as reportagens de jornais. Porém, ainda assim, a documentação privilegiada eram as fontes orais, tão falíveis e legítimas quanto às escritas, oficiais e extra-oficiais<sup>31</sup>, pois, mesmo não sendo fontes que contenham uma ordem serial de anos e datas cronologicamente ordenadas, já que são organizadas a partir da seleção da memória que não obedece as essas determinações basilares do método de investigação histórica, porém, elas são mais próximas da história dos moradores da Fortaleza do rei Sabá.

Ao falar de como trataria do tema da natureza nesta história, havia antecipado que ela, em momento algum, seria o assunto principal, pois que a história produzida ali no espaço da ilha da Fortaleza foi como sempre será feita alhures, pelos seres humanos que os habitam, homens e mulheres que constroem suas experiências de vida, porém, também moldados pelo

---

<sup>30</sup> Sobre isso ver, MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Uma outra invenção da Amazônia: religiões, histórias, identidades*. - Belém: CEJUP, 1999. Nesta obra o Antropólogo, afirma ter visitado a praia do castelo durante o ano de 1986, para investigar as manifestações do rei Sabá dentro de uma perspectiva do mito do sebastianismo ou de seus locais de morada na Amazônia.

<sup>31</sup> A respeito dessas considerações, ver, PRINS. *Op. Cit.*, 1992; pp. 163 – 198.

ambiente natural<sup>32</sup>. A documentação escrita de que os historiadores se utilizam para reconstruir ou dar uma versão do passado em que se detém é, como já foi colocado, passível de falha. Mas o que se pode fazer a partir de seu uso é dar entendimento do passado com boa margem de segurança. E o que é esse entendimento do passado, se não uma tentativa de adentrar no pensamento dos homens que o viveram, por isso, determina a teoria histórica de analisar o documento no contexto de sua produção. Sendo o pensamento que determina as ações que produziram mudanças, que por sua vez fizeram e farão a história, por que não contar esta história da cultura popular amazônica, mergulhando na documentação produzida pelo pensamento e idéias de homens e mulheres que viveram e construíram essas experiências? Pois apesar de terem sido produzidas em tempos diferentes do que esses homens viveram a partir do método da tradição oral, essas lembranças fazem parte de suas memórias, o que tem peso igual de relevância, mesmo para a historiografia tradicional, que abriu espaço para a oralidade e considera, memória é história. Nesse caso seriam memórias de pessoas que estiveram em contato com a natureza, no qual acreditam, encontram-se os encantados da Amazônia.

Como a constituição dessa religiosidade se liga a um contexto mais amplo e qual sua importância para esse contexto, para se justificar como um trabalho historiográfico? Essa questão, aliás, foi e continua sendo um dos grandes empecilhos para a produção deste estudo, tentaremos perseguir a gênese da crença nos encantados e de como ela plasmou parte da cultura popular religiosa em São João de Pirabas e suas ligações com essa religiosidade geral no resto da Amazônia. Raymundo Heraldo Maués nos mostra que, junto com a festa de santo e a cabanagem, os encantados constituem as principais identidades nativas da região amazônica<sup>33</sup>, ou seja, uma justificativa bastante satisfatória para o estudo de uma comunidade nativa desta região, que é o caso do espaço desta pesquisa. Mas veremos primeiro como ela se configura em nosso lócus de pesquisa, pois ela precisa ser contada da ilha da Fortaleza e de Pirabas para o contexto amazônico e por que não nacional. Segundo considerações bastante relevantes, o espaço da cidade de São João de Pirabas precisava aparecer nesta história, pois precisamos e os leitores também, visibilizar o local em que ela se passou, na cidade e na ilha, para depois apresentarmos o percurso dessa história de religiosidade.

Falei anteriormente que outros elementos ligados ou dispersos ajudaram a compor o quadro de religiosidade em trono do rei Sabá em Pirabas, um desses elementos é a figura do

---

<sup>32</sup> SILVA, Gerson Santos e. *A fortaleza entre o rio e o mar: D. Sebastião e o reino natural dos encantados*. Comunicação apresentada no G.T. História e Natureza, I Simpósio Internacional de História da Amazônia e V encontro Regional de história, ANPUH – Núcleo/Pará, 2004.

<sup>33</sup> Cf. MAUÉS, *Op. Cit.*, 1999. pp.91-92.

encantado, que adquire especificidade e pluralidade dentro dessa região. Além disso, a sua figura é central nas religiões amazônicas, e aqui merece uma apresentação enfática, para falar de sua importância dentro do que podemos chamar de cultura amazônica.

### **Crença nos encantados: uma cultura (in)civilizada?**

Objeto de estudo por vários autores dentro de disciplinas como a antropologia, a figura dos encantados aparece muito em estudos dessa disciplina, de narrativa literária e principalmente do folclore na Amazônia. Mas quem seria, ou o que seriam os encantados. Esse termo aparece quando se fala de religiosidade popular pelo Brasil inteiro, análogo aos orixás, e outras divindades. Porém, na Amazônia esse termo ganha um sentido específico. Segundo Maués, os encantados chamados também de caruanas, são entidades espirituais que se manifestam principalmente na pajelança cabocla<sup>34</sup>, ainda segundo o autor, são pessoas comuns que sem passar pelo processo de morte material de seu corpo, vão para um mundo espiritual, não o mundo dos espíritos como prega a crença cristã, mas um mundo encantado subaquático ou lugares encantados, escondidos nas matas<sup>35</sup>, ou seja, um plano espiritual e ao mesmo tempo natural. Nesse caso os elementos da natureza terra e água, estão intimamente ligados às representações das moradas desses seres espirituais. Esse processo de encantamento se aproxima ou se identifica com a crença da igreja católica da ascensão da Virgem Maria ao céu em que seu corpo teria ascendido junto com o espírito, assim como a ascensão do próprio cristo, mas que ao ser olhado pela mesma crença cristã, é ignorado ou negado como religião. A respeito das fontes que possuo, posso adiantar que nessa questão a crença nos encantados é quase que completamente ignorada pela Igreja católica.

Na Amazônia a crença nos encantados está difundida em grande parte dessa vasta região, os fenômenos de suas manifestações são conhecidos como encantaria e seus lugares de morada são designados como encantos<sup>36</sup>. Como objeto de investigação de estudos acadêmicos, são geralmente utilizados para falar ou investigar o imaginário da população nativa, principalmente as que habitam os espaços do interior, como os ribeirinhos. Aos olhos das sociedades mais urbanizadas, esses fenômenos são colocados como credices populares, ou como lendas do folclore, por isso, não são concebidos da mesma forma entre os habitantes do interior e os de áreas mais urbanizadas. Principalmente pelo fato de que esses últimos não

<sup>34</sup> MAUÉS, *Op. Cit.* 1995, pp. 185-201.

<sup>35</sup> MAUÉS, *Op. Cit.* 1999, p. 92.

<sup>36</sup> Esses lugares de moradas dos encantados são espaços bastante presentes na natureza amazônica, pois segundo a crença, eles habitam o fundo de rios e mares e nas matas, cf, MAUÉS, Raymundo Heraldo & VILLACORTA, *op. Cit.*, 2002. pp. 20-45.

acreditam nesses fenômenos, pois se julgam civilizados para aceitar essas “crendices”, populares. Não é objetivo aqui tentar provar que os fenômenos de encantaria são verdadeiros e que, portanto, o homem urbano deve acreditar neles, porque também faz parte de sua cultura. E sim, entender em parte, por que essas concepções ocorrem.

Os homens e mulheres que habitam os espaços urbanos da Amazônia reivindicaram para si a condição de civilizados, o que influenciou sua concepção sobre os encantados e sobre a cultura dos povos do interior da Amazônia. Essa reivindicação é nada menos que uma herança do pensamento europeu em relação ao índio e ao negro<sup>37</sup>. O conceito de civilizado foi retomado, reapropriado e relido pelos homens das cidades economicamente mais desenvolvidas, principalmente a partir do período em que a modernidade chegou ao espaço amazônico conhecido como *Belle époque* até os dias atuais. Podemos encontrar os genes dessa concepção na discussão feita por Aldrin Figueiredo que nos mostra como a perseguição aos pajés, apesar de não estar prevista no ordenamento jurídico nacional, era herança das perseguições religiosas do tribunal do santo ofício e dos códigos de posturas do município de Belém<sup>38</sup>. O que nos leva a pensar que essas concepções já vinham sendo construídas a muito tempo e por diversas vias, julgando essa religiosidade e medicina popular como o primitivo e perigoso. Perigoso, por que não se conhece. O autor nos lembra finalmente que as concepções que temos sobre ciência, magia e religião estão exatamente nessas construções sobre a religião dos outros, baseadas em julgamentos preconceituosos, porque ignoram como sempre o fizeram com essas religiões. O conceito de civilização também nos chegou dessa forma, serviu para designar sociedades que estavam sob o parâmetro das culturas européias em contraposição a cultura popular, nesse caso a crença nos encantados, a pajelança e as religiões afro-amazônicas.

Porém, mesmo parecendo contrastar com a cultura européia, civilizada, a crença nos encantados é resultado de contribuição das culturas negra e indígena em contato com os europeus ditos civilizados, esses últimos também contribuíram para a formação dessa crença. O fenômeno messiânico do sebastianismo é um exemplo dessa afirmação, pois prega a imortalidade de um rei, da mesma forma como ocorre o processo de encantamento de pessoas comuns na Amazônia. Mesmo que o sebastianismo tenha surgido entre as classes populares portuguesas, e tenha sido produto do messianismo judeu, os processos de circularidade

---

<sup>37</sup> Sobre essa discussão ver, VENTURA, Roberto. “Civilização nos trópicos?”. In: \_\_\_\_\_ Estilo tropical: história cultural e polêmica literária no Brasil. – São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 17-43.

<sup>38</sup> Essa discussão feita pelo autor gira em torno das idéias de ciência e magia veiculadas nos textos de jornal da imprensa paraense no final do Século XIX, nelas estão presentes aqueles que criticam e perseguem os pajés, mas também aqueles que os defendem, fomando concepções diversas sobre pajés e feiticeiros da Amazônia, ver, FIGUEIREDO. *Op. Cit.*, 1993, p. 41-54.

cultural comprovam na verdade que esse messianismo era judaico-cristão, ou seja, o cristianismo religião representante daquela cultura européia também ajudou a construir a crença na volta do rei encoberto. Além disso, uma elite letrada e erudita se apropriou do fenômeno e ajudou a difundi-lo até chegar ao Brasil<sup>39</sup>. Com isso constatamos que o sebastianismo é um produto de uma cultura também considerada e auto-declarada civilizada.

Quando Raymundo Heraldo Maués falou do processo que faz uma pessoa comum se tornar um encantado<sup>40</sup>, pensei ter ele, tido contato com a história de Martinho que é uma das poucas que se conhece em Pirabas sobre seres humanos que se tornaram encantados e ajuda a compor o quadro de religiosidade popular que se formou no local, tratarei dela na oportunidade de mostrar a relação indissociável entre a crença nos encantados, natureza e o mito sebastianista. A semelhança do relato do encantamento de Martinho com a descrição feita por Maués, revela que o processo de encantamento de seres humanos é uma idéia compartilhada por toda a região do salgado, visto que o autor fez pesquisa, em outro local distante, mas dentro da mesma região<sup>41</sup>. O fato de se agradar de uma pessoa e de levá-la para o mundo subaquático, da imortalidade dos encantados, está presente tanto em Maués como no relato colhido em Pirabas sobre a história de Martinho.

Mesmo que, se diga que essas eram crenças e práticas populares européias, que não estavam dentro de uma cultura civilizada, elas chegaram até a Amazônia como produto de uma cultura civilizada. Seria necessário questionar, é claro, até que ponto essa religiosidade amazônica é incivilizada, pois, pode não estar dentro de concepções racionais da ciência, mas que é produto da “civilização” e cultura européia, não há dúvida.

A exemplo dos estudos de cultura popular, tomando o cuidado de me apropriar desse conceito, como recomendam alguns autores<sup>42</sup>, tentarei ver como a cultura popular amazônica, no que diz respeito a crença dos encantados, foi resultado de várias contribuições culturais,

---

<sup>39</sup> Sobre essas afirmações a respeito da circularidade cultural do sebastianismo em Portugal entre religiões judaica e cristã católica e meio popular e erudito, ver, HERMANN, Jacqueline. “A volta do encoberto entre lendas e letras”. In: \_\_\_\_\_ *No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 240-280. Sobre sua chegada ao Brasil ver, HERMANN. “D. Sebastião e a cidade do paraíso terrestre: um estudo sobre o movimento da serra do Rodeador, Pernambuco, primeira metade do século XIX”. In: MUSUMECI, Leonarda (org.). *Antes do fim do mundo: milenarismos e messianismos no Brasil e na Argentina*. - Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

<sup>40</sup> MAUÉS, & VILLACORTA. *op. cit.* pp. 20-21.

<sup>41</sup> Sobre essa pesquisas ver a obra deste autor resultado de sua tese de doutorado que deu origem a seguinte referência bibliográfica, MAUÉS. *Op. Cit.*, 1995.

<sup>42</sup> Peter Burke nos mostra que ao se falar em cultura popular devemos ter o cuidado de definir quem é o povo e de definir essa cultura específica para não homogeneizá-la, devido a variação de culturas dentro do que chamamos de popular, ver, BURKE, Peter. *O que é história cultural?* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

ênfatizando o que defendem vários autores, sobre a importância da “circularidade cultural”<sup>43</sup> para se entender esse processo de amálgama sócio-cultural, e porque não dizer, para se compreender melhor essa história. Não pretendo mostrar a crença nos encantados para falar de uma cultura popular geral ou tentar definir uma cultura geral na Amazônia, o que considero, levando em conta a diversidade dessa cultura, um trabalho quase impossível. Nem tão pouco pretendo fazer, a exemplo de Carlo Ginzburg que conseguiu essa façanha falando de uma cultura popular na idade moderna em sua obra retirada dos documentos inquisitoriais<sup>44</sup>, até porque não disponho de documentação semelhante e em quantidade. Porém, quero falar de um pequeno extrato da cultura amazônica e de como ele pode revelar um entendimento maior do conjunto de nossa história, pois como nos aponta Maués, os encantados são somente um dos três elementos que identifica essa cultura a partir da visão dos nativos amazônidas. E por que apresentar essa discussão sobre os encantados e sua importância na cultura popular do meio amazônico? Será interessante ver sua especificidade no local de pesquisa a partir de uma história de encantamento de um morador antigo de São João de Pirabas e da pluralidade que a crença assume no resto da região, dessa forma a história aqui contada vai se projetando em um contexto maior.

Quando nos remetemos ao evento de inauguração do *Monumental Místico Rei Sabá*, dissemos que a projeção desse evento foi imensamente importante para as religiões afro-amazônicas. Pois bem, a importância dessas religiões para essa crença no encantado rei Sabá também é recíproca. Da tradição oral presente nessas religiões pode-se perceber a figura de D. Sebastião, relida da crença histórica do mito messiânico sebastianista, transformado em uma entidade espiritual, ou um encantado como se costuma chamar. E são exatamente os adeptos dessas religiões quem identificam o rei Sabá da praia do Castelo como sendo uma das identidades do rei D. Sebastião presente no panteão dessas religiões. As versões sobre essa reapropriação do mito sebastianista ou da figura de D. Sebastião, dentro do universo lendário, o tornaram chefe de todos os encantados da Amazônia<sup>45</sup>. Com isso, via religiões afro-brasileiras ou amazônicas, esse personagem histórico e mitificado passou a fazer parte dessa história de religiosidade tecida em São João de Pirabas a partir das encantarias do Castelo do rei Sabá.

---

<sup>43</sup> Defendido por vários autores como Carlo Ginzburg, Peter Burke, e utilizado para falar das trocas culturais entre várias sociedades e culturas diferentes, esse conceito foi inicialmente utilizado também para falar de cultura popular, ver BAKHTIN, M. *A cultura popular na idade média e no renascimento – O contexto de François Rabelais*. – São Paulo: HUCITEC, 1987.

<sup>44</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>45</sup> MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Op.cit.*, 1999, p. 91-95.

A partir dessa discussão da constatação, sobre a importância da crença nos encantados para a cultura amazônica, chegamos à figura de D. Sebastião e sua importância para essa crença, como para as diversas religiões de tronco afro e a pajelança no contexto dessa cultura popular. Sendo o encantado, elemento central da pajelança cabocla, eles se manifestam em todas as religiões afros presentes em nossa região. E a figura divinizada do rei D. Sebastião assume um papel importante dentro dessa cultura, pois como já foi colocado ganhou espaço privilegiado no panteão das divindades religiosas populares de nossa região. A sacralidade do rei Sebastião enquanto personagem histórico foi levada em consideração quando se tornou uma divindade afro-brasileira, e passou de um posto de comando para outro, o monarca virou chefe de todos os encantados. A importância de sua figura não diminui, mesmo estando “encoberto” no espaço deste estudo. Mesmo assim ele empresta sua identidade para fazer parte dessa história, por isso aparece novamente aqui para entendermos melhor essa trajetória de religiosidade sobre o rei Sabá.

#### **D. Sebastião na Amazônia: a identidade do rei encantado.**

A tradição afro-amazônica de religiões como a umbanda, a mina e a pajelança identificam o rei Sabá como o rei Sebastião de Portugal, que como se sabe, assumiu a lenda do encoberto, do rei salvador, que por coincidência ou não viveria retirado em uma ilha. Pois bem, essa tradição afro-amazônica reapropriou-se da figura de D. Sebastião da seguinte forma. Este rei teria escapado da batalha de Alcácer Quibir em um navio e vindo parar na costa brasileira, no litoral entre o Maranhão e o Pará, seu navio teria naufragado e D. Sebastião foi reconhecido no fundo do mar por Iemanjá como um rei, com isso, tornou-se um encantado, uma entidade espiritual dessas religiões<sup>46</sup>. E esta seria uma explicação para a identidade e origem do rei Sabá.

Caso os habitantes da ilha da Fortaleza, ou os moradores de São João de Pirabas compartilhassem da releitura do sebastianismo como os adeptos das religiões de tronco afro, essa explicação poderia ser muito bem aceita no local. Isso se daria devido aos casos de pessoas comuns que teriam se encantado, ou seja, teriam passado ao mundo espiritual sem conhecer o processo de morte material do corpo, já que a crença nesse processo de encantamento é forte não só neste local como em toda a Amazônia, por isso os moradores conceberiam facilmente a figura do rei Sabá como uma pessoa, (D. Sebastião), que se encantou. Mesmo que, como já sabemos, para os moradores mais antigos daquele mundo

---

<sup>46</sup> JORNAL, “Diário do Pará”. Pascoal Gemake. A lenda da pedra trono, 13 de julho de 2003, p. 7.

insular e da cidade de São João de Pirabas, aqueles que teriam uma espécie de intimidade maior com o rei Sabá, só o relacionem ao Santo católico homônimo são Sebastião, que da mesma forma que o rei, é um santo guerreiro.

A maioria dos textos acadêmicos, principalmente os antropológicos, seguidos dos de cunho literário e até textos informativos de Jornais<sup>47</sup>, que tratam sobre a pedra do rei Sabá e os encantados, ou a respeito das narrativas de manifestação do rei, propagam a mesma idéia da tradição afro-amazônica de que o rei Sabá é D. Sebastião, com isso a pedra antropomorfa da praia do Castelo virou a referência mais forte do sebastianismo no Pará. Por isso, em trabalho anterior, tentei aproximar a figura descrita pelos moradores de Pirabas ao que afirmam os acadêmicos. Nos relatos sobre o rei Sabá, ele aparece descrito como um homem todo fardado com espada, as vezes todo de branco<sup>48</sup>, mas sempre à imagem de um guerreiro. Na representação mais famosa da imagem de D. Sebastião ele aparece na condição para a qual foi preparado a vida toda, ou seja, a de um rei guerreiro:



Retrato atribuído à D. Sebastião da autoria de Cristóvão Morais, exposto no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Fonte eletrônica, disponível em: [www.citi.pt/cultura/historia/personalidades/d\\_sebastião/](http://www.citi.pt/cultura/historia/personalidades/d_sebastião/)

<sup>47</sup> Temos como exemplo desses textos; VERGOLINO, Anaíza. *Op. Cit.*, 1994; MAUÉS, R. Heraldo & VILLACORTA, Gisela M. *Op. Cit.*, 2002, p. 20.; PRANDI, Reginaldo & SOUZA, Patrícia R. de. *Encantaria de mina em São Paulo*. In: \_\_\_\_\_. *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. - Rio de Janeiro: Pallas, 2001. & Gemake, *op. Cit.*, 2003.

<sup>48</sup> Descrições em anexos, ver, Raimunda Paliano Lobo. Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2004. (Transcrição de Gravação) & Dalila Farias de Lima, 75 anos. Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2004. (transcrição de gravação).



Pintura do século XVI, provavelmente da mesma época em que o jovem rei Sebastião teria assumido o trono Lusitano. Coincidência ou não, ao seu lado aparece um cão, como no relato sobre o aparecimento do rei Sabá aos pescadores na década de 1940, que teria desaparecido no mar “com cachorro e tudo”<sup>49</sup>. E como vimos essa coincidência é menos significativa para aproximar o rei Sabá de D. Sebastião, pois os próprios moradores de Pirabas o fazem mesmo sem saber, quando dizem que, atualmente ele mora na praia do lençol, sendo neste local o rei Sebastião.

Por mais que essa associação entre o rei Sabá, mítico como o rei D. Sebastião histórico não seja feita em Pirabas, precisava entender como e por que a visão de literatos e antropólogos, como de resto dos chamados homens das letras, sobre esta identidade do rei Sabá, reafirma a explicação de uma releitura de religiões populares? A visão, ou melhor, a escolha desses literatos e antropólogos permitirá entender um pouco mais deste personagem, principalmente pelo fato de olharem também por dentro dessas religiões a identidade do rei Sabá. Esses autores levaram o rei encantado para a academia na imagem ou figura de D. Sebastião, e aqui essa história se propaga, ganha o interesse que apesar de ser externo tenta entender o pensamento daqueles que experimentaram e construíram a crença no rei sabá. É claro que esses sujeitos investigados por esses autores são os adeptos dos cultos afros do Pará, que junto com os moradores de Pirabas ajudaram a construir a crença no rei Sabá. Porém, já que a documentação privilegiada neste estudo é produto dos habitantes insulares e pirabenses, vejamos previamente o que nos dizem para adentrarmos nessa história.

### **Natureza utilitária: alimentando o corpo e o imaginário.**

O olhar interno dessa trajetória de religiosidade pelos conceitos ou por conclusões do trabalho anterior, não era, nem é suficiente. Para mergulhar no pensamento dos que fizeram essa história era preciso visualizar junto a todos esses elementos, a experiência vivida dos moradores de São João de Pirabas e da ilha da Fortaleza. Dentro dela, é preciso observar como esses moradores insulares conceberam e utilizaram os recursos que o meio ambiente local os disponibilizava.

A relação dos antigos habitantes da ilha da Fortaleza com a natureza local era baseada num modo de subsistência: a existência de currais<sup>50</sup> e roças revela a pesca e agricultura como

---

<sup>49</sup> *Ibidem.*

<sup>50</sup> Na linguagem dos moradores locais como no resto da região, a palavra curral designa o lugar onde se pescam peixe, ela pode aparecer na sua outra forma usual para designar os lugares em que os bois, cavalos e outros eqüinos vivem. Mas aqui como se trata de pesca, estamos nos referindo a primeira designação.

um dos modos fundamentais da produção para consumo na ilha. Mas essa produção obedecia a certas regras, com relação aos usos do espaço da ilha para a agricultura, impostas pela crença no rei Sabá. Alguns relatos dos antigos moradores da ilha revelam castigos fatais ao uso indevido desses espaços, a natureza é nesses casos entendida como sagrada.

O conceito de natureza segundo os estudos dos precursores, expoentes e pesquisadores de história ambiental ou ecológica, é o de uma natureza utilitária, afinal de contas os seres humanos, assim como os animais, sempre precisaram utilizar os recursos de seus ecossistemas para sobreviver, seja essa utilização: racional, consciente ou devastadora. E foi de uma forma, também utilitária, que os habitantes da Fortaleza conceberam a natureza, mas esse uso da natureza se fez na ilha da Fortaleza, assim como em outros espaços onde são produzidas diversas culturas, duplamente utilitária, pois a sobrevivência daqueles moradores, assim como dependia da alimentação, necessitava investir outra importância, que alimentasse seu imaginário e sua visão de mundo a partir daquela Fortaleza insular, com isso podemos perceber a relevância que a representação simbólica alcança em comunidades semelhantes à da ilha da Fortaleza.

Como dar entendimento de uma história em que os personagens parecem levar mais em conta elementos que escapam a nossa compreensão racional como a crença nos *encantados* que perpassam por diversas religiões existentes na Amazônia? Sua presença, a dos encantados, vai da pajelança às religiões de tronco afro chegando a identificar-se com as próprias religiões cristãs, pois como colocou Raymundo Heraldo Maués, assim como os encantados, Deus, também está no plano da cultura. Entender natureza versus cultura nesta história é ir além de perceber como, a partir de um elemento natural, como a pedra do rei sabá, se formou um culto litolátrico como nos mostrou de José de Moraes Rego, que negou o sebastianismo no local, apesar de ele estar presente posteriormente.

Mas, se essa história também não pode ser entendida somente pelo mito messiânico português, a figura de D. Sebastião é igualmente importante, pois leva o rei sabá para os círculos acadêmicos, via religiões afro-amazônicas. Mas não é somente pela figura do encoberto que leva a crença no rei Sabá além de um espaço que se pensava restrito, que entenderemos esse fenômeno. O esforço de entendê-la além do local, perpassa por aquilo que viemos chamando a atenção até aqui, que é, olhar essa história de dentro para enxergar até onde ela, realmente vai se projetar. Tentando ver como pensavam os protagonistas dessa história veremos como suas concepções encontram-se paralela a mesma crença no resto da Amazônia, ou seja, de como ela é parte de uma história maior.

Além disso, essa crença se aproxima discussões feitas por autores como Antonio Carlos Diegues que nos fala dos mundos das *Ilhas e mares*<sup>51</sup>, em vários contextos no Brasil e no mundo. Ou de Lúcia Helena Cunha, que nos fala do *Significado múltiplos das águas*<sup>52</sup>, elemento tão relevante para a vida material e cultural dos moradores da ilha da Fortaleza. Sem falar nos outros autores como os das correntes da historiografia ambiental ou história ecológica<sup>53</sup>, que finalmente defendem um uso racional da natureza, nos quais nos apoiaremos, concordando ou não com suas idéias a respeito desse tema ou de temas afins, para contar a história de pessoas as quais temos a dívida de nos ajudarem a desvendar um pouco do seu e de nosso passado. Utilizando esses autores, estamos fazendo uma ida novamente à academia? Mas também é uma forma de legitimar essa história na perspectiva que escolhemos, pois esses estudos acadêmicos se fizeram exatamente graças a essas concepções de fontes primárias.

Diante do que já foi exposto, agora percebo que posso dizer, para satisfazer e elucidar exigências metodológicas, que o objetivo deste trabalho é dar entendimento uma parte da cultura popular manifestada na religiosidade do homem amazônico, a partir de uma cosmologia em torno da natureza, como a utilizam e a representam simbolicamente. E como essa concepção de natureza aliada a elementos diversos, como a figura de um rei português, ajudou a plasmar o que conhecemos como crença nos encantados, contando assim uma história que vem, não só do interior dessa região, mas de dentro do pensamento dos homens e mulheres que a fizeram. Uma história de religiosidade que por vezes se constituiu em uma alternativa, em uma resposta e ao mesmo tempo fez parte das religiões cristãs impostas aos habitantes nativos da Amazônia, que de certa forma foi absorvido, relido e apropriado a concepções do homem amazônico. Como atingir esse objetivo? Essa dissertação, de ir da natureza à cultura e estar ao mesmo tempo no meio dela, tentarei desenrolar a partir das próximas páginas.

---

<sup>51</sup> Cf. DIEGUES, Antonio Carlos. *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.

<sup>52</sup> Cf. CUNHA, Lúcia Helena. “Significado múltiplos das águas”. In: DIEGUES, Antonio Carlos. (org.). *A imagem das águas*. – São Paulo: HUCITEC/Núcleo de apoio à pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras/USP. São Paulo: 2000.

<sup>53</sup> Dentre esses autores temos os expoente, WORSTER, Donald. *Doing Environmental History*. In: WORSTER, D. (ed) *The ends of the Earth-perspectives on modern Environmental History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. pp. 280-307. Na discussão do tema em âmbito nacional temos em destaque, DRUMONND, José Augusto. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF, 1997, PP.9-22. & PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Editora, 2002. E sobre o espaço amazônico temos, na mesma linha de discussão, LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Os Historiadores e os rios:natureza e ruína na Amazônia brasileira*. – Brasília: Paralelo 15, Editora da UNB, 1999.

## PRIMEIRA PARTE

**A CIDADE E A ILHA:****GÊNESE MÍTICA E HISTÓRICA DE PIRABAS E DA FORTALEZA INSULAR.**

*Antes da cidade, houve a pequena povoação, o santuário e a aldeia; antes da aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras; e antes de tudo isso, houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha, evidentemente, com diversas outras espécies animais.*

Lewis Mumford. \*

**Na historiografia das cidades, a importância da explicação mítica.**

O que tentarei fazer aqui não é uma discussão aprofundada sobre a historiografia das cidades, mas sabemos que os elementos basilares de um estudo histórico são o tempo e o espaço definidos. Como já apresentamos na parte introdutória uma justificativa do nosso tempo mítico que não deixa de ser histórico, sentimos a necessidade de visualizar o espaço, sem pretender, é claro, se tornar um trabalho de geógrafo<sup>54</sup>.

Falar de São João de Pirabas e de sua origem não é uma tarefa muito fácil, levando em consideração a forma que escolhemos para abordar essa origem, ou essas origens, sendo que, como antecipa o subtítulo, utilizarei duas perspectivas de explicação; uma mítica e outra histórica.

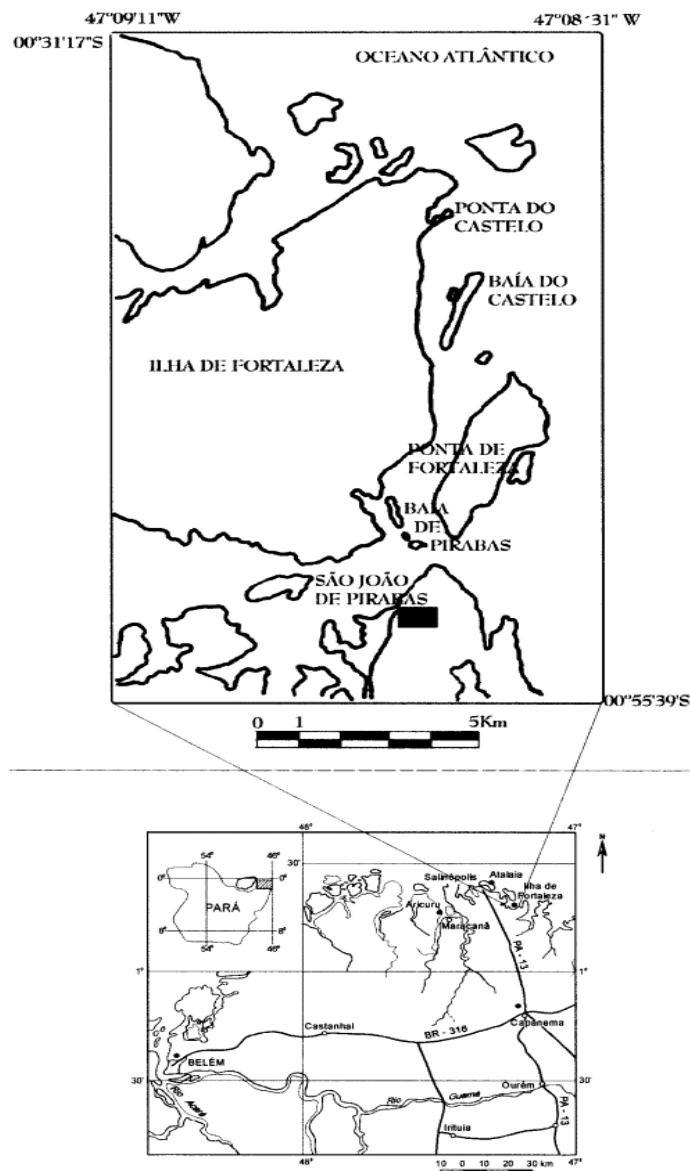
Recuperar o passado de Pirabas, nesta dissertação era muito mais do que procurar documentos que falam das primeiras famílias que se dirigiram para aquele local no final do século XIX, e que em 1901 ganhou a condição de vila pertencente ao município de Salinópolis, narrando assim os momentos “mais importantes”, numa trajetória linear.

---

\* MUMFORD, Lewis. Santuário, aldeia e fortaleza. In: *A cidade na história, suas origens, transformações e perspectivas*. 3ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.11.

<sup>54</sup> Apesar de não ser um trabalho sobre geografia, não podemos nos esquecer que, a própria criação da revista dos *Annales* que deu origem a uma grande transformação na abordagem historiográfica no século XX, foi uma publicação que teve por base, a revista *Annales de Géographie* de Vidal de La Blache. Além disso essa nova corrente historiográfica que pretendia uma espécie de multidisciplinaridade ou transdisciplinaridade, pois teve participantes de diversas áreas das ciências humanas como sociólogos, economistas, cientistas políticos e claro geógrafos, teve seu maior sucesso na união da história com a geografia. Ver, BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

No encontro das águas do rio Pirabas com o rio Xindeua ou Axindeua, localiza-se em uma orla com manguezais, muitos coqueiros e algumas praias, a cidade de São João de Pirabas. Situado na mesorregião do Nordeste paraense, mais especificamente na chamada microrregião do salgado, por ser banhada pelo oceano Atlântico, o espaço dessa cidade merece aqui, especial atenção. O tratamento dispensado a seu aspecto histórico e geográfico se faz necessário, pois, como em toda a história contada, precisamos descortinar seu cenário, ou melhor, o espaço mesmo, onde ela se passou.



Desenho do mapa de São João de Pirabas e da Ilha da Fortaleza, Retirado de Fonte eletrônica, disponível em:  
[www.unb.br/ig/sigep/sitio046/sitio046.htm](http://www.unb.br/ig/sigep/sitio046/sitio046.htm)

Na condição de autor da versão histórica dessa origem, ou como diria Peter Burke, na condição de guardião dessa memória social para emprestar um entendimento desses acontecimentos públicos<sup>55</sup>, considere que os motivos que levaram algumas pessoas a se fixarem naquele local eram diversos. Sabemos que o deslocamento de grupos de pessoas de um lugar para outro se dá em busca de uma vida melhor, nessa perspectiva podemos pensar que existiam vários fatores que contribuíram para atender a essas expectativas, e a partir de um povoamento tímido, fosse se formando no local, o que nós conhecemos hoje como a cidade de São João de Pirabas. Dentre esses fatores, podemos dizer que o econômico foi bastante importante para a fixação de moradores no local. É evidente que não podemos negar isso, pois a perspectiva de uma vida melhor perpassa pela questão econômica, ou seja, pelas possibilidades de trabalho que existiam no local para sustento das primeiras famílias que eram fundamentais, a produção de cal, e outros artigos, por exemplo, eram bastante importantes para essa sobrevivência<sup>56</sup>.

Mas esse não foi o único motivo que atraiu pessoas para aquele espaço, sabemos que o interesse por aquele local a partir da visão daquelas pessoas, dependia não só, daquilo que o lugar apresentava, mas principalmente daquilo que elas achavam, imaginavam e esperavam que aquele espaço realmente poderia oferecer. Ou seja, a ocupação do então povoado de Pirabas dependeu, também, do imaginário que o espaço físico, com sua natureza abundante despertou nos seus primeiros moradores. E qual a diferença entre o que o local apresentava e aquilo que os primeiros moradores esperavam que ele provesse às suas necessidades? A diferença aí não fica em uma perspectiva do verdadeiro para o falso, como se os primeiros habitantes fossem ingênuos, e não tivessem realmente certeza de como iriam utilizar aquela natureza. A diferença nesse caso está entre o real e a sua reconstrução pelos moradores a partir do imaginário daquelas pessoas, da visão que elas construíram a respeito do local, esse também foi um fator fundamental para a ocupação do povoado de Pirabas na sua origem.

Vamos falar aqui de uma origem mítica de São João de Pirabas, o mito é, como se sabe, bastante presente naquilo que nós denominamos de imaginário social por que apela para a imaginação, vem dela para a sociedade para ser constantemente reelaborado, é “mutante”,

---

<sup>55</sup> BURKE, Peter. “História como memória social”. In: BURKE, Peter. *Variedades de História cultural*. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 69.

<sup>56</sup> Esses produtos como sal marinho, fibra, malva, arroz com casca peixe salgado, suínos, etc., são citados por Carlos Rocque quando este se refere à Salinas, mas como Pirabas fazia parte daquele município podemos concluir que poderia ser produzido também no local. Sobre a citação desses produtos, ver, ROCQUE, Carlos. *Grande enciclopédia da Amazônia*. – Belém: AMEL, 1968. V. 6. p. 1534-1535. A respeito de nossa conclusão, temos em uma pesquisa do IDESP a informação de numa antiga moradora de Pirabas que afirma que seu avô produzia cal através da queima de cernambi. Ver, Instituto do Desenvolvimento Econômico e Social do Pará (IDESP). *São João de Pirabas*. – Belém, 1990. (Municípios paraenses).

como nos disse Ronaldo Vainfas transitando de diversas formas por vários espaços e tempos<sup>57</sup>. Antonio Carlos Diegues nos mostra que “o mito e as crenças se aplicam a setores do pensamento que se situam entre a certeza científica e o sonho, entre o imaginário e o racional”<sup>58</sup> e não nos esqueçamos aqui, que servem para dar entendimento à história.

As civilizações que não puderam ou não quiseram uma explicação racional ou mais próxima do que chamamos de pensamento racional, se utilizaram de explicações míticas para sua origem, isso não aconteceu somente na antiguidade clássica com gregos ou romanos, podemos observar vários exemplos dessa concepção de mito influenciando o pensamento de diversas sociedades ao longo da história. Ocorreram em sociedades européias e além delas como os índios guaranis e alguns povos da África até as civilizações orientais<sup>59</sup>. Além disso, continuaram com uso dessas concepções, que não por acaso, definiram, regeram, moldaram seu pensamento e conseqüentemente suas ações. Jacques Le Goff nos lembra em seu estudo das “idades míticas”, que elas foram a primeira tentativa de se entender o tempo histórico, o que aliás, é um esforço constante na história humana.

“Para dominar o tempo e a história e satisfazer as próprias aspirações de felicidade e justiça ou os temores em face do desenrolar ilusório ou inquietante dos acontecimentos, as sociedades humanas imaginaram a existência, no passado e no futuro, de épocas excepcionalmente felizes ou catastróficas e, por vezes, inseriram essas épocas originais ou derradeiras numa série de idades, segundo uma certa ordem”.<sup>60</sup>

O mito, portanto, apesar de estar situado em tempos além da história épocas antigas felizes ou trágicas, ou tempos futuros em que se espera tempos felizes e igualmente catastrófico, também está presente no tempo histórico, pois foi de lá desse tempo que os homens e mulheres imaginaram essas idades míticas de que fala Jacques Le Goff. Um dos objetivos nesta parte do trabalho é perceber como essas concepções míticas presentes na origem e em diversas épocas da cidade de São João de Pirabas, podem nos ajudar a entender mais a fundo o início dessa história. Além disso, veremos se essas concepções míticas influenciaram ou não a história dos moradores dessa cidade, particularmente da ilha da

---

<sup>57</sup> VAINFAS, Ronaldo. (APUD., HERMANN:1998, p. 1).

<sup>58</sup> DIEGUES, *Op. Cit.*, 1998, p. 33.

<sup>59</sup> Todas essas sociedades se utilizaram de explicações mitológicas, ou possuem um tempo mítico na sua origem, umas com mais relevâncias e outras menos, algumas semelhantes, outras de formas diversas, mas todas consideradas míticas. Sobre isso ver, LE GOFF, Jacques. “Idades míticas”. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, pp. 283-321.

<sup>60</sup> Idem. p.283.

Fortaleza. Mas para chegarmos a essas questões, vamos ao trabalho a que se pretende neste momento, vamos em busca de um mito pirabense.

A dificuldade em se encontrar documentos que nos dissessem algo a respeito da gênese mítica de São João de Pirabas, foi muito grande no início dessa busca. Diante desse grande problema, fui à leitura de obras que falavam de cidades, ou à historiografia especializada no tema. Encontrei excelentes referências dos “tempos dos créditos”, Lewis Mumford, Sandra Pesavento, Maria Stella Brescianni, dentre outros<sup>61</sup> foram de grande auxílio nesse momento, pois percebi que não estava trilhando terreno muito perigoso. E por que afirmo isso, é claro que a historiografia das cidades é uma discussão já bastante investigada, o que achei que poderia ser perigoso era discutir essa origem mítica, mas percebi que era uma discussão muito presente nessa historiografia.

Ao procurar a origem das cidades, Sandra Pesavento foi buscar na fonte bíblica uma explicação que não poderia encontrar em outro livro a não ser, o do *Gênesis*. Observando a narrativa de como o malvado Caim teria construído a primeira cidade, a autora conclui, “o nascimento da cidade nos chega, pois, de forma mítica, com apoio no texto sagrado e na imagem que nele se inspira”<sup>62</sup>, imagem essa da tela de Bruegel o Velho, que representou a torre de babel, outra cidade bíblica. As considerações de Pesavento sobre a cidade mito é de que ela expressa o domínio do homem sobre a natureza, sua cultura, e de novas formas de relacionamento que vão surgir a partir de sua vida social. Ou seja, segundo a autora a origem mítica da cidade explica muito do que ela realmente é. Pesavento se propõe a estudar a cidade a partir de suas representações e essas representações, são na verdade recriações do real, que determinam muitos valores e condutas assumidos pelos sujeitos. Cada um a seu modo iria perceber a cidade de uma forma variada e essas percepções e olhares em conjunto nos ajudam a entender o que é a cidade. Tudo isso gerado a partir daquela primeira concepção de cidade mito, da representação simbólica dos signos que a cidade oferece, daí sua importância neste e em outros estudos.

Apesar de não dispor de fontes semelhantes como as da autora sobre a origem da cidade, pois a literatura produzida sobre São João de Pirabas não é muito extensa, e os

---

<sup>61</sup> Sobre esses autores que podemos classificar dentro de uma historiografia das cidades, encontramos dois que tratam dentro dessa perspectiva historiográfica sobre a cidade, mito e representações, são eles, MUMFORD, *Op. Cit.* 1991; PESAVENTO, Sandra. “A pedra e o sonho”. In: *O imaginário da cidade*. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999, pp. 7-25. Além desses temos outros que adentraram nessa historiografia das cidades, ver, BUENO, André. “Sinais da cidade: forma literária e vida cotidiana”. In: FERNANDES, Ronaldo Costa & LIMA, Rogério (org.). *O imaginário da cidade*. – Brasília: UNB, 2000, pp. 89-110 & BRESCIANNI, Maria Stella. “História e historiografia das cidades, um percurso”. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 2ª ed. - São Paulo: Contexto, 1998; pp. 237-258.

<sup>62</sup> PESAVENTO, *Op. Cit.* 1999, p. 7.



escritos que dizem respeito a essa origem são quase que exclusivamente informações históricas repetitivas. Porém, vi nas considerações dessa autora, uma oportuna, justificativa para mostrar a importância da discussão das origens míticas. Não que essa abordagem fosse falsa ou desprovida de justificativa, mas as considerações da autora são importantes para a metodologia do trabalho e se questionar: por que abordar uma origem mítica? Falei que uma discussão sobre a origem de Pirabas era importante para entender a história que se passou nessa cidade e em suas proximidades, mais especificamente na ilha da Fortaleza, e essas leituras deram pistas para formularmos ou tentarmos dar uma resposta a partir das perguntas que fizemos de nossas fontes ou o contrário também, ou seja, a respostas para as problematizações que as leituras me ajudaram a fazer podem ser encontradas nessas fontes.

Disse acima que não disponho dos mesmos documentos utilizados pela referida autora que se apoiou na narrativa literária para falar das representações das cidades. Aliás, já havia antecipado sobre a dificuldade de se encontrar esses documentos, por isso segui lendo esses autores. Os documentos que falam sobre a origem histórica de Pirabas são resumos, que se sucederam de forma quase inteiramente repetitiva, não se referem a esse tratamento no campo das representações simbólicas ou do mito, nem poderiam, pois a maioria dos autores em que se foram buscar essas informações são nada menos que nomes como, Theodoro Braga<sup>63</sup>, João de Palma Muniz<sup>64</sup> e Domingos Soares Ferreira Penna<sup>65</sup>, homens de ciências e de letras que naquele período do final do século XIX e início do XX, dificilmente, se preocupariam com questões como a origem mitológica dos municípios paraenses que não tivesse a mesma importância de Belém, inclusive naquele momento, quando Pirabas era simplesmente uma Vila. Ou seja, o que esses autores que viveram aquela época nos dizem das origens de São João de Pirabas está consideravelmente distante sobre as origens da cidade a que se refere Lewis Mumford quando diz:

“Quando se buscam as origens da cidade, pode-se com demasiada facilidade ser tentado a procurar apenas os seus remanescentes físicos. Mas, como ocorre com o retrato do homem primitivo, quando nos concentramos em seus ossos e cacos, seus instrumentos e armas, fazemos menos do que justiça a invenções tais como a linguagem e o ritual, que deixaram poucos vestígios materiais, se é que os deixaram”<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> BRAGA, Theodoro José da Silva. *Noções de Chorographia do Estado do Pará*. - Belém: Empresa Graphica Amazônia. 1919 & \_\_\_\_\_. *Guia do Estado do Pará*. - Belém: Typographia do Instituto Lauro Sodré, 1916 .

<sup>64</sup> MUNIZ, João de Palma. *Patrimônios dos Conselhos Municipaes do Estado do Pará*. - Paris: Aillaud, 1904.

<sup>65</sup> FERREIRA PENNA, Domingos Soares. *Obras completas*. II Volume. Coleção Cultura Paraense, série “Inácio Moura”. - Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971.

<sup>66</sup> MUMFORD. , *Op. Cit.* 1991, p. 10.

As palavras desse autor, nos mostram e apontam para a necessidade de se recuperar um passado baseado nas “invenções” que os homens fizeram, melhor dizendo em suas construções, na sua cultura que engloba campos como a “linguagem e o ritual”. Esses aspectos culturais se referem diretamente ao que consideramos como campo de representação, ou de reconstrução da realidade. Em última visão, tudo isso diz respeito ao mito, pois os ritos são na verdade a prática de afirmação do mito. Nas entrelinhas do texto pode-se perceber a relevância que o autor deu a questão da representação simbólica que se remete ao mito. Pois ao se deter nos objetos, ou na cultura material e não se chegar pelo menos a se fazer justiça a elementos como linguagem e rituais, é atribuir a esses elementos – símbolo e sua representação - uma condição indispensável para se entender o passado. Não muito diferente do que percebi nas palavras de Sandra Pesavento, e como aponta essa autora, uma abordagem na perspectiva do mito ou da representação, pode ajudar a esclarecer muito dessa origem mítica das cidades, porque é um tratamento sobre uma reconstrução da realidade, feita a partir do pensamento dos homens que viveram aquelas épocas anteriores a nossa. É como já coloquei, a tentativa de mergulhar nesse pensamento, para se compreender essas histórias das cidades. Vejamos como isso ocorre em Pirabas.

### **Na origem mítica de Pirabas: a tribo dos Morcegos.**

Depois de todas essas considerações sobre a cidade mítica ou da importância de uma explicação como essa, a inquietação que deve estar angustiando o leitor é, existe uma origem mítica na história de Pirabas? Depois de falar parcialmente sobre a importância dessa discussão, posso dizer que a resposta é sim. Mas adianto que não é uma explicação, que satisfaça totalmente a curiosidade do leitor, na verdade ela nos chega através de uma pequena citação, mas que pode revelar muito do que queríamos saber sobre essa origem.

Como não encontramos nos autores do século XIX, uma explicação lendária para a origem de Pirabas. Fomos às fontes não imaginadas onde poderíamos encontrar esse documento chave para desvendar essa história. Seguindo a idéia de diversificar as fontes, fomos aos jornais. Precisava contar uma história de São João de Pirabas e os jornais me pareciam a documentação mais apropriada, entre reportagens e pequenas notícias sobre o município que falavam de visitas políticas, de seus potencial turístico, pesca e outros aspectos, que inclusive remontavam a seu histórico resumido, encontramos em uma delas a seguinte manchete: *Pirabas aposta no seu futuro*. Publicada em 15 de novembro de 1999, as notícias traziam a novidade que o município receberia um prêmio de reconhecimento da Embratur, por participar do programa nacional de municipalização do Turismo. A partir dessa notícia, a

reportagem inicia uma espécie de etnografia da cidade, falando de vários aspectos históricos e culturais, que bem interessariam ao setor turístico. O curioso é que a reportagem não chega a falar da origem histórica do município que se deu no final do século XIX, mas se interessou por outros aspectos sobre a origem de Pirabas. Ao procurar um dos moradores da cidade, a reportagem com intuito de verificar algumas histórias curiosas como a de um navio que teria naufragado nas proximidades do município, diz o seguinte:

“Outra história digna de se conferir é a do “pé grande”, que peregrinava entre as praias do Cebola e a do Lombo Branco. José Miramaldo, do alto dos seus 59 anos de Pirabas, conta essa história e também a que fala das suas origens junto à tribo dos morcegos. “Lá todo mundo tinha a orelha pontuda, e por isso o nome da tribo”, explica Maramaldo”.<sup>67</sup>

Segundo este relato as origens da história de Pirabas se encontram a partir de uma ocupação provavelmente indígena, pois se fala em tribo, denominação geralmente utilizada para designar sociedades indígenas, essa em particular teria uma característica peculiar, seus habitantes teriam orelhas pontudas. Junto a esta explicação encontram-se histórias de navios naufragados, alemães que fugiram da Guerra, não se identificando se do Primeiro ou do Segundo conflito mundial, que refugiaram-se em São João de Pirabas. Além disso temos histórias do Pé grande figura presente em outras regiões, mas que junto com as outras, faz parte do imaginário local.

Essa explicação pode nos revelar, mais do que simplesmente, que nós (e o autor se inclui porque é pirabense) descendemos de uma tribo indígena de orelha pontuda, ou que os primeiros ocupantes do local tivessem essa característica. Pode-se perceber junto a essa origem na “tribo indígena”, uma pluralidade de elementos que em um único documento se conjugam para explicar, mesmo que de forma esparsa um passado mítico. É claro que os autores da entrevista realizada com o morador de Pirabas estavam interessados nos aspectos pitorescos dessas histórias, comumente chamadas de “causos”, por isso mesmo, não foram mais a fundo, e ela nos chegou em poucas linhas. Poder-se-ia investigar melhor essa história, mas considerei que essa fonte já nos revelava um dado satisfatório, afinal não era a história a fundo que interessava, mas o que ela falou sobre os primeiros sujeitos, o fato de serem indígenas, além disso, a pluralidade de elementos nos revela outro dado importante sobre essa origem mítica, obviamente iríamos encontrar nas possíveis fontes orais a mesma diversidade. Como havia falado a condição de existir primeiramente no local uma tribo indígena era mais

---

<sup>67</sup> JORNAL, “O Liberal”, Atualidades, Belém, 15 de novembro de 1999, p. 14.

interessante, pois esse dado nos revela o encontro da explicação mítica com a explicação histórica. Para isso vamos à chamada explicação histórica, mesmo que essa, primeira, não esteja totalmente desprovida de historicidade, ou que essa segunda explicação não nos mostre melhor a origem de ocupação local, ou seja, de sua história. Vamos à explicação histórica para ver como ela própria sustenta a origem nos tempos míticos.

### **Na origem histórica, migrantes caboclos e Portugueses;**

A respeito da versão “oficial” da ocupação do território onde se localiza o município de São João de Pirabas, a maioria dos escritos sobre a origem, dentre algumas diferenças, apontam para o que seriam os primeiros anos de ocupação daquele local, essa ocupação teria ocorrido entre 1895 e 1901. Naquele primeiro ano, em 06 de julho de 1895, segundo Theodoro Braga e Palma Muniz o local ganhou a condição de povoado, pertencente ao município de Salinópolis. Em 1901 o então povoado de São João passou para a denominação de vila através da Lei estadual nº 797<sup>68</sup>. Essa informação está contida em todas as referências à essa origem, mas é claro que se está falando em ocupação dos que vieram de fora, contudo há indícios de ocupação por populações nativas, como da explicação lendária dada anteriormente, sobre sociedades indígenas que evidentemente teriam habitado o local não só em Pirabas mas nas ilhas ao seu entorno e no imenso território da região amazônica.

No mapeamento dos municípios paraenses, Carlos Rocque coloca a hipótese de ter existido perto de Pirabas uma ilha de ocupação jesuítica<sup>69</sup>. Essa hipótese, segundo os pesquisadores do IDESP, é reforçada pelos moradores mais antigos que, confirmam “que a ilha é chamada de ilha do Cemitério devido a existência de várias catacumbas nas quais foram encontrados alguns objetos de uso doméstico”, segundo o Informante de nome Jurandir Pereira de Lima, conhecido como Jurica, confirmou ainda “uma estória acerca de catacumba que teria sido encontrada por um conhecido seu, contendo louças diversas”<sup>70</sup>. Essa informação sobre a presença de jesuítas no local, aponta para a possibilidade dessa ocupação externa em Pirabas ter se dado desde o período colonial. Mas como ouvimos falar em hipótese, e as fontes orais nos chegam em “segunda mão” para serem analisadas, não vamos tão longe assim na gênese dessa história.

Porém, se os documentos, que falaram sobre o ano de 1895 como origem da ocupação de Pirabas, parecem nunca discordar, temos em uma viagem, em que um dos pesquisadores

<sup>68</sup> BRAGA, *Op. Cit.*, 1919 & MUNIZ. *Op. Cit.*, 1904.

<sup>69</sup> ROCQUE, Carlos. *História dos municípios do Pará*. 5ª Edição Revisada e atualizada. – Belém: CEJUP & Jornal “A Província do Pará”. 1998.

<sup>70</sup> IDESP. *Op. Cit.*, 1990. (Municípios paraenses).

do recém instalado, Museu Paraense (Emílio Goeldi) teria visitado os sambaquis do Pará, naquele local, e teria apontado uma outra data geológica. Em 1876 Domingos Soares Ferreira Penna deu “*breve notícia sobre os sambaquis do Pará*”<sup>71</sup> outra denominação geopaleontológica do objeto de estudo dessa ciência, também chamado de “cernambi”, que causava bastante interesse nos pesquisadores daquele tempo. Naquele ano Ferreira Penna estava sendo acompanhado por Orville Adelbert Derby, membro da comissão Geológica do Império do Brasil<sup>72</sup>, foram pesquisar os sambaquis de Salinas. Devido as condições de atraso da viagem e por descobrirem que não havia sambaquis em torno daquela cidade do Atlântico, o Dr. Derby teve que regressar à Belém, à espera do Engenheiro Francisco José de Freitas que viria da Bahia para poderem investigar áreas geológicas do resto da Amazônia. Com isso Ferreira Penna teve que seguir sozinho a viagem aos sambaquis que iria visitar em vários locais próximos onde hoje se encontra a sede do município de São João de Pirabas. O pesquisador não considerou um achado tão importante, o que, aliás, ele chamou de “resultados mesquinhos”, pelo fato de que já sabia que os sambaquis do local não se encontravam em perfeito ou adequado estado de conservação, isso em decorrência da exploração dessa matéria-prima por moradores locais que queimavam sambaquis ou cernambis para produzir cal. Apesar dessas condições, Ferreira Penna achou importante descrever sua experiência em no local, experiência esta de grande valor para esta dissertação, pois se constitui como documentação importante para comprovar que a ocupação de Pirabas se deu muito anteriormente ao que a maioria das informações afirmavam.

Voltando ao momento em que Ferreira Penna saiu de Salinas em direção ao povoado de Pirabas, ao passar por dois sítios geológicos denominados à época de mina dos Apicuns e mina do Tijolo, chegou ao que ele denominou de mina de São João:

Em terra firme, à margem direita do Igarapé Axindeua e quase na Junção deste com o rio Pirabas. É um sambaqui extinto. Sobre ele e à custa dele se elevou, há 2 anos, a pequena Povoação de São João, composta de uma capelinha e 12 casas, em grande parte dispersas e algumas fora da área do sambaqui.<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup> Título da pesquisa geológica empreendida por Ferreira Penna na vila de São João de Pirabas e em seu entorno, ver, FERREIRA PENNA, *Op. Cit.*, 1971, pp. 123-142.

<sup>72</sup> Compunham essa expedição além do Sr. Orville Adelbert Derby, o engenheiro Francisco José de Freitas e Herberth Huntington Smith para “estudar os depósitos carboníferos na região amazônica”, ver, CRISPINO, Luís Carlos Bassalo; BASTOS, Vera Burlamaqui & TOLEDO, Peter Mann de (orgs.). *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)*. – Belém: Paka-Tatu, 2006. p. 101.

<sup>73</sup> FERREIRA PENNA. *Op. Cit.* 1971, p. 127.

O sambaqui extinto de que fala o autor ficava provavelmente onde atualmente se encontra uma indústria de pesca e produção de gelo, abaixo do solo onde foi erguida essa indústria haveria um cemitério, mas provavelmente era o sítio geológico a que se refere Ferreira Penna, pois encontram-se, entre o solo da indústria e o nível do mar uma formação pedregosa, característica dessas áreas, uma espécie de promontório<sup>74</sup>, exatamente na confluência dos rios Pirabas e Axindeua.

Percebemos a preocupação do autor, ao falar do povoado, em atribuir a existência deste o fato de haver ali um sambaqui, evidentemente, para explicitar a importância de seu objeto de estudo, que eram os sítios paleontológicos ou geológicos, chamados sambaquis ou cernambis. Como sabemos, era o ano de 1876<sup>75</sup> e o autor teria dito que dois anos antes o local começava a ser ocupado, portanto mais de vinte anos antes do que mostram a maioria das informações quando elegem o ano de 1895 como início de ocupação do povoado de São João de Pirabas.

Em sua investigação no local Ferreira Penna citou, inclusive, o nome do Sr. Mattos Muniz que tentou ajudá-lo com informações que interessaram ao nosso pesquisador, sobre restos mortais humanos encontrados no local quando este primeiro morador teria chegado e encontrado “há mais de um ano, alguns ossos, inclusive ‘um crânio ainda com cabelos que, disse *êle*, já estavam vermelhos de tão velhos que eram’; e acrescentou que ao pegar no crânio este se desfez quase em pó”<sup>76</sup>. Mais do que o interesse que a princípio se apresenta puramente geológico, para o pesquisador, e da curiosidade do Sr. Mattos Muniz, percebemos aí também uma tentativa daqueles homens, consciente para o primeiro e talvez inconsciente para o segundo, de explicar as origens da ocupação local, de buscar nos restos mortais de um ser humano, ou na natureza acumulada há anos que formou os sambaquis, um documento que falasse do passado local, que iluminasse mais essa que parecia ser uma história recente de ocupação.

Por curiosidade ou por preocupação, a atitude do Sr. Tenente Mattos Muniz, trouxe um dado que evidenciava ainda mais uma questão, que para o próprio Ferreira Penna já era

---

<sup>74</sup> Me referi a essa formação como espécie de promontório, pois não há um outro próximo, que junto a este forme um enseada, já que como definiu o Antonio Guerra, uma enseada fica entre dois promontórios, como não há uma enseada, não posso afirmar seguramente que seja um promontório, assim como não posso negar também, sobre isso ver, GUERRA, Antonio Teixeira. *Novo Dicionário geomorfológico*. 2ª Edição. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

<sup>75</sup> Essa data é citada no resumo do trabalho de, TÁVORA, V. A., FERNANDES, A. C. S.; FERREIRA, C. S. 1999. Ilha da Fortaleza – Pa. In: Schobbenhaus, C.; Campos, D.A.; Queiroz, E. T.; Winge, M.; Berbert-Born, M. (Edit.) Sítios geológicos e Paleontológicos do Brasil. Publicado na Internet no endereço <http://www.unb.br/ig/sigep/sitio046/sitio046.htm>

<sup>76</sup> *Idem*, p. 128.

bastante aceitável, qual seja, a existência de sociedades indígenas no local, pois, ao descrever seu estudo sobre a Mina do Vianna, que é provavelmente o local onde está a ilha da Fortaleza, ou provavelmente próximo a ela, o pesquisador conclui: “os únicos objetos que aqui colhi foram fragmentos de louça grossa dos antigos indígenas”<sup>77</sup>. Como pode ser comprovado, e é uma afirmação feita em cima de um estudo, também, científico, inclusive para a época, existiram sociedades indígenas no local, afirmação que se liga diretamente à explicação da origem mítica.

Qual a novidade nisso tudo se Ferreira Penna não falou em “tribos dos morcegos” por terem orelhas pontudas? A questão aqui não é provar cientificamente que a explicação mítica deve ser totalmente levada em consideração, muito menos que devemos desconsiderá-la totalmente, só queríamos encontrar um paralelo entre as duas explicações, e isso foi feito, pois os índios a que se referiu Ferreira Penna, podem ser representados na tribo dos “morcegos” da origem mítica. O interessante aqui, é que mesmo Ferreira Penna, por não saber ou por não considerar, e por isso mesmo, não ter citado a característica da tribo indígena que teria dado origem, ou seriam os primeiros moradores do local onde se situa o município, buscou os restos mortais dessa origem, como os esqueletos que encontrou no local, além dos vestígios desses habitantes, que seriam os mesmos referidos na origem mítica. Mesmo que este pesquisador, também tenha se referido aos primeiros moradores de São João de Pirabas, como aqueles imigrantes que teriam constituído a origem do local, ao falar das casas e das construções que os migrantes teriam feito no local há dois anos antes de sua chegada. Apesar disso, a lenda da tribo indígena de orelhas pontudas sobreviveu, àquele período, se é que se formou lá? Mas o interessante é perceber como essa explicação mítica chegou até nós, valorizando aqueles primeiros ocupantes nativos e confere à eles a origem do município, sendo que a versão oficial fala de várias famílias de migrantes que chegaram no local, por volta da década de 70 do século XIX.

Percebemos nas informações deixadas por Ferreira Penna, a afirmação de uma origem, a histórica, a dos imigrantes que ocuparam o local, e a conclusão de outra - a mítica- que nos estudos paleontológicos e geológicos desse autor deixa perceber a existência de sociedades indígenas no local, e dessa forma vemos o mito cruzar com a história.

Ao falar do nome do morador Mattos Muniz, Ferreira Penna nos lembra de outro ponto convergente em todas as documentações oficiais que falam sobre a origem de Pirabas, que são as primeiras famílias que teriam ocupado o local. Segundo essas fontes, por sinal

---

<sup>77</sup> FERREIRA PENNA. *Op. Cit.* 1971. p. 128.

secundárias, as primeiras famílias a ocuparem o povoado de São João foram identificadas pelos os sobrenomes, Mattos Muniz, Florêncio, Nunes e a do português Barbado. Ao que parece, essas famílias não conseguiram manter uma tradição muito forte em Pirabas, pois se alguns desses sobrenomes existem como os Nunes e os Muniz, não representam muita tradição entre o censo comum, pelo menos, não uma tradição histórica.

### **Índios, caboclos, portugueses e uma companhia de navegação esquecida.**

Nem índios nem imigrantes caboclos e portugueses, são referências fortes para essa origem na memória atual do município, pelo menos no que podemos classificar como memória social. Os primeiros ainda menos que os dois últimos. Mas não deixam de ser explicações para a Gênese da História da cidade de São João de Pirabas, e essas explicações divergentes, nos remetem ao que disse Sandra Pesavento: “Assim, a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importante que os outros”<sup>78</sup>

Essa visão diversa sobre a cidade de que fala a autora, pode ser encontrada em Pirabas nas duas explicações mítica e histórica. Sabemos da importância das duas versões, mas será que elas realmente se justapõem? Disse acima que nem os imigrantes nem os índios constituem, atualmente, os símbolos fortes de representação da origem da cidade para a memória local. Mas se formos ou se forem buscar na maioria das informações históricas, com certeza iremos encontrar a explicação que coloca os imigrantes caboclos e portugueses na gênese de Pirabas a partir de toda a experiência vivida a partir do momento em que chegaram lá. Com isso, parece que essa explicação se sobrepõe. Mas vejamos como isso se relativiza.

Um outro elemento que sempre aparece nas referências sobre a gênese pirabense, diz respeito a um fator econômico, é a *Amazon River Company*. Nessa época, final do século XIX, São João de Pirabas era ponto terminal para onde se dirigiam as embarcações a vapor dessa companhia de navegação, um dado muito interessante, para quem pensava que a ocupação local tivesse ocorrido de forma isolada por apenas algumas famílias. Apesar do nome dessas primeiras famílias não constituírem uma tradição forte, suas histórias já repetidamente citadas, constituem uma idéia cristalizada de origem da cidade, está nos livros sobre a história de Pirabas como o de Carlos Rocque, em resumos históricos<sup>79</sup> e em documentos que atualmente se encontram na Biblioteca pública do município de São João de

<sup>78</sup> PESAVENTO, *Op. Cit.* 1999, p. 9.

<sup>79</sup> Ver, FERREIRA, João Carlos Vicente. *O Pará e seus municípios*. – Belém: J. C. V. FERREIRA, 2003, pp.639-642. & Instituto do desenvolvimento Econômico e Social do Pará – IDESP. *Município de São João de Pirabas*. Setor de Coleta e Tratamento de Dados. S/D.(Biblioteca pública Arthur Vianna –2º andar CENTUR).



Pirabas<sup>80</sup>. A origem do município a partir dessas famílias não é a explicação mítica, mas mitificou-se como explicação, assim como a própria história da companhia de navegação que atuou nesse local, se tornou mítica, ou entrou para um tempo que pode ser considerado mítico, devido seu esquecimento, na memória social atual, com isso não estamos querendo dizer que mito seja sinônimo de esquecimento, mas que ele se situa em outro tempo, que no caso da existência da atuação da uma companhia de navegação em Pirabas, é desconhecida, e se por acaso chegar a ser divulgada vai ser recebida como fato que ocorreu no tempo mítico, ou seja em outro tempo. Sobre essa história, vejamos.

A respeito da atuação da *Amazon River Company*, em São João de Pirabas, não é objetivo aqui aprofundar seus estudos, o que podemos afirmar com certeza, é que sua presença se deve ao crescimento econômico advindos com a economia *gomífera*, mas que não teve muita importância local, a própria viagem de Domingos Ferreira Penna, não se deu em uma das embarcações dessa companhia, o que mostra que na década de 70 do século XIX, ela ainda não atuava, ou o fazia precariamente, pois segundo o pesquisador:

“depois de muitas diligências mal sucedidas, consegui partir para ali a bordo de um velho e ronceiro barco a vela, em falta de melhor, honrou-me com sua companhia nesta viagem o Dr. Orville A. Derby ( da comissão geológica brasileira) (...)Infelizmente, para o interesse da ciência, o Sr. Derby viu-se obrigado a regressar à capital a bordo do mesmo Barco (...) Fiquei em Salinas onde tive de perder uma semana à espera de uma canoa que me conduzisse”.

Na verdade a atuação dessa companhia parece ter sido efêmera, como foi o apogeu da borracha na Amazônia. A *Amazon River Company*, por ter Pirabas como ponto terminal de navegação, não conseguiu galgar um lugar na memória social dessa cidade. Não foi, essa companhia de navegação, assim como a Estrada de Ferro de Bragança, outros monumentos que documentam aquela época, foram para as localidades em que cortavam ou eram construídos. E isso se deve porque, as embarcações dessa companhia não eram exatamente monumentos que documentassem a atuação da *Amazon River Company*, como os trilhos da estrada de Ferro. Isso pode ser explicado ainda, porque seus lucros não geraram benefícios no local, que ficassem consolidados ou que ganhassem destaque e importância na memória social, por isso também deve ter sido esquecida, relegada a uma época inimaginável na história da cidade, conseqüentemente, quando é referida, parece pertencer a um passado muito distante, num tempo lendário.

---

<sup>80</sup> Esses documentos encontrados na Biblioteca do Município de Pirabas repetem exatamente o que os resumos acima citados, ver, FERREIRA. *Op. Cit.*,2003. & IDESP. *Op. Cit.* S/D.

Voltando à trajetória de Pirabas, já na condição de Vila em 1901, ela seguiu seu caminho. Em 1930 quando o município de Salinópolis foi extinto e teve sua área anexada ao município de Maracanã, Pirabas que pertencia a Salinas também foi anexada, voltando a pertencer a Salinas em 1933 quando esse município recobrou sua condição anterior. Em 1961, Pirabas que era Distrito de Salinas passa a pertencer à Primavera, um município recém-criado. Torna-se município, 27 anos depois através da Lei nº 5.453 de 10 de maio de 1988, que o criou juntamente com outros 17 municípios<sup>81</sup>.

Mas ao longo dessa trajetória, descrita em uma narrativa cronológica e linear, as concepções sobre essa cidade, não perderam suas explicações míticas. O caso do círio de Nazaré realizado no local desde 1942, se mostra um exemplo, bastante revelador desse aspecto mitológico. As homenagens à virgem de Nazaré, teriam se originado de um milagre, só então iniciaram essa tradição, que apesar de não repetir esse milagre, de uma forma simbólica direta, mas o torna bastante próximo dos moradores, pois só a existência das romarias são uma forma de representar esse milagre, conhecido no local e dos leitores dos jornais paraenses entre o término do mês de outubro e novembro:

“A romaria de Pirabas em homenagem a “padroeira dos Paraenses” marcou os 61 anos de uma caminhada cuja origem foi uma séria briga entre pescadores que faziam parte da colônia de pesca pirabense. Vendo que a briga ia acabar em morte, uma senhora conhecida por dona Percília fez uma promessa: caso a disputa entre os pescadores acabasse, ela iria começar a organizar uma romaria pela cidade em agradecimento ao apaziguamento. Naquele mesmo ano em que fez a promessa aconteceu um acordo entre os pescadores, e desde então o povo católico de São João de Pirabas só fez aumentar sua fé para que seu povo fique cada vez mais em paz”.<sup>82</sup>

Esse evento do círio Pirabense ficou marcado como um dos elementos que, ganhou tradição no local, mas é um evento que pertence à cidade<sup>83</sup>, juntamente com outras histórias e lendas, porém não é objetivo aqui fazer um levantamento de todas elas. Esta dissertação diz respeito à uma religiosidade popular específica, que se passou num espaço, que pertence à cidade, mas deslocado dela, a ilha da Fortaleza, por isso mesmo se desenvolveu com suas particularidades, e pode explicar, mais ainda as concepções que ocorrem sobre, mito, representação simbólica e o aspecto lendário muito presente no local.

---

<sup>81</sup> FERREIRA. *Op. Cit.*, 2003. & IDESP. *Op. Cit.* 1990.

<sup>82</sup> JORNAL, “O Liberal” Atualidades. Belém 27 de outubro de 2001, p. 05 Também se reportam a mesma explicação mítica os JORNAL, “Diário do Pará”, 08 de novembro de 2006, p. A-10.

<sup>83</sup> Sobre a História do Círio de Pirabas ver, LIMA, Maria das Dores Sousa de. *Intercessora assim na terra como no céu: mito de origem e tradições na história do círio de São João de Pirabas*. Monografia de Graduação, - Belém: UFPA, 2006.

Não poderia deixar de abordar sobre a origem de São João de Pirabas, um aspecto que diz respeito diretamente a identidade dessa cidade, que é seu nome. Segundo Ferreira Penna o nome inicial é vila de São João, evidentemente por que nesse local, assim como em outros se presta homenagem aos santos, ali o padroeiro escolhido foi São João. Mas de onde vem o nome Pirabas? Sobre essa questão havia uma controvérsia. Diziam algumas fontes que o nome pirabas se devia a mesma denominação de um peixe chamado “pirabas” presente no rio, outros diziam que, além do nome do peixe, essa denominação vinha de umas pedras existentes no local, ou era o nome do próprio rio que banha a frente da cidade<sup>84</sup>. No trabalho de Vladimir de Araújo Távora encontramos a seguinte definição para essa resposta, “o nome da cidade é homenagem ao santo padroeiro e também referência ao rio Pirabas”<sup>85</sup>. Uma definição simples, mas corresponde exatamente, a conclusão que consegui chegar na resposta para essa pergunta. Primeiro, não há presença de peixes que são pescados no local que tenham o nome Pirabas, pois como nos mostram as informações sobre o pescado local temos: “Da cavala à pratinheira, da cioba ao peixe pedra, passando pela tainha, pescada branca e amarela”<sup>86</sup>, além de outros peixes. É claro que se esse peixe existisse, ele estaria imprescindivelmente nessa lista, a não ser que tenha sido extinto. Porém não podemos desconsiderar essa hipótese. Um antigo morador do local Hernesto Messias Neyrão teria confirmado a origem dessa denominação devido a existência do peixe “pirabas”<sup>87</sup>. Em sua obra sobre os municípios do Pará, Carlos Rocque nos dá a mesma explicação<sup>88</sup>. Porém nas mesmas fontes em que encontramos a versão do Senhor Hernesto Messias Neyrão, veio o depoimento de um ex-vereador que teria afirmado que o nome da cidade “vem de uma pedra, conhecida como pirabas, que existia em grande quantidade no leito e nas margens do rio que banha a cidade”<sup>89</sup>. Voltando aos escritos do nosso paleontólogo, Ferreira Penna, quando visitou pela primeira vez o local em 1876, disse ter passado pelos “rios Inajá, Pirabas e Juapirica”<sup>90</sup>. Como o pesquisador já havia dito que aquela ocupação havia recebido o nome de São João, nada mais óbvio que o último nome tenha vindo do rio. Sobre a hipótese, de que a denominação da cidade provenha do nome de uma rocha, temos a seguinte conclusão. Essa hipótese poderia ser aceita, já que vários trabalhos de geólogos e paleontólogos, denominam

---

<sup>84</sup> IDESP. *Op. Cit.*, 1990.

<sup>85</sup> TÁVORA, V. A., FERNANDES, A. C. S.; FERREIRA, C. S. 1999. *Op. Cit.* <http://www.unb.br/ig/sigep/sitio046/sitio046.htm>

<sup>86</sup> JORNAL, “O Liberal”. Atualidades. Belém, 15 de novembro de 1999, p.14.

<sup>87</sup> IDESP. *Op. Cit.*, 1990, p. 7.

<sup>88</sup> ROCQUE. *Op. Cit.*, 1998, p. 450.

<sup>89</sup> IDESP. *Op. Cit.*, 1990, p. 7.

<sup>90</sup> FERREIRA PENNA. *Op. Cit.* 1971. p. 125.

as rochas das ilhas que cercam a cidade, de *formação Pirabas*,<sup>91</sup> porém, seguindo os trabalhos de Ferreira Penna, em 1925, a pesquisadora Carlota Joaquina Maury, descreveu detalhadamente dos calcários que afloram no rio Pirabas e como resultado dessa pesquisa, essa autora propôs a denominação para esses calcários de formação Pirabas<sup>92</sup>, portanto, pelo menos para esses pesquisadores é que essas pedras ganharam o nome de Pirabas, ou seja, mais de trinta anos depois é que essas rochas ganharam o nome de Pirabas. E como consequência dessa denominação, ela se tornou referência para todos os calcários existentes na região semelhantes aos que se encontram em Pirabas, como podemos ver no trabalho de Quadros e Fernandes<sup>93</sup> a ocorrência da formação Pirabas na Localidade de Mãe do Rio. Por isso a denominação das rochas como formação Pirabas é posterior ao momento em que a cidade já era chamada assim.

Quanto ao “peixe piraba ou pirabas”, pode ser que tenha existido<sup>94</sup> e daí o nome do rio, mas até onde podemos confirmar, logo que o povoado começou a se formar a poucos anos antes da chegada de Ferreira Penna no local, o rio já tinha o nome de Pirabas. Portanto podemos considerar, a partir dessas fontes que possuímos, que a denominação dessa formação geológica, assim como da cidade, provêm do nome do rio. A essa semelhança, ocorreu com outras localidades que pertencem atualmente à Pirabas, pois os rios “Inajá e Juapirica”, citados por Ferreira Penna, deram origem à identificação das respectivas localidades de Inajá e Japerica.

Essa conclusão sobre a origem do nome, na verdade o próprio nome da cidade reforça a explicação mítica para a origem de sua ocupação, pois o nome Pirabas, assim como Inajá e Juapirica, pode ser identificado, provavelmente, como de origem indígena. A mesma origem que a explicação mitológica confere a ocupação da cidade. Encontramos, portanto na própria denominação da cidade um ponto de convergência, pois se os primeiros migrantes, caboclos e portugueses, portanto os mesmos presentes na origem histórica deram o nome de São João ao local, obedecendo a uma tradição de homenagear os santos católicos, ainda muito forte no

---

<sup>91</sup> Dentre inúmeros trabalhos encontramos, SOMMER, F. *Contribuição à paleontologia do Estado do Pará. A presença de algas coralíneas nos calcários da formação Pirabas*. In: CNPq, Simpósio Biota Amazônica, 1, Belém, 1967, Atas, 1:431-441.; QUADROS, L. P. & FERNANDES, A. C. S. *Ocorrência inédita de nanofósseis calcários na formação Pirabas (Mioceno Inferior) na localidade de Mãe do Rio, Município de Irituia Pará*. Anais da Academia Brasileira de ciências: 1983, 54:254 & TÁVORA, V. A. *Ostracodes da formação Pirabas (Mioceno Inferior) no Estado do Pará*. 1994. Acta Geológica Leopoldensia, 17:119-129.

<sup>92</sup> JORNAL, “Diário do Pará”. *Rica fonte de Paleontologia na Ilha da Fortaleza*. Belém, 13 de julho de 2003, p. 7. Sobre a fonte primária ver, MAURY, C. J. *Fósseis terciários do Brasil com descrição de novas formas cretáceas*. Rio de Janeiro, SGMB: 1925, 665 p. (Monografia).

<sup>93</sup> QUADROS, L. P. & FERNANDES, A. C. S. *Op. Cit.*, 1983.

<sup>94</sup> Coloquei essa dúvida pelo fato de que segundo o dicionário, existe um peixe de nome pirabas, mas que habita rios de água doce, o que não é o caso de do rio Pirabas, que juntamente com os outros citados no texto, são rios de água salgada devido sua proximidade com o oceano Atlântico.

final dos oitocentos, a última denominação da cidade veio da origem indígena, e se aproxima da origem mítica. Podemos perceber aí como, a própria denominação da cidade carrega signos das suas origens, seja ela mitológica ou histórica. Com isso, lembramos Sandra Pesavento quando diz que as várias visões sobre a cidade se compõem e se justapõem não sendo nem uma ou outra a mais importante<sup>95</sup>, mas que somadas ajudam a entender essa origem de São João de Pirabas.

### **Ferreira Penna aprendiz de antropólogo e o tempo mítico na Ilha da Fortaleza;**

Se as concepções mítica e histórica, falam da presença de sociedades indígenas em Pirabas, sendo que a primeira explicação é que atribui aos índios a origem de ocupação do município, a explicação para a história que se desenrolou na ilha da Fortaleza tem na sua versão mítica uma tribo indígena que habitou parte daquela praia. Na verdade essa é a única versão sobre a origem da ocupação da ilha, pois como já adiantei na introdução, não existem relatos históricos da ocupação dos primeiros migrantes para o local. Somente pude encontrar nos relatos da viagem de Ferreira Penna, uma referência ao sítio geológico e paleontológico denominado por ele como a *Mina do Vianna*, que provavelmente é a ilha da Fortaleza.

As incursões de Ferreira Penna, em busca de seus objetos de estudo, os *sambaquis* que ele também denomina por *sernambis*, sendo esta última denominação um termo mais vulgarizado entre os estudiosos da região, são viagens que nos mostram um pouco do esforço que os homens daquela época fizeram em nome da ciência e de sua valorização enquanto via de progresso que eles almejavam não só para essa região, mas para todo lugar em que estivessem. Digo isso, observando a própria experiência de nosso pesquisador.

Nascido em Minas Gerais em 1818, Domingos Soares Ferreira Penna foi nomeado por Carta Imperial secretário do governo da Província do Pará em 17 de novembro de 1858. Em 6 de dezembro daquele mesmo ano chegava ao Pará acompanhado pelo tenente-coronel Manoel de Frias e Vasconcellos a bordo do navio Vapor *Paraná*, para assumir o cargo a que fora nomeado no governo do presidente Antonio Coelho de Sá e Albuquerque. Ferreira Penna assumiu o mesmo cargo na província paraense, no governo de Ângelo Thomaz do Amaral<sup>96</sup>. A partir daquele momento Ficaria para o resto de sua vida nesta região até vir a falecer no ano de 1888.

---

<sup>95</sup> PESAVENTO, *Op. Cit.* 1999, p. 9.

<sup>96</sup> CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. *Talento e atitude: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi*. - Belém: MPEG, 1989. & VERÍSSIMO, José. "D. S. Ferreira Penna, notícias sobre sua vida e trabalhos". In: *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*. Tomo I. Tipografia de Alfredo Silva & Ca., Pará 1896.

Desde o Governo anterior que os presidentes dessa província do *Grão Pará* haviam contratado o trabalho do naturalista francês Louis Jacques Brunet para estudar a fauna e os sítios geológicos da Amazônia. Eram as primeiras tentativas de instalar um Museu de História natural no Pará, que não pôde se concretizar naquela época. Mas em 1866 a expedição Thayer Liderada pelo Casal Jean Louis e Elizabeth Agassiz, trouxe um novo estímulo para a cidade e particularmente para Ferreira Penna, que com os resultados daquela Expedição, Financiada pelo milionário norte-americano Nathaniel Thayer<sup>97</sup>, resolveu fundar uma Associação Filomática que teve o objetivo de fundar e instalar o Museu Paraense. Essa associação teve o apoio do então presidente da Província Pedro Leão Velloso que marcaria para o próximo ano – 1867 – a instalação do Museu. Porém, segundo informações mais detalhadas, essa instalação do Museu se daria de fato somente em 1871, sendo que o que ocorria desde o ano de 1867, pode ser considerado um núcleo em que os membros da Associação Filomática liderada por Ferreira Penna, ensaiavam a existência daquela tão almejada instituição no Pará<sup>98</sup>. Somente em 1871, no efêmero governo de Joaquim Pires Machado Portella, que promoveu reformas na Instrução pública, é que Ferreira Penna, José Ferreira Cantão e Américo Marques Santa Rosa, prepararam para 25 de março daquele ano juntamente com a Biblioteca Pública, a instalação do Museu de História Natural do Pará e que se chamou finalmente de Museu Paraense<sup>99</sup>. Observamos na narrativa sobre essa origem do Museu Paraense, desde o momento em que foi fundada a sociedade filomática, entre as articulações com os presidentes da província, até a consolidação dos desejos de Ferreira Penna, com a instalação definitiva do Museu, um esforço e dedicação reveladores.

Sem querer estender muito essas questões encerrando por aqui, pois não estou interessado em recontar a história da instalação do Museu Paraense Emílio Goeldi, busco na mesma uma ligação com o que nos chegou como documento os escritos de Ferreira Penna sobre as origens de Pirabas. Domingos Soares Ferreira Penna, como vimos, foi interessado política e cientificamente na Instalação do Museu Paraense, muito de suas ações nesses dois aspectos, político e científico, foram a causa ou estímulo para ter saído de Belém e chegado até o povoado de São João de Pirabas. Toda a dificuldade que enfrentou era não uma aventura como a princípio poderia ser entendida, mas o resultado, ou parte de um esforço que este,

---

<sup>97</sup> Essa não foi a única expedição que se dirigiu à Amazônia com o objetivo de se estudar conhecer fauna, flora e solo, apesar de ter sido determinante para se pensar a instalação do Museu. AGASSIZ, Jean Louis & AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil 1865-1866*. Brasileira, Série 5ª Vol. 95. – Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938. Dentre essas expedições destacou-se também A expedição Morgan com duas edições, Liderada por Orville Adelbert Derby e Charles F. Hartt, ver, CRISPINO; BASTOS & TOLEDO. *Op. Cit.* 2006, pp. 37-45.

<sup>98</sup> CRISPINO; BASTOS & TOLEDO. *Op. Cit.* 2006, pp. 37-45.

<sup>99</sup> *Idem.*

político pesquisador vinha empreendendo a muito, em nome do progresso e da idéia de ciência muito em voga no final do século XIX. A partir do estímulo dessas idéias é que foi possível chegar até nós esses documentos que nos apontam caminhos para explicações míticas e históricas da origem do povoado de Pirabas.

Os relatos dessa busca de Ferreira Penna por sambaquis em torno do povoado de São João de Pirabas, mostraram não só a dificuldade das pesquisas de campo na época, mas que elas se realizaram e tiveram uma conseqüência, que talvez o pesquisador não imaginasse. Além de servir de fonte para os próprios estudiosos da geologia e paleontologia que seguiram realizando trabalhos de pesquisa no local depois deste autor. Suas pesquisas pioneiras sobre os sítios geológicos e/ou paleontológicos em torno de Pirabas, nos revelaram em suas descrições fragmentos do passado desse local, pois além, dos registros sobre os sambaquis, ele documentou parte de sua história, e ao falar dessa viagem ele adiantou:

“Por mesquinhos, porém, que sejam os resultados obtidos, parece-me que será útil expor o que observei, dando uma breve *notícia* das localidades, do estado a que se acham reduzidos os sambaquis, dos objetos que neles tem sido encontrados, etc. O conhecimento destas e de outras circunstâncias terá ao menos o mérito de *mostrar o caminho* aos futuros exploradores e de poupar-lhes muitos dos embaraços e decepções por que tive que passar e por que passam todos os que exploram pela primeira vez lugares quase desconhecidos”<sup>100</sup>

Além de prever o que realmente aconteceu, mesmo que a próxima pesquisa paleontológica tenha se realizado somente quase sessenta anos depois, em 1925 por Carlota Joaquina Maury<sup>101</sup>, o autor nos revela uma característica de sua pesquisa que se aproxima muito de uma das áreas das ciências humanas que começava a se desenvolver naquele momento, a antropologia. Não que as pesquisas de campo fossem, o forte da antropologia logo em seu início, na verdade elas marcariam as pesquisas antropológicas alguns anos mais tarde com o trabalho empreendido por Malinowski, já no início do século XX<sup>102</sup>. Mas a comparação feita aqui longe de ser um anacronismo, revela que esses estudiosos das ciências naturais já faziam um trabalho parecido, de uma pesquisa de campo antropológica, quando ela provavelmente estava em seus primeiros passos, mas que a partir de um período posterior caracterizou durante muito tempo os estudos dessa ciência. Por isso podemos considerar,

<sup>100</sup> FERREIRA PENNA. *Op. Cit.* 1971, p. 124.

<sup>101</sup> MAURY, C. J. *Op. Cit.* 1925, 665 p. (Monografia).

<sup>102</sup> O trabalho de Malinowski é considerado marco de uma nova etapa das pesquisas antropológicas, inaugurava um método de investigação *in loco*, classificando os que seriam os pesquisadores de campo e os antropólogos de gabinete. Suas pesquisas se deram principalmente na ilhas Trobriand na parte ocidental da Nova Guiné. Sobre o resultado final dessa pesquisa inovadora ver, MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental* - São Paulo: Abril Cultural, 1976.

Ferreira Penna praticava trabalho de campo antropológico, mesmo muito distante do método, mas não do objeto da antropologia. Mas pelo fato de seu objeto e objetivo de estudo serem outros. Ainda assim, encontramos entre os achados do autor a citação de fragmentos de cultura material e restos de acúmulo natural. Portanto este pesquisador estava, além do trabalho de paleontólogo e antropólogo, coletando fragmentos do passado, sendo por isso, candidato a historiador. Na verdade exerceu por vezes essa prática como no governo do presidente da Província do Pará Pedro Vicente de Azevedo que em maio de 1874 determinou através de Ofício que Ferreira Penna realizasse estudos históricos na ilha do Marajó e em suas proximidades, para produzir e coletar material que seriam colocados em exposição no Museu Paraense. Mesmo que o objetivo desses estudos históricos de Ferreira Penna fossem divulgar as riquezas da região como mostra explicitamente o documento<sup>103</sup>, ele fez um trabalho de historiador, além disso é considerado jornalista, geógrafo, etnólogo e arqueólogo. Tantos ofícios em um único pesquisador, mesmo que ele tivesse um objetivo em mente que era realizar pesquisas geológicas e/ou paleontológicas. Mas talvez essa interdisciplinaridade tenha permeado não só os estudos de Ferreira Penna, mas de outros pesquisadores à época, porque um dos objetivos da instalação do Museu de História Natural do Pará era, além de estudar os “três reinos da natureza, animal, vegetal e mineral”, instituir e ministrar aulas de geografia, etnografia, e histórias do Brasil, particular e especialmente história do Pará. Juntamente com o exemplo acima dos estudos históricos de Ferreira Penna realizados na ilha do Marajó, esse objetivo caracteriza na própria origem dessa instituição um caráter interdisciplinar, pelo menos entre as ciências humanas e naturais.

Vejamos agora como ele, através de suas incursões por esses sítios geológicos, nos ajudou a ir da cidade, ou do que seria a cidade de Pirabas para a ilha da Fortaleza.

Em seu relato o autor informa que esta mina se encontra “quase defronte da de S. João, na outra margem do *Axindeua* e em cima de uma colina pedregosa e muito arvorejada, que se eleva cerca de 15 metros acima do nível do rio. Pertence a um particular que tem ali perto uma casa”.<sup>104</sup>

O local descrito pelo pesquisador, é provavelmente, a ilha da Fortaleza e a mina do Vianna, é o platô onde se encontra a pedra do rei Sabá, afirmo isso porque, aquele é um dos poucos locais na ilha onde se encontra uma elevação que pode chegar a 15 metros de altura, um promontório que forma uma enseada na qual a outra ponta geológica se encontra no local

---

<sup>103</sup> Diário de Belém, 1876, (Apud. CRISPINO; BASTOS & TOLEDO. *Op. Cit.* 2006, pp. 89.).

<sup>104</sup> FERREIRA PENNA. *Op. Cit.* 1971. p. 128.



chamado Fazenda<sup>105</sup> onde viveu muito tempo o Senhor João Paliano e sua Família, personagem importante dessa história o qual destacaremos em momento adequado. Além disso, as rochas que compõem o sítio geopaleontológico da ponta do Castelo, foram, segundo os trabalhos acadêmicos dessas ciências da natureza, descobertas em 1876 pelo próprio Ferreira Penna, passando pela curiosidade científica de vários outros pesquisadores ao longo da história dessa ilha<sup>106</sup>.

Mesmo que o autor tenha dito que aquela mina da praia do Castelo pertencia a um particular, afirmando que naquela época a ilha já era ocupada, essa é a única pista que nos dá da ocupação da ilha por imigrantes. Porém, após descrever cientificamente, o sítio paleontológico, ou sambaqui, Ferreira Penna conclui que essas rochas estão em um estado de conservação não muito apropriado devido a exploração desse material para produção de cal entre os moradores de São João de Pirabas. Mesmo com a presença de habitantes na Fortaleza que tenham explorado as minas de Sernambi, a informação mais interessante que nos dá, é a de que os únicos objetos que achou, atestando a existência de uma cultura no local, foram restos e objetos e louças que teriam pertencido à uma tribo indígena<sup>107</sup>, a mesma afirmação que já colocamos anteriormente, para dizer que ele pensava na hipótese de, naquele local, terem existido sociedades indígenas num passado próximo ao seu.

Portanto, os primeiros habitantes, da ilha, eram nativos de lá, mas essa conclusão não chega a ser novidade se pensamos que todas as plagas do espaço amazônico, eram habitadas por índios. O que quero mostrar aqui é que falar de índios nessa origem, para, a história, seja ela da ilha da Fortaleza ou do Município de Pirabas, assim como a história da companhia de navegação no local, é conferir realmente uma origem mítica. Olhando do presente, do ponto onde se encontra a história da cidade e da ilha, e se pensar em índios, é como se eles tivessem habitado um tempo, mítico, pois não fazem parte da identidade criada hoje no local, a não ser na própria explicação para a origem mítica da cidade e da ilha, e que se constituíram em

---

<sup>105</sup> Segundo os conceitos de geomorfologia uma enseada sempre se encontra entre dois promontórios, estes são sempre formações de pedra que se remontam a períodos geomorfológicos, presente em todos os espaços insulares, ver, GUERRA. *Op. Cit.*, 2001. Sobre os estudos de geologia e geomorfologia inclusive de areias litorâneas e de espaços insulares ver, GUERRA, Antonio J. Teixeira & BAPTISTA, Sandra da Cunha (orgs.). *Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos*. 4ª edição. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. Esses promontórios que se encontram na Ilha da Fortaleza segundo Távora se remontam ao período geológico chamado Mioceno, ver, TÁVORA, V. A., FERNANDES, A. C. S.; FERREIRA, C. S. 1999. *Op. Cit.* <http://www.unb.br/ig/sigep/sitio046/sitio046.htm>

<sup>106</sup> Além das pesquisas de Ferreira Penna que resultaram em trabalhos importantes para a paleontologia regional e brasileira, seguiu-se o trabalho de vários pesquisadores entre as décadas de 50 e 90 do século XX, Segundo fontes eletrônicas, “A importância científica do sítio justifica-se no fato de guardar umas das mais expressivas ocorrências do Cenozóico marinho do Brasil, e por constituir-se no limite sul da província paleobiogeográfica Caribeaná, refletindo assim a sua supra importância para a paleontologia brasileira”. Cf. TÁVORA, V. A., FERNANDES, A. C. S.; FERREIRA, C. S. 1999. *Op. Cit.* <http://www.unb.br/ig/sigep/sitio046/sitio046.htm>

<sup>107</sup> FERREIRA PENNA. *Op. Cit.* 1971. p. 128.

explicações míticas, exatamente por falarem de índios. Mesmo, como podemos observar dos estudos de Ferreira Penna e dos pesquisadores que o sucederam, existindo a comprovação científica da existência de sociedades nativas, indígenas, no local. E essa explicação ganha os contornos mitológicos a partir de um tempo, e não se sabe localizar quando, uma tribo indígena desapareceu da ilha da Fortaleza, saiu de seu tempo histórico, que para a memória atual é mítico, e foi, como diria Anaíza Vergolino, tragada pelos tempos fabulosos<sup>108</sup>. Esses índios teriam ido habitar definitivamente esse tempo lendário, a partir de um fato que teria dado origem a pedra do rei Sabá.

### **Na origem mítica da ilha da Fortaleza, um rei petrificado.**

Se as origens míticas da história de Pirabas não são muito divulgadas ou conhecidas no local, mesmo fazendo parte da tradição oral, a explicação para a origem da Fortaleza tem muito mais divulgação. Há muitos anos ouvia a história de como teria surgido a pedra do rei Sabá, para mim naquele momento não passava, simplesmente, de lenda. Algum tempo depois, percebi que se tratava de um documento, que provavelmente teria que ser produzido a partir do método de história oral. Ao levantar as fontes de jornais, procurando notícias sobre as festas que são realizadas em homenagem ao rei Sabá, encontrei, para minha surpresa, a narração que achei que encontraria somente indo à Pirabas e levantando fontes orais. Além dos aspectos naturais, e, portanto turísticos a reportagem falava sobre a praia do Castelo, da pedra do rei Sabá como centro de culto popular, e dizia o seguinte:

“Conta a lenda que Rei Sabá era o chefe de uma tribo indígena muito próspera que vivia no local há muito tempo atrás, e foi dizimada por uma doença desconhecida. Diante dessa situação, o chefe da tribo, como único sobrevivente, sentou-se à beira da praia e pôs-se a contemplar o lugar onde outrora vivera sua tribo. Permanecendo assim até virar pedra”<sup>109</sup>.

Dessa forma esses habitantes nativos, os indígenas, teriam saído da história da ilha e, teriam ido habitar um tempo mítico, dando lugar aos habitantes que viriam de fora ocupar aquele mundo insular. Esse relato, tirado diretamente da tradição oral em Pirabas pela reportagem, atribui à identidade do rei Sabá uma origem nativa, um chefe indígena. Com isso, este rei encantado teria uma segunda identidade, ou primeira se considerarmos que essa petrificação do rei se encontra em um momento em que não podemos localizar no tempo, pois assim como a trajetória daqueles nativos, esse momento foi tragado pelos tempos fabulosos. E

---

<sup>108</sup> VERGOLINO, *Op. Cit.*, 1991.

<sup>109</sup> JORNAL, “O Liberal”, Cartaz. Belém, 02 de fevereiro de 1999, p.03.

agora além de D. Sebastião, temos um chefe indígena que compõe a identidade do rei Sabá. Essa constatação se tornaria um problema bastante desafiador se ainda estivesse investigando as memórias do rei lusitano *Encoberto* nesse local. A problematização para essa questão não depende de se saber se o rei Sabá foi um chefe indígena ou D. Sebastião. Até por que a resposta para essa pergunta seria simples. Se, como já percebemos, os moradores de São João de Pirabas, ou pelo menos a maioria, não identifica o rei Sabá à D. Sebastião, então é por que eles têm sua própria explicação, que é essa lenda da petrificação do chefe indígena. Saber por que esse chefe indígena virou rei não é objetivo que vá contribuir para este trabalho. Essa condição veio evidentemente das bricolagens culturais e dos outros signos emprestados à identidade do rei Sabá, é por isso que D. Sebastião aparece como uma das identidades desse rei. Para sermos mais diretos vamos ao que é objetivo central neste trabalho e que, o próprio trecho acima sobre a origem da pedra contribuiu bastante. Apesar das outras interpretações que a lenda acima possa despertar, ela começa a nos revelar que essa história sobre a formação da crença no rei Sabá tem uma explicação que vem do entendimento dos sujeitos participantes dessa experiência religiosa. Uma compreensão dessa história que vem de dentro e é múltipla.

Temos essa multiplicidade quando consideramos a seguinte questão, essa explicação sobre a petrificação do rei, não é uma idéia compartilhada por todos os moradores de São João de Pirabas, inclusive aqueles que se distanciam da crença no rei Sabá por seguirem outras religiões como as evangélicas, por exemplo. Mas mesmo entre aquelas pessoas que estiveram em contato com a crença e ajudaram a constituí-la, parecem não conceber esta versão para a origem da pedra, ou por não lembrarem ou por desconhecerem mesmo. Afirmo isso porque, quando fiz pesquisa sobre as memórias de D. Sebastião no local, mesmo com a Pergunta sobre quem seria o rei sabá? vieram respostas diferentes<sup>110</sup>, mas nenhuma, delas falava dessa lenda de petrificação do rei Sabá, muito menos dele ter sido um chefe indígena. Parece um dado contraditório que uma explicação que venha representando a identidade nativa do rei da praia do Castelo e retirado da tradição oral, não seja compartilhada principalmente por parte daqueles que ajudaram a constituí-la. Se essa explicação contradisse a identidade do rei Sabá como D. Sebastião e isso pode ser explicado por que no local, ele está encoberto, ou seja não é reconhecido, agora temos a contradição na própria visão interna. Como resolver este problema? Como as fontes que parecem contradizer a lenda da pedra do rei Sabá, foram produzidas pela tentativa do uso do método de história oral, vamos ao elemento que permite a

---

<sup>110</sup> Anexos da Monografia de Conclusão de Curso. In: SILVA, *Op. Cit.*, 2004.

produção desse documento, a memória. Disse acima que um dos motivos para essa lenda não ser citada nas respostas que obtive, é que os informantes poderiam não ter lembrado da referida lenda. Porém, sabemos que os processos de formação da memória se dão das mais variadas maneiras, Lucette Valensi nos lembra que:

“quando se trata de psicologia individual, o par memória/esquecimento não esgota as operações que se fazem sobre a experiência vivida, e que a produção de lembranças não é o único processo ativo que entra em jogo. Silêncio, censura, obliteração, recalque, amnésia, negação, mentira também fazem parte da formação da memória”<sup>111</sup>.

Apesar disso, não podemos desconsiderar o esquecimento como um fator importante para essas respostas, pois sabemos que a memória é seletiva, e ela se constitui dessa forma, exatamente, porque os fatos a que se referem os informantes podem ser significativos ou não para eles e nesse último caso, ou seja, não sendo significativo seria esquecido. Afinal como nos disse a mesma autora, “À memória retornariam os fatos pertinentes, ao esquecimento o refugo dos fatos insignificantes”<sup>112</sup>. Sobre isso Maurice Halbwachs<sup>113</sup> e Michel Pollack<sup>114</sup>, nos dão uma pista, ou seja, de como a memória individual se torna coletiva, ou qual a relação que o indivíduo tem com o grupo, a partir da análise desses dois autores vemos que os indivíduos, mesmo fazendo parte de um grupo ou uma coletividade têm suas concepções individuais. Dessa forma, assim como há elementos de sua memória que se ligam como o todo social, os sujeitos em sua individualidade portam concepções próprias sobre sua trajetória de vida e de sua experiência, e essa explicação é uma delas, com isso a história da petrificação do rei Sabá pode ser significativa para uns ou fazer parte de um grupo restrito no todo e, portanto ser desconsiderado ou ignorado pelo resto. Além do mais o estudo da memória como documento não deve levar em consideração ou discutir-se sua veracidade, e sim perceber como ela se construiu utilizando elementos que fazem parte da realidade vivida e das suas individualidade que ajudou a constituir e legitimar essa memória. Por isso, talvez ou com certeza o fato de os informantes, acreditarem no rei Sabá, seja mais importante que procurar a explicação para sua origem, pois, eles não pareciam estar muito preocupados com isso, quando me responderam aquela questão principal no trabalho anterior sobre - quem era o rei Sabá -, inclusive, alguns deles nem mesmo se preocupavam e demonstrar a crença.

---

<sup>111</sup> VALENSI, Lucette. *Fábulas da memória, a batalha de Alcácer Quibir e o mito do Sebastianismo*. Tradução Maria Helena Franco Martins. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, pp. 9-10.

<sup>112</sup> *Idem*.

<sup>113</sup> HALBWACHS. *Op. Cit.*, 1990.

<sup>114</sup> POLLAK. *Op. Cit.*, (1992).

Voltando a perguntar, como a memória daquelas pessoas que viveram na ilha da Fortaleza não iria portar essa lenda? A segunda hipótese é, como havia colocado anteriormente, pelo fato de desconhecerem mesmo essa lenda. E isso não pode ser considerada uma contradição, e sim, como já coloquei, que as concepções a respeito da origem da pedra, como o resto da história do rei Sabá é diversa, afinal de contas não se pretende aqui apresentar um modelo da constituição dessa crença, pois ela se deu de diversas formas, enriquecida com vários símbolos. E é dessa forma que deve ser entendida, afinal se existe mais de uma explicação para a origem da história da própria cidade de Pirabas, por que não conceber a origem do rei Sabá como diversa entre a própria população. Isso é um pressuposto para entender essa história a partir do pensamento, dos sujeitos que a produziram. Para tentar adentrar nesse pensamento, devemos estar consciente de que ele é múltiplo, além disso, essa memória social é composta com grande carga de imaginação e não se pode desconsiderar esse elemento. Janaína Amado mostrou que a memória social pode ser composta ou recomposta de acordo com a versão de cada pessoa e nessa versão individual pode entrar essa imaginação com os elementos que realmente ocorreram e outros que não fizeram parte do que ocorreu, foram relidos, interpretados, inseridos proposital, consciente ou inconscientemente<sup>115</sup>. Assim essas memórias individuais produziram versões, variadas que chegaram até nós como documento.

Tendo em vista essa constatação, isso não significa que a história que vou contar aqui deva ter várias versões, é apenas uma versão, sustentada pela multiplicidade de idéias e pensamentos que são documentos. Se há contradição, considero normal, mas ela precisa ter uma versão baseada nas outras, nas contribuições que elas podem dar para elucidar esta história.

A origem da ocupação da ilha da Fortaleza, segundo a versão do rei petrificado, está num tempo mítico. Não sabemos qual a primeira vez que esse rei teria se manifestado na ilha, isso deve ter ocorrido em um tempo histórico que escapa a uma investigação mais detalhada, mas que a partir do momento em que surgiu ou se constituiu como explicação, serve como diria Jacques Le Goff, para “domesticar a história”. Ao afirmar que “a maior parte das religiões concebe uma idade mítica feliz, senão perfeita no início do universo”<sup>116</sup>, este autor nos remete diretamente para o exemplo da história dos índios que viveram na Fortaleza, pois como bem percebemos, enfatizado no relato de jornal, essa idade feliz está no tempo em que o rei Sabá era um chefe de uma sociedade indígena bastante próspera. Daí voltamos novamente

---

<sup>115</sup> AMADO. *Op. Cit.*, 1995.

<sup>116</sup> LE GOFF. *Op. Cit.*, 2003, p. 283.

para a idéia que o autor tem de idade mítica, pois segundo ele, quando se toma esse tempo para investigar uma trajetória que pode ser colocada no tempo cronológico, segue-se ao fim do tempo mítico, “um período de decadência”, período este vivido na ilha da Fortaleza com o desaparecimento da tribo causado por uma epidemia e a petrificação do rei Sabá.

Mas não é só esse tempo do passado muito distante, inclusive, da memória daqueles que viveram há muito tempo na ilha, que pode ser considerado pertencente ao mito. A própria memória dos moradores pode ser mitificada, principalmente pelo fato de que apresentam elementos em comum quando falam das manifestações do rei Sabá. A idade mítica, porém, encontra-se presente em outro aspecto. Voltando à análise de Le Goff, temos na maioria das concepções que ele analisou a volta do tempo mítico, tempo esse que consiste na mesma idéia de ciclos temporais presentes nas religiões milenaristas da volta de um tempo feliz. Veremos bem adiante que essa concepção de tempo feliz está presente entre os moradores e ex-moradores da ilha da Fortaleza, não que eles queiram voltar ao tempo dos índios que viveram na ilha, mas ao tempo em que achavam que eram felizes. Por isso, nesse momento, concordamos com Le Goff quando afirmou que as idades míticas não estão mortas e nos deparamos com elas a todo momento quando vemos manifestações de aspirações de felicidade<sup>117</sup>, que se constitui na verdade em uma constante busca dos seres humanos ao longo de sua história. Essas concepções míticas criadas em Pirabas seja ela sobre a quase esquecida tribo dos morcegos ou sobre a petrificação de um chefe indígena que virou rei, são os símbolos do tempo mítico presentes na cidade e na ilha, que apesar de que parece, não têm um destaque muito grande, são as origens para o entendimento dessa história a partir da elaboração pelos próprios moradores do local. Segundo eles, desse tempo mítico, formou-se toda essa religiosidade, e já que o conceito de mito está intimamente ligado aos relatos de religiosidade e sagrados, no caso da lenda ou do mito da ilha da Fortaleza, a petrificação do rei, teria originado todas as “encantarias” do rei Sabá.

As manifestações do rei Sabá na ilha da Fortaleza, com certeza assumiram características fantásticas, também ou principalmente por influência do espaço em que as pessoas que habitaram este local se encontravam. As pessoas que viveram e que por ventura ainda habitam o espaço da ilha da Fortaleza, produziram o que podemos chamar de uma cultura insular, não que ela esteja somente restrita à ilha, pois sabemos o constante contato e deslocamento dos moradores da ilha para São João de Pirabas e para outros lugares e ilhas distantes. Portanto, tudo o que os homens e mulheres produziram naquele local, apesar de ter

---

<sup>117</sup> *Idem.* 2003, p. 381.

uma particularidade que pode determinar o que chamamos de cultura insular, tem relação com algo externo. Essa característica da formação de uma cultura ter sua particularidade e estar ao mesmo tempo ligada a elementos externos, assim como a importância das ilhas nos estudos historiográficos, constitui eixos de entendimento sobre esses espaços e a história que se criou no lócus de pesquisa aqui privilegiado.

### **A história da ilha e as ilhas na história.**

O fato da ilha da Fortaleza ser um espaço isolado contribuiu bastante para as concepções religiosas que se formaram no local. Mas essa condição não se restringe somente à essa ilha em particular. Antonio Carlos Diegues nos lembra que “o imaginário humano está repleto de imagens referentes às ilhas, manifestando-se em forma de mitos, símbolos e imagens” e que “inúmeros mitos e lendas atestam a presença do mar e da ilha na constituição do mundo e da criação da cultura”<sup>118</sup>, a lenda do “encoberto” assumida pelo rei D. Sebastião que empresta sua identidade ao rei Sabá via religiões afro-amazônicas, é uma lenda que se remete ao espaço das ilhas. Segundo os autores que trabalharam com o tema do sebastianismo, o imaginário que se formou, é de que o encoberto vive retirado em uma ilha que não se encontra facilmente, ou seja, um local também encoberto<sup>119</sup>. Não sem coincidência a reapropriação do sebastianismo na Amazônia ou da figura do rei Sebastião, também está associada a espaços insulares. Nessa região esse rei possui três lugares de morada, são eles: A ilha do Lençol no Maranhão onde o sebastianismo é bem forte, pois se espera sua volta com o desencantamento do rei e do reino<sup>120</sup>. A ilha de Maiandeuá, em que o Sebastianismo ainda pode ser percebido, na lenda de desencantamento da princesa do lago de Algodual, quando a filha do rei Sebastião emergirá com seu pai e seu exército para a superfície, no momento em que for desencantada. Assim como no caso do desencantamento da ilha do Lençol, em Maiandeuá ocorrerá uma inversão do mundo, sendo que as cidades próximas ao local do desencantamento submergirão, enquanto ou ao mesmo tempo, a cidade encantada do rei Sebastião emergirá para a superfície para um governo de características milenaristas e messiânico, em que a partir daquele momento haverá um tempo de felicidade<sup>121</sup>. E por último, a ilha da Fortaleza em que o sebastianismo inexistente, mas que podemos encontrar a figura do

<sup>118</sup> Cf. DIEGUES. *Op. Cit.*, 1998.

<sup>119</sup> Sobre estes autores ver, HERMANN. *Op. Cit.* 1998; VALENSI. *Op. Cit.*, 1994; BERCÉ, Yves-Marie. *O rei oculto: salvadores e impostores, mitos políticos populares na Europa moderna*. Tradução: Maria Leonor loureiro, - Bauru, SP: EDUSC: São Paulo: imprensa oficial do Estado, 2003; & AZEVEDO, João Lúcio de. *A evolução do sebastianismo*. -Temas e documentos - Lisboa: Editorial Presença, 1984. p. 8.

<sup>120</sup> Sobre os estudos neste local ver, BRAGA DOS SANTOS, Pedro. *O Sebastianismo no Maranhão*. São Luis: IPES, 1983.

<sup>121</sup> Sobre esse sebastianismo perceptível ver, MAUÉS. *Op. Cit.*, 1995.

rei, encoberta<sup>122</sup>. Teria sido uma coincidência todas as moradas do rei Sebastião na Amazônia, serem ilhas? Ou essas moradas se destacaram exatamente por serem espaços insulares? Seja como for, pode-se observar aqui a importância que as ilhas adquirem em histórias como a que se desenvolveu próximo à São João de Pirabas. A história do rei Sabá está associada a esses locais de morada do rei Sebastião. Se para os moradores da ilha da Fortaleza que habitaram o local há muitos anos e para aqueles que ainda vivem no lugar, as aparições do rei Sabá, com seus contornos místicos, suas aparições fabulosas, se constituíram em um processo cercado de mistérios. Para aqueles que viram e vêem esses locais de fora, como por exemplo, o povo de santo que se dirige periodicamente para a Fortaleza e outras ilhas, além dos pesquisadores que investigaram sobre as experiências desses itinerários, para esses últimos o mistério aumenta consideravelmente. No caso desses sujeitos esse mistério faz com que essas ilhas se tornem locais privilegiados de, por exemplo, moradas de um rei encantado para os moradores e o povo de santo e, conseqüentemente, locais de investigação científica para os pesquisadores.

As três ilhas do rei Sebastião na Amazônia, são lugares chamados, encantados, conseqüentemente porque possuem atributos que todas as ilhas têm e que permitem essa condição. E quais são essas condições? Os encantos, locais de morada dos seres fantásticos, espíritos da natureza e humanos, só ganham essa condição se mantidos em segredo, no fundo de um rio ou no meio das matas, inacessíveis aos olhos humanos, ou pelo menos a uma coletividade, por isso estão isolados. Portanto os encantos são locais “encobertos” para lembrarmos a própria saga do rei Sebastião após a batalha de Alcácer Quibir. Essa condição de mistério, de estar sempre à margem, pois normalmente a margem é sempre o desconhecido, permite a aura de mistério e misticismo que as ilhas geralmente apresentam. Mas como dissemos também, as ilhas, mesmo com essa condição, por ser isolada das áreas continentais, possuem ligação com o mundo exterior, portanto a cultura insular não deve ser pensada como totalmente fechada:

“De um lado existem as imagens, símbolos e representações que a sociedade ou sociedades abrangentes fazem do mar e da ilha e que variam segundo as épocas históricas. De outro lado, as sociedades marítimas e insulares também representam simbolicamente o território em que vivem, usando segundo as épocas históricas, imagens e símbolos cujos significados podem ser diferentes dos usados pelas sociedades não insulares ou continentais (...) Mesmo no interior destas, os insulares nativos têm imagem de seu território distinta da criada pelos insulares que não nasceram na ilha, mas que para aí migraram numa fase determinada de suas vidas”<sup>123</sup>.

---

<sup>122</sup> MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Uma outra invenção da Amazônia: religiões, histórias, identidades*. - Belém: CEJUP, 1999. & SILVA. *Op. Cit.*, 2004.

<sup>123</sup> DIEGUES, *Op. Cit.*, 1998, p. 18.



A ilha da Fortaleza é um exemplo ideal e oportuno dessa afirmação, pois aquela cultura insular recebeu vários elementos externos, a começar pelos próprios moradores que vieram de fora, mas que ali produziram sua identidade local, é evidente que não viam a ilha como os moradores da cidade, mas possuíam entre eles semelhanças e diferenças a respeito da vida naquele espaço e sobre a própria crença no rei Sabá. Essas concepções opostas e às vezes nem tanto foram resultados da mistura dos elementos externos com os encontrados na ilha. Mesmo a própria figura de D. Sebastião, se pensarmos como o povo de santo que releu a história do príncipe desejado e a associou ao rei Sabá, a sua figura é externa à ilha, e ela se torna mais ainda do ponto de vista dos moradores antigos. Ainda assim todos esses elementos que parecem e são realmente de fora, contribuíram para a formação de uma identidade desse mundo insular, mas lembram uma identidade externa e é claro, interna, pois sendo a identidade aquilo que identifica, os símbolos que caracterizam a ilha da Fortaleza foram diversos e divergentes para quem está dentro e fora. Apesar dessa multiplicidade de símbolos que imbricam a identidade externa e interna, será necessário apresentar elementos que caracterizem pelo menos a identidade interna. Onde encontramos essa identidade interna? A resposta vem na própria crença no rei Sabá. Mesmo que as pessoas da cidade não desacreditem no rei encantado, foram principalmente os moradores da ilha quem contribuíram para a sua formação, são eles os personagens quem insistem na veracidade das manifestações do rei Sabá, afirmações bastante enfáticas presentes mesmo em nossas fontes. E daí essas histórias vão para fora em forma de narrativa lendária ou real de acordo com a concepção de cada um que esteja próximo ou distante da crença. E finalmente se constitui como uma cosmologia sobre a ilha.

Todos esses exemplos acima atestam a força da representação mitológica que possui um espaço insular, um local de lendas e mistérios. E foi exatamente esse caráter mítico e místico que a ilha da Fortaleza assumiu durante muito tempo, inclusive devido à dificuldade de acesso a ilha que, ainda hoje, não possui transporte regular, mesmo sendo um espaço de atuação da prefeitura Municipal com a inauguração do Monumental em homenagem ao rei Sabá. Por isso preserva parte dessa aura de mistério atualmente.

Para tentar desvendar parte desses mistérios sobre os mundos insulares Antonio Carlos Diegues nos apresenta em estudo das *Ilhas e Mares*, temas centrais para se analisar as sociedades insulares. Dividido em três partes ele percorre as diversas representações das ilhas ao longo da história humana, sendo que, nos detemos nos pontos que mais interessaram a este

estudo. No simbolismo insular anterior aos descobrimentos, época em que os europeus tiveram contatos com outras terras e conseqüentemente com diversas ilhas. O autor começa a falar das ilhas desde a antiguidade exemplificando a origem mitológica do Japão, na qual a origem do país, que é uma ilha, é explicada por um mito: da origem do mundo, um oceano de óleo ou um caos, nasceram duas divindades *Izanagi* (homem que convida) e *Izanami* (mulher que convida) os dois criaram a ilha atirando uma lança no oceano dando origem a ilha de *Onogoro* que é o próprio Japão e outras divindades e elementos da natureza presentes nas ilhas, como as ondas do mar, o fogo, vegetação, etc.<sup>124</sup>. A comparação à história da ilha da Fortaleza nesse caso se torna muito difícil, pois não possuímos documentos, ou melhor, textos literários que contenham um exemplo como esse. Aliás, vimos que a origem mítica diz respeito à ocupação do espaço da ilha e não da formação física desse espaço. Na falta disso só a história do rei petrificado é que teria dado origem a um único elemento natural existente na Fortaleza e não a todo o seu espaço físico. Não é como o caso da lenda da formação da ilha do Marajó aqui mesmo na Amazônia, ela nos chegou através do texto literário de Eneida de Moraes que nos disse, ela, a ilha do Marajó, “nasceu do amor de Paqueima a deusa das madrugadas sangrentas, com Surnizuno, nome que os indígenas davam ao rio Amazonas”<sup>125</sup>.

Nas duas formas de tratamento científico dado por Diegues aos espaços insulares para o aspecto que pode ser entendido como representação simbólica desses lugares, encontram-se em duas áreas das ciências humanas. Para a Psicologia essas representações pertencem ao inconsciente coletivo da humanidade, para a antropologia os símbolos dessa cultura, assim como a representação do real é, socialmente produzido e representado<sup>126</sup>.

Essas duas formas de ver as ilhas, na verdade podem ser cruzadas, e isso não significa fazer um esforço muito grande. Podemos perceber que essas duas formas de tratamento, aqui bastante simplificadas, são válidas para a história que se passou na ilha da Fortaleza, pois alguma parte desse imaginário pode estar realmente inconsciente. No caso da nossa pesquisa o inconsciente, ou melhor, o desconhecido fica por contar da própria origem do rei Sabá. Encontra-se no fato de os moradores não saberem dizer quando, começou a habitar o local. Mas as experiências que tiveram em contato com as aparições do rei formaram uma crença, e isso foi socialmente construído, pois faz parte do imaginário de uma coletividade.

Quando as pessoas produziram e divulgaram essas histórias, estavam construindo conscientemente um imaginário em torno da figura de um rei encantado, de uma divindade,

---

<sup>124</sup> DIEGUES, *Op. Cit.*, 1998.

<sup>125</sup> MORAES, Eneida de, *Aruanda e Banho de Cheiro*. Coleção Lendo o Pará. - Belém: Cejup, 1989, p. 214.

<sup>126</sup> DIEGUES, *Op. Cit.*, 1998.

dentro de um espaço insular. Digo conscientemente, pois na maioria dos relatos os informantes fazem questão de afirmar a veracidade de suas histórias. Essa construção só pôde se efetivar, em parte, devido a esse isolamento, por ser esse espaço, uma ilha, que mesmo naquele período inicial de povoamento dos imigrantes que se dirigiram para lá, era um espaço pouco habitado. A respeito do tempo nas ilhas Diegues exemplifica constantemente que o tempo percebido nesses espaços encontra-se fora da história, ou melhor, não se encontra o tempo, pois não é possível percebê-lo nas sociedades insulares: “Na Ilha paradisíaca, no dizer de Giucci, não existe mudança no tempo, e a própria temporalidade e a morte são anuladas”<sup>127</sup>, o que ocorre não só na ilha da Fortaleza, mas em grande parte do território amazônico em que o tempo é sentido de formas múltiplas<sup>128</sup>. Porém um dos aspectos que o autor levantou e que evidentemente é bastante presente na ilha da Fortaleza é o caráter ambíguo desses espaços insulares, pois ao mesmo tempo em que podem representar o bem, um local seguro, de refúgio para os “eleitos” ou “bem aventurados”, pode ganhar visões opostas, adquirindo o status de inferno e paraíso ao mesmo tempo<sup>129</sup>. Essa característica na história da ilha da Fortaleza encontra-se principalmente nas manifestações do rei Sabá, que se apresentou castigando e curando, salvando vidas ou simplesmente aparecendo, encantado pessoas ou fazendo outra “malineza” qualquer, constituindo diversas representações sobre essa crença. Essas variantes, como os símbolos, de poder, justiça, força, maldade ou malineza, coragem e medo conferidos a essa crença, devido aos castigos, curas, e outras manifestações do rei Sabá na ilha da Fortaleza constituem parte da identidade da ilha, essas visões que vão de um oposto a outro e as torna um espaço ambíguo. Veremos mais adiante, como esses fenômenos de encantaria atribuíram à imagem do rei esse caráter que parece contraditório.

Por hora vejamos a importância que as ilhas tiveram na formação de idéias, pensamentos e conceitos na história. Sabemos que os mundos insulares são locais privilegiados por muitos estudos, os imaginários ou as cosmologias criados sobre eles são bem antigos. Mas mesmo assim, não vamos muito longe nesse passado, o objetivo aqui é apenas apresentar alguns exemplos da importância das sociedades insulares pra se entender a história entre essas sociedades e o mundo exterior a elas, pois como sabemos sua cultura é formada por elementos que chegam de fora.

Como esse o tema dessa pesquisa se aproxima bastante da antropologia, vamos a um exemplo de um dos pais fundadores dessa ciência. Ao publicar *Os argonautas do Pacífico*

---

<sup>127</sup> *Idem.* p. 160.

<sup>128</sup> VERGOLINO, *Op. Cit.*, 1994. & VERGOLINO, *Op. Cit.*, 2001.

<sup>129</sup> *Idem.*

*Ocidental*, Bronislaw Malinowski, não inauguraria somente um novo conceito e prática de pesquisa<sup>130</sup>, o motivo de ir pesquisar seu objeto de pesquisa mais de perto é que esse objeto não só se encontrava distante, mas isolado, eram ilhas, sua condição de desconhecido, pelo menos para a cultura deste pesquisador, a partir daí antropólogos realizariam trabalhos de campo em contato com seu objeto de pesquisa e que, em muitas das oportunidades eram privilegiados espaços insulares. A importância desse novo método é que ele trouxe não só para a antropologia, mas para as ciências humanas em geral, a oportunidade de desvendar histórias que pareciam ser completamente isoladas, inclusive no caso das ilhas.

Pareciam ser isoladas, mas não eram. Da antropologia à história, vamos do método pioneiro de Malinowski dar um salto na história, Marshall Sahlins em seu *Ilhas de História*, mostra vários exemplos de estudos em sociedades insulares como no Havaí, nas ilhas Fiji e na Nova Zelândia<sup>131</sup>. Ele nos faz enxergar as culturas produzidas nesses espaços como completamente dinâmicas, nos mostra que a estrutura sobre a qual estão assentadas essas culturas são objetos históricos exatamente por serem dinâmicas. Apesar de não perderem totalmente sua essência estrutural, essas culturas são objetos históricos porque ela própria é resultado da ação humana e sofre influência dinâmica dessa ação. Mas essa nova visão dada pelo autor não é o que mais interessa aqui, mesmo que ele tenha aproximado ainda mais história e antropologia. O que ele ratifica ao longo do texto é que as culturas produzidas nessas ilhas, resultante de serem dinâmicas, são diversas, pois a ação humana é ela própria, para não dizermos contraditória, também diversa, e que essas histórias podem ser diferentes, ou seja, a mesma forma como disse anteriormente que devemos olhar para a história produzida na ilha da Fortaleza, tendo somada a ela mitos, crenças como um chefe indígena, o rei D. Sebastião, religiões afro-amazônicas e a pajelança cabocla em temporalidades múltiplas.

Dissemos anteriormente que apesar dessa multiplicidade, temos uma versão dessa história a contar. Então podemos considerar que todos esses elementos diversos vêm convergir no que chamamos de crença nos encantados da Amazônia e não é sem coincidência que essa crença também conjugou as culturas afro, indígena e européia. Mas qual a relação dessa convergência com a questão abordada aqui sobre as ilhas e sua importância para a história. Se as ilhas são consideradas locais de mistério exatamente por serem afastadas, a crença nos encantados a afasta mais ainda. Se podemos visualizar as ilhas da Amazônia em mapas ou indo até elas para tentar desvendar ou sentir seus mistérios, o mesmo não podemos

---

<sup>130</sup> MALINOWSKI, *Op. Cit.*, 1976.

<sup>131</sup> SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

fazer com os lugares de moradas dos encantados descrito pela própria crença. São lugares que podem estar nas próprias ilhas, mas difíceis de serem achados, ou percebidos. Assemelham-se aos lugares selecionados por Alberto Manguel e Gianni Guadalupi, para falarem de lugares imaginários<sup>132</sup>, mas que são sobrepostos na geografia do mapa mundi, pelas obras literárias que os descrevem como pertencente ao globo terrestre, muitos desses lugares imaginários são ilhas. Da mesma forma os encantos da Amazônia constituem esses lugares imaginários, e as ilhas aparecem novamente como local privilegiado, inclusive na literatura regional.

Maiandeuá é um exemplo desse lugar imaginário em nossa região. Nome dado ao arquipélago localizado entre os municípios de Maracanã e Marudá no Nordeste paraense, também designa a cidade encantada do rei Sebastião. Aldrin Figueiredo nos revelou como a ilha de Maiandeuá foi exemplo de um lugar imaginário na nossa literatura<sup>133</sup>. Numa prova de que as obras literárias podem ser tratadas como documento histórico, ou seja, aproximando história e literatura, o autor mostrou como a lenda da princesa da ilha de Maiandeuá, ganhou três versões literárias ao longo de um século, fazendo criar-se um imaginário místico e mítico sobre essa ilha e a importância dela não só para a literatura, mas para a compreensão histórica sobre esse local em particular. Podemos observar que as três versões sobre a princesa da ilha de Maiandeuá, não exemplos de como a cultura pode se modificar diversamente. A princesa encantada sempre estará lá, que para as religiões afro-amazônicas é Jarina a filha do rei Sebastião. Mas o entendimento sobre a ilha a partir de sua figura modificou-se, não somente ao sabor do tratamento literário que os autores quiseram dar, mas de acordo com a visão da ilha de cada tempo em que a lenda da princesa transformava-se em conto literário. Uma história múltipla, vista a partir da crença de um encantado.

Levando-se em consideração essa visão sobre os espaços insulares, e que a ilha da Fortaleza está localizada na Amazônia, onde a figura do encantado é um dos principais elementos da identidade nativa desta região<sup>134</sup>, somando-se aos encantamentos ou encantarias do rei Sabá, não é difícil concluir porque se confere àquele espaço, uma representação mítica da natureza. Mas que representação mítica é essa? Qual a importância dessa representação?

---

<sup>132</sup> Consta neste estudo vários verbetes que os autores elaboraram e que se referem a lugares presentes e descritos em obras literárias, eles se preocuparam em selecionar lugares que mesmo estando só na imaginação tem sua localização no globo, a partir de referências geográficas, não entraram lugares que estão fora da terra, ou que estão nela mas encontram-se no futuro, ou os lugares descritos em obras literárias que podem ser realmente encontrados. Só entraram para este dicionário aqueles lugares que a imaginação humana criou para tentar entender o desconhecido. Ver, MANGUEL, Alberto. *Dicionário de lugares imaginários*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>133</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. “Letras Insulares”. In: CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo (org.). *A história contada: capítulos da história social da literatura no Brasil*. 1ª Ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, pp. 301-331.

<sup>134</sup> Ver, MAUÉS, R. Heraldo. *Op. Cit.*, 1999. pp.91-92.

Por hora responderemos apenas a segunda pergunta: representar significou sempre atribuir um valor, um entendimento, e uma explicação à alguma coisa, seja à um elemento material ou à uma idéia, portanto a representação simbólica está em dizer por que determinados elementos materiais ou não, são importantes para a vida do homem, e nos permite pelo menos, perceber como ele pensou, para no fim do trabalho de investigação do passado tentarmos entender seu pensamento e conseqüentemente aquela época, em outras palavras:

“Os homens agem não somente sobre a natureza visível, mas sobre as potências invisíveis que controlam a reprodução da natureza e podem dar ou recusar uma boa colheita, uma boa pesca. Nesse sentido, a parte simbólica do processo de trabalho constitui uma realidade social tão real quanto as ações materiais sobre a natureza”<sup>135</sup>

Nas palavras de Diegues para responder mais uma vez a questão, “essas representações existem não apenas no pensamento, mas também são expressas numa linguagem que representa uma das condições indispensáveis ao aprendizado das técnicas e da sua transmissão”<sup>136</sup>. Quer dizer, se as representações são significados e o homem só compreende o que é significativo para ele, conseqüentemente as representações simbólicas, assim como a construção de mitos que por vezes se assemelham, são respostas aos seus anseios e desejos psicológicos, e como podemos observar, são essenciais para sua sobrevivência. Como nos mostra Peter Burke, “todas as pessoas em dada sociedade acreditavam nos mitos desta”<sup>137</sup>.

A identidade desse mundo insular é na verdade a representação de sua cultura, e o que seria uma cultura insular? tudo aquilo realizado, produzido e moldado pelos seres humanos nesse espaço. Dessa forma essa definição de cultura, que não é somente isso, mas pode ser entendida assim, se assemelha à concepção de história, aquilo que é da mesma forma produzida somente pelo ser humano. Portanto, ao falarmos de uma identidade existente na ilha estamos nos referindo àquelas representações simbólicas, produzida ali, e que segundo a nossa conclusão permitiu a formação dessa cultura insular. Ao olharmos para essas representações e identificarmos a ilha da Fortaleza ou qualquer outra ilha, estamos realizando uma prática que só foi permitida pela representação que se fez do local. Já que falamos que

---

<sup>135</sup> DIEGUES, *Op. Cit.*, 1998, p. 30.

<sup>136</sup> *Idem.*

<sup>137</sup> Este autor mostra que a imagem de Luís XIV não foi somente vendida, ou que sua construção, apesar de percebida, pelos súditos, era não uma forma de controlar, mas uma forma de representar o poder que o rei possuía para controlar seus súditos, por isso pelo poder que existia, de alguma forma acreditavam no mito. Ver, BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV.* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p. 23.

foi produzida uma cultura no espaço da ilha da Fortaleza e que, conseqüentemente, foi gestada uma história, vejamos como essa história se construiu nesse espaço insular e como ela se desenrolou para além dele.

Coloquei acima alguns exemplos que são comentários prévios sobre a história da ilha da Fortaleza, que veio como um complemento da história da origem de São João de Pirabas, espaços ligados desde épocas de suas origens de ocupação. Veremos esses exemplos melhor na parte que se segue ao trabalho, ou seja, a resposta da primeira pergunta feita acima - de qual seria a representação mítica criada na Fortaleza insular -, vem, quando começar a contar essa história do ponto ou do período de tempo que escolhi.

## SEGUNDA PARTE

**A ILHA, O REINO DOS ENCANTADOS:  
HISTÓRIAS, NATUREZA, D. SEBASTIÃO E A CONSTRUÇÃO DA CRENÇA NO REI  
SABÁ.**

*São ilhas afortunadas,  
São terras sem ter lugar,  
Onde o rei mora esperando.  
Mas se vamos despertando,  
Cala a voz, e há só o mar.*

Fernando Pessoa \*

*Os encantado aparece na figura de bicho (...). É gente, mas é do fundo, é uma pessoa imitando um bicho (...). Mora nos rios, nos igarapé.”*

Pescador de Itapuá.\*

**Um documento inaugural entre o popular e o erudito.**

O ponto em que vamos iniciar aqui é na verdade o que escolhi para começar a falar na trajetória da crença no rei Sabá e, em extensão, da cultura e religiosidade amazônica. Disse anteriormente que a ocupação dos imigrantes que chegaram em Pirabas para povoar a região, ocorreu muito tempo depois em que prováveis sociedades indígenas habitaram o local, num tempo que parece ser mítico. Apesar disso, partir do momento em que o povoado se formou naquele local e ganhou o *status* de Vila, sua história não perdeu completamente seus contornos místicos e míticos. Exemplificamos isso com uma referência ao círio de Nazaré. Mas vamos ao objeto específico deste estudo no local e que mostra uma força muito grande no que diz respeito a caracterização de um mito.

A pedra do rei Sabá, um monumento natural, é local de culto há bastante tempo, constatei que os próprios moradores da praia, por volta da década de 1940, já ritualizavam com batuque e danças, mas esses rituais provavelmente eram bem mais antigos:

---

\* Quinteto do quarto poema, terceira parte em, PESSOA, Fernando. *Mensagem*. - São Paulo: Martin Claret, 2003; p.54.

\* Retirado de MAUÉS, *Op. Cit.*, 1995; p. 189.



“Foi quando eu cheguei lá que tinha mesmo já a pedra (...) Quem contava essas histórias era meu pai, meu pai. Meu pai foi empregado do primeiro dono desta ilha. Meu pai era rapazinho quando o padraсто dele se empregou-se lá. Disse (...) O meu pai disse que tinha essa pedra e botaram o nome de rei Sabá ... Tinha um ritual que eles batiam tambor e dançavam lá. E vinha de Belém, vinha muita gente, soltava aquele bando. Ainda hoje, ainda existe. Aquele bando de pombo, ia embora(...) Só dançavam, parece que conversava bem lá com ele, sabe lá. Agora eu não lembro, só devi ser né?!”<sup>138</sup>.

Como podemos perceber do relato acima transcrito, são apenas referências a esses rituais, referências essas reelaboradas a partir da memória das narrativas do pai da informante. Porém a documentação, mais segura, ou a que considerarei mais adequada, que disponho a respeito desses cultos litolátricos, datam aproximadamente do mesmo período do início do círio de Nossa Senhora de Nazaré em Pirabas, iniciado em 1942. Isso mostra que esse aspecto mítico que se estendeu ao tempo lendário dos índios, não se restringiu ao culto mariano no local, que teve na sua gênese um mito de origem, semelhante ao ocorrido na capital paraense, mito esse chamado de um milagre em Pirabas e em Belém.

Na ilha da Fortaleza ocorriam manifestações e encantamentos do rei Sabá que deram origem a diversos relatos, comprovando que naquele momento em que a história de Pirabas corria em sua trajetória, ligada a ela, na ilha da Fortaleza, se construía uma história em que os contornos míticos estavam muito mais em evidência.

Era o ano de 1936, ilha da Fortaleza, próximo a então vila de São João de Pirabas o Senhor Florentino voltava da pescaria para o local chamado fazenda, onde residia com a família, e que fica no outro extremo da ilha onde se encontrava naquele momento, ao passar em frente à pedra do rei Sabá, no local chamado Castelo, ele disse:

Hei tio Sabá! Quando tiver uma festa na sua casa, pro senhor me convidar, que eu quero ir lá na festa. Aí passou, passou, passou três dias, quando foi no último, apareceu montado num cavalo, parou com o cavalo na porta:- hei seu Florentino, seu Florentino, disse, - eu vim aqui, que o Napoleão (rei Sabá) mandou lhe buscar, pro senhor ir na festa. Ele disse, -Eu!?, -Sim, o senhor disse pra ele que quando tivesse uma festa na casa dele, que era pra ele vir lhe buscar, que era pro senhor ir na festa, e agora ele mandou lhe buscar. Ele (Florentino) disse, -Ah não, mas eu não vou, falei isso mas foi brincando. Ele disse, -Não, mas ele mandou lhe buscar e o senhor vai comigo. -Não o senhor me desculpe eu não vou. Ele se despediu, foi embora. Com um bocado, lá vem de novo o cavalo, montado no cavalo, parou o cavalo na porta e chamou, Disse: -Seu Florentino, o senhor disse que quando tivesse uma festa na minha casa, era pra eu vim lhe buscar, que era pro senhor ir na festa. Agora eu vim lhe buscar e o senhor vai, porque com o homem ninguém brinca, o senhor disse em brincadeira, mas eu, eu não brinco, e o senhor vai. -Não, o senhor me desculpe porque eu não to preparado(...) -Não, não tem nada, o

<sup>138</sup> Dalila Farias de Lima, 76 anos. Entrevista realizada em janeiro de 2005. (Transcrição de gravação).

senhor vai comigo. Aí pediu tanta desculpa e ele foi-se embora. Passou uns dias, aí deu uma febre nele e dessa febre ele morreu.<sup>139</sup>

Malineza, um conceito da cultura amazônica presente no vocabulário dos homens dessa região, um brasileirismo do Pará como nos lembra Raymundo Heraldo Maués. Pode ter muitas causas, se dar de várias formas e assumir diversos significados<sup>140</sup>, ou seja, em decorrência dessa condição se torna um termo abrangente. Maués nos mostra ainda que apesar da amplitude desse conceito, ele geralmente “se aplica, com mais propriedade, a ações intencionais de natureza mágica ou sobrenatural, provocadas por agentes humanos ou não humanos (ou não propriamente humanos) sobre outros homens, plantas, animais, (...)”<sup>141</sup>. O resultado de um desafio feito ao rei Sabá, narrado no relato acima, pode muito bem ser entendido como uma Malineza. Podemos dizer que o castigo recebido pelo senhor florentino foi resultado de um mal intencional feito pela ação de um encantado, principalmente se levarmos em consideração que a morte do desafiante se deu depois de uma febre forte, que segundo Luís Câmara Cascudo se refere a uma “malina”<sup>142</sup>. Mas aqui essa ação maléfica se justifica, segundo as versões dos relatos dos moradores, como uma forma de reafirmação do poder do monarca encantado. O que a primeira vista pode ser visto como uma malineza é entendido segundo alguns relatos, como castigo, punição pelo desrespeito a uma divindade, pela descrença do desafiante. Como veremos essa, incredulidade, resultou em diversos outros castigos.

Essa não era a primeira vez que alguém recebia um castigo do rei Sabá, e nem seria a última, haveria outros casos de pessoas que incrédulas a respeito da existência de um rei encantado naquele espaço insular, o teriam provocado e recebido castigos de várias formas, como nos mostram o relatos das pessoas que viveram na ilha da Fortaleza e/ou os dos moradores mais antigos de São João de Pirabas. Relatos esses que revelam manifestações do rei com sentidos opostos em que o encantado também curou doenças, ou simplesmente aparecia para salvar embarcações à deriva no mar de Pirabas. Porém, o que interessa neste primeiro momento para nós é colocar este relato como um documento inaugural que inicia esta história, pois se constitui na fonte oral que revela a mais antiga história de manifestação do rei Sabá.

<sup>139</sup> José Santana dos Santos, Agricultor aposentado, 86 anos. Entrevista realizada 24 de junho de 2002. (Transcrição de gravação).

<sup>140</sup> Sobre este conceito ver MAUÉS, Raymundo Heraldo. “Malineza”: um conceito da cultura amazônica. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Uma Outra Invenção da Amazônia: religiões, histórias, identidades*. – Belém: CEJUP, 1999; pp. 237-249.

<sup>141</sup> *Idem*.p. 238.

<sup>142</sup> CÂMARA CASCU DO, (Apud, MAUÉS. *Op. Cit.*, 1999) ver também, CÂMARA CASCU DO, *Op. Cit.*, 1998.

A utilização deste relato como documento inicial não se justifica somente por que é o mais antigo que possuímos. Mas porque é o primeiro relato que havia ganhado uma projeção mais ampla entre os vários castigos cometidos pelo rei encantado, e também, porque há outras versões dele entre os próprios informantes de São João de Pirabas. Em uma delas, um dos personagens ganha outro nome, mas a versão, apesar de apresentar um aspecto de malineza maior, incluindo até castigos físicos ao desafiante do rei sabá, conserva muito dos elementos do relato acima como a morte do incrédulo desafiante que, aliás, é um resultado recorrente em várias histórias de malineza causada pela ação dos encantados não só em Pirabas, como no resto da região<sup>143</sup>.

Vejamos agora, uma outra versão desse relato encontrado em Pirabas por uma outra informante:

Olha o genro do velho Marcolino, passou lá, era pescador, passou lá com as prosas, disse assim, -Hei, rei Sabá, tu, no dia do aniversário da tua filha, vem me buscar que eu venho aí. Daí, quando foi um dia, diz que, ele dormindo a mulher dele viu, veio dois cavalos, vinham quicando parará, parará, parará lá praia, aí veio riscar bem na porta da casa dele, aí saltaram dois homens, pularam do cavalo e foram lá, chamaram, -Hei Caco, hei Caco vumbora, ta na hora, é hoje, é o aniversário da filha do rei Sabá, nós viemo te buscar. Daí ele gritava, gritava, gritava eles metiam-lhe a porrada nele, jogaram da rede. Olha, tu não acredita que disso esse homem, não morreu?! Ficou seco, seco pois se acabou-se (...) -Olha, hoje é o dia do aniversário da mulher, nós viemo te buscar. E ele não acompanhou e apanhou, apanhou e disso ele morreu, de não ter ido no aniversário da filha do Sabá.”<sup>144</sup>

Nesta versão podemos ver como a tradição oral releu a mais conhecida manifestação do rei Sabá. O senhor Florentino ganha outro nome, na verdade um apelido, pois ao perguntar sobre o verdadeiro nome dele a informante disse desconhecer e somente saber identifica-lo pelo apelido de Caco. Nesse desafio é acrescentado mais um detalhe, ele diz querer ir ao aniversário da filha do rei Sabá, que era a festa mencionada no primeiro relato. O desafiante não morreu só em decorrência de uma febre, mas do fato de ter apanhado dos mensageiros do rei Sabá, ter ficado seco, aliás, a morte nessa condição pode ser considerada uma malineza, considerada mais próxima do que chamam comumente de feitiçaria. Na verdade essa versão, como disse acima, acentua essa malineza devido à visão individual da informante sobre o rei sabá. Em outro relato ela nos fala de uma tentativa de encantamento de um parente seu pelo

---

<sup>143</sup> Podemos encontrar exemplos dessa malineza, provocada pelos encantados, nas narrativas colhidas e adaptadas por Walcyr Monteiro em seus contos, nelas há vários casos como o do navio encantado em que os personagens ou morriam ou enlouqueciam, ver, MONTEIRO, “O navio encantado da praia da Mangabeira”. In \_\_\_\_\_. Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia. Nº 13 fevereiro de 2004. pp. 18-21.

<sup>144</sup> Dalila Farias de Lima, 75 anos. Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2004. (Transcrição de gravação).

rei e afirmou “Agora vê se não foi uma arte maligna lá mesmo da pedra?!”<sup>145</sup>. Ou seja, essa visão não só sobre esse acontecimento, mas sobre o próprio rei Sabá, tem uma explicação na visão individual da informante. Compreendemos melhor essa visão quando constatamos que ela é evangélica. Sabemos da postura dessas religiões cristãs em relação às religiões populares, e que atribuem a essas últimas uma manifestação demoníaca.

Quando falei que esse acontecimento da morte do Senhor Florentino ou Caco, adquiriu uma projeção maior, não foi pelo fato de ter assumido várias versões entre os moradores de São João de Pirabas. Esse acontecimento não ficou somente nas chamadas versões populares, virou um conto folclorizado por Walcyr Monteiro, sobre as *visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia*, intitulado “O convite do rei Sebastião”<sup>146</sup>. Aqui este documento sai do meio popular e ganha uma versão no campo das letras relido como um exemplo do sebastianismo amazônico. Porém, saber como a figura do rei D. Sebastião entra nessa história é tarefa para ser discutida mais adiante. Por hora é interessante observar essa versão como um exemplo da chamada circularidade cultural entre o popular e o erudito, ou melhor, do popular para o erudito.

Colhido em 1997 no relato do Senhor Francisco Rodrigues da Silva de 76 anos, quando da visita de Walcyr Monteiro a São João de Pirabas, esta versão tirada de um informante que mora no lugar, não é um exemplo de narrativa que atenda ao método de uma história oral, pois não reproduz fielmente a fala do informante. Porém, podemos encontrar nessa narrativa construída por Walcyr Monteiro, muitos elementos da fala dos moradores, das suas práticas no culto à pedra do rei Sabá e dos elementos de encantamentos que ocorrem nos outros relatos.

Depois de fazer considerações sobre o “sebastianismo” amazônico, o autor inicia o conto em si, fala da existência do “rei Sebastião em Pirabas”, que, aliás, é referido pelos personagens pirabenses da mesma forma, quando o mais comum ou mais provável seria eles em vez de chamar o encantado de rei Sebastião, chamá-lo de rei Sabá. Em seguida é descrita a pedra do rei, seu aspecto antropomorfo e as oferendas deixadas no local pelos crentes. Percebe-se na narrativa que os informantes devem ter enfatizado algumas práticas dos pescadores e dos visitantes do local, devido ao conhecimento das malinezas ou castigos do rei

---

<sup>145</sup> *Ibidem*.

<sup>146</sup> Cf. MONTEIRO, Walcyr. “O Convite do Rei Sebastião”. In: *Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia*, Nº 13, Ano VI, - Belém: Publicações do autor, fevereiro de 2004.

Sabá, pois o autor acrescentou, “quando a gente vai pescar, deve pedir licença pra ele. Se assim se fizer, ele ajuda na pesca. Se não, não pega nada, não!”<sup>147</sup>.

Segundo o informante o fato deve ter acontecido em 1958, diferente da data de 1936 do relato do Senhor José Santana, ou de D. Dalila Farias de Lima que não tem data, mas deve ter ocorrido por volta de uma delas, ou entre essas duas anteriores. A narrativa de Walcyr Monteiro apresenta dois personagens além do rei Sabá, os dois representam os lados opostos em que é vista a figura do rei Sabá; os crentes e aqueles que ignoravam ou não acreditavam no rei encantado. Um dos personagens sugeriu pedir licença ao “rei Sebastião” ao passar pela pedra, o outro disse não acreditar e fez o desafio: “-Ê rei! Quando o senhor for fazer sua festa aí, me convide, que eu queria muito apreciar sua festa!”<sup>148</sup>, daí em diante deu-se o ocorrido nos outro relatos, o rei sabá mandou um mensageiro no cavalo, levando outro, ir buscar o desafiante e diante da recusa o castigo da febre seguido de morte.

Ainda na narrativa de Walcyr Monteiro encontramos um dos personagens, ao aconselhar o outro sobre os castigos do rei Sabá dizer: “-Rapaz, olha o que tu estás falando... Não sabes que se ouve galo cantar, bater o sino e até barulho de festa, que vêm do seu mundo encantado?”<sup>149</sup>. Esses fenômenos são descritos também pelos outros relatos, evidenciando os aspectos mágicos decorrentes nessas histórias. Além disso, apesar de a narrativa ser construída pela interpretação que o autor quis dar a essa história, ele deixou transparecer a fala dos sujeitos, sua linguagem, evidenciando não somente esse aspecto, mas principalmente a influência do popular para o erudito, para o campo das letras.

Apesar de ter vindo a um público maior mais de 50 anos depois do fato ocorrido na ilha da Fortaleza, a história do senhor Florentino como um homem incrédulo, na versão comentada acima pode ser, por isso mesmo, considerada como um documento inaugural, vejamos por que. Disse na parte introdutória dessas páginas, que seria quase impossível falar de um mito fundador para as manifestações do rei Sabá, sendo que sua própria origem situa-se num tempo mítico, seja ela em uma tribo indígena ou na figura do rei D. Sebastião, como pregam as duas versões populares. Porém, se esse documento relido e reelaborado em mais de uma versão encontrou até bem pouco tempo atrás uma forma de registro auditivo e escrito, no caso das pesquisas de história oral realizados não só por mim, mas por outros pesquisadores como comprova a versão folclorizada de Walcyr Monteiro. Então nada melhor do que iniciar essa história a partir desse documento múltiplo e com isso torna-lo o mito fundador. Não que

---

<sup>147</sup> *Idem.* p. 9.

<sup>148</sup> *Idem.*

<sup>149</sup> *Idem.*

ele seja o primeiro, mas exatamente por causa da sua condição de “causo” mais famoso, de ser referência às manifestações do rei Sabá e sua repetição variada. Dessa forma ele adquire a condição de mito fundador como nos aponta a análise de Marilena Chauí. Essa autora elege a repetição do imaginário como essencial para caracterizar o mito fundador, aquele a que se refere quando se quer reportar o início de uma história. A sua evocação que não cessa nunca o conserva constantemente presente: “Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição do mesmo”<sup>150</sup>.

Essa definição se aplica perfeitamente a história do Senhor Florentino, relida entre o oral e o escrito, entre o popular e o erudito, ela foi repetida, representada de várias formas. Como nos mostrou Eric Hobsbawm, a tradição, principalmente a inventada, se afirma em cima da repetição, nesse caso de uma repetição do ritual<sup>151</sup>. No caso a repetição dessa memória em várias versões lhe dá a condição de um mito fundador. Escolhendo a história do senhor Florentino, Caco, enfim, do incrédulo no rei Sabá, como a origem das manifestações, estou elegendo um mito fundador. Mas essa escolha longe de querer parecer um ato pretensioso ou para facilitar esse trabalho, e não deixa de sê-lo, pois facilita o entendimento, é ela própria baseada nas fontes, pois são os documentos que disponho que me permitem fazê-la, inventando uma tradição, para lembrarmos novamente Eric Hobsbawm<sup>152</sup>. Mas veremos outra tradição ser fundada, inventada no decorrer dessa história quando essa religiosidade no rei sabá passar da crença não instituída para uma tradição inventada com a repetição que se realizará todo dia 20 de janeiro.

Por enquanto, fiquemos com a figura dos encantados e suas manifestações na Fortaleza insular. São eles quem ligam a formação da crença no rei Sabá, uma história que parece estar restrita a comunidade local de São João de Pirabas, com um contexto mais amplo. A crença nesses seres espirituais revela também como as concepções dos povos do interior podem ser reapropriadas e resignificadas para outros contextos, não perdendo é claro sua essência. Encontramos as características ou os elementos dessa formação (religiosidade popular) em toda a Amazônia, mas esses elementos também não estão restritos somente a essa região. Eles, os encantados, reaparecem em vários casos semelhantes em diversos exemplos da cultura popular pelo Brasil.

---

<sup>150</sup> CHAUI, Marilena. *Brasil, mito fundador e sociedade autoritária*. – São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo. 2000, p. 9.

<sup>151</sup> HOBBSAWM, *Op. Cit.*, 1997.

<sup>152</sup> *Idem*.

### **Encantados da Amazônia, os espíritos da natureza.**

Encantados, esta palavra está presente no vocabulário popular no vasto território amazônico, principalmente nas áreas denominadas por Raimundo Heraldo Maués como tradicionais. Parece designar um conceito que é bastante amplo e que se refere a religiosidade popular nesse território. Seria demasiada pretensão tentar defini-la aqui como um conceito pronto para ser empregado em discussões posteriores. Seu emprego para divindades de religiões como a pajelança, a umbanda, a mina e as outras de tronco afro, além daquelas resultantes da mistura dessas e do cristianismo, denotam a amplitude desse termo, suas várias utilizações e significados. De qualquer forma é necessário tentar ver como aparece na cultura popular dessa região, pois dessa forma compreenderíamos parte do pensamento formado a respeito do que chamamos de cultura popular na Amazônia.

Raimundo Heraldo Maués considera que para um conhecimento mais aprofundado a respeito da figura dos encantados, deve-se entrar em contato com seus rituais em que eles se manifestam, ou como ele próprio disse, “a melhor maneira de se familiarizar com as concepções a respeito dos encantados será freqüentar uma sessão de pajelança”<sup>153</sup>, nesse caso, ou seja, no caso dessa religião, os encantados, são entidades conhecidos como Caruanas, mas recebem outra denominação feita por Maués a partir das fontes orais do seu local de pesquisa, são conhecidos também como oiaras, ou seria Yara, uma personagem do folclore brasileiro que segundo a crença vive nos mesmos locais de morada dos encantados do fundo. Caruanas ou Oiaras, essas entidades se incorporam nos pajés em uma espécie de ritual xamanístico,<sup>154</sup> para curar doenças e fazer benzeções.

A afirmação de que só em contato com um ritual da pajelança cabocla é que se compreenderá melhor sobre os encantados, parte da idéia de que o conhecimento sobre esses seres espirituais só será mais profundo com a aproximação entre pesquisador e objeto de pesquisa, ou seja, repetindo o que ele mesmo teria dito em outro trabalho publicado posteriormente, “os encantados são a crença fundamental da pajelança cabocla”<sup>155</sup> o autor nos

---

<sup>153</sup> MAUÉS, *Op. Cit.*, 1995 p. 185.

<sup>154</sup> Segundo o autor esse ritual xamanístico pelo qual passa o pajé da chamada pajelança cabocla, difere do culto aos xamãs em que o espírito do corpo do chama abandona temporariamente a matéria e vai para o mundo dos espíritos. No caso da pajelança cabocla ocorre o que se denomina de incorporações, em que o pajé recebe uma entidade espiritual, que não pode ser confundida com os espíritos na concepção dos cristãos, esses espíritos são ao mesmo tempo de um outro plano que não é o humano e da natureza. Sobre isso Cf. MAUÉS, Raimundo Heraldo & VILLACORTA, Gisela Macambira. *Pajelança e encantaria amazônica*. In: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. & MAUÉS, *Op. Cit.*, 1995, p.196.

<sup>155</sup> Cf. MAUÉS & VILLACORTA, *Op. Cit.*, 2002, p. 21.

narra algumas uma sessão de que participou e nos dá informação a partir da experiência de participação de várias outras.

Sobre a figura dos encantados, temos a idéia de que são seres espirituais que não se confundem com os espíritos dos mortos, até porque a crença é outra, não obedece a idéia do plano espiritual cristão, e sim dessas religiões populares. Essa diferenciação entre os espíritos dos mortos comuns da crença cristã e o dos orixás que por vezes são identificados como encantados<sup>156</sup>, é colocada por Anaíza Vergolino quando fala, por exemplo, do processo de como um mortal se tornou um orixá, esta autora nos diz que:

Mesmo os orixás que foram seres humanos nas origens, teriam exibido uma morte em condições tão incomuns, liberando uma carga de sentimento tão grande, que teriam chegado ao ponto de provocar um derrame na essência de cada ser. A partir desses eventos incomuns, essas essências liberadas é que teriam identificado cada orixá com um dos elementos da natureza.<sup>157</sup>

A descrição acima nos dá uma explicação ideal das concepções que se formaram sobre esses seres espirituais. Sabemos que segundo essas cosmologia os encantados estão num plano espiritual, e ao mesmo tempo na natureza, portanto seus poderes vêm dela, mais diretamente de cada elemento desse meio natural. Sendo seres que foram humanos ou não eles podem ser considerados espíritos da natureza representando cada elemento do meio ambiente. E não é sem coincidência que as representações dessa religiosidade estão intimamente ligadas ao meio ambiente, mais especificamente aos elementos como a água, a terra e os vegetais.

Sobre essas representações, nossas fontes nos informam que: certa vez, um grupo de pescadores junto com o Senhor João Paliano, foi pescar num córrego chamado “Tesouro”. O rei Sabá teria se manifestado ao Senhor Paliano e dito a ele que não era pra colocarem rede no local, pois a correnteza da maré cheia levaria tudo. O Senhor Paliano insistiu com os pescadores que não colocassem a rede de pesca, mas não acreditaram: “Na hora botaram a rede e tudo, depois o peso da maré agarrou que derrubou a jangada foi puxando a rede”<sup>158</sup>. Acreditaram eles que a correnteza levou a rede de pesca com jangada e todo o resto do material de trabalho, por determinação do rei encantado, porque não pediram permissão ao rei para pescar, pois, “se ele chegasse lá e dissesse, o Paliano conta, - Hei tio Sabá! Nós vamo

<sup>156</sup> Reginaldo Prandi identifica as entidades do tambor de mina em São Paulo como encantados, na relação que o autor faz juntamente com a identificação estão as divindades que podem ser chamadas de santos, orixás e encantados. Sobre isso ver, PRANDI & SOUZA. *Op. Cit.*, 2001, pp. 216-280.

<sup>157</sup> VERGOLINO-HENRY. *Op. Cit.*, 20/ 01/ 1991;

<sup>158</sup> José Santana dos Santos agricultor aposentado, 88 anos. Entrevista realizada em 05 de Janeiro 2004. (Transcrição de Gravação)



cercá o tesouro, nós vimos um bocado de peixe, podiam aprontar a canoa que enchiam a canoa de peixe(...)”<sup>159</sup>.

Por volta da década de 1950 o Senhor José Santana levou a filha mais velha junto à pedra para curar uma dor no braço, devido ao fato de não haver serviço médico ou de enfermagem no local por aquela época. “Quando foi na hora lá, a caba saiu de lá de onde estava (da pedra), ferrou no braço dela em cheio na dor (...), - Ai a caba me ferrou (...), com um pouco ela foi mexendo o braço lá, tomando banho, desapareceu a dor”<sup>160</sup>.

Mesmo que na Amazônia a força das águas seja um aspecto normal da natureza, e que a presença de insetos como cabas e mosquitos sejam constantes, devido ao clima. Ainda assim o significado dado por aqueles homens à ação desses elementos: água e cabas foi um sentido mágico de castigo e cura, sendo que o rei Sabá é quem conferia tais poderes a esses elementos. A água, por exemplo, é um elemento carregado de poder simbólico, Lúcia Helena Cunha nos mostra que dela pode-se tirar significados múltiplos em que a água doce é pura e feminina, a água salgada é impura e masculina e que “A água está, assim, na natureza e, a um só tempo na cultura”<sup>161</sup>. Na ilha da Fortaleza esse significado dado à água, é claro, não obedeceu à análise da autora, na verdade as representações simbólicas dadas à água por Cunha, são só um dos exemplos em que podemos dar a esse elemento natural.

E um dos exemplos do significado que as águas do mar da Fortaleza recebiam é colocado por José de Moraes Rego. Em visita à ilha da Fortaleza no início da década de 1980, percebeu que uma das finalidades das peregrinações à pedra, era “fazer uma obrigação de água, entenda-se por isso, fazer qualquer ação mágica relacionada à água, por exemplo, fazer oferendas, harmonizar-se com as vibrações da água, etc”<sup>162</sup>. Portanto, mesmo sendo um local onde a água é salgada, ela não é concebida, nesse caso: impura, como no exemplo de Lúcia Cunha. Essa água salgada serve não só para castigar como na pescaria no Tesouro, mas também serve para purificar e também para ritualizar como no exemplo acima. Dessa forma temos exemplos das diversas representações que foram tiradas a partir dessas narrativas sobre a atuação do rei Sabá.

Mas o entendimento sobre esses seres a partir do pensamento dos moradores da ilha da Fortaleza se revela mais ainda quando percebemos a defesa da natureza é enfatizada. Por volta da década de 1980, o Senhor Lourenço comprou a ilha da Fortaleza ou parte dela, desmatou uma área que seria um local de morada de encantados, para fazer plantio de mudas vegetais.

---

<sup>159</sup> *Ibidem.*

<sup>160</sup> *Ibidem.*

<sup>161</sup> Cf. CUNHA, Lúcia Helena. *Op. Cit.*, 2000.

<sup>162</sup> Cf. MORAES REGO. *Op. Cit.*, 1983, p. 63.

Segundo um dos relatos: “E ele fez uma destruição. O finado Lourenço fez essa, essa derrubação, mas ele (rei Sabá) ia deixar ele plantar, plantar e que de lá ele não ia colher uma, uma fruta, que ele não ia saber nem onde ele tinha plantado (...)”<sup>163</sup>. E isso era apenas parte do castigo pela violação de um espaço sagrado da ilha, segundo a informante, o próprio rei Sabá teria “Baixado” em um “na cabeça” de uma conhecida sua e teria dito que esse castigo seria ainda maior. Coincidência ou não, a empresa do Senhor Lourenço, Fábrica de Massas e Biscoitos “LEAL”, faliu, ele ficou pobre e alguns anos depois, morreu de uma doença desconhecida que alguns médicos diagnosticaram câncer, mas segundo as fontes não se chegava a um consenso.

Com isso, passamos dos usos dos recursos naturais para as representações simbólicas feitas do espaço da ilha. Os moradores entenderam que o encantado rei Sabá defendia a utilização dos recursos naturais daquela forma, e não deveria ser alterada, não deveria atender a outras necessidades que não fosse para a sobrevivência satisfatória dos moradores da ilha. Segundo Maués, os encantados “castigam as ofensa dos homens ao ambiente natural e aos animais da floresta e seus castigos se aplicam somente aos indivíduos”<sup>164</sup>, portanto, preservar o meio ambiente é uma das finalidades do poder dos encantados, pois como concluiu o próprio autor: “os encantados, por sua vez, reforçam a ligação do humano com a natureza e, embora seu poder, no limite venha de Deus, trazem dela (da natureza) a força com que praticam suas ações benéficas e maléficas”<sup>165</sup>.

Da antropologia à literatura podemos encontrar nas narrativas sobre o Curupira um exemplo enfático dessa função dos encantados: Yara Cecim e Walcyr Monteiro são só dois exemplos em que as histórias desse personagem que é um encantado aparecem na literatura regional com suas características mais famosas, a malvadeza ou malineza e sua ação em defesa do meio ambiente natural. Na narrativa de Yara Cecim, “Nhá Malvina e o curupira”, as façanhas e peripécias “malinas” do curupira aparecem mais enfaticamente, Fazendo-se é claro uma distinção entre as “brincadeiras” malvadas e uma maldade pura, sendo que dessa forma ele aparece, como um encantado brincalhão. Mas sua condição de guardião da natureza não é subtraída<sup>166</sup>. Já em Monteiro, nos contos “Encontro com o curupira” e “Suzy e o curupira”, essa segunda característica é apresentada enfaticamente antes mesmo de ele apresentar os

<sup>163</sup> Raimunda Paliano Lobo. Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2004. (Transcrição de Gravação)

<sup>164</sup> Cf. MAUÉS, *op.cit.* 1995, pp. 207-209.

<sup>165</sup> *Idem.* p. 214.

<sup>166</sup> CECIM, Yara. “Nhá Malvina e o curupira”. In: \_\_\_\_\_. *Lendário; contos fantásticos da Amazônia*. – Belém: CEJUP, 2004, pp. 177-188.

contos<sup>167</sup>. Ao contrário de se tentar analisar o que teria levado os autores a enfatizar um ou outra característica do Curupira, o que quero mostrar é que esses aspectos só foram enfatizados a partir do que contaram as fontes literárias desses autores, e essas fontes revelam nada mais do que aquilo que é mais comum na crença nos encantados da Amazônia: a malineza e a defesa da natureza, numa mostra de que eles só escolheram enfatizar um lado ou outro, mesmo por uma escolha própria, mas influenciados diretamente pelo imaginário que vem dessa crença.

Esses exemplos nos permitem definir os encantados como espíritos defensores da natureza. O que se criaria algum tempo depois como uma atitude ecologicamente correta, além, das perspectivas de correntes historiográficas que tratam do meio ambiente, e que mostram as devastações da natureza ao longo da história e o valor que o meio natural passou a ter depois dessas devastações, todo esse pensamento pode ter base ou origem em uma regra estabelecida pela crença nesses seres espirituais desde épocas bastante remotas. Quando em última análise os historiadores da natureza, particularmente aqueles da história ecológica, defendem um uso adequado do meio ambiente; quando criticam o modelo de devastação no processo histórico das sociedades que entenderam o domínio da natureza como sua destruição, o fizeram também de acordo com o pensamento dos homens mais próximos da natureza. Porque na verdade esse entendimento dos pensadores dessas correntes estava há muito tempo presente nas concepções de povos de comunidades tradicionais. Se as conclusões tiradas por esses autores não está totalmente fundamentada aí, é relevante que se diga que parte delas deve-se a essas concepções sociais formadas nesses meios tradicionais. Essa visão da natureza, no caso dos moradores da ilha da Fortaleza, foi reforçada por essa crença no rei Sabá. Representaram a natureza de acordo com a crença em um rei encantado.

Se os encantados podem ser considerados os defensores da natureza, o rei Sabá nessa mesma condição, assume ao mesmo tempo o posto de defensor da natureza e das pessoas sem muitas posses. Um dos relatos sobre as manifestações do encantado, foi intitulado: *Rei sabá o médico da ilha da Fortaleza*. Nele nossa informante relata uma medicação receitada pelo próprio rei Sabá para curar uma febre em seu pai, que o próprio encantado diagnosticou como malária:

---

<sup>167</sup> MONTEIRO, Walcyr. “Encontro com o curupira”. In: \_\_\_\_\_. *Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia*. Nº 2- Belém: Edições do Autor, 2005, pp. 20-22 & MONTEIRO, Walcyr. “Suzy e o curupira”. In: \_\_\_\_\_. *Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia*. Nº 7 - Belém: Edições do Autor, 2005, pp. 11-14.

(...)ele tava muito doente, umas febre que deu nele assim muito forte, e tava assim quase com uns trinta dias diretamente febre nele, e a mamãe que (...) antigamente não tinha médico, então quando eles adoeciam, eles íam lá na pedra, conversavam, que eles viessem no sonho ensinar um remédio, que nesses, nesses tempos não, não existia médico, o médico mesmo era (...) que eles fazia remédio caseiro. E a mamãe foi lá e conversou lá na pedra, quando foi a noite (..) a pessoa quando ia, já sabia, deixava um pouquinho de cachaça, um cigarro debaixo da rede da pessoa, quando foi a noite ele (rei-Sabá) veio dizer pra mamãe, que era, a doença do papai, era malária e ele ía morrer se não tivesse um remédio, ele ía morrer; aí ele ensinou um remédio, que era pra ela pegar nove pimenta malagueta amarela, abrí, tirá, tirá os caroços e, cinco era pra ela fazer um chá, o chá, já tudo tirado os caroços e quatro era pra ela socar e colocar, colocar álcool, cachaça ou álcool, cachaça, que quando desse o frio, isso ele contando o rei-Sabá pra mamãe no sonho, quando desse o frio, que era pra mamãe pegar aquela que já tava socada, passar tudo no corpo dele do pescoço pra baixo, e o chá que era pra ele tomar e ela embrulhar bem ele. E a, quando, e a mamãe fazer o remédio, preparou tudinho, quando deu o frio ela fez a afecção, que passou no corpo e deu o chá e ele dormiu, que quando ele se acordou, a mamãe conta, de madrugada um, um (...) suor muito grande, que ele ensopou a roupa, ensopou o lençol, chega pingava aquele suor. E a mamãe foi, trocou a roupa dele, tornou a fazer, tornou a embrulhar, fez um, um caribé pra ele, deu pra ele, até hoje! foi o remédio que ele ensinou, o rei-Sabá.

Segundo nossa informante esse acontecimento foi relatado pelo pai como um dos mais importantes para sua sobrevivência na ilha.

Então o papai diz, o papai conta: se ele não ensinasse esse remédio, ele tinha morrido, porque ele já tava ficando esquecido, ele já não lembrava mais de nada e isso foi, tudo isso foi o que aconteceu lá com o rei-Sabá, que ele era o médico deles, nessa época ele era o médico deles, podia vim qualquer pessoa lá, assim, que ele vinha no sonho ensinava de verdade o remédio pra pessoa e a pessoa ficava curada, ficava bom. E muitas vezes até ele mesmo curava a pessoa assim, dia que eles curavam a pessoa, passava remédio e tudo isso<sup>168</sup>.

A falta de atendimento médico às populações rurais da Amazônia, principalmente naquele contexto antes do início da década de 1950, contribuiu bastante para que se desenvolvesse e se valorizasse uma medicina popular. Quem assumia os postos de medicina eram os pajés daquela região. Mas na falta de sua atuação, por não conseguir realmente ou por não ser permitido pelo rei Sabá, entrava em cena o próprio monarca encantado curando seus pacientes:

“Olha um dia, tinha uma senhora, eu morava com uma senhora por lá, Maria Antonia, quando foi um dia ela tava mal, pra morrer com uma dor, ela sofreu uma coisa assim parece um cansaço, aí ela foi chamá um pajé pra ver, pra vim curá ela e ele (rei Sabá) não deixava pajé nenhum passá pra lá, nessa, nessa ilha não, aí que quando o pajé chegou pra benzer essa mulher, se tu visse o estralado de cavalo correndo, e bode berrando! o homem não pôde fazer o serviço, a pajelança dele. Não pôde curá, aí o pessoal lá dele, não deixaram ele conseguir com a pajelança. E eu morava com essa mulher, com a Maria Antonia, quando o cara parou de

<sup>168</sup> Raimunda Paliano Lobo. Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2004. (Transcrição de Gravação).

um movimento, disse: -Dona Maria Antonia! eu não posso fazer o serviço. Que o pessoal do velho Sabá não deixaram e que quando nós olhemo tinha um homem assim, um homão bonito, branco, corado, tudo de branco olhando em cima dela e ela doente, doente. Depois disso ela melhorou, ficou bem dizer, boa! porque ele não deixou fazer o serviço, mas ele veio dá , dá a vida pra ela, que ela tava pra morrer”<sup>169</sup>.

Podemos perceber neste relato uma atuação ambígua do rei Sabá. Segundo relato, ele próprio teria provocado a doença em dona Maria Antonia, pois d. Dalila, mesmo não afirmando enfaticamente disse: "Acho que foi de lá do velho Sabá, que ela tinha crença lá com ele, né?! isso era conforme a gente acreditava nele”<sup>170</sup>. O relato parece demonstrar que agindo assim ele queria, afirmar sua força, enquanto soberano da ilha.

A cura de uma dor no braço da Filha do senhor José Santana é mais um dos exemplos, que junto a essas manifestações relatadas acima, dão ao rei Sabá a condição de médico da ilha. Elas nos remetem a outras visões sobre o monarca encantado, a de um rei bom, justo, defensor dos pobres. A cura de doenças fizeram dele um rei uma espécie de rei taumaturgo, mas a própria condição de encantado, de espírito, divinizado, já mostram que tinha sem precisar tocar os pacientes já os livrava do mal. Podemos, porém dizer que os moradores da ilha conceberam o rei Sabá, como os reis cristãos apresentados por Marc Bloch, não pelo toque, mas por se um monarca com poder divino que cura seus súditos<sup>171</sup>. A visão de defensor dos pobres fica explícita no relato intitulado “*Fortaleza, uma ilha para os pobres*”. Antes de castigar o Senhor Lourenço por ter destruído um local de morada dos encantados na ilha da Fortaleza, o rei Sabá teria justificado:

“Por causa que todas essas pessoas que foram pra lá, que já foram donos lá, que no momento que eles passam a querer passar a ser, assim o dono, querer maltratar pobre, as pessoas pobre, que trabalhavam lá pra ganhar o pão de cada dia e que tem roçado, tinham seus curral. Todas essas pessoas quando chegam ali querem embargar esse tipo de trabalho. Né, não querem que bote curral, não querem que bote roça, então ele diz que esse, que essa praia é de gente pobre, pra criar seus filhos, não é de rico é de pobre! que ele por causa disso, que ele ia dá um fim nele, quer dizer que ele ia matar ele, assim, por meio dos encante dele lá, por meio dos encante e do, dos cabocos”<sup>172</sup>.

São essas algumas representações simbólicas sobre o rei encantado da ilha da Fortaleza, uma resposta bastante longa para o questionamento que fizemos no final da primeira parte desse estudo. Essa ação ambígua do encantado continuou se manifestando ao

<sup>169</sup> Dalila Farias de Lima, 75 anos. Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2004. (Transcrição de gravação).

<sup>170</sup> *Ibidem*.

<sup>171</sup> BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>172</sup> Raimunda Paliano Lobo. Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2004. (Transcrição de Gravação).

longo de sua história na ilha da Fortaleza. Curas e malinezas estiveram presentes entre aqueles que acreditavam ou não no poder do rei Sabá.

### **O seqüestro do encantado e a morte do rei Sabá, a diversidade da crença.**

Os encantados podem ser considerados espíritos da natureza, mas como aconteceu com alguns orixás, na descrição de Anaíza Vergolino, eles também foram humanos. Isso mostra que essa crença é composta por um entendimento bastante particular entre o mundo real e o espiritual, para essa religiosidade, somos parte da natureza, ou pelo menos alguns de nós, dos quais esses seres se agradam. Estou falando do processo pelo qual uma pessoa comum se torna um encantado, para Raimundo Heraldo Maués isso pode ser considerado uma malineza por prejudicar as pessoas<sup>173</sup>. Vejamos porque essa idéia de malineza é atribuída aos encantamentos. A morte de uma pessoa pode ser um acontecimento trágico para muita gente, especialmente para aqueles mais próximos. Um caso de encantamento, visto do nosso mundo real pode ser entendido da mesma forma trágica a perda de ente querido e, portanto ser considerado uma malineza.

Após dois anos do fenômeno de encantaria que havia ocorrido com o senhor Florentino, ou Caco, próximo da ilha da Fortaleza, ocorreria um outro fato que mudaria a vida de uma família inteira em São João de Pirabas e que tem relação com o que se denomina de processo de encantamento de um ser humano comum:

Martinho Quintino dos Santos(...) estava na "amoração" do curral. Quando a maré encheu (...) Então, tinha um córrego no meio (...) mas não era fundo, atravessava com água na cintura, aí eles lá, tavam amarrando lá os "moirão" (...) a maré encheu. Quando eles viram a canoa desmanchou-se e saiu, aí disseram, - Olha a canoa vai, vai saindo aí da beira, aí ele (Martinho) foi buscar a canoa, mas não dava pra ele morrer afogado, porquê, é o que eu digo, a água na cintura. Aí ele foi, quando ele foi atravessando o córrego pra pegar a canoa, desapareceu, desapareceu que não teve quem desse informação dele.<sup>174</sup>

Após o desaparecimento de Martinho, filho mais novo de uma família de sete irmãos, houve uma busca intensa de alguns meses por seu corpo que nunca foi achado. O pai que possuía alguns bens não se contentou com a perda do filho em condições tão estranhas e investiu tudo o que possuía para achar seu corpo, vivo ou morto, como nos conta o informante:

<sup>173</sup> MAUÉS. *Op. Cit.*, 1995, pp. 91-92.

<sup>174</sup> José Santana dos Santos, agricultor aposentado, 88 anos. agricultor aposentado, 88 anos. Entrevista realizada em 24 de junho de 2002.

Aí juntou-se muita gente, foi oito (8) dias de gente aqui no São Miguier procurando; Não teve pedra que ninguém arrevirasse, andemo tudo, mas ninguém achou, fizeram tudo mas num achou (...), o velho (pai de Martinho) tinha dinheiro, fez oito (8) dia fazendo despesa com o pessoal aqui, e tábua pronta pra fazer o caixão, quando achasse, fazer o caixão, e nunca tinha encontrado.<sup>175</sup>

Passados alguns meses após a busca do corpo que ia diminuindo, Martinho teria visitado a mãe em sonho:

Ele veio dizer pra ela que ele não tinha morrido, tinha se encantado. Ela me contou a velha, tudo que se encanta, se chega lá, lá de tudo tem, tudo quanto é comer tudo quanto é bebida... Se ele comer de tudo que oferece pra ele, ele não volta... Então ele não volta mais, porque tudo que ofereciam... ele comeu e não voltava.... Foi encantado por outro encantado. Porque, ele só, não ia, aí veio outro se agradou dele... veio e encantou ele<sup>176</sup>.

Esse é um dos poucos casos conhecidos em São João de Pirabas de pessoas que teriam passado para o mundo dos encantados, pelo menos o único que tivemos acesso até o momento. O Senhor Santana nos citou outro caso de um “homem”, que teria desaparecido próximo à orla de Pirabas nas mesmas condições que Martinho, mas não nos foi dado detalhes, pode ter sido encantado eu morrido afogado e seu corpo nunca ter sido encontrado. Ao prosseguir no seu relato sobre o caso de Martinho, o informante nos faz a seguinte comparação: “O encantado é justamente que nem o, os, como é que se diz ? eles pegam uma pessoa, como é que se diz? Secrestam! Eles secrestaram. O encantado, eu acredito que seja, igualmente, agora uma pessoa pega o outro e secresta, leva. É assim o encantado, isso é que é, é a mesma coisa”<sup>177</sup>.

O motivo para esse “seqüestro” dado pelo Senhor Santana, não difere muito dos outros processos de encantamentos de pessoas comuns no resto da Amazônia, ou seja, um encantado se “agradou” de um ser humano, no caso, de Martinho, e o levou para as profundezas das encantarias, para o mundo subaquático que são os locais de moradas de alguns deles. Encontramos esse motivo para seqüestro do encantado nos trabalhos de Maués. Ao falar da ação maléfica dos encantados e de suas manifestações o autor nos diz o seguinte: “Outras

---

<sup>175</sup> *Ibidem.*

<sup>176</sup> *Ibidem.*

<sup>177</sup> *Ibidem.*

vezes, ao se agradarem de uma pessoa, os encantados podem levá-la para o fundo, a fim de passarem a viver em suas moradas, no encanto, tornando-se também encantados como eles.<sup>178</sup>

Visto que o autor fez pesquisa em Itapuá município da região do Salgado, próximo á Vigia e Colares, essa descrição mostra o que afirmamos antes, o processo de encantamento de seres humanos, apesar de não ser uma regra, obedece a alguns estágios que são comuns, pelo menos nessa região, ou seja, o pressuposto do agrado para o encantamento de uma pessoa comum é um dos exemplos de onde se cruzam essas religiosidades sobre os encantados, pelo menos na região do salgado. É aí que podemos dizer que as concepções ou essa história passada em São João de Pirabas pode se ligar ao contexto geral da crença nos encantados da Amazônia. Porém não pode ser homogeneizada. Pois mesmo em São João de Pirabas essas concepções diferem entre si. Ao falar da condição de encantado do menino Martinho nosso informante acrescenta: “(...) que ele estava velho, agora outra coisa e que não morre, encantado não morre, ele já estava velho, mas estava encantado, mas não podia, mais voltar”<sup>179</sup>. Essa idéia de que os encantados não morrem é mais concebida em toda a região amazônica, uma vez que o mundo deles é também espiritual. Essa condição lhes permite a imortalidade. Mas vejamos outro relato em que uma das informantes ao tentar explicar a origem do rei Sabá sendo ele um encantado, ela nos diz ainda:

“Um tempo, ele abaixou na cabeça de uma amiga, ele disse que ele tava com dez mil, oitocentos e vinte e dois anos. Agora, desde que, ta uns três anos, ele ta com dez mil, oitocentos e vinte e cinco anos, que ele tava quase pra, pra morrer. Aí eu fui e perguntei, -E os cabocos morre? e ele, -Morre. Mas que ía ficar no lugar dele, tomando conta do reinado dele, o filho dele, ele disse que tava quase pra acontecer esse caso de morte com ele, e então, que isso, dez mil, oitocentos e vinte e dois anos é muitos anos, é muitos anos, então é caso de uma coisa que, que aconteceu assim, apareceu, uma história que apareceu (...) eu não sei dizer, eu não sei explicar”<sup>180</sup>.

O próprio rei sabá teria afirmado em uma sessão de cultos afro, que iria morrer, e que, portanto os encantados morrem. Podemos a partir daí concluir que o plano espiritual e natural dos encantados, pelo menos no que o rei Sabá se encontra, está em um dos níveis desse mundo sobrenatural, após sua morte ele passaria a outro plano. Portanto poderá ascender a um mundo espiritual semelhante ao da crença cristã, quando disse que ia morrer. Nesse caso, essa crença popular se aproxima do cristianismo, mas não o contrário como poderemos ver mais adiante. Seja como for, com a morte ou não do encantado, a ilha da Fortaleza não vai ficar

<sup>178</sup> Cf. MAUÉS, *Op. Cit.*, 1995; p.192.

<sup>179</sup> José Santana dos Santos, agricultor aposentado, 88 anos. Entrevista realizada em 24 de junho de 2002.

<sup>180</sup> Raimunda Paliano Lobo. Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2004. (Transcrição de Gravação).



sem um rei, já que o filho do rei Sabá irá substituir o trono do pai. Portanto nesse plano espiritual e material estará um novo rei, habitando aquele “encante”, insular.

Percebemos aqui que as concepções que se formaram em Pirabas a respeito da figura dos encantados são diversas, imortalidade e morte, malineza, cura e castigos. Mas essas concepções, apesar de diversas, se formaram de uma maneira em que podemos perceber a representação da natureza pelos homens e mulheres que fizeram essa história. É a clássica visão histórica ou antropológica que vai da natureza à cultura e é nela que a partir desse momento veremos os lugares de morada dos encantados.

### **Entre natureza e cultura; os “encantes” da Amazônia.**

Disse no início da primeira parte do texto que este, não pretender ser um trabalho de geógrafo, mas era preciso falar espaço da cidade de São João de Pirabas. Novamente ocorre a necessidade de se falar de um espaço, mas esse espaço específico, bastante particular. No caso de um estudo de geógrafo esse estudo poderia entrar para o que eles chamam de geografia cultural, porém, como se trata de história e um pouco de historiografia, veremos nos elementos desse lugar, suas características simbólicas e as representações, que se fazem desses símbolos, sob os caminhos metodológicos da historiografia em questão, ou o que nos aponta a chamada história cultural. Portanto não veremos o aspecto físico desse espaço<sup>181</sup>. Mas que lugares são esses? São os “encantes”: locais de moradas dos espíritos defensores da natureza aos quais dedicamos às paginas anteriores a essas que seguem.

As informações que possuímos desses lugares de morada dos encantados, não diferem muito das já apresentadas em trabalhos anteriores, mas é claro encontramos algumas características particulares no caso dos “encantes” descritos em São João de Pirabas. Sabemos que são espaços naturais e ao mesmo tempo espirituais. E por que digo isso? Aqui a natureza se acentua consideravelmente, pois os locais bastante acentuados que caracterizam essa região se constituem como *habitat* privilegiado, senão, os únicos locais de morada dos encantados, são eles: o fundo subaquático, fluvial ou marítimo e/ou o meio perdido das matas. Água e vegetais, elementos tão presentes em rituais de várias religiões, inclusive a cristã, são escolhidos por esses seres como seus lugares de morada. São considerados espaços espirituais, pois ao mesmo tempo em que se encontram na natureza, estão escondidos,

---

<sup>181</sup> Como não se trata do aspecto físico, nem do simbolismo do físico e sim de um lugar imaginada a partir do meio físico, ele se distancia da chamada geografia cultural que apesar de levar em consideração questões como o significado, simbolismo, etc. precisa da referência do espaço físico real. Vide, CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Cultura*. – Rio de Janeiro: Eduerj/NPEC, 1995; CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Geografia cultural: um século*. – Rio de Janeiro: Eduerj, 2000.

localizando-se além da fronteira do desconhecido e do nosso espaço real, para eles vão apenas os encantados ou as pessoas escolhidas por eles para habitar um mundo que geralmente é descrito como local de felicidade, fartura e imortalidade. Percebemos isso retomando as palavras de nosso informante pirabense:

“(...) ela me contou a velha, tudo que se encanta, se chega lá, lá de tudo tem, tudo quanto é comer, tudo quanto é bebida, tudo tem, agora, de tudo vêm trazer: é banana, é mamão, é laranja, é tudo, de tudo quanto é fruta, de tudo tem. Se ele comer de tudo que oferecem pra ele, ele não volta. Bem! Então, ele não volta mais, porque tudo que ofereciam, tudo. Aquelas crianças, aquelas meninas, aqueles meninos que vinham com aquela fruta e ofereciam, muito dado com ele, se deram muito com ele, ele comeu e não voltava; e depois, a Benedita me contou que sonhou com ele (...) e que ele estava velho, agora outra coisa e que não morre, encantado não morre, ele já estava velho, mas estava encantado, mas não podia, mais voltar, não podia voltar pra morar com as irmãs, com os irmãos, que o pai já tinha morrido, mãe.”<sup>182</sup>.

Essa descrição é uma concepção sobre o mundo dos encantados, do chamado censo comum. É claro, ela foi influenciada pelas religiões populares como a pajelança e pelas religiões afro-amazônicas, o informante não se declara adepto dessas religiões e faz questão de deixar isso bem claro, quando fala de sua crença nos encantados: “Pajé! Eu acreditava quando eu visse! o pessoal fazia o efeito. Agora esses que não curavam, encantavam, bebiam, ficavam bêbado e num faziam eu não acreditava, eu não era chegado, nunca fui chegado a macumbeiro”<sup>183</sup>. A afirmação da crença pelo informante está ligada ao fato de presenciar essas histórias. Ao mesmo tempo ele confunde e separa essas religiões, pajé e macumbeiros são definidos como algo análogo, e não deixam de ser. Mas quando ele diz que acredita, fala do pajé, ao se referir aos falsos incorporadores, diz não ser chegado a macumbeiro. Seja como for, essas concepções que ele possui sobre os encantados vêm dessas religiões principalmente da pajelança que está mais presente em São João de Pirabas. Mas é compartilhada pelas religiões afro-amazônicas, vejamos como ocorre uma das aproximações entre pajelança e as religiões afro-amazônicas.

Entre as divindades do panteão dos cultos afros, no caso do Mina-Nagô, dividem-se segundo Anaíza Vergolino, “Excetuando-se os orixás e alguns voduns, a exemplo de Badé Zorogama, as demais categorias de entidades são definidas como **encantados**, seres humanos que, ao contrário das pessoas, não morreram, mas se transformaram em nova forma de ser”<sup>184</sup>.

<sup>182</sup> José Santana dos Santos, agricultor aposentado, 88 anos. agricultor aposentado, 88 anos. Entrevista realizada em 24 de junho de 2002.

<sup>183</sup> *Ibidem*.

<sup>184</sup> VERGOLINO, Anaíza. *O mina-Nagô hoje*. In: Governo do Estado do Pará. A música e o Pará, V 8, CD Ponto de Santo. - Belém: SECULT, 2003.

Com isso percebemos como constatou a própria autora que os encantados também se manifestam nas religiões de tronco afro na Amazônia, uma vez que as divindades características dessas religiões são orixás e voduns.

Essas entidades que se manifestam nas religiões de tronco afro também vivem no fundo. Levi Hall de Moura nos narra em um conto literário intitulado, “Reis do fundo”, que em uma sessão de um terreiro, uma yalorixá ou mãe de santo, seguida de duas filhas de terreiro incorporam entidades afro-brasileiras da linha dos senhores ou nobres<sup>185</sup>, como a mulher de “Dão João”, “marquês de Pombal”, “Barão de Gore” seguido dos Caboclos “Tapetequara, índio velho brasileiro” e “João da Mata”. Nesse ritual manifestasse por último o “reis do fundo”<sup>186</sup> uma entidade que de certo se encantou, mas se manifesta nas religiões afro-amazônicas. Podemos perceber o sincretismo religiosos entre as antigas religiões dos índios e as religiões afro-brasileiras, apesar de que a própria pajelança cabocla já é uma religião sincrética, com a presença de elementos dos cultos afro, não sendo a mesma praticada pelo pajé de sociedades indígenas remotas<sup>187</sup>. Voltando ao ritual narrado por Levi Hall de Moura, a última parte em que se manifesta, “reis do fundo”, ele descreve seu lugar de morada, seu reino do fundo:

Preá! Preá!  
 Preá! Sereia do “má”!  
 Meus “encante” é muito longe  
 Lá no meio do alto “má”!  
 Meus “encante” é muito longe  
 Lá no meio do alto “má”!  
 Preá! Preá!  
 Preá! Sereia do “má”!<sup>188</sup>

São esses os principais aspectos descritos desses lugares de morada dos encantados, pelo menos o que diz respeito ao encantados do fundo. O caso de Martinho pode ter sido considerado uma malineza por parte do encantado, pois na visão do nosso informante, esse encantamento se deu como um seqüestro. Ainda assim, esses locais submersos, considerado um “cativeiro” de Martinho, é visto geralmente como o menos perigoso, até porque os encantados do fundo são chamados de Caruanas, aqueles mesmos seres que os pajés

---

<sup>185</sup> *Idem.*

<sup>186</sup> MOURA, Levi Hall de. *O terreno e o Infante*. - Belém: Gráfica Falangola Editora LTDA, 1970.

<sup>187</sup> Sobre as diferenças de conceito entre a pajelança indígena e a pajelança cabocla ver, FIGUEIREDO, *Op. Cit.*, 1996. & MAUÉS. *Op. Cit.*, 1999.

<sup>188</sup> MOURA. *Op. Cit.*, 1970, p. 124.

incorporam para curar doenças e fazer seus rituais<sup>189</sup>. Portanto os encantados do fundo são, ao mesmo tempo que seqüestradores, considerados benéficos. Os encantos das matas é que são considerados perigosos, é um lugar de encantados que geralmente são considerados maléficos pois podem “mundiar” as pessoas faze-las se perderem e nunca mais serem achadas. Também podem, como o curupira que ao mesmo tempo pratica essa e outras malinezas, mas fazê-las em defesa da natureza para quem tenta agredi-la sem pedir licença<sup>190</sup>.

A princípio podemos perceber uma concepção ambígua sobre os encantados do fundo e os da mata, oscilando entre o bem e mal. Mas, prefiro chamar concepções múltiplas em vez de ambíguas, uma vez que, não foram tiradas de um mesmo documento, ou uma mesma fonte. Foram considerações entre as pesquisas realizadas por Maués na região de Itapuá, outras concepções presentes na literatura paraense como nos contos de Yara Cecim e Walcyr Monteiro sobre o curupira e as fontes que disponho sobre os encantados de São João de Pirabas, por isso são múltiplas e variadas.

Para entender melhor esses lugares, os encantos do fundo, e principalmente, compreender as concepções sobre seus habitantes, vamos ao que Maués nos apresenta como um quadro sobre as categorias dos encantados onde nos informa sobre várias linhas, inclusive a das princesas, reis senhores, e ao mesmo tempo possuindo a linha de elementos da natureza como animais, inclusive os aquáticos que não poderia faltar nos encantos do fundo. Esse quadro seria uma espécie de divisão por categoria dos encantados dentro do panteão da pajelança cabocla, pois apesar de terem divindades presentes em outras religiões, esse esquema estabelecido pelo autor a partir de suas pesquisas, diz respeito aos caruanas que os pajés incorporam. Com isso, encontramos na análise do autor essa divisão do panteão dos encantados que obedece às categorias sociais, raciais e da natureza. Ou seja, podemos perceber nesse mesmo esquema proposto por Maués, uma variedade muito grande de elementos que torna essas concepções múltiplas desde a própria constituição do panteão dessas religiões.

<sup>189</sup> MAUÉS. *Op. Cit.*, 1995 & MAUÉS & VILLA-CORTA. *Op. Cit.*, 2001.

<sup>190</sup> CECIM, Yara. “Nhá Malvina e o curupira”. In: \_\_\_\_\_. *Lendário; contos fantásticos da Amazônia*. – Belém: CEJUP, 2004, pp. 177-188. ver também, MONTEIRO, Walcyr. “Encontro com o curupira”. In: \_\_\_\_\_. *Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia*. Nº 2- Belém: Edições do Autor, 2005, pp. 20-22 & MONTEIRO, Walcyr. “Suzy e o curupira”. In: \_\_\_\_\_. *Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia*. Nº 7 - Belém: Edições do Autor, 2005, pp. 11-14.

**A – Categorias sociais**

- a) Reis: Dom João, Dom Sebastião, Salomão, Tauari, Tupinaré, tentem, Tucuxi, etc.;
- b) Príncipes: Peixinho Puraquê;
- c) Princesas: Dona Generosa, Dona Algisa, Floricena, Lúcia, Dalva, etc.;
- d) Mestres: Domingos Ramos de Azevedo, José Antonio de andrade, Antonio Bentes de Oliveira, Rumerão, Cauauá, ect.;
- e) Vaqueiros: João da Luz, Vaqueiro do Cuiabá, Vaqueirinho do Cuiabá;

**B – Categorias raciais**

- a) Brancos: Dom João, dom Sebastião, Salomão, Dona Algisa, Floricena, Domingos Ramos de Azevedo, etc.;
- b) Pretos: Pretinho D'Angolinha, José Pretinho, Preto Bom, Preto Velho, Preta Valha;
- c) Mulatos: Mulato Mulatinho;
- d) Índios (Caboclos): Caiaiá, Iracema, Tupinaré, Tupiaçu, Caboclo Flexador, Pena Verde, etc.;

**C – Categorias da natureza**

- a) Peixes: Peixinho Puraquê, Tucunaré;
- b) Pássaros: Tangurupará, Tentem, Maçarico, Arapapá, Pipirão-Açu etc.;
- c) Cetáceos: Tucuxi (boto), Mamãe Baleia;
- d) Répteis: Jacarezinho;
- e) Touros: Touro Vermelho.<sup>191</sup>

Nas duas primeiras categorias podemos perceber, mais clara e diretamente, a presença ou influência das três culturas sobre a crença nos encantados, principalmente no que diz respeito à categoria Racial, o branco europeu, o negro africano, e o índio dividem esse panteão. Mesmo entre os encantados da categoria social, em que há uma hierarquia que vai de Reis à Vaqueiros, que bem poderiam pertencer às matas, sabemos que os encantados da mata assumem posição insignificante em relação a categoria esquematizada acima, ou seja estão mesmo fora dessa hierarquia por que os pajés não os incorporam. Maués nos mostrar, também, o exemplo do curupira, um encantado das matas que não é um caruana, ou seja, não é uma entidade que o pajé incorpora, as fontes orais utilizadas por Maués, relatam a tentativa do curupira de se passar por um caruana, mas em sua última conclusão as fontes dizem não ser o curupira um caruana<sup>192</sup>. O que demonstra a irrelevância dos encantados da mata na pajelança cabocla, no que diz respeito a sua prática de cura, já que os encantados das matas são considerados perigosos.

Na terceira categoria apresentada por Maués, vemos grande influência da cultura nativa indígena da Amazônia, e em parte da cultura negra, pois são culturas que tem bastante presentes elementos da natureza, mas nesse caso são elementos exclusivamente amazônicos sendo que os encantados recebem a denominação de elementos da fauna regional. É claro que não podemos considerar que a contribuição nativa da Amazônia para a crença nos encantados se restringe somente a natureza como se a contribuição cultural viesse de fora, até porque os

<sup>191</sup> FONTE retirada de MAUÉS, *Op. Cit.*, 1995; p.201.

<sup>192</sup> *Ibidem.* p. 199.

elementos da natureza aparecem na cultura européia dos casos de bruxaria de zoomorfismos.<sup>193</sup> Na verdade todas essas construções sobre essa religiosidade seja da cultura indígena, negra ou branca foram retiradas de suas concepções sobre a natureza amazônica, por isso o reino mais famoso dos encantados seja na pajelança cabocla, seja na umbanda e na mina, é o mundo das águas amazônicas. E assim, como se encontrou ou se fez a cultura, principalmente no campo da religiosidade popular a partir do meio ambiente, não podemos desconsiderar a importância da natureza dentro desse processo de construção dessa cultura. É claro que não vamos conceber exclusivamente a influência direta e determinista da natureza, mesmo sabendo que essa influência existe, mas a importância do meio natural se dá pelos usos que os homens dessas religiões da pajelança cabocla e das religiões de tronco afro, fizeram do meio ambiente local para moldar, suas crenças, seus rituais e seu entendimento e concepção do mundo numa cosmologia que podemos considerar essencialmente amazônica. É aí que podemos perceber melhor o que denominamos aqui como cultura popular, pois veremos a leituras ou releituras que os povos nativos dessa região fizeram não só da natureza mas de todos os elementos que contribuíram para formar a crença nos encantados.

Porém, antes de falarmos dessa cultura popular, será necessário tratar um pouco deste termo, não para repetir o que foi dito, discutido e analisado sobre esse conceito, mas para a partir de algumas abordagens que já se fez sobre: cultura, povo e a própria história cultural, definir aqui o que chamo de uma cultura popular na Amazônia.

Tentar verificar a crença nos encantados como parte de uma cultura popular da Amazônia demanda uma verificação específica nos termos que formam esse conceito, ou seja, o que é “cultura” e o que é “popular”?

Tomando a análise de Peter Burke em sua obra questionadora intitulada *O que é história cultural?*<sup>194</sup> A dificuldade de resposta para a pergunta da obra desse autor, assim como pergunta feita acima, também retirada do texto de Burke, tem a mesma complexidade, principalmente com a ampliação dos temas que compõem o quadro desse tipo de investigação histórica, ou seja, da história cultural. Nessa investigação historiográfica a preocupação com o simbólico e suas possíveis interpretações são os elementos privilegiados dos historiadores. Esse seria “o terreno comum dos historiadores culturais”<sup>195</sup>, porque “o simbólico, como forma e estratégia de representação cultural, é imanente à condição do homem como criador de

---

<sup>193</sup> Cf. GINZBURG, Carlo. *História noturna: decifrando o sabá*. Tradução: Nilson Moulin Louzada. - São Paulo: Companhia das Letras, 1991 & SOUZA, Laura de Melo e. *A feitiçaria na Europa moderna*. - São Paulo: Ática, 1987.

<sup>194</sup> BURKE, *Op. Cit.*, 2005.

<sup>195</sup> *Idem*, p. 10.

cultura”<sup>196</sup>. Portanto, símbolo e suas possíveis representações, as formas de abordagem da história cultural fazem parte, necessariamente, das construções da própria cultura, seja na arte em que o símbolo se destaca ou na vida cotidiana, em que podemos retirar exemplos de representações simbólicas em todo e qualquer espaço e momento. Aqui a definição que conjuga todos os estudos em história cultural, se aproxima da forma como Clifford Geertz concebeu o conceito de antropologia cultural, “não como uma ciência experimental em busca de Leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”<sup>197</sup>, significado esse, que está presente na própria representação dos símbolos, sendo uma interpretação do mesmo. A partir desses dois termos como pressuposto, símbolo e sua representação vou tentar responder a pergunta feita acima para depois respondermos no contexto específico desse estudo.

A exploração, uso e discussão do termo cultura como conceito que ajuda a formar o conhecimento, foi empregado inicialmente pela antropologia<sup>198</sup>, segundo Burke, “o termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante”<sup>199</sup>. A amplitude que este termo ganhou foi devido à preocupação da antropologia com o cotidiano da sociedade, por isso nessa disciplina destacaram-se os chamados estudos de campo. Posteriormente, essa valorização veio do encontro entre história e antropologia. O uso do termo em sentido amplo ganhou mais um aliado, a história como ciência, que neste caso investiga a cultura.

O sentido amplo apreendido aqui é o do alargamento desse conceito para denominar ou se apreender o que se chama de cultura, sendo tudo aquilo que é produzido, inventado, elaborado dado sentido, significado, representado e construído pelo homem. Daí abrir-se um leque enorme entre os estudos de história cultural como nos aponta Burke, que cruzou todas essas possíveis investigações com os termos “símbolo” e “representação simbólica”. Digo cruzou com esses termos, por que eles perpassam a todos os aspectos culturais. As representações simbólicas fazem chegar até nós suposições e modelos do pensamento que foi produzido no passado em algum contexto específico. Portanto, estudar as representações simbólicas é um caminho mais fácil para se entender o pensamento dos homens do passado e como sabemos, isso é um dos pressupostos fundamentais para se compreender o passado.

---

<sup>196</sup> COELHO. *Op. Cit.*, 2005, p. 19.

<sup>197</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. - Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 15.

<sup>198</sup> WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

<sup>199</sup> BURKE, *Op. Cit.*, 2005 p. 43.

A respeito do termo popular, a sua definição depende principalmente ao que estamos querendo definir quando nos referimos ao termo popular. O que seria ou quem seria o povo? Nos pergunta Peter Burke. Todos ou apenas quem não é da elite? Esse questionamento nos faz pensar que geralmente tudo o que é popular se refere às classes baixas na chamada divisão social. Quando nos percebemos de que o povo é composto por todos os membros da sociedade com uma diversidade tão grande quanto a cultura por ele produzida. É melhor se falar em culturas populares em vez de cultura popular, mesmo entre as classes baixas. O autor considera que deve haver uma distinção entre o que seria erudito e o que seria popular para se chegar mais perto da definição do segundo termo, sendo que existe uma interação entre cultura popular e erudita, a chamada circularidade cultural, que gera essa cultura no plural. E dissemos no plural, porque ela só pode ser entendida assim, ou teríamos um modelo de explicação ou de entendimento (interpretação, ou versão do passado) infalível não só para a cultura popular ou erudita, mas para todas as questões colocadas tanto neste como em qualquer outro estudo. Na falta desta resposta pronta, que facilitaria este trabalho e a um só tempo o empobreceria, temos que considerar os vários elementos da formação de uma cultura e conseqüentemente as várias possibilidades dos estudos de história cultural, que é múltipla, mas conserva elementos que por vezes unem homens e mulheres dentro de um sistema de signos, códigos, símbolos materiais e mentais que chamamos de cultura. Por isso:

“É necessário evitar duas simplificações opostas: a visão de cultura homogênea, cega às diferenças e conflitos, e a visão de culturas essencialmente fragmentada, o que deixa de levar em conta os meios pelos quais todos criamos nossas misturas, sincretismos e sínteses individuais ou de grupos”<sup>200</sup>.

A cultura popular empregada aqui neste estudo diz respeito ao povo do interior da Amazônia, às chamadas comunidades tradicionais, pois é nelas que a figura dos encantados, apesar de estar difundida por essa extensa região, se manifesta com maior força. Colocando dessa forma não estamos querendo homogeneizá-las, pois sabemos de seu sentido e manifestações amplas e múltiplas em todas as comunidades tradicionais. Porém, mesmo conservando traços específicos em cada ponto ao longo do vasto território amazônico, buscou-se um ponto em comum na cultura produzida nesses diversos locais em que encontramos manifestações na crença nos encantados. Privilegiou-se a cultura dos povos ribeirinhos, das margens dos rios ou da região banhada pelo oceano atlântico, porque são nessas regiões fluviais ou marítimas que ocorrem mais incidência da crença, já que um dos

---

<sup>200</sup> BURKE. *Op. Cit.*, 2000, p. 267.



lugares de morada dos encantados é o fundo de um rio, lago ou de um mar. Esse último diz respeito ao nosso local de pesquisa, São João de Pirabas, que apesar de possuir muitos igarapés é banhada por rios de águas salgadas que desemboca diretamente no oceano Atlântico. Porém, consideramos que esse povo pode estar além desse território, e encontrar-se nas áreas mais urbanizadas da Amazônia. Portanto essa cultura popular é aquela produzida pelas comunidades consideradas tradicionais ou os povos ribeirinhos, mas não se restringe a esses espaços do interior, uma vez que encontramos suas manifestações nos espaços urbanos e rurais.

Toda essa cosmologia formada em torno da figura dos encantados e de seus lugares de morada, como já vimos é formada por diferentes culturas que se encontraram, ou que foram forçadas a se encontrar. Vejamos uma definição sobre uma das origens dessa crença:

Essa crença tem certamente origem européia, estando ligada às concepções de príncipes ou princesas encantadas que ainda sobrevivem nas histórias infantis de todo o mundo ocidental, mas foi influenciada por concepções de origem indígena, de lugares situados “no fundo”, ou abaixo da superfície terrestre, e provavelmente também por concepções de entidade de origem africana, como os orixás, seres que não se confundem com os espíritos dos mortos.<sup>201</sup>

No caso da Amazônia, esses elementos também são heranças da cultura portuguesa, como nos falou Jacqueline Hermann se referindo ao mito messiânico do sebastianismo que se manifestou em diversas forma pelo Brasil<sup>202</sup>, e aqui também ganha destaque. Como já afirmamos anteriormente, não são só portugueses, esses elementos são manifestações e características da cultura popular européia. Ou Serge Gruzinski, ao se deparar com o caso da lenda da princesa encantada da ilha de Maiandeuca na obra de Aldrin Moura de Figueiredo, não teria se surpreendido e decepcionado “ao escutar essa lenda que se acreditaria saída de nossas velhas florestas bretãs.”<sup>203</sup> E teria se perguntado, “Que vêm fazer essas crenças nesta terra amazônica, que ele imagina ser exclusivamente povoada de índios? De onde sai a misteriosa princesa de Maiandeuca?”<sup>204</sup>. Pode ter vindo da Europa, juntamente com toda a cultura popular e erudita que esses povos nos legaram.

Mas essas culturas populares e eruditas não encontraram equivalentes estáticos aqui na Amazônia, elas já vieram sincréticas. Por isso, entender como elementos de uma cultura são

<sup>201</sup> Cf. MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião*. Disponível em, [www.scielo.br/pdf/ca/v19n53/24092.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ca/v19n53/24092.pdf).

<sup>202</sup> HERMANN. *Op. Cit.*, 2004.

<sup>203</sup> Serge Gruzinski, prefácio, In: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A cidade dos encantados: religião e natureza na Amazônia (1870-1950)*, 2005. p. 5.

<sup>204</sup> *Idem*.

destinados e colocados em posições diversas na formação de outra, como é o caso da religiosidade amazônica, seria uma boa saída para compreender melhor como a crença nos encantados se caracteriza como uma herança européia. Não faltam exemplos de estudos da cultura popular pelo Brasil que ilustram essa afirmação: Em um tratamento antropológico Sônia Maluf nos fala das narrativas sobre as bruxas da Lagoa da Conceição na periferia de Florianópolis em Santa Catarina que para além de uma abordagem de gênero, nos fala das raízes da bruxaria européia medieval e moderna e de como elas influenciaram as narrativas no local de estudo, sem levar e conta as suas adaptações ao ambiente local e aos outros elementos que foram de mesma forma importantes para a formação da cosmologia sobre essa bruxaria moderna<sup>205</sup>.

Marlyse Meyer nos apresenta as releituras populares dos contos sobre as aventuras de Carlos Magno e como essas aventuras heróicas com origem na idade média européia, influenciaram as atitudes de coragem do sertanejo nordestino que levava uma vida de lutas e desafios pela sobrevivência em meio aquela situação social de conflitos. Essas releituras não ficam somente no nível popular, a autora nos apresenta vários autores que confirmaram suas próprias leituras e releituras do conto *Carlos Magno e os doze pares de França*. Que por sua vez influenciou a festa de “Reis do Congo” no Brasil. Aí percebemos mais uma vez a soma do elemento cultural europeu e africano, num processo de bricolagens que resultou em uma forte tradição no Nordeste brasileiro.<sup>206</sup>

Nos dois estudos de caso apresentados acima, temos a presença da herança portuguesa ou européia nas culturas populares pelo Brasil. Porém, essa constatação não significa que esse legado foi o mais importante para essas culturas, mas sim que essa cultura declarada civilizada, constituiu-se, também dos mesmos símbolos que regem as manifestações das culturas religiosas e de religiosidade populares em nosso país, aproximando-se inclusive dos modelos das culturas indígenas e africanas, como fica bastante perceptível na religiosidade popular amazônica.

Portanto, voltando a questão da cultura amazônica dos encantados, dizer que o conceito, assim como as características do que é civilizado foi absorvido por uma elite erudita no Norte do Brasil, porque assim o era na Europa, e que os elementos da religiosidade popular, como é o caso dos encantados, passaram aos seus equivalentes na Amazônia. É limitar e colocar uma explicação a partir de um modelo que podemos considerar, no mínimo,

---

<sup>205</sup> Cf. MALUF, Sônia. Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na lagoa da conceição. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

<sup>206</sup> Cf. MEYER, Marlyse. Tem mouro na Costa ou Carlos Magno “Reis” do Congo. In: MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. 2ª Edição. – São Paulo: EDUSP, 2001; pp. 147-159.

estático. Os próprios estudos de caso citados acima, nos revelam que houve trocas de símbolos entre uma cultura e outra e que no caso das várias culturas que se manifestam pelo Brasil, a regra existente é a da circularidade cultural, não no mesmo nível ou intensidade mas sempre presente.

Podemos tentar verificar em que medida essa circularidade se deu na formação da cultura popular na Amazônia. Aqui encontramos trocas de culturas entre o erudito e o popular, inclusive na formação da crença no rei Sabá, como mostraram as releituras do documento mais antigo que possuímos feitas na versão oral e no campo das letras, mas teremos a oportunidade de ver outros exemplos bem mais adiante.

Falamos em circularidade, mas ela não esteve presente basicamente entre o popular e o erudito, modelo geralmente usado para se referir a este conceito. Esses elementos da crença nos encantados circulou entre culturas, ou seja, foram trocas adquiridas ou impostas se quisermos entender assim, dentro da própria população que acredita nos encantados. Mas o que não podemos negar é que a crença nos encantados pode ser entendida basicamente como um fenômeno de bricolagens culturais, herdadas das três principais culturas que se destacam dentro dessa religiosidade. Mas o que tentamos ou acho que conseguimos, ou pelo menos acho que foi possível colocar, é que a crença nos encantados constitui-se como uma leitura, entendimento do mundo pelo caboclo amazônico, uma visão alternativa a crença cristã católica sobre um outro plano espiritual, essa era uma resposta de uma visão interna dos homens da Amazônia que se manifesta nesse extrato da cultura popular. Se não pode ser entendido a primeira vista como uma reação a vida imposta a esses habitantes nativos pelos que detém o poder (político) na região, não há dúvida de que é uma resposta ou no mínimo uma alternativa a imposição das religiões cristãs e em última análise uma alternativa de conceber o mundo de outra maneira.

Sobre a busca por uma definição de cultura popular temos o exemplo de Jacqueline Hermann que, ao tentar formular um conceito para a cultura popular portuguesa quinhentista, a autora partiu do contexto geral do reino lusitano dentro da Europa do Antigo Regime e foi perceber as respostas do povo ao projeto de expansão do império português na religiosidade popular fortemente influenciada pelo messianismo e milenarismo judeu naquele período. Considerando aceitação, e recusas da cultura semita pelos chefes da coroa portuguesa, a autora percebeu que a releitura que o povo fez daquele contexto estava fortemente tomada pela crença na volta de um messias, de um salvador. Essa análise da cultura popular européia perpassa pelo entendimento da produção das trovas de um sapateiro chamado Gonçalo Anes

Bandarra,<sup>207</sup> como uma construção resultante das influências oral e escrita, pois estava fortemente influenciada pelo messianismo judeu, aliada ao conhecimento de leitura e escrita que o sapateiro tinha dos textos bíblicos, portanto o par oral e escrito pode muito bem ser substituído por outro equivalente o popular e o erudito.

As concepções do messianismo judeu, ou judaico cristão como é mais aceitável chamar, dominaram parte importante das camadas populares “baixas” de Portugal no início da idade moderna, elas se perpetuaram até encontrarem um personagem que encarnou todas essas expectativas a chegada do rei encoberto. A partir do momento em que nasceu d. Sebastião, o príncipe “desejado”, começava a assumir a condição de um rei salvador que, após a batalha de Alcácer Quibir se tornou o próprio “encoberto”. A partir daquele momento uma longa espera por esse rei salvador habitaria os sonhos e as esperanças da maioria dos cidadãos lusitanos, e se expandiria para o mundo como um dos maiores exemplos do messianismo nos últimos dois mil anos de nossa história, depois é claro da espera pela volta do próprio Jesus Cristo.

A existência da crença nos encantados na Amazônia é como já sabemos, resultado de contribuições múltiplas, de culturas diferentes. A contribuição européia se confirma de várias formas: vãos noturnos, zoomorfismos, etc. a própria crença sebastianista é um exemplo, máximo dessa contribuição, pois no século XVIII, quando ainda acreditavam em sua volta, sua posição no mundo ganha a condição de um ser imortal, tal como os encantados que segundo a crença, não morre nunca. Aliás, podemos considerar que essa questão da imortalidade entre os encantados pode ser uma influência diretamente herdada dos europeus, principalmente porque a grande ou fundamental diferença entre a figura do rei D. Sebastião em Portugal e no Brasil (leia-se Amazônia) é que aqui o rei se tornou uma entidade das religiões afro-amazônicas e da pajelança, ou seja, aqui o mito sebastianista assim como a própria crença nos encantados, sofre influência da cultura negra e indígena, num processo de bricolagem cultural que o transformou no rei de todos os encantados<sup>208</sup>.

Por isso que não se pode considerar que essa crença amazônica já teria vindo pronta da Europa, até porque sabemos que ela se constituiu a partir da soma de várias culturas. Um exemplo da contribuição amazônica, mas não o único, reside, como já sabemos, no próprio meio ambiente. Temos a pajelança que igualmente aos elementos europeus e africanos já era complexo internamente, mas é característico daqui. Porém, aqui entra a natureza e os espaços

---

<sup>207</sup> Essas trovas foram determinantes para a formação da crença messiânica do sebastianismo, principalmente no que diz respeito ao sebastianismo erudito, ver, HERMANN. *Op. Cit.*,1998.

<sup>208</sup> Cf. MAUÉS, *Op. Cit.*, 1999, p. 93.

característicos dessa região, como os “encantes”, que tem como já sabemos, condição natural e espiritual. Essa última confere a esses locais o *status* de um espaço sagrado, todos eles têm, o exemplo do Castelo na ilha da Fortaleza acentua bastante essa idéia.

Se os encantos dessa região têm como característica os locais naturais, ou o modelo subaquático ou do meio das matas, o Castelo do rei Sabá como local de morada dos encantados ganha uma outra característica que particulariza a morada desse encantado. O rei Sabá não está em um local subaquático como é o caso de sua outra morada na ilha de Maiandeuá, Lago da Princesa e muito menos perdido nas matas. O local de morada do encantado rei da ilha da Fortaleza está ao ar livre em seu Castelo de pedra, ou é a própria pedra como concebeu José de Moraes Rego. No caso do castigo do Senhor Lourenço, o motivo, como já foi colocado, decorreu de uma destruição de um lugar de morada dos encantados que fica nas matas<sup>209</sup>, aqueles que na análise de Maués diferem dos encantados do fundo, aqui não são diferenciados na concepção dos informantes, aqui o rei Sabá defende seus encantados quer seja do fundo, do castelo de pedra ou das matas. No caso desses últimos encontramos a seguinte descrição que o próprio rei Sabá teria feito: “-Quando você anda assim num, numa mata, aonde você passa, em certos lugares que ta assim uma árvore, que é tudo bonito em baixo, parece que mora assim uma pessoa, tudo limpo, né! a gente acha bonito. Ali mora um, um (...) um espírito, ali mora uma coisa, assim, encantada”<sup>210</sup>. Descrevendo como se pode achar um dos lugares de morada dos encantados, os quais sabemos da dificuldade de encontrar, esse relato enfatiza na verdade a defesa do meio ambiente. Ao dizer que os locais que parecem intocados pelo homem devem permanecer como se encontram, está se fazendo essa defesa, por que os próprios informantes os concebem como espaços sagrados.

As afirmações encontradas nesses relatos divergem do resto das concepções sobre os mundos encantados e do que disse Maués ao fazer a distinção entre o culto aos santos católicos e os encantados, uma vez que disse que o culto aos primeiros é público, e o culto aos encantados é privado. Encontramos na ilha da fortaleza no dia 20 de janeiro um culto público aos encantados, com participação principalmente entre as religiões afro-amazônicas que deram uma projeção maior ao culto, mesmo assim esses rituais são públicos desde muito tempo. Apesar dessa divergência, esses rituais continuam representados num espaço e num elemento da natureza, o platô de pedra, seu trono na ilha da Fortaleza.

---

<sup>209</sup> Raimunda Paliano Lobo. Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2004. (Transcrição de Gravação).

<sup>210</sup> *Ibidem*.

Além desses espaços da natureza, o uso de elementos do meio ambiente nos rituais dessas religiões, é uma prática que revela não só como eles ligam o mundo dos pajés ou dos pais de santo às suas entidades espirituais ou se comunicam com elas, mas como esses mesmos homens vão da natureza a cultura por meio de suas crenças. Dentre esses elementos ganham destaque as ervas medicinais usadas para fazer chás para “banhos de cabeça”, na iniciação dos filhos-de-santo, ou para outros fins de cura entre a pajelança e cultos como a umbanda e o tambor de mina, nesse caso entram em destaque as religiões afro brasileiras. No caso do tambor de mina, seus adeptos fazem constante utilização dessas ervas consideradas sagradas por eles.<sup>211</sup> É claro que a utilização dessas plantas medicinais não se restringe aos cultos de mina-Nagô, ou Mina-jejê-nagô, mas se faz presente em todas essas religiões populares, inclusive na pajelança. Não são poucos os casos na ilha da fortaleza em que um castigo do rei Sabá foi curado ou revertido com o uso de banhos de cheiro.

A minha irmã, ela era (...) nós vivia sempre lá pelo velho Sabá, dava muito agirú, nós ia apanhar na praia né. Quando foi um dia, de repente que nós chegamos de lá, aí ela, ela chegou variadinha, chegou assim parece que tava doida, doida, doida falando besteira, ela cantava, ela gritava,(...) Aí pegou, botou na canoa, foi-se embora aqui pra banda da boa esperança atrás d’um pajé, diz que pra curar ela, sabe, quando chegou lá o pajé disse assim, -Olhe, seu João, eu não posso fazer serviço nenhum na sua filha, que isso é serviço do velho Sabá, ele, aquela pedra ali é milagrosa, ela tem um poder, um poder maligno; eles diziam, sabe. -Porque o que ele faz, ninguém desfaz e nós não podemos fazer, o senhor leva ela e pegue muita planta cherosa, misgalhe dentro de uma bacia com água, leve, banhe ela lá em cima da pedra e converse com ela(...). Assim o papai fez, banhou, fez um banho né, e foi fazer lá, e quando ele trouxe ela, ela já veio andando normalzinha, boazinha, viu.<sup>212</sup>

Um outro caso teria ocorrido com o primo de nossa informante, e a cura teria se dado da mesma forma, com o banho das plantas medicinais, que banhado junto à pedra do rei Sabá, serviu como elemento de intermediação entre os homens e o rei encantado para a cura de ataques de loucura por um morador da ilha, por volta da década de 1940.

Prática tão popular na Amazônia que extrapola inclusive aos ritos dessas religiões, apesar de ser uma herança delas, o banho de cheiro está presente desde a literatura aos textos acadêmicos, como exemplo da obra literária de Eneida de Moraes,<sup>213</sup> dos estudos de Napoleão Figueiredo<sup>214</sup> mostram esse uso comum de um dos elementos de grande significação para as populações ribeirinhas no que diz respeito a chamada medicina popular, o uso dessas ervas

<sup>211</sup> VERGOLINO, Anaíza. *Op. Cit.*, 2003.

<sup>212</sup> Dalila Farias de Lima, 75 anos. Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2004.

<sup>213</sup> MORAES. *Op. Cit.*, 1989.

<sup>214</sup> FIGUEIREDO, Artur Napoleão. *Banho de cheiro, Ariachés e amacis*. – Belém: UFPA/Boitempo, 1979.

mostra como os elementos nativos da natureza amazônica podem ser utilizados de várias formas pelas religiões populares, além de contribuir para a formação dessa cultura. Os exemplos acima são enfáticos ao mostrar como a literatura e a antropologia viram por meio da medicina e da tradição as possibilidades dos usos das ervas, de conferir significado, de representá-la simbolicamente. Nos dois casos as ervas vão da tradição à medicina e nos mesmos estão dentro de nossa cultura. Os próprios encantados são manifestações dessa natureza, ou não iríamos encontrar espécies animais na categoria de natureza formulada por Maués ao falar dos encantados do fundo, ao mesmo tempo em que pertence à natureza, estão na cultura. Assim ocorre com os vários elementos que o homem amazônico dispõe para utilizar em sua sobrevivência. Não é só uma questão de uso prático é uma questão de representar simbolicamente esses elementos. Para mostrar a importância que ele adquiriu para esses homens.

### **Um homem nu no coração da princesa, a história de um súdito do rei Sabá;**

Na mesma época em que ocorriam, castigos como o do senhor Florentino, encantamentos como o do jovem Martinho na ilha da Fortaleza, um outro castigo se tornaria bastante conhecido também. Mas esse último não resultaria em morte do pescador que desrespeitou o rei Sabá, e sim em sua transformação em um dos seus principais súditos.

Eram os idos de 1940, na ilha da fortaleza o jovem pescador João Paliano já havia entrado em contato com as histórias de castigos e outras encantarias do rei Sabá. Mas parece que nunca havia presenciado nenhuma delas. A história do senhor João Paliano ganhou notoriedade juntamente com os relatos que ele fazia sobre as manifestações do rei Sabá. É claro que para ele se tornar um dos principais personagens que compuseram a cosmologia sobre a crença no rei Sabá, ele deve ter tido alguma experiência em contato com os fenômenos fantásticos que ocorriam na ilha da Fortaleza. Sem essa experiência ele, em sua descrença ironizava, negava, desafiava a existência de um rei encantado naquele Castelo de pedra.

“Foi a partir desse processo insistente, de todos os dias procurar confirmar sua descrença ao lembrar e ironizar a crença dos outros, que um dia se plasmaram os sons, as imagens trazidas por estes sons, e a voz da entidade que o senhor Paliano trazia como idéia fixa, em sua negação àquelas crenças”<sup>215</sup>.

---

<sup>215</sup> GODOY, Márcio Honório de. D. Sebastião no Brasil: fatos da cultura da comunicação em tempo/espaço. – São Paulo: Perspectiva, Fapesp, 2005, p. 170.

Naquele dia o descrente pescador resolveu violar o espaço sagrado do castelo, depois do castigo ao senhor florentino, uma atitude como aquela parecia impensável, principalmente para um morador da ilha. Porém, mais do que a descrença, a curiosidade do jovem Paliano era maior.

“(...) ele foi pescar e ele foi, tava chovendo, ele tirou a roupa e, e ele se deitou (...) ele se deitou em cima do coração da princesa. Que quando ele tava assim acordando, assim de olho fechado, ele viu um homem todo fardado assim: espada, com chapéu na cabeça, parece assim um soldado todo de branco, chegou perto dele e disse assim, -Olhe, você não ta sabendo que aqui é a casa de (...), é a minha casa, aonde mora a minha família? como é que você tá aí pelado, pelado na frente da minha casa? a minha família, as minhas filhas, vim olhar e você tá assim?. Aí diz que, ele ficou todo dormente, ele tava acordado, ele queria se levantar, ele se espernegava e nada dele conseguir acordar (...) e ele (rei Sabá) foi, disse: -Olha, espero que essa seja a última e a derradeira vez que você faça isso, porque da próxima vez vai pegar uma lição que você nunca vai esquecer. Aí o papai (...) ai ele (rei Sabá) subiu, aí que quando ele, o papai olhou ele se sumiu, o papai se acordou e foi procurar a roupa dele, foi procurar a tarrafa, foi procurar o teçado, paneiro, tudo tinha se sumido e a lição do papai, que ele veio nu, andando pela beira da praia, assim por dentro do mato, nu, até lá na casa dele, aí chegou lá no fundo assim da cozinha, lá no mato e chamou, -Cinoca! Cinoca! que é a mamãe, traz aí uma roupa pra mim, que a minha roupa se sumiu. A mamãe foi levar uma roupa pra ele, ele vestiu, aí ele veio, contou a, o que tinha sonhado. Aí ele ficou pensando (...) quando foi a noite ele (rei Sabá) veio dizer pra ele, que ele fosse buscar a roupa, o teçado, o paneiro, a tarrafa, pois tava no mesmo lugar, o papai de manhã cedo foi pra lá, ele chegou tava lá o teçado, o paneiro, a roupa, tudo molhado lá no mesmo lugar onde ele tinha deixado, então isso, ele diz que aquilo foi um castigo que ele deu nele, por causa que ele tava pelado lá em frente, dormindo em cima da pedra que é o coração da princesa, que esse coração da princesa, já me disseram, que é o coração da, da, da esposa dele, do rei Sabá, que é o que, diz que é o coração da princesa”<sup>216</sup>.

Satisfeita a curiosidade e desfeita a descrença, o pescador ainda se encontraria frente a frente com o rei Sabá para o desafio definitivo. Nessa oportunidade João Paliano e seu cunhado de nome Deco, foram caçar paca na praia do castelo levando todo material e um cachorro de caça. Resolveram passar a noite para terem mais sucesso na captura das pacas que por aquela época abundavam naquele espaço da ilha:

“Marchei, marchei, agarrei e disse:

- Vou lá no castelo "vê" se tem alguma biritá. Quem sabe esses "cachaceiros" que tem por aqui, de vez em quando, não deixaram uma biritá lá na pedra.

Acordei o meu cunhado, ele ficou com medo:

- Ê Paliano, deixa as coisas dos outros em paz, vai beber a bebida do "homem" que ele vem com raiva atrás de nós.

- É só um gole frouxo, to seco!

E eu fui, e na pedra que era o castelo dele o altar tava cheio de cachaça, fui lá e disse:

- Ô meu rei Sabá, me dá um gole de sua biritá que eu to de goela seca. Peguei [agarrei] e tomei.

<sup>216</sup> Raimunda Paliano Lobo. Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2004. (Transcrição de Gravação).



Bastou um gole e eu bazunguei (5) pra lá, bazunguei pra cá, arriei lá mesmo. O meu cunhado frouxo saiu correndo pras bandas que nós "diexemos" o barco e não encontrou [ele]. O que viu foi um homem "de general" que corria num cavalo na beira da praia, ele parecia vir de dentro das ondas, corria na direção que eu tinha caído. O meu cunhado se escondeu donde ele tava não deu pra ver mais nada.

Pois bem, eu tava desmaiado no chão quando eu senti um sopro no meu ouvido, eu dei um pulo. Quando vi aquele homem [cheio] da farda me olhando com raiva, eu falei:

- Valei-me meu rei Sabá, tenha piedade, foi só um gole da sua birita.

Ele disse pra mim: - Tu não conhece minha Lei? Tu não sabe que aqui não se bebe nada? Tu veio caçar paca, tu não veio bulir nas minhas coisas!

E nessas horas tudo se mexia na minha frente. Eu via pedra andar, galo cantar, galope de cavalo na beira d'agua. Eu pedia clemência para ele, e ele disse:

- Olha eu ia dá [pra ti] uma tarrafa de peixe bom, mas as pacas que tu veio buscar, por causa da tua desobediência, nem teu cachorro "tu leva". "Foi tendo", "foi tendo", eu olhei em redor e num via areia, num via mato, num via nada, só água, só mar. E eu pensava.

- E agora como eu vou voltar e o Deco, onde ta? Aí eu me sentei na pedra e pedi pra ele:

- Ta certo rei Sabá, eu errei porque bebi a sua birita. O senhor quer me matar, me mata logo que eu já to ficando doido com essa coisa aqui.

- Mas tu vai voltar, disse ele! Tu vai voltar pra casa sem paca, sem peixe. Tu vai de hoje em diante ser guardião aqui porque teu arrependimento é sincero. E tudo que tu vê aqui, tu não vai se espantar porque aqui é o meu encanto<sup>217</sup>.

O que explica o destino de João Paliano depois daquela situação, é o que está presente em todas as religiões. Sua descrença desfeita com o episódio do coração da Princesa, e agora o "arrependimento sincero", fizeram o rei encantado tomar uma atitude incomum em relação àquele homem. Segundo os relatos acima podemos perceber as etapas que, da descrença ao arrependimento formou-se a fé de João Paliano, por isso, o posto que o pescador assumia agora era de um dos defensores da ilha, sua história de vida estaria marcada dali em diante por essa condição. Ele se tornou a referência principal para os fenômenos de encantaria que ocorreria na ilha, segundo sua filha, uma de nossas informantes, "ele é um dos, como diz o rei Sabá, ele era o segundo rei de lá da ilha"<sup>218</sup>. Podemos perceber isso nas nossas outras fontes orais: o caso da pesca no tesouro relatado pelo senhor José Santana é o Senhor João Paliano quem adverte que a pesca não daria certo se não pedissem ao rei Sabá. D. Dalila farias de Lima se refere a ele como um dos últimos moradores da ilha daquela época que poderia servir de fonte para esse trabalho de pesquisa. Muito tempo depois, ele era a fonte privilegiada de pesquisadores que investigariam as histórias de manifestação do rei Sabá associadas ao sebastianismo amazônico, o que o autor desse texto tentou fazer em sua primeira pesquisa.

O senhor João Paliano morou mais de 60 anos na ilha da Fortaleza. Vindo de uma família de pescadores que já habitavam a ilha, "desde quando a ilha estava sob o controle de

<sup>217</sup> João Paliano. Retirado de FELIZOLA, Ana Alice de Melo. Rei Sebastião: o mito narrando nações. Dissertação de mestrado em estudos literários, Centro de Letras e Artes (CLA) Universidade Federal do Pará (UFPA): - Belém-Pa. 2002. pp. 85-87. Pesquisador: Franklin Auad Thjin.

<sup>218</sup> Raimunda Paliano Lobo. Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2004. (Transcrição de Gravação).

Raimundo Magno e esposa, passando pelas mãos de Francisco Costa, Irene Netto Romariz até chegar a posse de José Vieira Lourenço, que em 1993 se associou ao alemão Markus Hubertus Eistert, criando a empresa L. M. Administradora Ltda”<sup>219</sup>.

Durante todo esse tempo, nosso personagem viveu uma história ligada à ilha, em que os recursos de sobrevivência eram limitados, mas atendiam as necessidades básicas daqueles moradores insulares. Não estiveram totalmente reclusos àquele mundo insular, estando constantemente em contato com a cidade, possuindo inclusive residência em São João de Pirabas, como é o caso do Senhor João Paliano. Mas ele preferia a vida na ilha. O tipo de sobrevivência, ou de vivência pelo qual ele estava acostumado, revela a história dos outros moradores que, bastante ligados àquele mundo, tinham um modo de vida em consenso com o que pregam as concepções de defesa da natureza. Um uso não devastador do meio natural da ilha, que nas palavras de uma de nossas informantes, “era uma ilha para os pobres, para criarem seus filhos”, segundo ordenava o rei Sabá<sup>220</sup>.

Os modos de sobrevivência na ilha da Fortaleza não se constitui, é claro, como uma economia fechada, restrita à ilha. Não só na ilha da Fortaleza, mas nas outras próximas ao município de São João de Pirabas. A produção dessas ilhas era comercializada principalmente na sede do município pirabense ou em outros locais para onde essa produção poderia ser escoada, garantindo assim, a compra de produtos externos a ilha como material para pescar, caçar, plantar e colher:

“A gente trabalhava, botava curral, pescava, eu pescava com meu pai! Nós botamos roçado. Deu muita lá, deu arroz, deu man(...) mandioca, batata que a gente plantava. (...), quando eu morei lá ainda era mata bruta mesmo. Tinha muita mata ainda e era um bacurizal d’onde nós morava. Bacuri! Que cê ia lá trazia desse paneiro cheio que não dava conta de trazer, muito! Então nós trabalhava ali com mandioca, farinha, meu pai tinha forno de cobre. A gente trabalhava, fazia farinha. Tanto que nós entramo lá, roçamo logo, roçado do mato. Sabe?!!! Na terra de mato dá muita mandioca, mas só tinha uma coisa, que o gado invadia no (...)”<sup>221</sup>.

A comercialização desses produtos pôde prover materiais como o forno de cobre, utilizado pela família de D. Dalila para fazer farinha e vendê-la com os outros produtos: “A gente vinha vender as coisas, as coisas tudo eram vendida aqui, quando não, era no Nazaré. (...) A colheita de lá e vinha vender pra cá, quando não, a gente ia pro Nazaré. Era assim”<sup>222</sup>. A existência desses produtos naturais em abundância na ilha assim como os animais, no caso

<sup>219</sup> JORNAL, “O Liberal”. 17/11/2002. Atualidades, p. 8.

<sup>220</sup> Raimunda Paliano Lobo. Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2004. (Transcrição de Gravação).

<sup>221</sup> Dalila Farias de Lima, 76 anos. Entrevista realizada em janeiro de 2005.

<sup>222</sup> *Ibidem*.

dos gados que eram muitos e invadiam as plantações, permitiram uma certa segurança para a sobrevivência daqueles moradores insulares, o que nossos contemporâneos denominam de desenvolvimento “sustentável”, era praticado por aqueles homens e mulheres moldado pela crença no rei Sabá e nos encantados de uma forma geral.

Essa produção, apesar de toda abundância de matéria prima, de material produzido e coleta tinha um limite imposto, segundo nossa informante, pelo próprio rei Sabá. Perguntada sobre qual local ele poderia ter proibido de plantar na ilha ela respondeu que não havia essa proibição, pelo menos não em relação à produção na agricultura da ilha:

“Ele nunca, nunca disseram isso. Só que não era mexido era os peixe de lá do lago do poço, num deixava tirá não. Era um peixe bonito. Um dia o cara que ia pescar ele disse assim, -Olha aí não é pra pescar, pode deixar. Tinha cada mero grande nessa época, mas num mexiam, o pessoal que morava lá respeitava”<sup>223</sup>.

Para o leitor descrente ou para a descrença do nosso sistema racional científico, esse relato pode não ser muito relevante, na verdade adquirir o que se costuma chamar de credices, uma religiosidade que não é levada muito a sério. Ainda assim, as ordens estabelecidas pelo rei Sabá, eram uma regra respeitada pelos moradores insulares, e verdadeira ou não, o estabelecimento desse limite, assim como as outras determinações que existiam a partir de sua crença, ordenou e limitou a produção do pescado. Isso nos leva a compreender um pouco melhor a história desses moradores da Fortaleza insular. Dessa forma percebe-se a importância dessa crença para os moradores locais e como, a partir de sua religiosidade determinaram seus comportamentos, obedecendo e/ou desafiando ao rei Sabá.

O poço a que nossa informante se refere, exclusividade do rei Sabá, localiza-se atrás do Castelo. Segundo ela, atualmente não existe mais essa proibição, mas ainda existem peixes no lago que podem ser capturados. Aliás, a única prática econômica mais forte da ilha é a pesca que continua desde muito tempo alimentando os moradores insulares e de São João de Pirabas.

A presença dos chamados donos da ilha da Fortaleza, juntamente aos moradores provocou uma relação complexa entre esses grupos dentro da ilha, relações de poder se estabeleceram e novamente a religiosidade dos moradores influencia nas concepções que eles formaram a respeito desses proprietários da ilha da Fortaleza.

O dono mais antigo do local de que temos notícias é o senhor Raimundo Magno. Foi em sua época que a família do senhor Paliano se estabeleceu na ilha da Fortaleza de acordo

---

<sup>223</sup> *Ibidem.*

com as informações de reportagens de Jornal. Nas fontes orais podemos encontrar os sucessores do senhor Magno conhecido como senhor João Costa ou Francisco Costa como é denominado pelas fontes escritas<sup>224</sup>. À época desse segundo proprietário que dona Dalila Farias de Lima diz ter chegado à ilha no momento em que essa sucessão de proprietários era feita: “Ah depois o Dr. João costa vendeu pro Dr. Romariz. O Romariz tomou conta e nós se introsamo com o Dr. Romariz, ainda dois anos. Empregados do Romariz, mas isso já depois d’eu casada”<sup>225</sup>. Na relação entre a família de nossa informante e os donos da ilha, se percebe o poder estabelecido a partir daqueles a quem pertenceria a ilha, quando ela diz que eram empregados do Dr. Romariz. Apesar do sentido que essa afirmação possa denotar, podemos perceber uma relação marcada sem conflito, ou pelo menos isso não foi enfatizado pela informante, seja por estar interessada em falar da natureza local e das histórias do rei Sabá, ou porque para ela não é muito relevante o fato de terem existido donos na ilha.

A família Romariz ganhou bastante notoriedade entre a população de São João de Pirabas, principalmente, devido ao comportamento cruel de um dos membros dessa família. A ênfase aqui nessa família não pretende mudar os objetivos do trabalho, apesar de que esses proprietários são personagens que também fizeram parte da história da ilha. Porém o nome dos Romariz aparece em outro relato sob uma outra visão:

“O primeiro morador foi o pai dele, os pais da mamãe e de lá veio, tinha outros dono que era a família, a família Romariz, a família João Costa, depois foi o, foi o Lourenço e do Lourenço, agora é que ta tendo já, pelos, pelos alemães que tão (...), e família Paliano lá, família paliano não tem mais, mais nenhum lá, o que ainda ta por lá é eu, que ainda trabalho por lá ainda”<sup>226</sup>.

No relato de D. Raimunda Paliano Lobo, essa família aparece junto às outras, mas ela enfatiza claramente o nome de sua própria família, para contar a história que seu pais e irmãos viveram presenciando as encantarias do rei Sabá. A idéia de que a Fortaleza é “uma ilha para os pobres”, para sobreviverem daquilo que o ambiente lhes proporcionava sem abusar dos elementos desse meio, diga-se de passagem, sem desperdiçar ou destruir o meio natural, mostrando que a existência de donos da ilha era o inverso desse valor, é uma concepção da informante. Além disso, podemos encontrar ainda em seu relato, visão sobre a família Romariz que atesta outra concepção entre os moradores da ilha e aqueles que se diziam proprietários dela.

---

<sup>224</sup> JORNAL, “O Liberal”. 17/11/2002. Atualidades, p. 8.

<sup>225</sup> Dalila Farias de Lima, 76 anos. Entrevista realizada em janeiro de 2005.

<sup>226</sup> Raimunda Paliano Lobo. Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2004. (Transcrição de Gravação).

“Então, as vezes fico pensando(...), das coisas que ele me já falou, que eu sei que isso do finado Lourenço aconteceu, (...) era muito rico, muito rico o finado Lourenço, muito rico, morreu na miséria. E o finado Ronaldo também, né? a família Romariz, que era outra família rica e o que aconteceu? o, o pai dele morreu e o filho ficou, né?! também morreu na miséria, caindo os pedaços, por causa das, das (...) das malvadezas que ele fazia com as mulheres que ele levava pra lá, morreu caindo os pedaços. Esse meu pai aqui é, já foi, foi uma pessoa que ajudou muitas pessoas é, é, é (...) meninas que íam pra lá, meu pai cansou de trazer de noite na canoinha, daqui, daqui o papai arrumava o dinheiro, elas íam fugida mano! que aquele finado Ronaldo, que Deus perdoe os pecados dele, ele era muito malvado com as mulheres (...) Então isso são coisas que, isso aconteceu mesmo ali, né! no tempo que esses donos ricos (...) e era um homem, assim, bonito, ele era assim parece um artista, você ainda se lembra dele? (me lembro.) ele era assim, igual um artista, né! bonito ele, altão, alto, ele era, parecia um italiano, um alemãozão, altão. E ele judiava muito aquelas meninas, botava de cabeça pra baixo, o papai conta que, e dava chicotada, só trazia aquelas moça bonita, aquelas filha de gente rico mesmo, os pai vinham buscar, (...) eu sei que ele morreu caindo os pedaço, cheio de ferida. E o meu pai telefonou pra família, mandou recado, escreveu, mandou uma carta pra família vim buscar ele”<sup>227</sup>.

Os donos da ilha, de alguma forma representariam o mal, personificados na figura de Ronaldo Romariz que maltratava meninas em sessões de tortura na Fortaleza. O outro extremo dessa visão maniqueísta era a figura de seu próprio pai, que salvou algumas meninas do domínio do dono da ilha atravessando-as de barco para Pirabas e mandando-as de volta para Belém. D. Raimunda, é claro, não tenta heroicizar a figura do pai, ele aparece mesmo como o súdito do rei Sabá. Novamente a crença no rei encantado é uma influência, pois, segundo o relato as maldades provocadas pelo dono da ilha seriam revertidas a esse em um castigo do rei Sabá, que o fez morrer “caindo aos pedaços”, assim como teria castigado o Senhor Lourenço por ter destruído um lugar de morada dos encantados nas matas da ilha.

A história do senhor João Paliano na ilha da Fortaleza, foi até o ano 2000, quando ele teve que se mudar da ilha por problemas de saúde ou de um conflito com os novos donos, que não foi confirmado pela nossa informante, sua filha, mas que aparece enfaticamente nas fontes de jornais. Vejamos como ocorreu: após a morte do Senhor Lourenço que havia vendido a ilha para um grupo de alemães ou se associados a eles criando um empresa que administraria a ilha. Os próprios alemães passaram a se dirigir até o local. Dentre eles destacou-se uma das sócias chamada Devatara Valéria Lilippert. Segundo os jornais o senhor paliano saiu da ilha devido a pressões imposta pela alemã:

“Tentando viver a vida que levava há décadas na ilha, não demorou muito para que João Paliano acabasse sendo ameaçado de expulsão por Devatara. “Até que no começo a gente se

---

<sup>227</sup> *Ibidem.*

entendia. Eu fazia que não ouvia quando ela falava para eu sair da ilha. Mas depois tudo começou a ficar complicado”, relembra Paliano<sup>228</sup>.

Essa denúncia é apenas um dos exemplos entre outras veiculadas pelo Jornal “O Liberal” eram na verdade resultado de um conflito entre a prefeitura Municipal de São João de Pirabas. E a história de vida do senhor João Paliano ganha destaque exatamente por ser ele um dos mais conhecidos moradores da ilha e por todo respeito que ganhou entre os moradores, como um dos defensores da ilha. A reportagem nos mostra ainda que:

“A primeira imposição de Devatara, mesmo pagando um salário para Paliano, foi a de ficar com dois terços de tudo o que o trabalhador produzia na ilha, desde a plantação de coco e outras frutas, até o peixe que fosse capturado. Paliano na época já tinha 36 hectares de área plantada (a ilha tem mais de 1.500 hectares) e em pouco tempo foi cedendo às pressões tendo que sair da ilha. Ele ainda foi ao Serviço de Patrimônio da União tentar garantir a área que beneficiaria. Mas esse direito lhe foi negado. O acidente vascular cerebral foi o golpe final na vida desse trabalhador, que se não ficou totalmente prostrado não pode mais plantar e pescar<sup>229</sup>.

Seja como for, pela versão apresentada pelo jornal que teria feito uma entrevista com o senhor paliano onde ele declara que foi expulso da ilha, ou por nossa informante sua filha que não quis falar sobre esse assunto, ele foi morar em Pirabas. Mas sua partida, pode ser explicada por outra razão. Por volta do ano 2000 mesma época em que tomaria a decisão de mudar da ilha, houve um acontecimento, que abalaria os adeptos das religiões afro-brasileiras, principalmente os umbandistas: segundo notícias de jornais, no final do ano de 2001, “pescadores descobriram que a pedra (do rei Sabá) havia sido destruída a golpes de picareta<sup>230</sup>, esse fato que segundo essas informações teria sido provocado pela alemã, teria sido o motivo mais grave dentre os citados pelo jornal de supostas arbitrariedades cometidas por Devatara Lilippert. Essa afirmação do jornal, mostra a importância que a figura do rei sabá e de sua pedra teria, para a cidade, seja como patrimônio cultural natural ou como elemento da religiosidade popular de que venho tratando até aqui.

A destruição da pedra teria sido o motivo principal para o senhor Paliano tomar a decisão de mudar da ilha para Pirabas. Em entrevista a um pesquisador reafirmando sua crença ele relata:

---

<sup>228</sup> JORNAL, “O Liberal”. 17/11/2002. Atualidades, p. 8.

<sup>229</sup> *Ibidem*.

<sup>230</sup> *Ibidem*.

"O rei Sabá existe sim, senhor. Ele já não mora mais aqui, teve aborrecimentos porque não cuidam do que é dele, quebraram a pedra dele que era o castelo que ele vivia e ele se mudou com raiva. Isso é o que contam, esse pessoal que "mexe" com o "encante", pessoal da umbanda, que trabalha na "linha do encante". Eu acredito porque vivo aqui desde 1968, e já vi ele, quando essa praia da Fortaleza era um lugar de respeito, respeito pelo rei Sabá"<sup>231</sup>.

Com a saída do próprio rei Sabá da ilha o senhor paliano resolveu se mudar. E ainda em seu relato podemos encontrar o aspecto do tempo mítico na ilha da Fortaleza que acabou com a partida do rei Sabá. Não porque vivesse ali um rei encantado que foi embora e a crença se extinguisse também, mas pela concepção de vida feliz de “tempo bom” na época em que o rei morava na ilha:

“Mas como eu disse, ele foi embora daqui, o rei Sabá.  
Quando ele foi embora quebraram a pedra dele.  
Pirabas era muito farta na época dele, cidade boa pra se viver na época em que o rei Sabá morava aqui. Agora é só carestia. Ele foi embora e é só pobreza na cidade”<sup>232</sup>.

A idade mítica de que falou Jacques Le Goff<sup>233</sup>, encontramos na ilha da Fortaleza, no tempo em que o rei Sabá teria morado no local. O saudosismo ou lamento do senhor Paliano ao falar desse tempo, demonstra a perspectiva que sua visão de felicidade estava ligada à época em que morou na ilha, depois que ele foi embora, São João de Pirabas, em sua concepção, se tornou uma cidade decadente. Essa afirmação do senhor João Paliano, nos fez comparar, em trabalho anterior<sup>234</sup>, as concepções formadas em São João de Pirabas a um Sebastianismo às avessas, aliás o próprio sebastianismo é um exemplo clássico de uma idade mítica, dos tempos iniciais e do tempo que se aguarda no caso daqueles que ainda esperam a volta do rei para um retorno ao tempo de felicidade. Dissemos que estava às avessas em Pirabas, por que não se aguarda sua volta, ou qualquer desencantamento que irá inverter a ordem do mundo fazendo emergir a cidade encantada com um novo tempo de felicidade. Isso não existe em Pirabas, não se espera a volta de D. Sebastião, ou melhor, do rei Sabá. Mas o tempo de felicidade nunca é deixado de lado das perspectivas dessa, assim como que qualquer outra população, mostrando que a idade mítica é uma expectativa constante, seja esperando Jesus Cristo, D. Sebastião ou outro salvador que trará um tempo de felicidade.

---

<sup>231</sup> João Paliano, entrevista concedida à Franklin Auad Thjin. In: FELIZOLA. *Op. Cit.*, 2002, p. 85.

<sup>232</sup> *Ibidem*.

<sup>233</sup> LE GOFF. *Op. Cit.*, 2003, pp. 283-321.

<sup>234</sup> SILVA. *Op. Cit.*, 2004.

E D. Sebastião sabemos, não faz parte das concepções formadas pelos moradores de São João de Pirabas, mas não está distante dessa história, sua presença se faz a partir das visões das religiões afro-amazônicas. Portanto para entendermos um pouco mais sobre sua figura nessa história, vejamos como as religiões afro no Pará, instituíram os rituais de adoração ao rei Sabá.

### **Rei Sabá e o 20 de janeiro, o início de uma tradição inventada;**

Em sua pesquisa realizada em São João de Pirabas em uma viagem rápida, Márcio Honório de Godoy nos diz que seu Paliano nos dá pista sobre os caminhos de transmissão ou trocas de experiências que compõe o imaginário em torno do rei Sebastião ou no rei Sabá. Sua afirmação se faz no fato de que o senhor João Paliano Torres esteve em contato com as histórias do rei Sabá contadas pelos pescadores vindos da ilha dos Lençóis no Maranhão<sup>235</sup>, saberiam eles da associação rei Sabá D. Sebastião? Na verdade não é essa questão que interessa aqui e sim os caminhos citados pelo pesquisador, os caminhos entre o Pará e o Maranhão. Na última noite em que Godoy esteve em Pirabas hospedado em uma pousada:

“Por volta das vinte e uma horas chegou, depois de uma viagem de pesca de alguns dias, o filho mais velho de dona Nazaré (dona da pousada). Sua presença ali comprovou a rota de pescadores, da qual falou seu Paliano em nosso encontro. O filho de dona Nazaré vinha da ilha dos Lençóis, sua última parada em terra firme antes de retornar a São João de Pirabas. Isto nos leva a crer que a rota é comum nos dias de hoje”<sup>236</sup>.

A rota marítima entre o Pará e o Maranhão, feitas por pescadores como o senhor Paliano ou o filho de dona Nazaré de que falou Márcio Honório de Godoy, e que era realmente traçada há muitos anos pelos pescadores não só de São João de Pirabas mas do resto da região do Salgado e da ilha do Marajó. Nesse caminho ocorreram provavelmente várias histórias de encantarias relacionadas ao rei Sabá ou ao Rei Sebastião no caso da ilha do Lençol no Maranhão. Porém uma delas resultaria em uma nova etapa na história do rei Sabá na ilha da Fortaleza:

O Sr. Pedrosa, como é conhecido em São João de Pirabas, conta que a partir de uma aparição do rei Sabá a um parente seu, que viajava em uma embarcação da ilha do Marajó para o Maranhão, ficou sabendo da existência do rei Sabá. De forma resumida a história ocorreu da seguinte maneira como nos relata o informante:

<sup>235</sup> GODOY. *Op. Cit.*, 2005, pp. 173-174.

<sup>236</sup> *Idem.*



Então o meu tio, o nome dele era Carlos "padeiro", morava em Salvaterra, ele tinha uma embarcação: fazia canoas de pesca... Aí ele veio uma viagem pra ir pro Maranhão, aonde passou perto de São João de Pirabas, quando ele chegou lá no meio da viagem que ele viu a pedra, próximo da pedra a canoa deu prego... Quando eles viram, vinha saindo da beira da praia um homem todo de branco, veio... quando chegou lá perto... - O que é que ta havendo? aí ele contou que a canoa tava no prego, que eles iam pro Maranhão... vender farinha... Aí o caboco (rei Sabá) embarcou no barco e perguntou se eles vendiam. Ele disse, - Vendo!..... - Então tá legal, eu compro...eu só quero que mande um homem comigo buscar lá na minha casa o dinheiro.... Ele tava num cavalo bonito, um cavalo branco... Aí ele sentou no cavalo e mandou também que o homem subisse no cavalo... - Agora fecha os olhos, só abre quando eu te mandar... - Abre os olhos. Ele abriu, ele tava embaixo d'um negoço e viu as amarras da canoa e as mercadorias que eles tinham jogado na água tudinho lá... Aí ele ficou calado num disse nada, ele pegou o dinheiro da mão do cara (rei Sabá)... Quando ele chegou na canoinha que o cara deixou ele , que o cara voltou. - Meus amigos pelo amor de Deus, vamos embora daqui, vamos embora... que eu vi as mercadorias que nós joguemo na água, ta tudo lá, montiada só num canto perto das amarras da canoa... de repente o motor pegou, aí eles puxaram a amarra e foram embora<sup>237</sup>.

Ao ficar sabendo da existência da pedra do rei Sabá, o Senhor Pedrosa decidiu morar em Pirabas onde se casou com uma mulher de lá e fundou a "Associação unida espírita rei Sebastião" a qual ele declara afro-umbandista. Com isso, realiza os rituais de adoração e homenagens ao rei Sabá desde o início da década de 1970.

Chegaram dessa forma em São João de Pirabas as religiões afro-amazônicas para fundar uma tradição ou para inventa-la. Eric Hobsbawm nos lembra que as tradições inventadas são criadas para contrapor as mudanças da vida moderna, por isso estão assentadas na repetição do ritual que faz um constante retorno ao passado, portanto estão ligadas ao contexto em que foram produzidas e ao passado a que se referem, querendo revivê-lo nos rituais. Diz ainda que os símbolos presentes nesses rituais ou dos quais vêm esses rituais são difíceis de serem encontrados nas tradições não inventadas, sendo que nas inventadas é mais fácil localiza-los<sup>238</sup>. Ao dizer que as tradições inventadas podem ser localizadas ou não no tempo, ele acaba dizendo que a maioria delas foi inventada, seja proposital com institucionalização das manifestações que vão se repetir ao longo dos anos, ou não.

Não temos notícias se outras casas de cultos afros já se dirigiam ao local para fazer oferendas e ritualizar junto à pedra do rei Sabá, o que sabemos é que, a pedra do rei Sabá é “considerada um dos mais sagrados símbolos dos umbandistas paraenses (...) cultuada a mais de 80 anos pelos nativos da região do Salgado”<sup>239</sup>. Mas não diz se esses nativos eram adeptos

<sup>237</sup> Pedro Pedrosa, Funcionário público e chefe da associação afro umbandista em São João de Pirabas. Entrevista realizada em 24 de junho de 2002. (Transcrição de gravação).

<sup>238</sup> HOBSEAWM. *Op. Cit.*, 1997.

<sup>239</sup> JORNAL, “O Liberal”. 17/11/2002. Atualidades, p. 8.

das religiões afro-amazônicas. Porém, mesmo que tenham existido cultos afro em Pirabas antes da associação chefiada pelo senhor Pedro Pedrosa, foi a tradição iniciada em 1970 que unindo vários elementos, inclusive a imagem de são Sebastião, um santo católico, projetou mais essa religiosidade entre os adeptos dos cultos afro, no Pará. Portanto do ponto de vista do novo, do instituído as homenagens realizadas ao rei Sabá realizadas todo dia 20 de janeiro podem ser consideradas uma tradição inventadas, principalmente devido às bricolagens culturais ocorridas aí como a soma da imagem de são Sebastião ao ritual de adoração ao rei Sabá, é comum já que a própria umbanda a qual declara ser a casa de culto afro em Pirabas, é uma síntese de catolicismo, religiões afro, e espiritismo. A própria escolha do dia 20 de janeiro é um fator que marca a tradição em um tempo cíclico, naquilo que todo ano se repete e também devido ser ela o dia de são Sebastião o santo diretamente associado ao rei Sabá, pelos adeptos dos cultos afros em pirabas. Considerando que os rituais dessas homenagens realizadas ao rei Sabá todos os anos, constituem uma prática há muito instituída pelas religiões afro-amazônicas, podemos dizer que parte dessa tradição não se formou ali em Pirabas no início dos anos de 1970, mas faz parte de uma longa tradição, constituindo-se parte e resultado de uma história a muito engendrada.

Se os cultos afro só chegaram oficialmente em São João de Pirabas na década de 70 do século XX com a institucionalização de uma casa de culto umbandista no local, as religiões afro na Amazônia tem uma tradição que remonta ao século XIX e uma história não documentada que remonta ao século XVII quando os escravos africanos foram trazidos diretamente da África para essa região do Pará e Maranhão<sup>240</sup>. Como a documentação sobre esses escravos trazidos desde os seiscentos para a Amazônia não disse muita coisa sobre suas religiões, encontramos nas casas de culto vindas do Maranhão outra explicação, ou uma outra origem para as religiões afro-paraenses, autores como Oneyda Alvarenga, Edison Carneiro, Roger Bastide e o casal de antropólogos Seth e Ruth Leacock também atribuem ao Maranhão<sup>241</sup> ou suas casas de culto as origens da tradição afro no Pará, principalmente por não terem entrado em contato com a documentação encontrada por Anaíza Vergolino e Arthur Napoleão Figueiredo<sup>242</sup> ou por também não terem identificado manifestação da religiosidade dos negros trazidos diretamente ao Pará.

Essas manifestações só puderam ser encontradas até agora, no século XIX, já associadas à pajelança cabocla e ao catolicismo. Sobre este último encontramos os escravos

---

<sup>240</sup> VERGOLINO. *op. cit.* 2000. pp.34-38.

<sup>241</sup> *Idem.*

<sup>242</sup> VERGOLINO-HENRY, Anaíza & FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. *Presença africana na Amazônia: uma notícia histórica*. – Belém: Arquivo Público do Pará, 1990.

negros do Pará organizando irmandades católicas em Belém que se constituíram em um movimento bastante particular daqueles negros em relação ao resto do Brasil. Aldrin Figueiredo trouxe até nós a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos que conseguiram patrocínio do governo da província para erguer seu templo<sup>243</sup>. Podemos pensar que esse patrocínio se deu em razão de os negros serem adeptos do catolicismo, e o Estado incentivou a prática de sua religião oficial pelos negros, mas como nos lembra o autor, os escravos encontravam na prática religiosa das irmandades católicas, meios de manifestarem sua religiosidade nos orixás, voduns e também nos senhores, nobres, santos e caboclos que passaram a adorar em terras amazônicas.

Essas religiões populares nem sempre estiveram sob o auxílio do Estado, na verdade o exemplo acima era uma exceção. As práticas da Pajelança como nos mostrou Aldrin Figueiredo eram constantemente transformadas em caso de polícia<sup>244</sup>. Seja pelos crimes cometidos pelos falsos pajés, ou para controlar essas práticas que não estavam de acordo com o modelo social de comportamento e religiosidade impostos.

A referência feita acima sobre a obra de Figueiredo é importante pelo que ela mostra em um dos caminhos apontados pelo autor. Segundo ele as práticas e manifestações religiosas apresentadas pelo caboclo da Amazônia tiveram duas matrizes, a primeira delas foi a pajelança que ele investigou desde meados do século XIX. Já na década de 1930 ocorreu uma mudança, e a segunda prática ou matriz entraria para o cotidiano do homem amazônico eram as religiões negras<sup>245</sup>, influenciando sua vida seu comportamento, suas ações e história, sem é claro desaparecer as práticas da pajelança cabocla.

Essas práticas da pajelança cabocla eram inclusive muitos presentes entre os moradores de São João de Pirabas. Quando a matriz africana já estava presente na casa de culto do Senhor Satiro em Belém que antes era pajé e agora era Pai de Terreiro<sup>246</sup>. Em Pirabas por essa época os pajés eram muito recorridos pelos moradores que recebiam castigos do rei Sabá, mas que os próprios pajés recomendavam fazer banhos de cheiro junto à pedra<sup>247</sup>. Moravam eles próximo ao que viria ser a sede do município pirabense ou na região das ilhas. Além dos pajé citado por dona Dalila Lima, ela nos conta a história trágica de uma mulher que provavelmente era um pajé, uma senhora de nome Maria Antonia com quem ela morou quatro anos na ilha do Taperebá:

<sup>243</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Os Reis da Mina: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos no Pará do século XVII-XIX*. Boletim do Museu paraense Emílio Goeldi. - Belém, 1994, V. 9. p. 110.

<sup>244</sup> FIGUEIREDO. *Op. Cit.*, 1996.

<sup>245</sup> *Idem.*

<sup>246</sup> *Idem.*

<sup>247</sup> Dalila Farias de Lima, 76 anos. Entrevista realizada em janeiro de 2005.

“Essa mulher morreu porque o marido dela morreu e num deixava ela de mão. Nós ia pro serviço, quando a gente vinha, a gente tava trabalhando, quando a gente escutava ele gritar: - hei, hei Maria! Ela dizia: -O home ta me chamando! A gente vinha, se ela trazia um paneiro na cabeça, assim uma coisa, duas coisa de trabalho, ele puxava, derrubava tudo. Olha ela sofreu muito”<sup>248</sup>.

Ao perguntar se o marido de dona Maria Antonia não era um encantado, nossa informante responde que não. Ele havia realmente morrido e estaria assombrando a esposa:

“Ele morreu até com essa doença (...) caía os dedo dele, caía os dedo do pé. Tétano? Tétano não era aquela doença (...) lepra ele, ele tava melhor e ela inventa de visitar ele lá no leprosário. Que quando ela chegou lá ele ficou, ficou (tristeza) que era marido dela né. Aí que oito dia que ela foi visitar ele, ele fugiu. E desse tempo num era, não tinha esses transporte né! Ele veio andando do leprosário pra cá . Quando ele chegou no quarenta e dois (Km 42 da PA-140), tava podre de bicho. De lá ela veio buscar ele e levou ele embora. Não tinha quem agüentasse! Podre, podre!! Fedendo, Fedendo, Fedendo e assim ele morreu. Ela botou muito remédio pra si os bicho, sabe lá por onde ele dormia, essas moscas botavam (...) que do leprosário pra cá, que tem muita gente que ainda conta, ainda tem muita gente, ainda tem muita gente dessa época.. E aí pronto, ficou perturbando a vida dela, ela era casada primeiramente com um, com um português em Belém. Depois que ela veio de Belém viuva, casou com esse outro”<sup>249</sup>.

Essa pequena história contada aqui para ilustrar a trajetória de dona Maria Antonia, nos mostra que essa mulher que parecia levar uma vida normal, pescando e plantando para sua sobrevivência nas ilhas próximo à São João de Pirabas, teve uma história bastante particular e ligada a crença no rei Sabá. Foi ela que em outro relato de dona Dalila Farias de Lima ficou doente e foi curada pessoalmente pelo rei Sabá. E segundo dona Dalila, tanto sua doença como sua cura foram devido ela ter crença lá com o rei encantado. Portanto a pajelança era a religião popular preponderante em Pirabas e como ocorreu no resto da Amazônia, obteve um acréscimo das práticas religiosas de matriz negra quando instituíram o dia 20 de janeiro na década de 1970 as homenagens ao rei Sabá. Mas outros pajés continuaram em suas práticas ao longo dos anos próximo à São João de Pirabas ou mesmo no local que viria a ser a sede do município, fazendo parte da religiosidade da população.

A história de dona Maria Pajé que faleceu há poucos anos é um exemplo da afirmação acima, aliás, suas práticas religiosas mesclavam a matriz negra e da pajelança que podiam ser percebidas nas festas e em suas práticas curativas. Na festa em homenagem a São Benedito realizadas por ela, podia-se perceber a influência negra e católica. Nas consultas que dava em

---

<sup>248</sup> *Ibidem.*

<sup>249</sup> *Ibidem.*

sua casa, benzendo e curando crianças com mau olhado, quebranto, e outras doenças consideradas malinezas, podia-se perceber a prática curativa da pajelança. A história de dona Maria Pajé que merece um maior aprofundamento, vou ficar devendo neste trabalho. A referência que fizemos a ela foi para mostrar o que afirmei acima, da união dos cultos afros e da pajelança no contexto das práticas e manifestações da religiosidade popular da Amazônia, que como vimos se deram também em São João de Pirabas. Foi para mostrar a importância dessa história individual de dona Maria Pajé que foi reconhecida pela atual administração da Prefeitura Municipal de São João de Pirabas e a homenageou colocando seu nome em um de seus monumentos ou construções.

Ao falar de uma invenção de tradições nessa parte do estudo, e de como essa tradição mudou e moldou as práticas religiosas populares em São João de Pirabas, não estou querendo dizer que essas práticas se tornaram a única forma de culto ao rei Sabá desde o início da década de 1970, ela só instituiu algo que foi inventado para ser repetido num ciclo temporal, o que é normal ao tratarmos da religiosidade do homem amazônico ou de qualquer outra cultura. Porém as práticas antigas de culto e homenagens sobreviveram e ainda sobrevivem, caracterizando os cultos na pedra do rei Sabá em períodos constantes. É sobre esse culto, e de sua principal característica que também nos deteremos a partir dessas linhas.

#### **“Litolatria”, José de Moraes Rego e a negação do sebastianismo na ilha da Fortaleza;**

Culto às pedras, é a definição que imediatamente vem ao pensamento daqueles que identificam o sentido etimológico ao ouvirem a palavra *litolatria*. Portanto uma religião da natureza, mas seriam todas as pedras? Flávio Gomes Cabral nos lembra que “quando se fala em culto das pedras não quer dizer que todas as pedras sejam consideradas sagradas. Essa manifestação ocorre em alguns rochedos que são diferentes dos demais devido a sua forma, proporções ou devido a suas implicações rituais”<sup>250</sup>. São portanto, características singulares que conferem à algumas pedras a condição de místicas ou mesmo sagradas como poderemos ver adiante.

Em 1983 José de Mores Rego publicava o livro “Litolatria, culto às pedras no Estado do Pará”. Na parte introdutória deste estudo o autor se preocupou em deixar claro exatamente o sentido em que usaria a palavra *litolatria*, sendo que o culto às pedras pode ser identificado

---

<sup>250</sup> CABRAL, Flávio José Gomes. *Paraíso terreal: a rebelião sebastianista na Serra do Rodeador- Pernambuco 1820*. – São Paulo: Annablume, 2004, p. 75.

como *petrolatria*, preferiu o primeiro termo, pois o segundo poderia remeter o leitor ao sentido e significado de petróleo<sup>251</sup>.

Nessa pesquisa o autor transitou por searas de umbanda na capital e no interior paraense, para observar como se dava o culto às pedras nas religiões afro-amazônicas. Além dos locais de cultos afro, investigou o culto às pedras na própria natureza em dois pontos: o primeiro deles e segundo o autor, o mais famoso, era a pedra do rei Sabá, na ilha da Fortaleza pertencente ao município de São João de Pirabas; a segunda era a pedra chorona, situada na praia do Centenário em Frente a ilha de Algodal no arquipélago de Maiandeuá, próxima ao município de Maracanã. Sendo que esses dois elementos naturais, também são cultuados pelas religiões afro-amazônicas. O interesse do autor por essa questão se deu porque, além de fazer parte da Comissão Paraense de Folclore, Moraes Rego tinha proximidade com adeptos de religiões afro. Não era a primeira vez que alguém fazia uma incursão por essas religiões, mesmo que o autor estivesse fazendo a pesquisa desde o início da década de 70, quando antropólogos como Anaíza Vergolino e Napoleão Figueiredo já vinham fazendo investigações antropológicas nesses espaços dos cultos afro-amazônicos a mais tempo, desde a década de 1960<sup>252</sup>, sem contar os estudos anteriores de Oneyda Alvarenga, Roger Bastide, Edison Carneiro, Seth Leacock e Ruth Leacock<sup>253</sup>. Mas a pesquisa de Moraes Rego era um primeiro trabalho que direcionava para o culto às pedras dentro dessas religiões.

Essa investigação se reveste de significados importantes tanto para quem pratica, quanto para quem investiga o culto às pedras. O próprio autor teve que fazer um ritual prévio para fazer a visita a pedra do rei Sabá. Atestou a força do simbolismo desse culto que pode ser sentido até mesmo por quem não o pratica, quando afirmou "sabemos o fascínio que as rochas, o elemento pétreo sempre exerceu nas sociedades primitivas(...) Acreditamos que este fascínio é devido a um toque sobrenatural que lhe dá uma resistência maior do que a dos outros elementos paisagísticos"<sup>254</sup>. Porém o toque sobrenatural de que falou Moraes Rego foi sentido por ele próprio na visita a pedra do rei Sabá.

---

<sup>251</sup> REGO. *Op. Cit.*, 1983.

<sup>252</sup> FIGUEIREDO, Napoleão & VERGOLINO E SILVA, Anaíza. "Alguns elementos novos para o estudo dos batuques de Belém". *Atas do simpósio sobre a Biota amazônica*. Belém: MPEG-CNPq, 1967 v. 2, pp. 101-122.

<sup>253</sup> Sobre esses trabalhos ver, ALVARENGA, Oneyda. *Babassuê: registros de folclore musical brasileiro*. – São Paulo: Biblioteca Pública Municipal, 1950; BASTIDE, Roger. *Les religions africaines au Brésil: vers une sociologie des interpenetrations de civilisations*. – Paris: PUF, 1960; CARNEIRO, Edison. *Religiões negras*. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936 & LEACOCK, Seth & LEACOCK, Ruth L. *Spirits of the Deep: A study of a Brazilian cult*. – New York: The American Museum of Natural History, 1972.

<sup>254</sup> Idem. p.18.



Um grupo de adeptos ou súditos do rei Sabá que chegou a pedra para fazer oferendas, no momento em que o autor e seus acompanhantes estavam na rocha. FOTO: José de Moraes Rego.

Ao falar diretamente do culto ao rei sabá José de Moraes rego diz que ir à sua pedra pode ter várias finalidades, e as cita, como pagamento de promessas, pedido de uma graça, fazer obrigações de água, entendendo-se por isso fazer qualquer ação mágica relacionada à água, adquirir forças, etc. Sua intenção de ir à pedra era antiga. Ao conhecer um homem chamado Manoel Cornélio, conseguiu que o mesmo lhe acompanhasse até o local. Mas o experiente como ele próprio se denominou recomendou ao autor que fizesse um ritual prévio “a fim de estimular uma possível sensibilidade nossa para talvez captar algo das encantarias. (...), deveríamos acender uma vela junto a uma pedra, em nossa própria residência, dedicada ao rei Sabá e pensando nele, pedir-lhe permissão para a visita programada”<sup>255</sup>. Ao que ele relatou o ritual foi feito como determinado pelo Senhor Manoel Cornélio, juntamente com outro amigo que o acompanharia na viagem a São João de Pirabas. Os aprendizes de súditos ao rei Sabá teriam tido uma visão do próprio rei que seria confirmada quando chegaram na ilha da Fortaleza. Ao se aproximarem do platô de pedras que constitui o Castelo do rei Sabá tiveram a visão do homem sentado meditando e lembraram da figura que haviam visualizado em sua própria casa quando fizeram o ritual recomendado pelo “experiente” Manoel Cornélio<sup>256</sup>. José de Moraes rego, chamou isso de “ocorrência em que pode ter havido uma possível influência de um elemento *folk* num de classe erudita”, diferenciando sua condição de intelectual interessado na dimensão científica do fenômeno da *litolatria*. Todos os

<sup>255</sup> REGO, *Op. Cit.*, 1983, p.71.

<sup>256</sup> Nesse momento é que também fizeram a imagem da pedra a qual colocamos na parte introdutória dessa dissertação e que reafirma a característica antropomorfa da pedra do rei Sabá, Vide, REGO. *Op. Cit.* 1983, p.57.

acontecimento que se sucederiam seriam explicados pelo autor pela perspectiva racional. Porém, segundo a própria narrativa, eles teriam vivenciado todos os acontecimentos considerados comuns pelos antigos moradores da ilha. Visões de carruagem encantada, peixe de prata, abelhas, cobras, touro ou boi, todos encantados. Vozes que se ouviam e luzes que se viam indefinidamente. A tentativa de explicação racional parou e ele teve de admitir realmente a influência daquele homem do povo sobre o pesquisador.

A explicação de José de Moraes Rego para esse culto nos lembra que sua prática é antiga, esteve presente em diversas religiões da antiguidade. Não por acaso essas religiões eram cultos à natureza, em que as divindades diversas representavam um elemento ou um fenômeno natural. Mas lembramos também o que nos mostra Câmara Cascudo que esses cultos, inclusive o das pedras foi perseguido pela Igreja Católica enquanto religião instituída, e ao mesmo tempo a própria Igreja se utilizou desse elemento em seus rituais. Não é por acaso que São Pedro é a pedra fundamental dessa Igreja, considerado o primeiro Papa. E algumas representações da Virgem Maria se remetem às pedras como Nossa Senhora da Penha, do Pilar, da Lapa e do Monte<sup>257</sup>.

Essa importância conferida à pedra, se dá pela sua característica sólida, material de ser elemento de ligação do humano com o divino, ocorre o mesmo com a água, com os vegetais e com o fogo. Mas voltemos ao elemento pétreo, José de Moraes Rego ao falar sobre os cultos na Pedra do rei Sabá para acentuar a importância desse elemento diz ter “a impressão de que o culto é prestado diretamente à pedra e não a um ser espiritual chamado rei Sabá”<sup>258</sup>. Na verdade esse culto é resultado da representação que os crentes conferem à essa pedra, devido sua característica antropomorfa, a qual vista de uma certa distância, se parecia há alguns anos, com um homem sentado meditando. Aliada a fenômenos de encantaria como aparições do rei, castigos e curas para aqueles que violavam o espaço considerado sagrado na ilha, inclusive presentes no trabalho de Moraes Rego, contribuíram para a constituição da crença no rei encantado.

---

<sup>257</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. – São Paulo: Editora Itatiaia Ltda./Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

<sup>258</sup> REGO, *Op. Cit.*, p.131.





Adepto de culto afro umbandista, faz as primeiras saudações diante da pedra do rei Sabá, depois que ela foi quebrada e da reforma em que a colocaram sobre um cubo de concreto. FOTO: Arquivo do Autor.

Diante desses exemplos como negar a força de representação simbólica que se pode tirar desse elemento da natureza? Esses são exemplos para se responder a questão da importância desse elemento para aqueles que o cultuam, ou cultuam uma divindade através dessas rochas. Para quem investiga, as próprias pedras cultuadas são o que chamamos de fontes, de documento para se investigar os cultos dessas religiões populares. E em última análise, tirarmos nós mesmos a nossa própria representação simbólica desses elementos, para entender o pensamento daqueles que praticam esses rituais que se remontam ao momento em que o homem tirou da natureza não só seu sustento, mas aquilo que seria tão fundamental para sua sobrevivência, que são as representações simbólicas. Para eles, ao mesmo tempo em que essas representações servem de parâmetros para entender seu mundo, os ligam a um mundo espiritual.

José Alcantud e Manuel Molina nos mostram que desde a antiguidade os mitos e ritos estavam relacionados também diretamente com a terra<sup>259</sup>, pois havia os deuses da agricultura que regiam o desenvolvimento das plantações. No caso das representações da terra na ilha da Fortaleza, entendiam os moradores que era o rei Sabá quem determinava as áreas a serem cultivadas, pois, os pescadores tinham suas roças, mas o dono da ilha não colheu nada do que plantou e ainda foi castigado, segundo a narrativa. Mas um dos exemplos de representação da

<sup>259</sup> Cf. ALCANTUD, José & MOLINA, Manuel. "Introducción". In: La tierra, mitos, ritos y realidades. Colóquio Internacional. Grana. 15-18 de abril de 1991. Barcelona: Antropos, 1992.

terra mais marcantes é platô de pedras onde fica a pedra do rei Sabá, o seu castelo, é o local, ainda hoje, considerado sagrado na ilha. Era, portanto, dessa forma concebida a natureza na ilha, a maioria das representações simbólicas do meio ambiente era atribuída ao rei sabá. As representações múltiplas da natureza estão relacionadas às suas várias formas de manifestação, seja em forma humana, como o homem de branco descrito em vários relatos com roupa de general, ou zoomorfizado em forma de peixe de prata, de cobras, abelhas ou touro encantado, os sentidos que essas manifestações adquiriram entre o povo, pode ter sido diverso, mas contribuíram sem dúvida alguma para formar esta crença.

Sobre a identidade deste rei o autor diz se tratar de uma entidade de cultos afro de origem diretamente africana, de um culto de influência Keto. Portanto para este autor a origem desse rei não seria nem uma das duas atribuídas pelos moradores de Pirabas, menos ainda pelos adeptos dos cultos afro. Para os primeiros essa pedra teria uma origem indígena, para os outros, o rei Sabá seria uma identidade de D. Sebastião, e para os dois ela pode ser o santo católico são Sebastião já que o rei Sabá é cultuado desde a década de 1970, por todos estes no dia 20 de janeiro, dia do santo mártir católico. Sendo o santo, um orixá ou um rei Fidalgo encantado, o certo é que o culto à pedra existe em São João de Pirabas, mais exatamente na ilha da Fortaleza, decodificado pelos seus adeptos sob várias identidades.

Ao negar a figura de D. Sebastião como uma das identidades do rei Sabá, o autor José de Moraes Rego conseqüentemente nega a manifestação do sebastianismo na ilha da Fortaleza, que já sabemos, inexistente e que ao mesmo tempo é referência sebástica no Pará da antropologia, literatura e principalmente no folclore. Porém, já que falamos sobre a figura de D. Sebastião e estamos tratando de *litolatria*, sua figura aparece em outro contexto histórico, ligada a esse elemento da natureza, na qual ela ganhou bastante relevância. Foi no movimento sebastianistas da Serra do Rodeador, e da pedra Bonita, ambos no sertão de Pernambuco no início do século XIX, em que um grupo de seguidores de profetas daquele sertão prometiam desencantar um mundo de felicidade para a sofrida população sertaneja<sup>260</sup>. Nos dois casos o rei Sebastião seria desencantado de dentro de uma pedra. No caso da ilha da fortaleza o rei D Sebastião estaria encoberto na pedra e na memória do povo, mas faria parte dessa história por outra perspectiva popular.

### **Antropólogos e folcloristas, o rei Sabá vai para a academia como D. Sebastião.**

A pesquisa de José de Moraes Rego sobre os cultos litolátricos nas searas de umbanda ou na própria natureza no Estado do Pará foram concluídas no final da década de 1970. Por

<sup>260</sup> CABRAL. *Op. Cit.*, 2004. Ver também, HERMANN. *Op. Cit.*, 2004.

essa mesma época pesquisas antropológicas realizadas nas casas de cultos afros em Belém eram constantes. A dissertação sobre *o tambor das flores*<sup>261</sup> havia sido defendida por Anaíza Vergolino na Universidade Estadual de Campinas e ela continuava investigando o mundo em que se manifestam os orixás na Amazônia. Essas pesquisas levaram a autora a se tornar referência nos estudos sobre o mundo afro-amazônico.

Em um de seus artigos posteriores ela falava da presença do rei Sebastião na Mina paraense<sup>262</sup>, uma entidade afro-brasileira ou afro-amazônica que compõe o panteão dessas religiões populares em nossa região. Estaria, portanto a autora, apresentando, como ela própria colocou uma releitura do mito messiânico sebastianista feita pelas religiões afro-amazônicas. É claro que isso não é uma grande novidade apresentada aqui, mas vamos ver o que essa releitura das religiões populares resultou em nosso espaço de pesquisa. Segundo essa releitura o rei Sebastião teria três lugares de morada na Amazônia<sup>263</sup>, e um deles seria como já colocamos, o Castelo do rei Sabá na ilha da Fortaleza, sendo este uma das identidades de D. Sebastião na Amazônia.

Em maio de 1986 o antropólogo Raimundo Heraldo Maués teria se dirigido à praia do Castelo para fazer pesquisa de campo, sobre este local de morada do encantado rei Sebastião. Essa visita seria apenas a um dos lugares de morada que o antropólogo visitaria para investigar sobre aquela personagem que seria agora o chefe dos encantados segundo versões que havia encontrado sobre um embate no mundo dos encantados entre rei Sebastião e Cobra Norato. Nessa luta, o rei português teria vencido e se tornado rei dos encantados, segundo Maués, em outras versões o rei assumia a identidade de cobra Norato. Em outro artigo seus em parceria com Gisela Villa-Corta, esses autores teriam verificado um aspecto particular na pedra do rei Sabá, em que se fazem promessas a São Sebastião<sup>264</sup>. Explicado pela introdução oficial dos cultos afros desde a década de 70 do século passado, pois foi nesse momento que a imagem de São Sebastião foi introduzida nesses rituais. A partir dessa viagem todas as referências de estudos feitos sobre a pedra do rei Sabá, os fenômenos de encantaria, e o culto litolátrico realizado na ilha da Fortaleza iriam se referir ao mito messiânico do sebastianismo. Diferentemente do que fez José de Moraes Rego, que parece não ter tido notícias sobre a presença do rei Sebastião nas religiões de tronco afro da Amazônia ou ter preferido apontar

---

<sup>261</sup> VERGOLINO-HENRY, Anaíza. *O tambor das Flores: uma análise da federação espírita, umbandista e dos cultos afro-brasileiros do Pará (1964-1974)*. Dissertação de Mestrado em antropologia Social. – Campinas: IFCH-Unicamp, 1976.

<sup>262</sup> VERGOLINO. *Op. Cit.*, 1994. pp. 199-206.

<sup>263</sup> MAUÉS. *Op. Cit.*, 1999.

<sup>264</sup> MAUÉS & VILLACORTA. *Op. Cit.*, 2002.

outra identidade ao rei Sabá, todos os autores se remeteriam a ela falando do sebastianismo ou da figura do rei Sebastião.

A visita que Raimundo Heraldo Maués e José de Moraes Rego fizeram, revive a que há mais de um século antes Domingos Soares Ferreira Penna havia realizado para o local. O que há em comum nas viagens desses três pesquisadores separados por quase um século de tempo, foi o motivo da visita: as pedras que se encontram na ilha. Domingos Soares Ferreira Penna as investigou segundo o interesse científico de seu tempo para estudos geológicos e paleontológicos. Já Rego e Maués o fizeram de acordo com as perspectivas acadêmicas de seu tempo, é claro que com objetivos também diversos um do outro, mas nesses dois o simbolismo das pedras e o significado dos rituais prestados à elas, eram foco central nas investigações empreendidas por esses dois últimos.

Nos deteremos no objetivo de Maués, por se tratar do assunto privilegiado nesse momento. Os autores que falaram sobre a figura do rei Sebastião como uma identidade do rei Sabá, ou ao contrário, o fizeram de acordo com uma concepção de religiosidade popular. Portanto perguntar por que fizeram a associação é fazer um questionamento para uma fonte secundária. A resposta a essa pergunta teria que ser feita àqueles que fizeram essa associação. Mas dessa forma ela não nos chegaria. A tarefa de investigar como e quando o rei Sebastião entrou para o panteão das religiões afro-amazônicas foi uma tentativa que fiz no primeiro trabalho, o que consegui foi apontar algumas hipóteses, já que dizer como exatamente isso ocorreu seria necessário localizar o momento, o que por sua vez se torna impossível. A hipótese principal a que cheguei foi de que a crença sebastianista teria chegado nas mãos dos jesuítas, mesma ordem religiosa responsável pela educação do príncipe desejado. Mas o principal representante da ordem dos inacianos no Brasil Pe. Antonio Vieira teria ajudado ao rei D. João IV a assumir o trono acabando com os anos da união das coroas ibéricas, para isso teria negado o a figura do rei Sebastião como um salvador da pátria portuguesa. Ainda assim, sabemos que seus escritos sobre o sermão de São Sebastião pode ter resultado em várias interpretações, não só entre os jesuítas, mas na população em Geral, que teria entrado em contato com essas histórias. Nessa oportunidade de expansão do mito por essas terras do Norte do Brasil, chegaram aos adeptos dos cultos afro-amazônicos. Sabemos que as trovas do sapateiro Gonçalo Bandarra chegaram ao Brasil pelo Nordeste<sup>265</sup>, mas não se tem notícias suas sobre uma leitura ou releitura amazônica, portanto, apontar outras hipóteses seria andar em círculos, e chegar a conclusão que já apresentei. Seria no entendimento de Carlo Ginzburg

---

<sup>265</sup> HERMANN. *Op. Cit.*, 1998.

investigar morfologias<sup>266</sup>, tentar abranger vários caminhos e, talvez, se perder dentro deles, uma tarefa que vai além da história que pode ser contada com mais detalhes. Porém encontramos no texto de Anaíza Vergolino uma forma de como perceber melhor essa entrada do Rei Sebastião nos cultos afros da Amazônia. Ela nos mostra que a associação inicial foi feita nos tempos do Brasil colonial entre São Sebastião e o orixá Oxossi, mais especificamente entre as flechas do martírio do santo católico e os instrumentos de caça do orixá que são o mesmo arco e flecha. E no Norte do Brasil somou-se a figura do rei Sebastião já tragado pelo tempo mítico, pelo fato de o sebastianismo ser considerado uma lenda com toda a propriedade mítica<sup>267</sup>.

A chegada da figura do rei Sebastião na Amazônia pode ter vindo de informações diversas sobre a saga do rei encoberto, que evidentemente chegou à essa região, e se dado de uma hora pra outra, ou ter levado vários anos. A única certeza que chegaríamos é a que evidentemente possuímos, ou seja, a de que o sebastianismo chegou às plagas amazônicas e o rei D. Sebastião que havia tentado recuperar o Marrocos não só para o reino português, mas para a religião cristã, era agora um rei cristão afro-amazônico.

Desde o século XVI que a figura do rei passou por diversas releituras. Disse anteriormente que um dos objetivos era verificar as características do sebastianismo amazônico, e isso pela perspectiva da religiosidade. A religião foi sempre o ponto de referência desse mito. Quando o rei ainda em vida empreendeu a batalha de Alcácer Quibir, não o fez somente com, objetivos políticos, ou seja, não era uma luta entre portugueses e árabes, ou entre o mundo ocidental e oriental, mas um embate entre o mundo cristão e o islâmico. Dessas religiosidades em conflito a figura do rei atravessa vários séculos sempre sustentada por outras crenças. Na Amazônia chegamos às casas de cultos afros e às cabanas dos pajés. D. Sebastião virou agora um encantado. A mesma figura fundamentalmente importante para explicar a religiosidade popular amazônica, de que tratamos no início dessa parte da dissertação. Ele esteve encantado no movimento de canudos, na pedra bonita e na serra do Rodeador, ambas no sertão pernambucano e em outras regiões.

Mas como sabemos, os encantados na Amazônia ganham especificidade. Por isso, D. Sebastião não é somente esperado com seu exército para fundar um tempo de felicidade ou fazer uma reforma do mundo, segundo profecias ou outras pregações apocalípticas. O que temos de mais próximo dessa característica do mito sebástico é a lenda do desencantamento

---

<sup>266</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. - São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>267</sup> VERGOLINO. *Op. Cit.*, 1991.

do rei na ilha do Lençol no Maranhão e da princesa do lago da ilha de Algodual em Maiandeuá, em ambos o rei volta para governar sobre a terra em uma inversão do mundo, por isso estão mais próximos do sebastianismo em sua essência. Nesses dois casos ainda espera-se que alguém desencante a princesa ou o rei, o que parece uma espera tão longa como a história da volta do rei Sebastião, onde quer que o esperem. Porém, há a diferença na releitura do mito, “no mundo amazônico não encontramos o messianismo no sentido clássico dessa manifestação rebelde e violento que alimentasse a crença em um líder carismático”<sup>268</sup>. Aqui esse messianismo encontra-se na tradição oral, não é o “salvacionismo” presente em Canudos ou nas pedras encantadas do sertão pernambucano, ou mesmo em Portugal. Porque seja no Lençol maranhense, seja em Maiandeuá ou na ilha da Fortaleza, o rei Sebastião é um encantado que habita os fundos submersos, rei dos encantados da Amazônia, assim como pode curar, ele castiga ou pratica a maliceza dos encantados, para mostrar seu poder ou defender a natureza. Aqui sua espera não é tão longa, ele está presente nas várias religiões, quando pajés e babalorixás o incorporam para curar e praticar suas obrigações médico-religiosas. Como diria Anaíza Vergolino o tempo messiânico do rei Sebastião na Amazônia passa do cronológico para o profético, porque é orientado por outras perspectivas diversas do tempo cronológico<sup>269</sup>. A essas perspectivas, como sabemos, convergem outros tempos.

O fato de não contar a história de D. Sebastião com mais detalhes, não significa que ela esteja desprovida de historicidade. Aliás, é essa condição que nos permite contar esta história. Não tivessem as religiões afro-amazônicas feito a releitura do mito sebastianista, ambos estariam mais pobre, o mito e essas religiões. Não porque o mito é português ou europeu, e nem por isso deixaríamos de considerá-lo como importante para a cultura nativa da região, uma vez que foi uma releitura particular do mito. Sobre isso a autora Marlyse Meyer nos diz que é espantoso que alguns mitos europeus que lá já tenham quase desaparecido ainda sobrevivem com muita força aqui no Brasil, mas ela considera, principalmente, a particularidade em que esses mitos são absorvidos por nosso entendimento americano-brasileiro<sup>270</sup>, e no caso de nossa pesquisa, o mito sebástico absorvido ou digerido pelo pensamento do homem amazônico. Portanto, investigar o mito sebástico via religiões populares da Amazônia, foi uma das formas de contarmos a história da crença no rei Sabá.

As pesquisas que se realizaram até aqui sobre a pedra do rei Sabá, inclusive meu trabalho de graduação, levaram a figura do rei Sabá para a academia. Não é nesse ponto que

<sup>268</sup> ROSÁRIO, Ubiratan. *Cultura Brasileira*. – Belém: Cejup, 1993, p. 115.

<sup>269</sup> VERGOLINO, *Op. Cit.*, 1994, p. 205.

<sup>270</sup> MEYER. *Op. Cit.*, 2001. p. 148.

os moradores da Fortaleza viram sua história de religiosidade chegar, pelo menos não que eu tenha conhecimento. Porém, posso falar por mim, foi um trabalho, ou uma tentativa de descobrir mais sobre essa história encoberta. Se os moradores insulares ou de Pirabas não sabem que o rei Sabá chegou até a academia como D. Sebastião, foi graças a eles e seguindo suas concepções e seus conhecimentos a respeito das manifestações e da imagem do rei Sabá, que essa tarefa pode ser feita. Podemos considerar nossos trabalhos, assim como a construção na crença no rei Sabá como parte dessa história da religiosidade amazônica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### **Uma história vista de dentro e não de baixo;**

Essa história, apesar das muitas discussões e análises que por ventura tenha deixado pelo caminho, pois precisava seguir um outro, tem a seu favor o mérito de desvendar uma história que parece não privilegiada, pois se a Amazônia aparece à margem de uma história do Brasil como lembram Mary Del Priore e Flávio Gomes<sup>271</sup>, a história feita aqui se distancia do entorno próximo à Capital paraense. É claro que apesar dos muitos, mas não suficientes, trabalhos realizados sobre Belém e áreas tradicionais, não acho que ela desmereça essas investigações a respeito de seu passado. Mas o que contamos aqui pode ajudar a entender melhor o nosso passado em conjunto, pois ilumina outras áreas que não são alcançadas por esses debates, historiográficos desenvolvidos na academia.

Não é o primeiro trabalho que procura fazer uma discussão que vá além dos limites das áreas geralmente privilegiada pela historiografia amazônica, nem será o último. Aliás, percebe-se o esforço e interesse de professores do departamento de história da UFPA em se privilegiar temas que tratam de investigar o interior do Estado, saindo do eixo da capital paraense. Essas áreas são o que se chamou de margens da margens.

A Amazônia vista como a margem do Brasil e do mundo, nos mostrou Auxiliomar Ugarte, foi percebida pelos europeus a partir de uma perspectiva mais fantasiosa do que real, pela incapacidade desses de elaborarem um projeto político de ocupação efetiva dessa região<sup>272</sup>. É claro que essa perspectiva é sob o ponto de vista do europeu, como deixou bem claro o próprio autor, mas ele utilizou o termo conquista pra mostrar exatamente o insucesso dessa empreitada por portugueses e espanhóis. Não podendo dominar efetivamente a região, criaram sobre ela um imaginário muito distante do que ela realmente foi e é, e dessa forma ela se tornava desconhecida, portanto à margem do resto da América explorada pelos governos das metrópoles européias. Isso resultou no imaginário que se criou sobre a região amazônica até o momento atual, em que perspectivas externas a ela são muitas vezes distantes dessa realidade, tanto no imaginário quanto nas políticas de ocupação e do chamado desenvolvimento econômico e principalmente social sobre a região.

São João de Pirabas e a ilha da Fortaleza seriam, portanto a terceira margem de uma história que se acostumou ignorando. Por isso a necessidade de se abordar essa história sob

---

<sup>271</sup> DEL PRIORE & GOMES. *Op. Cit.*, 2003.

<sup>272</sup> UGARTE, Auxiliomar Silva. “Margens Míticas, a Amazônia no imaginário europeu do século XVI”. In: DEL PRIORE, Mary & GOMES, Flávio (orgs.). *Os senhores dos rios*. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, pp. 3-31.



um olhar interno. A tentativa de se contar essa história sob a perspectiva dos sujeitos que a fizeram não é nova, mas considere que seria importante ressaltar essa escolha para torná-la mais próxima do que realmente ocorreu, e ainda me considero inseguro sobre muitos aspectos aqui abordados. Mas devo concluí-la de alguma forma.

Preferimos o termo “olhar essa história por dentro” do que aquele que fala da “história vista de baixo”<sup>273</sup>, pois consideramos que esse segundo termo cria uma concepção de superior e inferior, sendo que o povo que formou a religiosidade no rei Sabá estaria na segunda condição. Essa visão interna coloca em nível de igualdade esses sujeitos que construíram a história do rei Sabá aos outros que por ventura a desacreditam ou desconsideram como história via de entendimento do mundo. Olhar de dentro e olhar do mesmo nível, mas de perspectiva diferente. Colocando em conjunto a análise dos sujeitos que fizeram sua religiosidade e dos intelectuais que pensaram nessas concepções internas, pois é uma forma de se olhar de dentro dessa história, tentei aproximá-la daquilo que os historiadores tentam sempre fazer, que é mostrar uma versão mais próxima da verdade, do que realmente aconteceu.

Estudar a constituição de uma religiosidade parece uma tarefa muito complicada para um trabalho historiográfico que deve seguir métodos basilares específicos. Na verdade foi um trabalho difícil com todo o significado que essa palavra tem, assim como todos os outros. Mas ao mesmo tempo era o desafio que instigava ser vencido. O desafio era tratar de uma religiosidade popular há muito tempo presente nas práticas e manifestações e imaginário do homem da Amazônia assentada na natureza, sob uma perspectiva historiográfica.

Não podemos esquecer a figura do Rei Sebastião que mesmo parecendo um elemento externo a crença formada em São João de Pirabas, faz parte da crença nos encantados na Amazônia. Mas ao mesmo tempo ela está ligada à crença no rei Sabá por uma via popular que a internaliza nesse contexto a ponto de ela nem ser percebida. Mas não foi só como símbolo que a figura do rei Sebastião esteve presente nessa história, o próprio sebastianismo e os estudos que dele se fizeram serviram como parâmetro de análise para as discussões tecidas nesse estudo, várias vezes estavam a crença messiânica ou a própria figura do rei, para nos ajudar a contar essa história. Por isso, antropólogos e folcloristas utilizaram a imagem do rei e a crença na sua volta para dar entendimento a seus estudo, por isso ele esteve presente nesse estudo também, não somente pra mostrar falarmos de um sebastianismo amazônico, e a crença na volta ou na presença do rei continua viva, mas para mostrarmos os traços

---

<sup>273</sup> SHARPE, Jim. “A história vista de Baixo”. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. – São Paulo: Editora da UNESP, 1992. pp. 39-62.

específicos de uma releitura do mito messiânico judaico cristão, nas terras do Norte do Brasil. Aqui D. Sebastião virou um encantado, um rei que além de salvador, ganhou o status de rei taumaturgo, lembrando Marc Bloch, pois cura os doentes da região que não podem chegar até os médicos, pela incorporação dos pajés ou dos babalorixás dos terreiros. Ele também defende a natureza segundo concepções presentes desde tempos imemoriais sobre o uso e domínio do meio ambiente.

Ao utilizarmos o termo Amazônia que define uma região inteira, não estou querendo utilizar os resultados dessa pesquisa como modelo de entendimento geral para essa região. Sabemos da diversidade de culturas que ela contém. Mas ao mesmo tempo essa crença investigada a partir de São João de Pirabas possui elementos que podem ser encontrados em todo o resto da Amazônia e em outros pontos do Brasil. Encontrar esses elementos foi ligar aquela história que parecia restrita a uma única população à uma história maior. Mas que elemento é esse? Na verdade não é um elemento definido, são concepções compartilhadas sobre a crença nos encantados em toda região, concepções que divergem, mas que afirmam o modo de vida dessas populações do interior da região como resposta a uma visão externa de desenvolvimento regional.

Essa resposta já vinha sendo dada há muito tempo, ao encontramos na crença nos encantados como via alternativa à religião cristã imposta pelo europeu, é claro que essa religião não foi negada, mas foi absorvida digerida por uma forma bastante particular que por vezes se ligou a crença nos encantados. Soube o homem da Amazônia tirar da natureza os elementos que regeria sua vida religiosa, suas concepções e atitudes para construir sua história, uma história cultural. Essa crença, já defendia há muito tempo o respeito que se deve ter pela natureza. Concepções formadas atualmente entre cientistas, militantes de partidos ou de organizações internacionais sobre a defesa da natureza e de seus possíveis danos à humanidade já estavam presentes no pensamento do homem da Amazônia há muito tempo, desde que esteve em contato com a crença nos espíritos da natureza. Dela tiraram representações simbólicas e essas sim estavam próximas, ligadas a sua realidade. Por isso essas representações simbólicas são, sem dúvida alguma, objetos da cultura amazônica e mereceram as páginas desse trabalho dedicadas a entender o mundo religioso do homem nativo da Amazônia, a crença nos encantados.

FONTES:

**Fontes Orais:**

Dalila Farias de Lima, 75 anos. Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2004.

= **Pedra do rei Sabá; entre a malineza, o castigo e a cura;**

José Santana dos Santos, agricultor aposentado, 88 anos. Entrevista realizada em 24 de junho de 2002.

= **A cura de uma dor no Braço;**

= **O castigo veio à cavalo;**

= **Uma surra de caba;**

José Santana dos Santos, agricultor aposentado, 88 anos. Entrevista realizada em 05 de janeiro de 2004.

= **O seqüestro do encantado;**

Pedro Pedrosa, 68 anos. Entrevista realizada em 24 de junho de 2002.

= **O início dos rituais de adoração;**

= **Uma visita ao castelo do rei Sabá;**

= **A cachaça , a promessa e o castigo;**

Raimunda Paliano Lobo, Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2004.

= **Um homem nu no coração da princesa;**

= **Rei Sabá, o médico da Ilha da Fortaleza;**

= **As encantarias do Castelo do rei;**

= **Fortaleza, uma Ilha para os pobres;**

Franklin Auad Thijin, In: FELIZOLA, Ana Alice de Melo. Rei Sebastião: o mito narrando nações. Dissertação de mestrado em estudos literários, Centro de Letras e Artes (CLA) Universidade Federal do Pará (UFPA): Belém-Pa. 2002. pp. 85-87.

= **A birita do rei;**

**Fontes escritas e bibliográficas:**

Jornal Diário do Pará, 29/04/1989. Pirabas tem dois fortes de economia: pesca e turismo.

Jornal O Liberal, 19/06/1994. Visita a São João de Pirabas.

Jornal O Liberal, 20/10/1998. Pirabas se divide sobre os alemães.

Jornal O Liberal, 26/02/1999. São João de Pirabas seduz com balneários.

Jornal O Liberal, 15/11/1999. Pirabas aposta no seu futuro.

Jornal O Liberal, 27/01/2001. Católicos de São João de Pirabas mostram fé à “padroeira dos Paraenses”.

Jornal O Liberal, 14/05/2002. São João de Pirabas comemora aniversário com ação social.

Jornal O Liberal, 17/11/2002. Moradores temem que alemã fique com ilha.

Jornal Diário do Pará, 13/ 07/ 2003. Pascoal Gemake. Lenda da pedra trono.

Jornal Diário do Pará, 13/ 07/ 2003. Pascoal Gemake. Rica fonte paleontológica na ilha da Fortaleza.

Jornal Diário do Pará, 13/07/2003. São João de Pirabas descobre grande potencial para a pesca esportiva.

Jornal Diário do Pará, 13/07/2003. Potencial pesqueiro ameaçado e a pesca oceânica de guerreiros.

Jornal Diário do Pará, 21/06/2005, O rio que sempre está pra peixe.

Jornal Diário do Pará, 21/06/2005, O território dos encantados.

Jornal Voz de Nazaré, 23/06/2006. Pirabas Homenageia santo.

Jornal Diário do Pará, 08//11/2006. Cinco mil fiéis no círio de Pirabas.

Instituto do Desenvolvimento Econômico e Social do Pará ( IDESP). *São João de Pirabas*. – Belém , 1990. (Municípios paraenses).

Instituto do desenvolvimento Econômico e Social do Pará – IDESP. *Município de São João de Pirabas*. Setor de Coleta e Tratamento de Dados. S/D.(Biblioteca pública Arthur Vianna – 2º andar CENTUR).

MONTEIRO, Walcyr. *Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia*. Nº 2, 7 e 13 – Belém: Ed. do Autor, Fevereiro de 2004.

= O convite do rei Sebastião;

= O navio encantado da praia de Mangabeira;

= O namorado da filha da Matinta Perera;

= “Encontro com o curupira”;

= “Suzy e o curupira”

CECIM, Yara. *Lendário; contos fantásticos da Amazônia*. – Belém: CEJUP, 2004, pp. 177-188.

= Nhá Malvina e o curupira.

#### **Fontes eletrônicas:**

= [www.citi.pt/cultura/historia/personalidades/d\\_sebastião/](http://www.citi.pt/cultura/historia/personalidades/d_sebastião/)

= [www.unb.br/ig/sigep/sitio046/sitio046.htm](http://www.unb.br/ig/sigep/sitio046/sitio046.htm)

= [www.scielo.br/pdf/ca/v19n53/24092.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ca/v19n53/24092.pdf).

## Anexos

## TRANSCRIÇÃO DOS RELATOS FEITOS EM SÃO JOÃO DE PIRABAS-PA.

24/06/2002

## A CURA DE UMA DOR NO BRAÇO.

Informante: José Santana dos Santos.

Pesquisador: Gerson Santos e Silva.

O informante conta com se deu a cura de uma dor no braço de sua filha mais velha, junto à pedra do rei Sabá.

*“A Antonia tava com uma dor no braço, que já vivia assim (gesticula uma dor no braço). Quando foi um dia, aí eu disse: - Vamo lá no Rei Sabá. Aí fomo. – Que diabo, já fiz tudo quanto é remédio(...) A enfermagem aqui ta, ta???. Fortaleza, contra-vento? Ah!, então vamo, peguei a canoa, fomo devagarinho, devagarinho, chegando lá!( ) Aí nós entramo, chegando lá, deixamo a canoa aqui na fortaleza, fomos embora a pé, aí lá na pedra, tinha três caba na pedra, aí uma voou certinho no braço dela, a mulher falava lá, falou lá( ) Aí veio ferrou no braço dela, começou a gritar, - ai, ai, ai, ai a caba me ferrou, tinha um poço de água, aquela água ali era ruim. Com um pouco a Antonia tava lá, foi-se embora a dor no braço, tomando banho. Ali era, era bom (se referindo ao Rei Sabá)”.*

Ocorrido por volta de 1954.

Em seguida o Sr. José Santana, relata um desafio feito ao rei Sabá e o castigo do desafiante.

## O CASTIGO VEIO À CAVALO.

*“O Florentino morava ali na fazenda, quando foi um dia ele disse: - Hei tio Sabá! Quando tiver uma festa na sua casa, pro senhor me convidar, que eu quero ir lá na festa. Aí passou, passou, passou três dias, quando foi no último, apareceu montado num cavalo, parou com o cavalo na porta:- hei seu Florentino, seu Florentino, disse, - eu vim aqui, que o Napoleão (rei Sabá) mandou lhe buscar, pro senhor ir na festa. Ele disse, -Eu!?, -Sim, o senhor disse pra ele que quando tivesse uma festa na casa dele, que era pra ele vir lhe buscar, que era pro senhor ir na festa, e agora ele mandou lhe buscar. Ele (Florentino) disse, -Ah não, mas eu não vou, falei isso mas foi brincando. Ele disse, -Não, mas ele mandou lhe buscar e o senhor vai comigo. –Não o senhor me desculpe eu não vou. Ele se despediu, foi embora. Com um bocado, lá vem de novo o cavalo, montado no cavalo, parou o cavalo na porta e chamou, Disse: -Seu Florentino, o senhor disse que quando tivesse uma festa na minha casa, era pra eu vim lhe buscar, que era pro senhor ir na festa. Agora eu vim lhe buscar e o senhor vai, porque com o homem ninguém brinca, o senhor disse em brincadeira,*

*mas eu, eu não brinco, e o senhor vai. –Não, o senhor me desculpe porque eu não to preparado(...) –Não, não tem nada, o senhor vai comigo.*

Aí pediu tanta desculpa e ele foi-se embora. Passou uns dias, aí deu uma febre nele e dessa febre ele morreu. E era assim ele era, era respeitado”

*Novamente ele resume a história do Sr. Florentino.*

“Ele (*Florentino*) falou que, queria ir numa festa na casa dele (*rei Sabá*). Mandou buscar, ele não foi. Daí passou uns dias, deu uma febre nele e dessa febre ele morreu”.

*Sobre a data de acontecimento desse relato, ele responde:*

“Esse negócio do Florentino foi logo quando eu me casei, que ele morava lá na fazenda, casei tava com 19 anos (*1936*), faz muitos anos”.

*O outro relato feito pelo mesmo informante, fala de um castigo de um pescador, por causa do roubo de uma oferenda colocada junto à pedra.*

#### UMA SURRA DE CABA.

*“O Januário, meu primo, chegou lá (na pedra do rei Sabá), o danado que gostava de cachaça, tomou umas garrafas de cachaça lá, garrou, tirou uma de lá, levou sem pedir. Quem quisesse alguma coisa, que pedisse que não acontecia nada, ele não pediu, pegou uma surra de caba de lá até na fazenda. Ele ia na fortaleza mas no castelo ele não ia, com medo, ele nunca mais pisou lá.*

*Agora eu não, não sei se ainda acontece essas coisa, que acontecia”*

Ocorrido por volta de 1962.



## O INÍCIO DOS RITUAIS DE ADORAÇÃO.

Informante: Pedro Pedrosa.

Pesquisador: Gerson Santos e Silva.

Primeiramente, o Sr. Pedrosa fala de um modo geral, da pedra do rei Sabá e do que acontece dia 20 de janeiro na praia do castelo.

*“Ela (a pedra) é São Sebastião, aí no dia de São Sebasti... É o Rei Sebastião, ela é uma pedra, ela tem, é 12 quilômetros de distância da cidade (S. J. de Pirabas) pra lá e todos os anos(...) ah como é? Esqueci já!!(...) ah sim, nós fizemos a sociedade unida litoral Rei Sebastião, é a Sociedade Unida Espírita Rei Sebastião, então nós festejava São Sebastião, agente levava São Sebastião daqui, levamos São Sebastião daqui até lá na pedra, aí, lá se faz oferenda. Quem vai, quem vai pra parte de umbanda é pra parte de umbanda, quem vai só pra tomar banho é pra tomar banho, quem vai pra meditar é pra meditar, etc. Aí, já esse ano (2002) já, o prefeito já investiu, já fez quatro estátuas: Mariana, Iemanjá e... Iemanjá e Zé Raimundo. Então São Sebastião é uma pedra e visível, e totalmente visível. Aí, lá tinha uma abelhazinha, essa abelha, o pessoal chegava lá fazia oferenda e tal, e tal(...) com fé, então, e intimidade benzia, muita gente benzia, muita gente que eu conheço, e fazia oferenda e benzia.*

*Entre os pais de santo, eles vêm lá do Maranhão, é, vários pais de santo que eu conheço vêm do Maranhão; vêm daqui de Bonito, vêm de outros lugares pra fazer as(...) as oferendas e fazer coroação nos filhos-de-santo”.*

Então este segundo informante, contou porque chegou em Pirabas para funda a Sociedade.

### UMA VISITA AO CASTELO DO REI.

*“Então o meu tio, o nome dele era Carlos Padeiro, morava em Salvaterra, ele tinha uma embarcação: canoas, fazia canoas de pesca e tinha embarcação que era só pra vender mercadoria: farinha, arroz, feijão, tudo ele vendia, aí ele veio numa viagem pra ir pro Maranhão, aonde passou perto de São João de pirabas e a pedra do rei Sabá, quando ele chegou lá no meio da viagem que ele viu a pedra, próximo à pedra, a canoa deu prego, deu prego no barco que eles procuraram descer, não achavam, não achavam(...), quando eles viram vinha saindo da beira da praia um homem todo de branco, um homem todo de branco veio, veio, veio(...), Quando chegou lá na canoa, \_ O quê caboco?, aí eles disseram, -O quê?, -O que é que ta havendo?. Aí ele contou que a canoa tava no prego, que eles iam pro Maranhão, eles iam vender farinha, arroz, macarrão, feijão, tudo eles iam vender lá, aí o caboco (rei Sabá) embarcou no barco e perguntou se eles vendiam?, ele disse, -Vendo, nós*

*vende!. –Então, ta legal, eu compro, quanto é?. Aí eles foram fazer o balanço do que tinha, de farinha, tanto de farinha, tanto de arroz, aí ele me disse a importância, mas eu me esqueci a importância do que deu.*

*Ele (rei Sabá) disse assim, - Ta bom eu compro, eu só quero que me dê, que mande um homem lá comigo, buscar lá na minha casa o dinheiro; aí, aí não tinha ninguém que fosse, com medo nessas horas da noite né!, não tinha ninguém, com medo, que o lua tava que era o dia, aí não tinha ninguém (...), ah, o Amarelinho, é um chamado Americano, aonde ele mora eu não sei, ele já morreu, mas ele mora em Salvaterra, Americano. Aí ele (rei Sabá), - Cê vai? disse (Americano), -Vou. –Ta vendida a mercadoria? - Ta, – Ta vendida? - ta. Então você vai receber o dinheiro, vumbora. Aí eles foram embora pra, pra (...), - embarque no barco, aí ele embarcou no barco, foram lá pra beira. Ele tava com um cavalo bonito, um cavalo branco, todo bonito o cavalo, todo amarrado, todo de raio, todo bonito; aí ele sentou no cavalo e mandou também que o homem subisse no cavalo, também, e pisou no pé dele, quando ele pisou, sentou-se na garupa do cavalo, ele, - Agora fecha o olho, só abre quando eu te mandar, aí ele fechou os olhos, ele só viu, diz que, uma fumaça(...), um vento, aí ele, - Abre os olhos, ele abriu, ele tava lá embaixo d'um negócio e viu a amarra da canoa e as mercadorias que eles tinham jogado na água, tudinho lá.*

*Porque ele disse, - Ta vendido?, -Ta, ta vendido, - Então pode jogar as mercadorias toda aí dentro d'água. Aí eles começaram a jogar, ta, a primeira, a segunda, aí foram jogando, jogando, jogando (...). E quando o americano chegou lá com ele né?!, ele viu a mercadoria, tava todinha muntiada só num canto e a amarra da canoa, a amarra da canoa e o ferro estava bem assim (...). Aí ele, aí ele ficou calado não disse nada, ele pegou o dinheiro da mão do cara. Aí ele (rei Sabá) disse, - Agora vamo lá. Quando ele pegou o dinheiro, que ele subiu no cavalo, ele amontou também, - Fecha os olhos, ele fechou os olhos, quando ele abriu ele tava na praia, próximo da canoa, aí ele embarcou na canoinha, eles foram embora, quando ele chegou na canoinha que o cara deixou ele, que o cara voltou. – Meus amigos, pelo amor de Deus, vamos embora daqui, vamos embora, vamos embora, vamos embora porque eu vi, as mercadorias que nós joguemo na água, ta tudo muntiada só num canto perto das amarras da canoa e vamos embora pelo amor de Deus. Aí eles mexeram lá no motor, até que o motor pegou, aí eles puxaram a amarra e foram embora, voltaram pra Soure, lá pro Marajó. Quando eles chegaram lá, foram contando essa história que eles venderam a mercadoria pro homem todo de branco, que o homem mandou jogar a farinha, arroz, feijão, macarrão, bebidas, tudinho lá dentro da água e da água o Americano viu que tava toda*

*muntiada lá, aí então, ele disse, -Ah, era a pedra de Rei Sebastião em frente a São João de Pirabas.*

*Aí veio dá certo pra eu vim-me embora, me casei com uma mulher daqui, me juntei com uma mulher de Pirabas, vim dá certo aqui. Festejamo, fizemo a Sociedade Unida Espírita Rei Sebastião, unida porque unimos com toda a religião. Espírita, porque a pedra de Rei Sebastião nós temos, que é invisível (...) e as histórias eu conheço muitas!”*

Ocorrido por volta de 1967.

Em seguida é relatada a história do castigo de uma promessa não cumprida.

#### A CACHAÇA, A PROMESSA E O CASTIGO.

*“Conheço a história do Cícero, do genro do seu Sabá, ele foi pra lá beber a cachaça do velho, ele bebeu a cachaça prometendo levar uma cachaça na outra viagem que ele passasse pra maré, pra pescar. A primeira viagem ele num levou, na segunda ele não levou, deu uma desinteria nele, que ele num se agüentava, aí a desinteria, desinteria, aí veio pra cá pra uma mulher, chama Berenice, que ela tava fazendo serviço, fazia serviço por aqui por perto, aí ela disse, - Ah, foi você que bebeu a garrafa de cachaça do velho Rei Sebastião, e vá deixar, porque se não você nunca fica bom, aí ele prontamente, pegou duas garrafas, chegou lá, foi levar pra lá pro velho, chegou lá, - Eu vou pagar essa cachaça, eu tirei uma eu vou levar é logo duas pra ele me deixar é logo bom. Aí ele foi lá, chegou lá, quando ele foi chegando, foi chegando na pedra, uma garrafa, na pedra do Rei, uma garrafa quebrou, caiu e quebrou, ele ficou (...), - Ah, meu velho ta aqui eu trouxe logo duas pro senhor, mas eu quero logo ficá bom. Começou a fazer o pedido dele, -Eu quero ficar bom, eu só não trouxe, porque eu tava sem dinheiro; mas que nada, ele não levou de sacanagem. -Eu tava sem dinheiro. E começou a falar lá pro velho, deixou a garrafa lá aí veio embora, quando ele chegou na canoa, bonzinho da desinteria, num tava sentindo mais nadinha. -Filho da mãe do Rei Sebastião; ele conta, ele conta essa história, o nome dele é Cícero. Aí essas histórias que eu tenho pra contar pra você”.*

Ocorrido por volta de 1990.

TRANSCRIÇÃO DE RELATOS E ENTREVISTAS FEITOS EM S. J. DE PIRABAS EM 05/01/2004.

Informante: José Santana dos Santos.

Pesquisador: Gerson Santos e Silva.

Relato sobre o encantamento do cunhado do Sr. José Santana.

O SEQÜESTRO DO ENCANTADO.

Como era o nome dele?

*“Martinho?, Martinho?, Martinho Quintino dos Santos, ele veio na “moração” do curral (...), era Martinho, Justino, irmão dele o Roberto, Cantídio e (...) não me lembro os outros. Daí estava na moração do curral, quando a maré encheu, era pra ficar pra fora, então tinha um córrego no meio e aí, era par ir pra fora da terra, então tinha um córrego, mas não era fundo, atravessava com água na cintura, aí eles lá tavam amarrando lá os moirão; aí a maré encheu, a maré encheu quando eles viram a canoa desmanchou-se e saiu, aí disseram, -Olha, a canoa vai, vai saindo aí da beira, aí ele (Martinho) foi buscar a canoa, mas não dava pra ele morrer afogado, porque é o que eu digo, a água na cintura (...) aí ele foi, quando ele foi atravessando o córrego pra pegar a canoa, desapareceu, desapareceu que não teve quem desse informação dele. Quando foi, chegaram lá (...) aí o, o compadre Roberto foi lá e disse lá em casa, que eu morava com o meu padrinho, mas não era casado nesse tempo. Aí foi dizer que ele tinha morrido, aí juntou-se muita gente, foi oito (8) dias de gente aqui no São Miguier procurando; Não teve pedra que ninguém arrevirasse, andemo tudo, mas ninguém achou, fizeram tudo mas num achou (...), o velho (pai de Martinho) tinha dinheiro, fez oito (8) dia fazendo despesa com o pessoal aqui, e tábua pronta pra fazer o caixão, quando achasse, fazer o caixão, e nunca tinha encontrado.*

*E eu era bom de margulho, margulhava, meu padrinho, muita gente! Era, era muita, tinha, teve dia de ter quarenta (40) pessoas aí procurando, nunca se achou, nunca teve notícia dele (...), ele era irmão da Benedita (esposa do informante)”.*

Onde foi mais ou menos o local que ele desapareceu?

*“Aqui no São Miguel, nas pedras do São Miguel, de frente aqui (...), do outro lado”.*

Próximo à ilha da Fortaleza?

*“É, arriba da Fortaleza, na boca Hilário? Na boca do Hilário pra cá pra dentro. Aí é que é o São Miguel, que eu morava de frente; tinha uma casa da mãe do finado Serafim, da velha Antonia que moravam lá e ali era o São Miguel. Aquilo lá era o São Miguel e nós(...) ia saindo daqui do Buçu e tinha o rio do Hilário e esse meio que era o São Miguel (...).*

*Até um dia desses, conversando aqui eu, eu disse, porque falaram que ele não morreu, encantou-se, porque ali já desapareceu duas pessoas ali, que não acharam, foi ele e eu não me recordo o nome desse homem que desapareceu primeiro, mas não acharam. E não achou-se ele, e o lugar era raso e não achou-se ele; vieram de lá quando não viram mais ele, vieram, procuraram, não acharam e não estava fundo (...) foi ali mesmo no São Miguel”.*

O corpo dele nunca foi encontrado?

*“Não, nunca foi encontrado, nunca foi encontrado...”*

Essa história de que ele foi encantado, de que ele se encantou, quem foi que contou?

*“Essa história de que ele foi encantado, é que falam não?!, porque este primeiro que desapareceu, ele também nunca foi encontrado, procuraram tanto e não foi encontrado. E aí, como estou dizendo, que, era um córrego que tinha, ficava água mas não era fundo, ele passou pra ir pegar na canoa e desapareceu lá, então, se por exemplo, ele morresse afogado, achavam ele na hora lá, porque vinham, achavam ele na hora, mas não acharam.*

*Então o pessoal falam que talvez seja encantado e que (...) pessoas espíritas que disseram que ele foi encantado, até que, a velha (mãe de Martinho) era muita devota, fez muita promessa, mas nunca foi achado, e adepois, ela sonhando, ele veio dizer pra mãe dele, que ele não tinha morrido, tinha se encantado e até que (...), parece que foi a Benedita, também, que ele veio dizer que era encantado, estava velho”.*

Fala sobre o mundo dos encantados descrito por sua sogra que sonhou com o irmão.

*“... E todo encantado, ela me contou a velha, tudo que se encanta, se chega lá, lá de tudo tem, tudo quanto é comer, tudo quanto é bebida, tudo tem, agora, de tudo vêm trazer: é banana, é mamão, é laranja, é tudo, de tudo quanto é fruta, de tudo tem. Se ele comer de tudo que oferecem pra ele, ele não volta. Bem! Então, ele não volta mais, porque tudo que ofereciam, tudo. Aquelas crianças, aquelas meninas, aqueles meninos que vinham com aquela fruta e ofereciam, muito dado com ele, se deram muito com ele, ele comeu e não voltava; e adepois, a Benedita me contou que sonhou com ele (...) e que ele estava velho, agora outra coisa e que não morre, encantado não morre, ele já estava velho, mas estava encantado, mas não podia, mais voltar, não podia voltar pra morar com as irmãs, com os irmãos, que o pai já tinha morrido, mãe. E não podia voltar porque tudo que ofereceram pra ele, ele comeu e não voltava (...), isso a Benedita me contando, que sonhou tão bem com ele, ele conversando”, Contando”. tudo isso pra ela, ele não morreu, ta encantado o Martinho, era (...), parece que ele era depois do compadre (...), é era o mais novo (...), o compadre Roberto, depois a Benedita, depois o compadre Justino, depois do compadre Justino a Alexandrina e depois da Alexandrina foi ele (Martinho)”.*

Em que ano isso aconteceu?

*“Isso eu não estou lembrado bem em que ano, eu me casei(...) em 38 (1938). Não to lembrado do mês, mas foi em 38”*

Em seguida o informante relata, como Martinho teria chegado ao mundo dos encantados.

*“Ele foi só, mas aí algum, alguma pessoa de lá do fundo, que apareceu pra levar ele, só podia, só pode ser, porque é , é porque o encantado é justamente que nem o, os, como é que se diz ? eles pegam uma pessoa, como é que se diz? Secrestam! Eles secrestaram. O encantado, eu acredito que seja, igualmente, agora uma pessoa pega o outro e secresta, leva. É assim o encantado, isso é que é, é a mesma coisa”.*

Então ele foi encantado por outro encantado?

*“Por outro encantado, justamente, foi encantado por outro encantado, porque ele só não ia, aí veio outro que se agradou dele, porque tem as pessoas que se agradam do outro, se agradam do outro e então aquele encantado se agradou dele, veio e encantou ele, é isso é que é, porque tem pessoas aqui em cima da terra que se agradam do outro”.*

Sobre quem seria o rei Sabá ele responde.

*“Napoleão, Napoleão, chamam rei Sabá mas o nome dele é Napoleão, a filha dele é Jarina e (...) tem duas, Jarina, Jarina... esses macumbeiros eles sabem, são duas! Mas eu me esqueci da outra... uma é jarina a outra é(...).*

*O pessoal antigamente tinha muita devoção com ele lá, quando queriam alguma coisa, pediam, ele atendia.”*

Ao falar da sua crença nos encantados e no rei Sabá ele relata.

*“Pajé! Eu acreditava quando eu visse! o pessoal fazia o efeito. Agora esses que não curavam, encantavam, bebiam, ficavam bêbado e num faziam eu não acreditava, eu não era chegado, nunca fui chegado a macumbeiro”*

Quem é o rei Sabá?

*“Quem é o rei Sabá ?!”*

Quem o senhor acredita ser? O senhor acredita?

*“Ele eu acredito porque eu (...) muitos contavam o que ele fazia, que, esse João Paliano contava que eles iam cercar lá, que o córrego lá, que era tesouro que chamavam, agora parece que acabou-se, não tem mais. Então eles iam, fundeavam lá, quando foi um dia eles foram(...) aí eles foram afundiaram lá, ajeitou-se na curva da canoa, aí(...), aí ele (rei Sabá) veio dizer pra ele (Paliano), que não era pra ele botar rede que não agüentavam, aí ele foi e disse pros home, disse, -Olha, nós não bota rede que nós não vamo agüentar. Eles disse, -Ah! Nós agüenta sim, isso é conversa, nós não vamo... -Não, nós não bota rede que nós não*

vamo agüentar, aí ele disse, -Bem, então vamo botar rede, mas porque vocês quer, mas eu to dizendo pra vocês que nós não agüenta, a maré vai correr muito e nós não agüenta aqui, e nós vamo ter muito serviço aí pra ajuntar essa rede. Na hora, botaram a rede e tudo, depois o peso da maré agarrou que foi puxando a jangada, foi puxando a rede. Ele disse, -Eu não disse!. Porque ele (rei Sabá) veio dizer pra ele que não era pra botarem. E se ele chegasse lá e dissesse, o paliano conta, -Hei tio Sabá, nós vamo cercar o tesouro, nós vimo um bocado de peixe! Podiam aprontar a canoa, que enchiam a canoa de peixe, ele (Paliano) era livre pra conversar com ele.

Então eu acredito porque eles contavam, agora eu nunca me cheguei. Fui dessa vez lá com ele pra ele me dar alguma coisa, mas essa idéia eu acredito, porque eu vi essa presepada com a Antonia: era uma dor no braço, no braço, não podia baixar e (...), quando foi na hora lá a caba saiu de lá de onde estava, ferrou no braço dela em cheio na dor (...) -Ai a caba me ferrou(...) com um pouco ela foi mexendo o braço, lá, tomando banho, desapareceu a dor. Então eu acredito porque eu vejo. Quando eu vejo o efeito eu acredito, agora eu não vendo o efeito eu não acredito.

TRANSCRIÇÃO DOS RELATOS FEITOS EM SÃO JOÃO DE PIRABAS EM 11/02/2004.

Informante: Dalila Farias de Lima.

Pesquisador: Gerson Santos e Silva.

A informante relata sobre sua chegada em Pirabas, quando foi morar na ilha da fortaleza.

*“Ta com mais de trinta anos, uns quarenta anos já, que eu cheguei nessa ilha, cheguei eu tinha dezessete anos e agora eu to com setenta e cinco”*

E sobre o rei Sabá?

*“É, aí diz que eles (seus familiares) vinham, eles vinham na chuva e já tinha uma canoa grande emborcada na beira da praia (...), eles vão e se mete em baixo, quando viram, Lá vem aquele homem pela praia andando! Né, vinha andando, andando, andando com um cachorro grande numa corrente, aí diz que, o cachorro queria avançar nos, nos homens que tavam lá, lá na canoa. Ele (rei Sabá) disse, -Olha, não mexe que esses são os pescadores, eles tão aí, que eles são pescador. Diz que aí passou, foi embora, aí eles desconfiaram que não era um homem mesmo, natural, que nem eles, diz que aí passou e foi embora na praia e que aquele cachorro que ele levava naquela corrente, diz que alvo, alvo, alvo o cachorro!*

Como era esse homem?

*“Diz que era um homem, assim de uma estatura grande, assim parece um soldado, ele ia passando lá na praia com aquele cachorro, aí diz que eles, tiveram, tiveram espiando aquele homem foi embora, quando chegou na beira da maré assim, se jogou dentro d’agua com cachorro e tudo, aí desapareceu e eles disse que só podia se ele, o velho Sabá.”*

**PEDRA DO REI SABÁ: ENTRE A MALINEZA, O CASTIGO E A CURA.**

*“E quando foi (...) a minha irmã, ela era (...) nós vivia sempre lá pelo velho Sabá, dava muito agirú, nós ia apanhar na praia né. Quando foi um dia, de repente que nós chegamos de lá, aí ela, ela chegou variadinha, chegou assim parece que tava doida, doida, doida falando besteira, ela cantava, ela gritava, quando a gente ia pro lado dela, ela dizia, - Não venham, não venham, não venham pra perto de mim seu bando de bicho (...), aí eu dizia, -Que bicho? Ai ela dizia, -Anum!. Aquele bicho sabe. -É anum, é anum. Aí quando dava assim ela corria ia embora pro mato, a gente ia atrás procurar ela e achava ela que era (...) Nós não podia sair que ela ia embora pra mata. Foi um dia, nós chegamos, fomos procurar ela, ela tava no meio da mata! Sentada atrás d’um pau e ela tinha passado uma chuva grande, e ela tava enxuta, parecia que não tinha pegado chuva, aí o meu pai disse, -A minha filha ta maluca, o que foi que fez a minha filha doida?! Aí pegou, botou na canoa, foi-se embora aqui pra banda da boa esperança atrás d’um pajé, diz que pra curar ela, sabe, quando chegou lá o pajé disse assim, -Olhe, seu João, eu não posso fazer serviço nenhum na*



*sua filha, que isso é serviço do velho Sabá, ele, aquela pedra ali é milagrosa, ela tem um poder, um poder maligno; eles diziam, sabe. –Porque o que ele faz, ninguém desfaz e nós não podemos fazer, o senhor leva ela e pegue muita planta cherosa, misgalhe dentro de uma bacia com água, leve, banhe ela lá em cima da pedra e converse com ela, com a pedra, diga assim, olhe rei Sabá eu quero a minha filha boa, assim como você pegou a minha filha aqui, eu quero a minha filha boa, porque eu preciso dela boa.*

*Assim o papai fez, banhou, fez um banho né, e foi fazer lá, e quando ele trouxe ela, ela já veio andando normalzinha, boazinha, viu. Agora vê se não foi uma arte maligna lá mesmo da pedra?!*

*Aí, nem por isso, o meu tio tinha um filho, ele mora até aqui em Santa Luzia o Mané Domingo, ele ainda é vivo, se quiser tirar essa entrevista com ele tu vai que ele te conta melhor que eu. Aí meu filho, os meninos levaram, era mês de junho, levaram ele lá pro Nazaré e quando chegaram lá, o rapaz endoidou, endoidou, endoidou (...) que deu (...) que ele pulava assim de uma altura, dentro da rede em pezinho e não caía. E louco, louco, louco falava besteira que só vendo! Aí ele foi de novo lá com o pajé e ele disse, -Ah, isso foi trabalho do rei Sabá, vá lá e converse com ele, dê umas defumada de cigarro nele e quando o senhor vim de lá ele vem bonzinho. Assim mesmo o meu tio fez, pois ele ficou bonzinho. E ele ficou louco de fala besteira e ele cantava e dançava, ele subia assim pela uma parede meu filho, de costa, uma coisa incrível, quando ele chegava assim uma altura, ele se jogava de lá, a gente abria a rede e ele pulava e caía dentro da rede em pezinho. E só conversando com a pedra ele ficou bom, não careceu remédio nenhum, só o banho da planta cherosa e de conversar lá com o velho Sabá, mas ele fazia muita besteira e ficou bom. E por isso eu digo que antigamente ele tinha essa (...)*

*Olha o genro do velho Marcolino, passou lá, era pescador, passou lá com as prosas, disse assim, -Hei, rei Sabá, tu, no dia do aniversário da tua filha, vem me buscar que eu venho aí. Daí, quando foi um dia, diz que, ele dormindo a mulher dele viu, veio dois cavalos, vinham quicando parará, parará, parará lá praia, aí veio rascar bem na porta da casa dele, aí saltaram dois homens, pularam do cavalo e foram lá, chamaram, -Hei Caco, hei Caco vumbora, ta na hora, é hoje, é o aniversário da filha do rei Sabá, nós viemo te buscar. Daí ele gritava, gritava, gritava eles metiam-lhe a porrada nele, jogaram da rede. Olha, tu não acredita que disse esse homem, não morreu?! Ficou seco, seco pois se acabou-se”.*

Como era o nome dele?

*“Eu não sei, o apelido que chamavam pra ele era só Caco, Caco? é. E disso ele morreu, mas eles não sabem a doença maior, só foi que ele apanhou do pessoal do velho*

*Sabá. E a mulher dele já morreu também, e ela via eles jogarem ele da rede, só porque ele se ofereceu pra ir na festa de aniversário da filha do velho Sabá e eles vieram buscar ele”.*

Quem era a filha do rei Sabá?

*“Sabe lá quem era! Ele, diz que, passou lá e disse só de prosa lá pra pedra, -Hei, velho Sabá, quando tu fizer o aniversário da tua filha, vai me buscar que eu venho, e quando ele nem pensou, os cavaleiros chegaram, disseram, -Olha, hoje é o dia do aniversário da mulher, nós viemo te buscar. E ele não acompanhou e apanhou, apanhou e disso ele morreu, de não ter ido no aniversário da filha do Sabá. Era perigoso antigamente lá, tu já não vê, mas antigamente, tu ia, era parece uma pessoa assim, sentada com a mão mesmo assim (em gesto de meditação), era assim. Ih! Eu conheci muito aquelas besteiras dali. Os meus irmãos cansaram de vim correndo de lá”.*

Ao descrever a pedra do rei Sabá e ao contar as outras encantarias a informante relata.

*“E aquilo tinha um buraco assim, chamava o cofre dele, era em cima assim da cabeça, sabe, eles tiravam dinheiro, deixavam dinheiro, muito dinheiro lá, o povo ia buscar ficavam, ficavam doidinho e voltavam e ia deixar no lugar, era com certeza, um dia, um dia ele se(...) Nós tinha um filho de criação com o nome Jeremias, ele, ele foi trouxe um dinheiro, quando ele chegou (...), foi pra pegar um dinheiro, ele nem pegou, ele buscou um dinheiro lá com o velho Sabá, chegou lá quando ele foi metendo a mão, ia tirar, era um buraco que eles botavam dinheiro, tinha uma cobra olhando pra ele! Ai ele foi (...). E o pessoal tinha ensinado que a gente pedia, né?! Mas ele (rei Sabá) não tinha boca pra dizer que não, roubavam né. Aí ele disse (...) a cobra quando ele (...) a cobra enxergou ele, começou se mexendo, assim como que ia cobri ali onde estava o dinheiro.*

*Aí teve um senhor e ele, chamavam ele (...) ele tem até assim uma neta, Odá, tem uma neta que é casada mora bem aí, casada não, ela mora bem aí perto da minha filha. Ele trouxe uma toalha bonita de lá que deixaram, deixavam muita coisa lá antigamente, deixaram lá a toalha, quando ele chegou, que ele trouxe a toalha ele ficou doido, doido de uma dor de cabeça que não passava, tava quase ficando doido mesmo, aí ele voltou, foi deixar a toalha lá, quando ele deixou a toalha, que ele pegou, que ele foi dormi, disseram pra ele assim, - Olha, a gente não mexe nas coisas que não é da gente, pede! quando a pessoa vê as coisas, lá de onde vê, pode deixar (...). Ele foi deixar a toalha no mesmo lugar, se não ele ficava doido”.*

A senhora disse que acontecia isso antes, quando ele morava aqui. Ele não mora mais?

*"Eu acho que era, eu acho que ele não mora mais, eu creio dizer que não, porque não se viu mais essas coisas né?! eu não, atualmente eu não moro pra lá né, mas quando eu morava lá, eu via muita coisa.*

*Olha um dia, tinha uma senhora, eu morava com uma senhora por lá, Maria Antonia, quando foi um dia ela tava mal, pra morrer com uma dor, ela sofreu uma coisa assim parece um cansaço, aí ela foi chamada um pajé pra ver, pra vim curá ela e ele (rei Sabá) não deixava pajé nenhum passá pra lá, nessa, nessa ilha não, aí que quando o pajé chegou pra benzer essa mulher, se tu visse o estralado de cavalo correndo, e bode berrando! o homem não pôde fazer o serviço, a pajelança dele. Não pôde curá, aí o pessoal lá dele, não deixaram ele conseguir com a pajelança. E eu morava com essa mulher, com a Maria Antonia, quando o cara parou de um movimento, disse: -Dona Maria Antonia! eu não posso fazer o serviço. Que o pessoal do velho Sabá não deixaram e que quando nós olhemo tinha um homem assim, um homão bonito, branco, corado, tudo de branco olhando em cima dela e ela doente, doente. Depois disso ela melhorou, ficou bem dizer, boa! porque ele não deixou fazer o serviço, mas ele veio dá , dá a vida pra ela, que ela tava pra morrer"*

Como foi que ela pegou essa doença?

*"Acho que foi de lá do velho Sabá, que ela tinha crença lá com ele, né?! isso era conforme a gente acreditava nele, porque aconteceu isso com o filho do meu tio, porque meu tio não acreditava, ele dizia: -Pra mim esse velho Sabá não existe. E ele dormindo, vieram, disseram pra ele, -Existe sim senhor, eu vou te mostrar. Aí mostrar, o que mostraram foi o filho dele endoidar"*

E quem é o rei Sabá?

*"Sabe lá quem é o, era lá de lá dessa pedra, era morava lá nessa pedra"*

Agora não mora mais?

*"Eu digo que não, mas eu digo que ele ainda existe, dizem que ele, diz que, mora na praia do Lençol não sei por onde, mas antigamente ele fazia muito, muita safadeza lá, fazia, fazia (...) ainda hoje tem é(...) isso aí, o pessoal dos macumbeiros, acreditam né?! e vem fazer serviço lá, porque (...) tu ainda nunca foi lá não?" (Já) "Pois é, tu não vê como é que eles fazem, eles trazem um bocado de pombo, solto aquela quantidade de pombo branco e vêm bater o pé lá, é, pois era e antigamente era mais, agora não, já não vêm, mas antigamente tinha muita gente lá fazendo promessa com ele, é, eu pra mim ele não existe, mas tem pra muita gente que, diz que, ele existe."*

Está lá?

*"Ainda está lá."*

TRANSCRIÇÃO DE RELATOS E ENTREVISTA REALIZADOS EM SÃO JOÃO DE PIRABAS EM 12/02/2004.

Informante: Raimunda paliano Lobo.

Pesquisador: Gerson Santos e silva.

A informante relata histórias vividas pelo próprio pai e por sua família na ilha da Fortaleza.

UM HOMEM NU NO CORAÇÃO DA PRINCESA.

*"...Ele viu, ele conversava, eu acho engraçado d'uma que ele conta, é que ele conta, que ele foi, ele foi pescar e ele foi, tava chovendo, ele tirou a roupa e, e ele se deitou (...) ele se deitou em cima do coração da princesa. Que quando ele tava assim acordando, assim de olho fechado, ele viu um homem todo fardado assim: espada, com chapéu na cabeça, parece assim um soldado todo de branco, chegou perto dele e disse assim, -Olhe, você não tá sabendo que aqui é a casa de (...), é a minha casa, aonde mora a minha família? como é que você tá aí pelado, pelado na frente da minha casa? a minha família, as minhas filhas, vim olhar e você tá assim?. Aí diz que, ele ficou todo dormente, ele tava acordado, ele queria se levantar, ele se espernegava e nada dele conseguir acordar (...) e ele (rei Sabá) foi, disse: - Olha, espero que essa seja a última e a derradeira vez que você faça isso, porque da próxima vez vai pegar uma lição que você nunca vai esquecer. Aí o papai (...) aí ele (rei Sabá) subiu, aí que quando ele, o papai olhou ele se sumiu, o papai se acordou e foi procurar a roupa dele, foi procurar a tarrifa, foi procurar o teçado, paneiro, tudo tinha se sumido e a lição do papai, que ele veio nu, andando pela beira da praia, assim por dentro do mato, nu, até lá na casa dele, aí chegou lá nos fundo assim da cozinha, lá no mato e chamou, -Cinoca! Cinoca! que é a mamãe, traz aí uma roupa pra mim, que a minha roupa se sumiu. A mamãe foi levar uma roupa pra ele, ele vestiu, aí ele veio, contou a, o que tinha sonhado. Aí ele ficou pensando (...) quando foi a noite ele (rei Sabá) veio dizer pra ele, que ele fosse buscar a roupa, o teçado, o paneiro, a tarrafa, pois tava no mesmo lugar, o papai de manhã cedo foi pra lá, ele chegou tava lá o teçado, o paneiro, a roupa, tudo molhado lá no mesmo lugar onde ele tinha deixado, então isso, ele diz que aquilo foi um castigo que ele deu nele, por causa que ele tava pelado lá em frente, dormindo em cima da pedra que é o coração da princesa, que esse coração da princesa, já me disseram, que é o coração da, da, da esposa dele, do rei Sabá, que é o que, diz que é o coração da princesa. Então ele contava muito sobre essa, que foi verdadeiramente, que aconteceu mesmo com ele."*

REI-SABÁ: O MÉDICO DA ILHA DA FORTALEZA.

*" E outra também, que eu acho muito interessante, de lá da pedra, ele tava muito doente, umas febre que deu nele assim muito forte, e tava assim quase com uns trinta dias diretamente febre nele, e a mamãe que (...) antigamente não tinha médico, então quando eles adoeciam, eles íam lá na pedra, conversavam, que eles viessem no sonho ensinar um remédio, que nesses, nesses tempos não, não existia médico, o médico mesmo era (...) que eles fazia remédio caseiro. E a mamãe foi lá e conversou lá na pedra, quando foi a noite (..) a pessoa quando ia, já sabia, deixava um pouquinho de cachaça, um cigarro debaixo da rede da pessoa, quando foi a noite ele (rei-Sabá) veio dizer pra mamãe, que era, a doença do papai, era malária e ele ía morrer se não tivesse um remédio, ele ía morrer; aí ele ensinou um remédio, que era pra ela pegar nove pimenta malagueta amarela, abrí, tirá, tirá os caroços e, cinco era pra ela fazer um chá, o chá, já tudo tirado os caroços e quatro era pra ela socar e colocar, colocar álcool, cachaça ou álcool, cachaça, que quando desse o frio, isso ele contando o rei-Sabá pra mamãe no sonho, quando desse o frio, que era pra mamãe pegar aquela que já tava socada, passar tudo no corpo dele do pescoço pra baixo, e o chá que era pra ele tomar e ela embrulhar bem ele. E a, quando, e a mamãe fazer o remédio, preparou tudinho, quando deu o frio ela fez a afecção, que passou no corpo e deu o chá e ele dormiu, que quando ele se acordou, a mamãe conta, de madrugada um, um (...) suor muito grande, que ele ensopou a roupa, ensopou o lençol, chega pingava aquele suor. E a mamãe foi, trocou a roupa dele, tornou a fazer, tornou a embrulhar, fez um, um caribé pra ele, deu pra ele, até hoje! foi o remédio que ele ensinou, o rei-Sabá.*

*Então o papai diz, o papai conta: se ele não ensinasse esse remédio, ele tinha morrido, porque ele já tava ficando esquecido, ele já não lembrava mais de nada e isso foi, tudo isso foi o que aconteceu lá com o rei-Sabá, que ele era o médico deles, nessa época ele era o médico deles, podia vim qualquer pessoa lá, assim, que ele vinha no sonho ensinava de verdade o remédio pra pessoa e a pessoa ficava curada, ficava bom. E muitas vezes até ele mesmo curava a pessoa assim, dia que eles curavam a pessoa, passava remédio e tudo isso."*

#### AS ENCANTARIAS DO CASTELO DO REI.

*"E também o meu irmão o Antonio, a mamãe, tudo eles sabem que, anos atrás, seis horas da manhã, meia noite, assim, lá na pedra as pessoas passavam, escutavam criança chorando, cachorro, boi, escutavam batuque, escutavam eles dançarem no fundo, as pessoas ficavam escutando aquele, aquela batucada deles no fundo e cantando, a pessoa ficava horas ali sentada escutando. Diz que era muito bonito, as pessoas (...) eu, eu nunca vi, mas a mamãe conta, o papai, meus irmãos, eles contam que tudo isso aconteceu lá na pedra (...).*

*Agora o papai também conta, esse meu irmão já viu, que dia de sexta-feira, assim onze horas da noite, vinha um homem sentado no cavalo tudo de branco, vinha três vezes aqui na fortaleza onde é a casa grande e três vezes, três vezes lá pro castelo e aí na terceira vez, aí desaparecia, aí o pessoal que cansaram de ver, disse que era o rei Sabá, que dia de sexta-feira onze horas da noite, ele vinha cavalgando de lá, três vezes na fortaleza, três vezes lá pro castelo, diz que era muito bonito o cavalo, é espada, tudo de ouro, chapéu dele, bota dele, contam que era tudo de ouro, a minha família cansou de ver. A única coisa que eu vi lá é, é quando a gente chegava lá, saía três cabas grandes de dentro de um buraco, aquelas cabas vinham, se sentavam na gente, e sentavam na cabeça da gente, a gente ficava quietinho, que era as três filhas dele, era a Mariana, Jarina e Herondina. Mas era só chegar as pessoas, se tivesse cinqüenta pessoas, todas aquelas pessoas aquelas cabas iam sentando na, na pessoa e encostavam na pessoa, era umas caba grande, depois quando terminavam, elas, todas três dentro do buraco, se sumiam, aí se por exemplo chegasse outra pessoa, elas tornavam sair, tornavam vim visitar a pessoa, então isso, isso se (...) história lá do rei Sabá, que eu sei algumas, mas até esqueci agora.*

*Mas antes, lá, tinha cachorrinho, tinha boi, tudo feito de pedra, era uma coisa muito bonita, era galo, flores, búzios, tudo feito de pedra. Se uma pessoa pegasse qualquer objeto e não pedisse, assim, permissão, licença, o pessoal podia levar o lugar que fosse, trancado, a pessoa quando chegava, que ía abrí a sua bagagem, não, não encontrava. Podia vim que tava no mesmo lugar, porque não pedia, assim, a permissão, né?! pra levarem, pra levarem.*

*Antes era muito misterioso, essa ilha aí era muito, muito misterioso, hoje, hoje já não tem essas lendas, esses mistérios, esses encantos, porque dizem os trabalhadores, quando eles abaixam, porque agora é, já houve muita bagunça lá, as pessoas deixavam, assim, promessa, as pessoas levavam, quebram; bebida ele bebe, então essas coisas têm que ficar lá né mano?! as pessoas não tem de mexer, (tem que ter respeito), é tem que ter o respeito, só não tem de abusar, porque a gente não sabe a, as coisas invisível né mano?! a, agora as coisa visíveis tudo a gente vê, né? agora invisível a gente não sabe o quê que tá havendo, o quê que tá acontecendo, como é. Então por isso dizem que se mudou de lá, por causa desse tipo de, de que não tinham mais respeito lá, e ele ficou muito aborrecido e ele se mudou, e até "exclusivamente" o pai da minha mãe, o finado vovô Firmino, o pai da mamãe, ele (rei Sabá) matou, por causa que ele, é toda vez ele ía lá, bebia as cachaça dele, prometendo que devolveria e nunca aconteceu, quando foi um dia, ele, pescando com o meu pai e disse pro meu pai, que o meu pai era genro, disse, -Meu genro, vou já beber uma cachaça ali do velho rei Sabá. E foi pra lá, pegou a cachaça e, e bebeu, que quando o meu pai viu, que ele bebeu a*

*cachaça, ele deu uns tombos por lá, correu no rumo da maré e ele, ele ia se afogando e o meu pai conseguiu, até que trouxe ele pra beira e disso ele morreu, então, diz que foi ele que matou, que ele bebeu as cachaça e nunca pagou.*

*Então isso, isso são coisas que foi verdadeira com, com a minha família que aconteceu"*

O rei Sabá se mudou pra onde?

*"Ele se mudou pra praia do Lençol no Maranhão, mas ele, diz que, sempre ele vem fazer visita aqui na, aqui na praia do Castelo, porque ainda continua o povo dele morando aí, sempre ele vem fazer visita, tem povo dele que, que mora aí definitivo. E a visita dele é mais dia de sexta-feira que, que é visita que ele vem fazer."*

Vocês moravam lá na Fortaleza?

*"Lá na Fortaleza, lá na ponta, próximo lá na ponta do Castelo"*

Desde quando?

*"meu pai conta que ele chegou aqui em mil, mil novecentos e (...) é, é, ele morou lá na ilha sessenta, sessenta e dois anos, ele chegou em mil novecentos e quarenta e, e ele quando chegou, tudo, tudo isso acontecia de verdade, e ele casou, ficou morando lá, nasceu quase todos os filhos, nasceu é compadre Antonio, nasceu minha irmã a Maria, nasceu Isaías, nasceu eu, nasceu mais, mais três que morreram. Ele morou lá sessenta, quarenta? e, ele morou lá setenta, sessenta e dois anos, que ele morou lá na ilha, depois desses anos ele veio pra cá, porque não deu conta mais pra trabalhar, ficou doente, a idade, aí agora ta morando aqui em Pirabas, mas ele é um dos, dos contadores de histórias da ilha, ele sabe muita coisa, agora que ele já ta esquecido, devido a idade, a doença, mas muitas coisas que ele contava pra nós, a gente sabe um pouco, mas ele é um dos, como diz o rei Sabá, ele era o segundo rei de lá da ilha, porque ele é uma pessoa muito antiga, (foi o primeiro morador de lá), primeiro morador!..."*

*O primeiro morador foi o pai dele, os pais da mamãe e de lá veio, tinha outros dono que era a família, a família Romariz, a família João Costa, depois foi o, foi o Lourenço e do Lourenço, agora é que ta tendo já, pelos, pelos alemães que tão (...), e família Paliano lá, família paliano não tem mais, mais nenhum lá, o que ainda ta por lá é eu, que ainda trabalho por lá ainda, mas que família paliano agora não tem mais, só mesmo agora é habitado mesmo só por, por alemães. E é assim, histórias que eu sei de uma parte das histórias lá da ilha".*

Então ele sempre teve contato com essas história?

*"O papai sempre, sempre teve contato".*

Mas ele não disse quem era o rei-Sabá, desde quando o rei-Sabá morava na ilha?

*"Não, não, não (...) é, uma vez eu, eu, eu, ainda quero, um dia eu ainda quero perguntar, se um dia, se eu falar mesmo, porque têm muitas pessoas que são, que são médium, que trabalham com essas coisas de caboco, de espírito e muitas pessoas dizem que eles recebem o rei-Sabá, mas ele não abaixa em cabeça de qualquer pessoa. É, ele é difícil abaixar na cabeça, na cabeça que abaixa, são pessoas é que recebem mesmo os cabocos, mesmo. Os cabocos mesmo, o pessoal de natureza que tem o dom de receber os espíritos cabocos. Ele um dia, ainda quero que um dia, se eu vê uma pessoa assim, que trabalha com essas coisas de umbanda que eu, que eu vê, se eu saber que é o rei-Sabá, eu quero perguntar como surgiu a, a, a origem dele né?! como foi que aconteceu, como ele era, se ele era uma pessoa que foi encantada? que ninguém sabe mesmo essa origem, mesmo, da, verdadeira dele mesmo, ele mesmo contando né, contando assim pra gente escutar.*

*Um tempo, ele abaixou na cabeça de uma amiga, ele disse que ele tava com dez mil, oitocentos e vinte e dois anos. Agora, desde que, ta uns três anos, ele ta com dez mil, oitocentos e vinte e cinco anos, que ele tava quase pra, pra morrer. Aí eu fui e perguntei, -E os cabocos morre? e ele, -Morre. Mas que ía ficar no lugar dele, tomando conta do reinado dele, o filho dele, ele disse que tava quase pra acontecer esse caso de morte com ele, e então, que isso, dez mil, oitocentos e vinte e dois anos é muitos anos, é muitos anos, então e caso de uma coisa que, que aconteceu assim, apareceu, uma história que apareceu (...) eu não sei dizer, eu não sei explicar. Um dia eu ainda vou procurar saber, e no dia que eu procurar saber, aí eu, aí eu, eu, eu conto pra você direitinho como aconteceu. A gente tem que saber a origem, né?! como foi pra acontecer a história do rei-Sabá, que a gente sabe que tem, que existe, né? mas ninguém sabe como foi, pois é. Eu acho que isso vem da, dos (...) tempo de Cristo, porque ali é uma ilha, né? é uma (...) criado uma natureza é (...) do mundo, que Deus, que Jesus (...) já ficou preparado ali, né? aquilo, porque cada coisa que Jesus, que Deus preparou, ele deixou um nome né, ele deixou seu nome, um nome. Então que ali, creio que ali seja uma pedra que já foi, já instruído por Deus, pra ficar aquela pedra, pra ter esse nome, né? esse nome, porque se tu vê que cada ilha tem um nome, uma coisa diferente assim, que seja uma coisa colocada por Deus, uma história, como uma história colocada por Deus".*

#### **FORTALEZA: UMA ILHA PARA OS POBRES.**

*"Antes, antes da minha cunhada falecer a, a Graça, tu conhece a Graça né? do fina do mamãeê? ele era média e ela, e ela recebia mesmo o rei-Sabá, sabe! ele era o mestre de coroação do trabalho dela. Quando o finado Lourenço comprou essa ilha, ele (rei-Sabá) baixou um dia na cabeça dela e mandou me chamar, aí eu, eu fui lá e ele me disse, que ele*



tava muito aborrecido com ele (Lourenço), que ele tinha mandado derrubar um mato, a mata toda pra ele colocar, fazer plantio, que ele tinha cinco mil mudas de, de planta. Que ele estava muito aborrecido, porque na mata aonde tinha muitos lugares, aonde morava o povo dele e veio assim (...) eu perguntei, -Como?. -Quando você anda assim num, numa mata, aonde você passa, em certos lugares que ta assim uma árvore, que é tudo bonito em baixo, parece que mora assim uma pessoa, tudo limpo, né! a gente acha bonito. Ali mora um, um (...) um espírito, ali mora uma coisa, assim, encantada. E ele fez uma destruição, o finado Lourenço fez essa derrubação, mas que ele (rei-Sabá) ia deixar ele(Lourenço) plantar, plantar e que de lá ele não ia colher uma, uma fruta, que ele não ia saber nem onde ele tinha plantado e, que, ele morava em coisas altas, quer dizer, é apartamento, que ele ia de rico, ele ia ficar pobre, só por causa dessa destruição que ele fez na ilha. E, e disso que ele falou, que talvez ele morresse primeiro de que meu pai, que meu pai ia ficar e ele ainda ia morrer. Por causa que todas essas pessoas que foram pra lá, que já foram donos lá, que no momento que eles passam a querer passar a ser, assim o dono, querer maltratar pobre, as pessoas pobre, que trabalhavam lá pra ganhar o pão de cada dia e que tem roçado, tinham seus curral. Todas essas pessoas quando chegam ali querem embargar esse tipo de trabalho. Né, não querem que bote curral, não querem que bote roça, então ele diz que esse, que essa praia é de gente pobre, pra criar seus filhos, não é de rico é de pobre! que ele por causa disso, que ele ia dá um fim nele, quer dizer que ele ia matar ele, assim, por meio dos encante dele lá, por meio dos encante e do, dos cabocos. E você sabe que isso aconteceu! aconteceu, aconteceu tudo. Ele olhou pra mim disse assim, -Você não tá acreditando, isso pode passar dez anos, quinze anos, vinte anos, mas isso vai acontecer. Acho que ele não durou assim, acho que ele durou dez anos, doze anos? oito anos. Olhe de lá, a plantação, pois é, a plantação ele não colheu uma e era um homem muito rico, muito rico, (ele era dono da Leal), da Leal, vendeu a Leal, ficou pobre, de apartamento foi morar em casa de conjunto, deu um sofrimento nele, que foi, que foi até pra aldeia dos índio, foi pra São Paulo, foi, rodou tudo por aí, dizem que nem os médicos descobriam, então isso aconteceu. E só falta um acontecer, que ele diz que, o dia que ele se aborrecer, que aquela casa, ele vai botar no fundo, não é nem ele, é a Mariana, filha dele, que ela vai se virar numa cobra grande e vai jogar a casa em baixo, só isso que falta acontecer. Essa história, até que foi ele mesmo que me contou, pessoalmente pra mim, e ele falou, ele falou isso mano!, já falou isso umas três vezes pra mim e, eu acho que isso vai acontecer. E pode também fazer pára-mar lá, que não vai agüentar, esses tempos já foi reformado, já quebrou.

*Então, as vezes fico pensando só, eu fico analisando as histórias que ele (...), das coisas que ele me já falou, que eu sei que isso do finado Lourenço aconteceu, aconteceu, aconteceu ele era rico, ficou pobre e foi morar em casa de conjunto, eu me alembro (...) era muito rico, muito rico o finado Lourenço, muito rico, morreu na miséria. E o finado Ronaldo também, né? a família Romariz, que era outra família rica e o que aconteceu? o, o pai dele morreu e o filho ficou, né?! também morreu na miséria, caindo os pedaços, por causa das, das (...) das malvadezas que ele fazia com as mulheres que ele levava pra lá, morreu caindo os pedaços. Esse meu pai aqui é, já foi, foi uma pessoa que ajudou muitas pessoas é, é, é (...) meninas que iam pra lá, meu pai cansou de trazer de noite na canoinha, daqui, daqui o papai arrumava o dinheiro, elas iam fugida mano! que aquele finado Ronaldo, que Deus perdoe os pecados dele, ele era muito malvado com as mulheres, (trazia as meninas de Belém pra...) de Belém é, de Belém. Então isso são coisas que, isso aconteceu mesmo ali, né! no tempo que esses donos ricos (...), (ele trazia as meninas de Belém e fazia maldade com as meninas lá na Fortaleza, deixava as meninas por lá), e era um homem, assim, bonito, ele era assim parece um artista, você ainda se alembra dele? (me lembro.) ele era assim, igual um artista, né! bonitão ele, altão, alto, ele era, parecia um italiano, um alemãozinho, altão. E ele judiava muito aquelas meninas, botava de cabeça pra baixo, o papai conta que, e dava chicotada, só trazia aquelas moça bonita, aquelas filha de gente rico mesmo, os pai vinham buscar, (...) eu sei que ele morreu caindo os pedaço, cheio de ferida. E o meu pai telefonou pra família, mandou recado, escreveu, mandou uma carta pra família vim buscar ele.*

*Aí é muito (...), é uma ilha misteriosa, porque, que a, a, (...) as vezes, a gente contando certas coisas, o pessoal as vezes não acredita, né! -Mas quando que ali existe! mas existe sim, muita coisa ali, muitas coisas boas ali, coisas bonitas, muitas coisas passadas, muitos, muitos castigos por parte dos cabocos, por parte do rei-Sabá. Que nessa época, mesmo não iam fazer bagunça, muitas coisas, porque ele castigava mesmo, lá na pedra. Quem fazia certos tipos de coisa que ele não gostava, eu acho que no momento que estavam ali, ali presente, né! que viam, dava o castigo nas pessoas, vinham de lá gritando de dor de cabeça e rasgavam a roupa, e outros saíam correndo nu, e daí iam bater ainda, pra ficarem bom, pela mão dos curadores, pra eles ficarem bons, é isso, é verdadeiro, essa parte é."*

FELIZOLA, Ana Alice de Melo. Rei Sebastião: o mito narrando nações. Dissertação de mestrado em estudos literários, Centro de Letras e Artes (CLA) Universidade Federal do Pará (UFPA): Belém-Pa. 2002. pp. 85-87.

03 - Rei Sabá: a sobrevivência do mito.

"A BIRITA DO REI".

Informante: João Paliano.

Pesquisador: Franklin Auad Thjin.

*"O rei Sabá existe sim, senhor. Ele já não mora mais aqui, teve aborrecimentos porque não cuidam do que é dele, quebraram a pedra dele que era o castelo que ele vivia e ele se mudou com raiva. Isso é o que contam, esse pessoal que "mexe" com o "encante", pessoal da umbanda, que trabalha na "linha do encante". Eu acredito porque vivo aqui desde 1968, e já vi ele, quando essa praia da fortaleza (1) era um lugar de respeito, respeito pelo rei Sabá.*

*Então eu e o meu cunhado resolvemos caçar na praia da Fortaleza, lá era "tudo" muito farto naquela época [ ], mas a minha esposa disse: - Olha Paliano, tu vai bulir com as coisas do rei, olha lá, tu sabe que ele não gosta. Mas lá tinha muita paca, muito mesmo. E eu tava doido pra comer paca. Aí fui [ ]. Fui de noite por causa da maré; pra amanhecer lá, fui eu e meu cunhado, hoje já falecido, fui [ ]. Chegamos na noite de lua, pois vou lhe contar uma coisa. O senhor pode atravessar de Pirabas pra lá de noite, mesmo que "teja" (2) escuro que lá sempre é "alumiado" (3), a lua parecia um farol nesse dia. Pois bem, "fumo" (4) e resolvemos dormir lá, levei um cachorro bom de caça que eu tinha e "fumo" andar. Marchei, marchei, agarrei e disse:*

*- Vou lá no castelo "vê" se tem alguma birita. Quem sabe esses "cachaceiros" que tem por aqui, de vez em quando, não deixaram uma birita lá na pedra.*

*Acordei o meu cunhado, ele ficou com medo:*

*- Ê Paliano, deixa as coisas dos outros em paz, vai beber a bebida do "homem" que ele vem com raiva atrás de nós.*

*- É só um gole frouxo, to seco!*

*E eu fui, e na pedra que era o castelo dele o altar tava cheio de cachaça, fui lá e disse:*

*- Ô meu rei Sabá, me dá um gole de sua birita que eu to de goela seca. Peguei [agarrei] e tomei.*

*Bastou um gole e eu bazunguei (5) pra lá, bazunguei pra cá, arriei lá mesmo.*

*O meu cunhado frouxo saiu correndo pras bandas que nós "diexemos" o barco e não encontrou [ele]. O que viu foi um homem "de general" que corria num cavalo na beira da praia, ele parecia vir de dentro das ondas, corria na direção que eu tinha caído. O meu cunhado se escondeu donde ele tava não deu pra ver mais nada.*

*Pois bem, eu tava desmaiado no chão quando eu senti um sopro no meu ouvido, eu dei um pulo. Quando vi aquele homem [cheio] da farda me olhando com raiva, eu falei:*

*- Valei-me meu rei Sabá, tenha piedade, foi só um gole da sua birita.*

*Ele disse pra mim: - Tu não conhece minha Lei? Tu não sabe que aqui não se bebe nada? Tu veio caçar paca, tu não veio bulir nas minhas coisas!*

*E nessas horas tudo se mexia na minha frente. Eu via pedra andar, galo cantar, galope de cavalo na beira d'agua. Eu pedia clemência para ele, e ele disse:*

*- Olha eu ia dá [pra ti] uma tarrafa de peixe bom, mas as pacas que tu veio buscar, por causa da tua desobediência, nem teu cachorro "tu leva". "Foi tendo", "foi tendo", eu olhei em redor e num via areia, num via mato, num via nada, só água, só mar. E eu pensava.*

*- E agora como eu vou voltar e o Deco, onde ta? Aí eu me sentei na pedra e pedi pra ele:*

*- Ta certo rei Sabá, eu errei porque bebi a sua birita. O senhor quer me matar, me mata logo que eu já tô ficando doido com essa coisa aqui.*

*- Mas tu vai voltar, disse ele! Tu vai voltar pra casa sem paca, sem peixe. Tu vai de hoje em diante ser guardião aqui porque teu arrependimento é sincero. E tudo que tu vê aqui, tu não vai se espantar porque aqui é o meu encanto.*

*E assim foi, eu senti uns tremores no corpo e desmaiei de novo, só acordei do outro lado do trapiche de Pirabas e o meu cunhado Deco dormindo na canoa. O cachorro [ele] ficou. E eu trabalho na praia da fortaleza todo esse tempo, agora "pros" gringos que moram lá.*

*Mas como eu disse, ele foi embora daqui, o rei Sabá.*

*Quando ele foi embora quebraram a pedra dele.*

*Pirabas era muito farta na época dele, cidade boa pra se viver na época em que o rei Sabá morava aqui. Agora é só carestia. Ele foi embora e é só pobreza na cidade.*

(1) . Praia situada próxima ao município de São João de Pirabas, Nordeste do Estado do Pará.

(2) . "Teja" - esteja.

(3) . "Alumiado" - iluminado.

(4) . "Fumo" - fomos.

(5) . "Bazunguei" - balancei.

Nota: O senhor Raimundo Paliano (80 anos) é morador de São João de Pirabas, foi pescador e hoje trabalha para a comunidade alemã existente na praia de Fortaleza.

GODOY, Márcio Honório de. *D. Sebastião no Brasil: fatos da cultura da comunicação em tempo/espaço*. – São Paulo: Perspectiva, Fapesp, 2005.

INFORMANTE: João Torres Paliano.

PESQUISADOR: Márcio Honório de Godoy.

Nessa narrativa o autor recolheu o relato do Senhor João Paliano sobre a primeira vez que esteve frente a gente com o rei Sabá. Quando se deitou nu na pedra chamada “o coração da princesa” e o rei sabá se revelou:

João Torres Paliano: *Ele é um velho, o rei Sabá. Você já pensou numa vestimenta de general? O vestimenta do general do rei tem muita diferença. Do rei é superior do general [...] aquelas medalhas, tudo, tudo medalhado tudo. A espada batia inté no carcanhar a espada. Aí bem preparado. [...] Ele é da cor do senhor. (referindo-se a mim que sou branco, com traços europeus) Um homem forte.*

Pesquisador: A roupa dele, que cor que é?

J.T.P.: *Fardamento, ele tava fardado, o fardamento dele. Fardamento de general [...] general de rei. Vestimento de rei, ele é um rei.*

Pesquisador: Coroa e tudo?

J.T.P.: *Tudo, tudo...*

Pesquisador: Ele tinha Barba?

J.T.P.: *É, ele tinha barba. E aí ele me passou uma dispicial<sup>274</sup>, muito bem.*

*“Senhor, o senhor me respeita. Aqui tem dono, aqui tem dono”. Então ele me passou uma dispicial. [...] Ele deu dois passos, atrás das minhas costas assim e aí eu não vi nada mais. Sumiu! No que eu enterrei meus pés de um jeito de um lado pra outro, já tinha se sumido.*

Pesquisador: Ele estava à pé ou de cavalo?

J.T.P.: *A pé, de a pé. Essa parada que me aconteceu que eu vi, que eu vi porque eu vi com meus olhos [...] me aconteceu essa parada. E outras, e outras, e outras que aconteceu com outros...*

---

<sup>274</sup> Nos parece que esta palavra remete a uma comunicação de alguém que quer passar uma reprimenda.

TRANSCRIÇÃO DE RELATOS DE ENTREVISTA REALIZADA EM SÃO JOÃO DE PIRABAS EM JANEIRO DE 2005.

PESQUISADOR: Gerson Santos e Silva.

INFORMANTE: Dalila Farias de Lima.

P: Há muitos anos a senhora morou na ilha da Fortaleza. Desde quando a senhora morou lá?

I: *Faz muitos anos que nós moramo lá. (...) Hum?! Olha! Eu tinha? Eu tinha Dalila? dezoito anos. Mas eu cheguei lá eu tinha dezesseis anos, nós moramo lá quatro anos. Com quatro anos que nós moramo lá foi que eu me casei. Olha desde os dezesseis, foi isso mesmo, que agora eu to com setenta e seis.*

P: A senhora morou quatro anos?

I: *Quatro anos lá.*

P: E como era que o povo vivia lá?

I: *A gente trabalhava, botava curral, pescava, eu pescava com meu pai! Nós botamos roçado. Deu muita lá, deu arroz, deu man(...) mandioca, batata que a gente plantava.*

P: Qual era a área da ilha que era plantada?

I: *Era aquela área ali do Piquiá. Era descendo assim(...) tem a praia né?! O lado de lá era capoeira, era mata ainda, quando eu morei lá ainda era mata bruta mesmo. Tinha muita mata ainda e era um bacurizal d'onde nós morava. Bacuri! Que cê ia lá trazia desse paneiro cheio que não dava conta de trazer, muito! Então nós trabalhava ali com mandioca, farinha, meu pai tinha forno de cobre. A gente trabalhava, fazia farinha. Tanto que nós entramo lá, roçamo logo, roçado do mato. Sabe?! Na terra de mato dá muita mandioca, mas só tinha uma coisa, que o gado invadia no (...).*

P: Tinha gado lá?

I: *Tinha, tinha muito gado lá, do Dr. Romariz, do Dr. João Costa. Ah depois o Dr. João costa vendeu pro Dr. Romariz. O Romariz tomou conta e nós se introsamo com o Dr. Romariz, ainda dois anos. Empregados do Romariz, mas isso já depois d'eu casada. Mas nesse tempo que nós, eu ainda era solteira! Era o Dr. João Costa. Tinha muito gado lá. Tinha três malha de gado. Tinha um lá no João Carlos, um no Castelo, um lá no Piquiá e outro, outra malha aí na Fazenda. Era três? Quatro turmas.*

P: E lá pra's bandas do Castelo, tinha plantaçoão?

I: *Lá pras Bandas do Castelo tinha. Morou outros morador pra lá. Tinha mandioca, fizeram arroz também pra lá. Terra de lá dava mandioca também! Do Castelo pra li é mata também, era mata. Ali, isso, aquela ilha todinha ainda era mata, tinha muita guariba, muito macaco, paca isso nem se fala!! Cutia vinha comer bem perto da gente.*

P: E quando foi a primeira vez que a senhora ouviu falar no rei Sabá?

I: *Foi quando eu cheguei lá que tinha mesmo já a pedra.*

P: Mas quem contava essas histórias?

I: *Quem contava essas histórias era meu pai, meu pai. Meu pai foi empregado do primeiro dono desta ilha. Meu pai era rapazinho quando o padraсто dele se empregou-se lá. Disse (...) O meu pai disse que tinha essa pedra e botaram o nome de rei Sabá.*

P: Não disse por que botaram esse nome?

I: *Não sei, porque diz que lá era uma, uma pedra que fazia milagre. Fazia num sei o quê. Você podia fazer promessa que! Que cumpria-se. Olha eu vou te dizer que eu acredito porque certas coisas existia lá. Porque a minha irmã, eu tinha uma irmã do tamanho dessa menina aí. Tava, ela tava assim com uns dezesseis a dezessete anos, já moça. Apareceu uma doença nela. E ela tava pra morrer inchada, inchada e não parava dentro de casa, só vivia na mata, escondida atrás dos pau. E num comia e nem bebia nada, era só, parece que ela estava e de vez em quando vinha uma pessoa e chamava ela, quando chamava ela se desesperava!!!! Aí tinha um pajé pra cá pra banda de uma tal de Cebola e(...) Boa Esperança! Aí o papai boto ela na canoa e foi levar lá. Quando o papai chegou lá o cara disse assim: Seu João! Eu não posso fazer nada pela sua filha. Isso é serviço do pessoal do rei Sabá. Que diz que já era serviço do pessoal do rei Sabá! Mas o papai num acreditando, ficou assim(...) a pequena sempre doente sem saber o que era. Aí sei que ele resolveu, o home disse assim, o senhor leva ela lá e faça um banho de planta cherosa, e banhe ela em cima da pedra, em cima daquela cabeça. Que desse tempo não era como é agora, tu olhava de longe parecia que era uma pessoa que ta assim ( faz um gesto de meditação). Agora quebraram (Sobre a quebra da pedra que descaracterizou muito seu aspecto antropomorfo). Aí o papai foi, mandou nós fazer um banho, nós levemo e banhemo ela lá, que era só banhá e a pequena vinah boazinha. E aí nós levemo ela lá, o papai levou, banhou e banhou ela. E tu acredita que ela ficou boazinha! Eu*

*tive outro primo que ele ainda está vivo, o Manoel Domingos mora aqui em Santa Luzia (Distrito principal de São João de Pirabas). A mãe dele teve neném e ele foi, diz que já foi correr pra carregar água pra lavar roupa, não sei o quê. Disseram que a mãe do lago da ilha tinha feito mal pra ele. Olha Gerson, ele ficou doido! Doido! Doido! Doido! De (...) de ficar correndo nu já rapaz (...) a gente atava uma rede assim, ele se subia, por exemplo, de uma altura de onde ta a luz e se jogava dentro da rede. Se a gente agüentasse! Se a gente não agüentasse, partia! Ficou doido! Falava dia e noite e se não fosse amarrado ele saia na rua, na mata, correndo e virando sei lá (...) e, e o meu tio foi lá, o papai ensinou pra ele ir lá na casa do pajé. Aí ta o meu tio foi lá, chegou lá e –Ah seu Juliano! Já está sabendo que é serviço lá do rei Sabá!!! Não tem, não tem quem faça hoje, a pessoa, é só lá mesmo. Aí ele disse, -O senhor pega um pedaço de tabaco grande, leve lá, diga pra ele que o senhor quer o seu filho bonzinho. Banhe ele lá com planta cherosa, que, que ele fica bonzinho. E meu tio fez o mesmo serviço que o meu pai fez, banhou ele, conversou lá com a pedra, que ele tinha precisão, que era só esse filho que ele tinha. E foi, e o rapaz ficou bom. Hoje ele vive ali em Santa Luzia, ele te conta melhor que eu.*

P: Quem era a pessoa que morava lá perto da pedra, lá na área do Castelo?

I: *Na área do, do (...) de lá era um senhor por nome Levindo e João Ferreira. E o velho Loca que era sogro do meu cunhado, era Laudelino o nome dele: os três morador de lá. E bem perto da pedra, que a gente até ia pra casa dele de escada, que era na ilha, numa ponta alta que tu vê que ali era um muro. Pois é eles moravam lá. Ele viu cavalo correndo na praia! Ele viu cachorro latindo na praia(...) Ela viu homem andando tudo de branco em cima da praia! Isso a gente via muita coisa, e se algum dia a gente fosse sair! Nós cansamo de ver, só que num mexia comigo, passava lá (...) um dia nós vinha do curral com o papai, quando nós vimo lá vem aquela mulher, uma mulher lorinha! Cabelos compridos, amarelo o cabelo dela! Veio, veio, veio até em frente de nós, quando chegou bem perto de nós, desapareceu!*

P: Ela não falou nada?

I: *Não falou nada.*

*E eles tavo já de baixo de uma canoa, a chuva caindo e eles se escondendo assim, de baixo d'uma canoa que tava emborcada, então se (...) levantaram e se metero lá de baixo. Quando vem dois homes, cada um trazia um cachorro na corrente. Aí io passando e eles ficaro lá assim. Aí o cachorro quis avançar neles e o home: -Não mexa, esses são os pescador daqui!!! Eles também, saíram de lá da canoa, foram embora, nem foram pescar. Tavam esperando a*



maré baixar pra pescar. Como ouviram essa voz dos cara e os cachorros, foro se embora, chegaram em casa, era o meu tio de novo: -Ah não deu de pescar, o pessoal do velho Sabá pássaro lá com os cachorro e disseram que não era pro's cachorro mexer com a gente! Que a gente era os pescador! Eu digo. Ah mas a gente via muita coisa lá. E por isso que eu lhe digo, que tinha alguma coisa lá. Eu não sei se tu ouviu falar? Se teu pai? Teu pai num (...) Tinha um senhor que já era (...) genro do velho Marcolino, tu ainda não ouviu falar no velho Marcolino que era pai da Olinda, daquela preta que era casada com o Dicó, tu ainda deve ter conhecido (...) A olinda ainda tem um filho aí o manóel, o, o jacinto Morreu(...) que era neto desse velho Marcolino. Então ele veio da maré (...), Pescava (...), vieram (...), morava tudo ali na praia, aí quando ele chegou bem lá de frente, diz que tava feio, tudo claro lá na pedra. Aí disse: -Tá bom velho Sabá, quando to senhor fizer o aniversário da sua filha, vá lá nos convidar que eu quero, venho passar o aniversário da sua filha!aí diz que quando foi um dia ele, ele viu dois homes. Isso a mulher dele já morreu também, ele já morreu. Ele morreu até doente dessas coisas, que ele chegou a fazer. Aí que quando ele viu, que tava bem com uns dois meses que ele disse essa, essa presepada, que quando o velho Sabá fizesse o aniversário da filha, fosse chamar ele, buscá que ele ia lá, que aí, que quando ele está dormindo lá na cama dele, chegou dois homes. Disse: -Olha nós viemo te buscar que hoje é o aniversário da filha dele. A mulher dele tava acordada, chamou ele. E o apelido dele era Caco, num sei nem como era o nome, só chamava de Caco. -Caco, Caco te levanta que os cavalo tão aí na porta, que eles vieram em dois cavalos, cada um num cavalo! Que vinha quicando na praia, que vinha que era uma beleza (...) E ela disse que era dois homes, e chamando, e chamando. E ele nada de se levantar e diz que agarraram, meteram-lhe a mão na rede, sacudiram e jogaram ele pro chão. Jogaram ele pro chão dero, dero, dero, deixaram, que no outro dia a gente ia lá visitar, tava prostrado, quase pra morrer. Ela disse que ela escutava a voz da pessoa dizendo pra ele, -Vambora que o rei mandou te buscar, Ele de ter ido. Ele que mandou buscar, porque alguma coisa tava acontecendo, talvez nem acontecesse nada. Pois disso ele morreu. Ele ficou seco, seco, seco que o vento jogava ele. Dessas porrada que dero nele!!!! E disso ele se foi e ela ficou sozinha. Só tem um filho, esse filho mora até ali, é o,, o (...) Esse home tem uma porção (...) tem um até que (...) Não me lembro agora o nome, é o filho desse home. Pois olha, disso ele morreu!!! Era um homão, bonitão. Pois ele morreu dessa porrada que o pessoal do rei Sabá. E a pessoa crê, que ta (...) tudo, num é (...) num é mentira. Tudo a pessoa crê numa coisa, acontecer, se tu tem uma fé, que tu diga assim: -A se eu fazer, acontecer tal coisa comigo eu vou fazer uma promessa, eu pago. Pois acontece, tem que pagar, tem que pagar!!!

P: A senhora disse que morou com uma mulher chamada Maria Antonia?

I: *Morei, morei com ela.*

P: Ela morava lá na ilha?

I: *Não, ela morava, mas na ilha do Taperebá.*

P: Taperebá?

I: *Taperebá.*

P: Não era na Fortaleza

I: *Não, não era na Fortaleza, nem no Piquiá, era no Taperebá, no (...) naquela outra ilha de lá. Essa mulher morreu porque o marido dela morreu e num deixava ela de mão. Nós ia pro serviço, quando a gente vinha, a gente tava trabalhando, quando a gente escutava ele gritar: -hei, hei Maria! Ela dizia: -O home ta me chamando! A gente vinha, se ela trazia um panheiro na cabeça, assim uma coisa, duas coisa de trabalho, ele puxava, derrubava tudo. Olha ela sofreu muito.*

P: Ele não era encantado?

I: *Não. Morreu. Ele morreu até com essa doença (...) caía os dedo dele, caía os dedo do pé. Tétano? Tétano não era aquela doença (...) lepra ele, ele tava melhor e ela inventa de visitar ele lá no leprosário. Que quando ela chegou lá ele ficou, ficou (tristeza) que era marido dela né. Aí que oito dia que ela foi visitar ele, ele fugiu. E desse tempo num era, não tinha esses transporte né! Ele veio andando do leprosário pra cá . Quando ele chegou no quarenta e dois (Km 42 da PA-140), tava podre de bicho. De lá ela veio buscar ele e levou ele embora. Não tinha quem agüentasse! Podre, podre!! Fedendo, Fedendo, Fedendo e assim ele morreu. Ela botou muito remédio pra si os bicho, sabe lá por onde ele dormia, essas moscas botavam (...) que do leprosário pra cá, que tem muita gente que ainda conta, ainda tem muita gente, ainda tem muita gente dessa época.. E aí pronto, ficou perturbando a vida dela, ela era casada primeiramente com um, com um português em Belém. Depois que ela veio de Belém viúva, casou com esse outro.*

P: E o trabalho de vocês, era na roça ou no curral?

I: *Era na roça, lá era roça, lá não tinha curral.*

P: Mas vocês não vinham pra cá pra Pirabas?

I: *A gente vinha vender as coisas, as coisas tudo eram vendida aqui, quando não, era no Nazaré.*

P: O trabalho era lá. Vocês pegavam a colheita?

I: *A colheita de lá e vinha vender pra cá, quando não, a gente ia pro Nazaré. Era assim.*

P: Tinha algum espaço da ilha que era proibido pelo rei Sabá, plantar, pescar?

I: *Não, não. Ele nunca, nunca disseram isso. Só que não era mexido era os peixe de lá do lago do poço, num deixava tira não. Era um peixe bonito. Um dia o cara que ia pescar ele disse assim, -Olha aí não é pra pescar, pode deixar. Tinha cada mero grande nessa época, mas num mexiam, o pessoal que morava lá respeitava.*

P: E onde é que fica esse poço, ficava perto de quê?

I: *Ficava lá do lado de trás. Ainda tem lá esse poço, os menino vão lá, pego e (...) Isso, todo tempo teve aquele poço ali atrás. Ficou um temperal, assim ao redor, mas o poço ainda existe. E era, lá era proibido pescar que ele num deixava. Já foi d'um certo tempo. O povo fala muita coisa, já (...) disseram que esse velho se mudou daí lá pro (...) e eu acredito que sim, porque meu filho, num podia mexer nada lá. Olha, fazia-se promessa e deixava muita coisa, deixavam dinheiro, deixavam toalha. Olha um senhor pegou uma toalha!!! Eu te digo que aconteceu porque eu vi. Ele era de Belém., nós chamava pra ele de Fala Segredo, Fala Segredo porque ele falava muito alto, alto, alto! Por isso apelidaram ele de Fala Segredo. Morou bem perto de casa (...) Ele chegou lá viu uma toalhona bonita, aí pega e não pede! Era pedido, se quisesse as coisas, embora ele (rei Sabá) não falasse, mas se quisesse, que tu visse alguma coisa, que tu achasse bonita. UM enfeita, uma qualquer coisa, podia pedir, -Rei Sabá me dê isso aqui que eu vou levar, podia levar! Mas se pegasse sem pedir, tinha que deixar no lugar. Aí ele pegou a toalha botou e foi (...) Ah meu filho, pertubô, pertubô, pertubô ele, que era uma dor de cabeça, uma dor de cabeça, que quase ele endoida. Aí ele voltou e foi deixar a toalha (...) Só por causa que ele pegou essa toalha. E isso não foi só ele, foi muitos que pegaram as coisas lá, sem pedir.*

P: A senhora conhece algumas pessoas que moravam lá e que ainda moram aqui em Pirabas?

I: *Só o João Paliano. Desses um que ainda existe por aí, só o João Paliano. O João Paliano Foi morador de lá, o resto tudo já morreu.*

P: *Tinha algum ritual que as pessoas faziam lá?*

I: *Faziam, faziam, iam dançar lá na.*

P: *Os moradores da ilha?*

I: *Sim, os lá da ilha, o pessoal, praiano de lá iam mesmo, iam pra lá. Só nunca fui eu, que eu nunca gostei de ir, mas, mas meu pai foi, meus irmãos ainda foram.*

P: *E o que era que eles Faziam?*

I: *Tinha um ritual que eles batiam tambor e dançavam lá. E vinha de Belém, vinha muita gente, soltava aquele bando. Ainda hoje, ainda existe. Aquele bando de pombo, ia embora. Foi por isso que eu digo que tinha alguma coisa. Não pode ter agora, mas já teve né! Já teve. Eu te digo porque eu conheci aquilo ali. Ih! Isso já existe, já conheci há muitos anos!!!*

P: *Mas como era esse ritual, eles só faziam pedido eles só dançavam?*

I: *Só dançavam, parece que conversava bem lá com ele, sabe lá. Agora eu não lembro, só devi ser né?! Porque aquela pedra era aguda, eles dançavam, não se queixavam de dizer que furava o pé. Tu já andou lá, na pedra?*

P: *já.*

I: *Tu não vê como é a pedra? Pois é. E pulavam e dançavam faziam (...) Eu acho que isso só podia ser uma proteção né?! E agora nunca mais eu fui Iká. Mas eu andava lá, tirava barro, tudo eu fazia de barro de lá. Quando eu chegava lá, eu pedia, -Rei Sabá! Eu vim pega aqui, um barro pra mim leva pra fazer umas louças lá em casa. Tranqüilo, nunca me deu nada, graças a Deus. Mas nessa minha irmã deu, que ela ficou doida, ela tava assim, quando ela via chegava aquele bando de pássaro. Chamavo, Antonia!(...) aí ela corria que quando ela corria gritando. Graças a Deus nunca me deu nada. Graças a Deuseles não me mexeram. Mas o meu pai, ele ia um bocado conversar lá com o rei Sabá, pegava o tabaco lá (...) pra fumar, ele pegava cada torão de tabaco (...) mas num mexeram.*

P: *E quando a senhora veio mora pra cá pra Pirabas?*

I: *Quando eu vim me embora pra cá, nunca mais voltamos lá.*

P: A senhora não lembra o ano?

I: *Não, não me lembro. Olha eu fui, eu vim pra cá, tava criando a primeira filha, a minha filha Elizabete tava com um aninho. E ela ta com cinqüenta e seis. Olha! Então faz cinqüenta e cinco anos que eu saí de lá. E daqui nós fomo pra Capitão Poço, de Capitão Poço nós fomos pra Belém, e de Belém que nós já viemo pra cá.*

Dalila Farias de Lima, 76 anos. Entrevista realizada em janeiro de 2005.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGASSIZ, Jean Louis & AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil 1865-1866*. Brasiliana, Série 5ª Vol. 95. – Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.

ALCANTUD, José & MOLINA, Manuel. “Introdución”. In: *La tierra, mitos, ritos y realidades*. Colóquio Internacional. Grana. 15-18 de abril de 1991. Barcelona: Antropos, 1992.

ALVARENGA, Oneyda. *Babassuê: registros de folclore musical brasileiro*. – São Paulo: Biblioteca Pública Municipal, 1950.

AMADO, Janaína. *O grande mentiroso: Tradição, veracidade e imaginação em história oral*. (1) Vol. 14. – São Paulo: UNESP, 1995.

AZEVEDO, João Lúcio de. *A evolução do sebastianismo*. -Temas e documentos - Lisboa: Editorial Presença, 1984.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na idade média e no renascimento – O contexto de François Rabelais*. – São Paulo: HUCITEC, 1987.

BASTIDE, Roger. *Les religions africaines au Brésil: vers une sociologie des interpenetrations de civilizations*. – Paris: PUF, 1960;

BERCÉ, Yves-Marie. *O rei oculto: salvadores e impostores, mitos políticos populares na Europa moderna*. Tradução: Maria Leonor loureiro, - Bauru, SP: EDUSC: São Paulo: imprensa oficial do Estado, 2003.

BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BUENO, André. “Sinais da cidade: forma literária e vida cotidiana”. In: FERNANDES, Ronaldo Costa & LIMA, Rogério (org.). *O imaginário da cidade*. – Brasília: UNB, 2000, pp. 89-110.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

\_\_\_\_\_. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

\_\_\_\_\_. “História como memória social”. In: BURKE, Peter. *Variedades de História cultural*. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. *O que é história cultural?* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BRAGA DOS SANTOS, Pedro. *O Sebastianismo no Maranhão*. São Luis: IPES, 1983.

BRAGA, Theodoro José da Silva. *Noções de Chorographia do Estado do Pará*. Belém: Empresa Graphica Amazônia. 1919.

\_\_\_\_\_. *Guia do Estado do Pará*. Belém: Typographia do Instituto Lauro Sodré, 1916 .

BRESCIANNI, Maria Stella. “História e historiografia das cidades, um percurso”. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998; pp. 237-258.

CABRAL, Flávio José Gomes. *Paraíso terreal: a rebelião sebastianista na Serra do Rodeador- Pernambuco 1820*. – São Paulo: Annablume, 2004.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. – São Paulo: Editora Itatiaia Ltda./Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CARNEIRO, Edison. *Religiões negras*. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

CECIM, Yara. *Lendário; contos fantásticos da Amazônia*. – Belém: CEJUP, 2004.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil, mito fundador e sociedade autoritária*. – São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo. 2000.

COELHO, Geraldo Mártires. “Introdução”. In: \_\_\_\_ *O violino de Ingres: Leituras de história cultural*. – Belém: Paka-Tatu, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Cultura*. – Rio de Janeiro: Eduerj/NPEC, 1995.

\_\_\_\_ (orgs.). *Geografia cultural: um século*. – Rio de Janeiro: Eduerj, 2000.

CRISPINO, Luís Carlos Bassalo; BASTOS, Vera Burlamaqui & TOLEDO, Peter Mann de (orgs.). *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)*. – Belém: Paka-Tatu, 2006.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 5ª.- Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. *Talento e atitude: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi*. Belém: MPEG, 1989.

CUNHA, Lúcia Helena. “Significado múltiplos das águas”. In: DIEGUES, Antonio Carlos (org.). *A imagem das águas*. – São Paulo: HUCITEC, Núcleo de apoio à pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras/USP. São Paulo: 2000.

DEL PRIORE, Mary & GOMES, Flávio. *Os senhores dos rios*. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DIEGUES, Antonio Carlos. *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário*. - São Paulo: HUCITEC, 1998.

DRUMONND, José Augusto. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*. - Niterói: EDUFF, 1997, PP.9-22.

EISENMAN, Peter. “A imagem como memória”. In: MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. - São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 273-286.

FELIZOLA, Ana Alice de Melo. *Rei Sebastião: o mito narrando nações*. Dissertação de mestrado em estudos literários, Centro de Letras e Artes (CLA) Universidade Federal do Pará (UFPA): Belém-Pa. 2002.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *O Pará e seus municípios*. – Belém: J. C. V. FERREIRA, 2003.

FERREIRA PENNA, Domingos Soares. *Obras completas*. II Volume. Coleção Cultura Paraense, Série “Inácio Moura”. – Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. “Pajés, Médicos e Alquimistas: uma discussão em torno de ciência e magia no Pará Oitocentista”. In: *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas*. – Belém, V. 12. nº 1-2; p. 41-54, 1993.

\_\_\_\_\_. *Os Reis da Mina: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos no Pará do século XVII-XIX*. Boletim do Museu paraense Emílio Goeldi, V. 9. Belém, 1994.

\_\_\_\_\_. *A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia, a constituição de um campo de estudo, (1870-1950)*. Dissertação de mestrado em história. Campinas: Unicamp, 1996.

\_\_\_\_\_. “Letras Insulares”. In: CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo (org.). *A história contada: capítulos da história social da literatura no Brasil*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, pp. 301-331.

FIGUEIREDO, Napoleão & VERGOLINO E SILVA, Anaíza. “Alguns elementos novos para o estudo dos batuques de Belém”. *Atas do simpósio sobre a Biota amazônica*. - Belém: MPEG-CNPq, 1967 v. 2, pp. 101-122.

FIGUEIREDO, Artur Napoleão. *Banho de cheiro, Ariachés e amacis*. – Belém: UFPA/Boitempo, 1979.

GALLO, Ivone Cecília D'Avila. *O contestado: o sonho do milênio igualitário*. - Campinas, SP: Editora d Unicamp, 1999.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. - Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. - São Paulo: Companhia das Letras, 1990.



\_\_\_\_\_. *História noturna: decifrando o sabá*. Tradução: Nilson Moulin Louzada. - São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GODOY, Márcio Honório de. *D. Sebastião no Brasil: fatos da cultura da comunicação em tempo/espço*. – São Paulo: Perspectiva, Fapesp, 2005.

GUERRA, Antonio Teixeira. *Novo Dicionário geomorfológico*. 2ª Edição. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

GUERRA, Antonio J. Teixeira & BAPTISTA, Sandra da Cunha (orgs.). *Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos*. 4ª edição. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. - São Paulo: Vértice, 1990.

HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII)*. - São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. “D. Sebastião e a cidade do paraíso terrestre: um estudo sobre o movimento da serra do Rodeador, Pernambuco, primeira metade do século XIX”. In: MUSUMECI, Leonarda (org.). *Antes do fim do mundo: milenarismos e messianismos no Brasil e na Argentina*. - Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

\_\_\_\_\_. “Histórias das religiões e das religiosidades”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. – Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. 3ª edição. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LEACOCK, Seth & LEACOCK, Ruth L. *Spirits of the Deep: A study of a Brazilian cult*. – New York: The American Museum of Natural History, 1972.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª Ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003;

\_\_\_\_\_. “Documento Monumento”. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª Ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003; pp. 525-541.

\_\_\_\_\_. “Idades míticas”. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, pp. 283-321.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Os Historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*. – Brasília: Paralelo 15, Editora da UNB, 1999.

LIMA, Maria das Dores Sousa de. *Intercessora assim na terra como no céu: mito de origem e tradição na história do círio de São João de Pirabas*. Monografia de Graduação, Belém: UFPA, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental* - São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MALUF, Sônia. *Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na lagoa da conceição*. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MANGUEL, Alberto. *Dicionário de lugares imaginários*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e Controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área no interior da Amazônia*. – Belém: CEJUP, 1995.

\_\_\_\_\_. *Uma outra invenção da Amazônia: religiões, histórias, identidades*. - Belém: CEJUP, 1999.

\_\_\_\_\_. *Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião*. Disponível em, [www.scielo.br/pdf/ca/v19n53/24092.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ca/v19n53/24092.pdf).

MAUÉS, Raymundo Heraldo & VILLACORTA, Gisela Macambira. “Pajelança e encantaria amazônica”. In: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. - Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

MAURY, C. J. *Fósseis terciários do Brasil com descrição de novas formas cretáceas*. - Rio de Janeiro, SGMB: 1925, 665 p. (Monografia).

MEYER, Marlyse. “Tem mouro na Costa ou Carlos Magno “Reis” do Congo”. In: MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. 2ª Edição. – São Paulo: EDUSP, 2001; PP. 147-159.

MONTEIRO, Walcyr. *Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia*. Nº 13 – Belém: Ed. do Autor, Fevereiro de 2004.

MORAES, Eneida de. *Aruanda e Banho de Cheiro*. Coleção Lendo o Pará. - Belém: Cejup, 1989.

MOURA, Levi Hall de. *O terreno e o Infante*. - Belém: Gráfica Falangola Editora LTDA, 1970.

MUMFORD, Lewis. “Santuário, aldeia e fortaleza”. In: *A cidade na história, suas origens, transformações e perspectivas*. 3ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MUNIZ, João de Palma. *Patrimônios dos Conselhos Municipaes do Estado do Pará*. – Paris: Aillaud, 1904.

PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. - Rio de Janeiro: Jorge Zaar Editora, 2002.

PESAVENTO, Sandra. “A pedra e o sonho”. In:\_\_\_\_\_. *O imaginário da cidade*. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999, pp. 7-25.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. - São Paulo: Martin Claret, 2003.

- POLLAK, Michel. “Memória e identidade social”. *Estudos históricos*, vol. 5, nº 10, 1992.
- PRANDI, Reginaldo & SOUZA, Patrícia R. de. “Encantaria de mina em São Paulo”. In: \_\_\_\_\_. *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. - Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- PRINS, Gwyn. “História Oral”. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da História: Novas perspectivas*. - São Paulo: Editora da UNESP, 1992, pp. 163-198.
- QUADROS, L. P. & FERNANDES, A. C. S. *Ocorrência inédita de nanofósseis calcários na formação Pirabas (Mioceno Inferior) na localidade de Mãe do Rio, Município de Irituia Pará*. Anais da Academia Brasileira de ciências: 1983, 54:254.
- REGO, José de Moraes. *Litolatria: culto das pedras no Estado do Pará*. - Belém, 1983.
- ROCQUE, Carlos. *Grande enciclopédia da Amazônia*. - Belém: AMEL, 1968.
- \_\_\_\_\_. *História dos municípios do Pará*. 5ª Edição Revisada e atualizada. - Belém: CEJUP & Jornal “A Província do Pará”. 1998.
- ROSÁRIO, Ubiratan. *Cultura Brasileira*. - Belém: Cejup, 1993.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- SOMMER, F. *Contribuição à paleontologia do Estado do Pará. A presença de algas coralíneas nos calcários da formação Pirabas*. In: CNPq, Simpósio Biota Amazônica, 1, Belém, 1967, Atas, 1:431-441.
- SOUZA, Laura de Melo e. *A feitiçaria na Europa moderna*. - São Paulo: Ática, 1987.
- SHARPE, Jim. “A história vista de Baixo”. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. - São Paulo: Editora da UNESP, 1992. pp. 39-62.
- SILVA, Gerson Santos e. *O castelo do rei Sabá: memórias encobertas nas encantarias do Pará*. Monografia de conclusão de curso, Departamento de História. - Belém: UFPA, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A fortaleza entre o rio e o mar: D. Sebastião e o reino natural dos encantados*. Comunicação apresentada no G.T. História e Natureza, I Simpósio Internacional de História da Amazônia e V encontro Regional de história, ANPUH – Núcleo/Pará, 2004.
- TÁVORA, V. A., FERNANDES, A. C. S.; FERREIRA, C. S. 1999. “Ilha da Fortaleza – Pa”. In: Schobbenhaus, C.; Campos, D.A.; Queiroz, E. T.; Winge, M.; Berbert-Born, M. (Edit.) *Sítios geológicos e Paleontológicos do Brasil*. Publicado na Internet no endereço <http://www.unb.br/ig/sigep/sitio046/sitio046.htm>
- TÁVORA, V. A. *Ostracodes da formação Pirabas (Mioceno Inferior) no Estado do Pará*. 1994. Acta Geológica Leopoldensia, 17:119-129.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado; história oral*. – Rio de Janeiro Paz e Terra, 1992.

UGARTE, Auxiliomar Silva. “Margens Míticas, a Amazônia no imaginário europeu do século XVI”. In: DEL PRIORE, Mary & GOMES, Flávio (orgs.). *Os senhores dos rios*. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, pp. 3-31.

VALENSI, Lucette. *Fábulas da memória, a batalha de Alcácer Quibir e o mito do Sebastianismo*. Tradução Maria Helena Franco Martins. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

VENTURA, Roberto. “Civilização nos trópicos?”. In: \_\_\_\_\_ *Estilo tropical: história cultural e polêmica literária no Brasil*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 17-43.

VERGOLINO-HENRY, Anaíza. *O tambor das Flores: uma análise da federação espírita, umbandista e dos cultos afro-brasileiros do Pará (1964-1974)*. Dissertação de Mestrado em antropologia Social. – Campinas: IFCH-Unicamp, 1976.

VERGOLINO-HENRY, Anaíza & FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. *Presença africana na Amazônia: uma notícia histórica*. – Belém: Arquivo Público do Pará, 1990.

VERGOLINO-HENRY, Anaíza. *São Sebastião: o santo, o orixá e o rei fidalgo encantado*. In: *Jornal A Província do Pará*; 20/ 01/ 1991, p.2

VERGOLINO, Anaíza. “História comum, tempos diferentes”. In: D’INCAU, Maria Ângela & SILVEIRA, Isolda Maria da. *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994. pp. 199-206.

\_\_\_\_\_. *Religiões africanas no Pará: uma tentativa de reconstrução histórica*. In. *Amazônia IPAR - Ano 2 - Nº 2*. Belém:2000. pp.34-38.

VERGOLINO-HENRY, Anaíza. *Religiões na Amazônia: entrelaçamento de tempos*. In: *Amazônia. IPAR -Ano 3- Nº 5*. Belém, 2001. pp. 18-23.

VERGOLINO, Anaíza. *Um encontro na encantaria*. Comunicação apresentada no Seminário, Pajelança e encantaria amazônica, realizado pelo Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Pará. Caderno de resumos. Belém: UFPA, abril de 2002.

\_\_\_\_\_. “O mina–Nagô hoje”. In: *Governo do Estado do Pará, A música e o Pará*. V 8, CD Ponto de Santo. Belém: SECULT, 2003.

VERÍSSIMO, José. “D. S. Ferreira Penna, notícias sobre sua vida e trabalhos”. In: *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*. Tomo I. Tipografia de Alfredo Silva & Ca., Pará 1896.

WORSTER, Donald. “Doing Environmental History”. In: WORSTER, D. (ed) *The ends of the Earth-perspectives on modern Environmental History*. - Cambridge: Cambridge University Press, 1998. pp. 280-307.